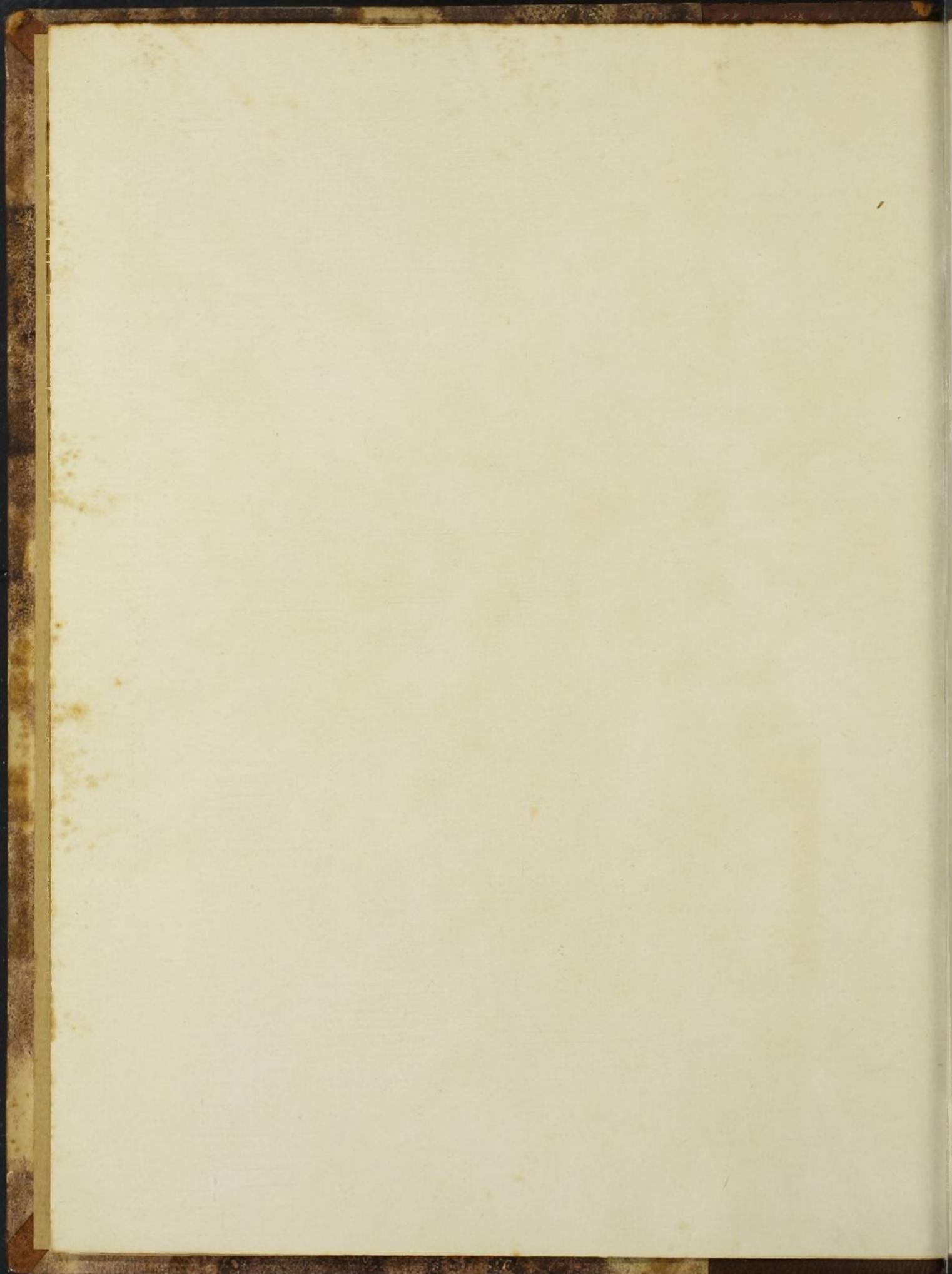
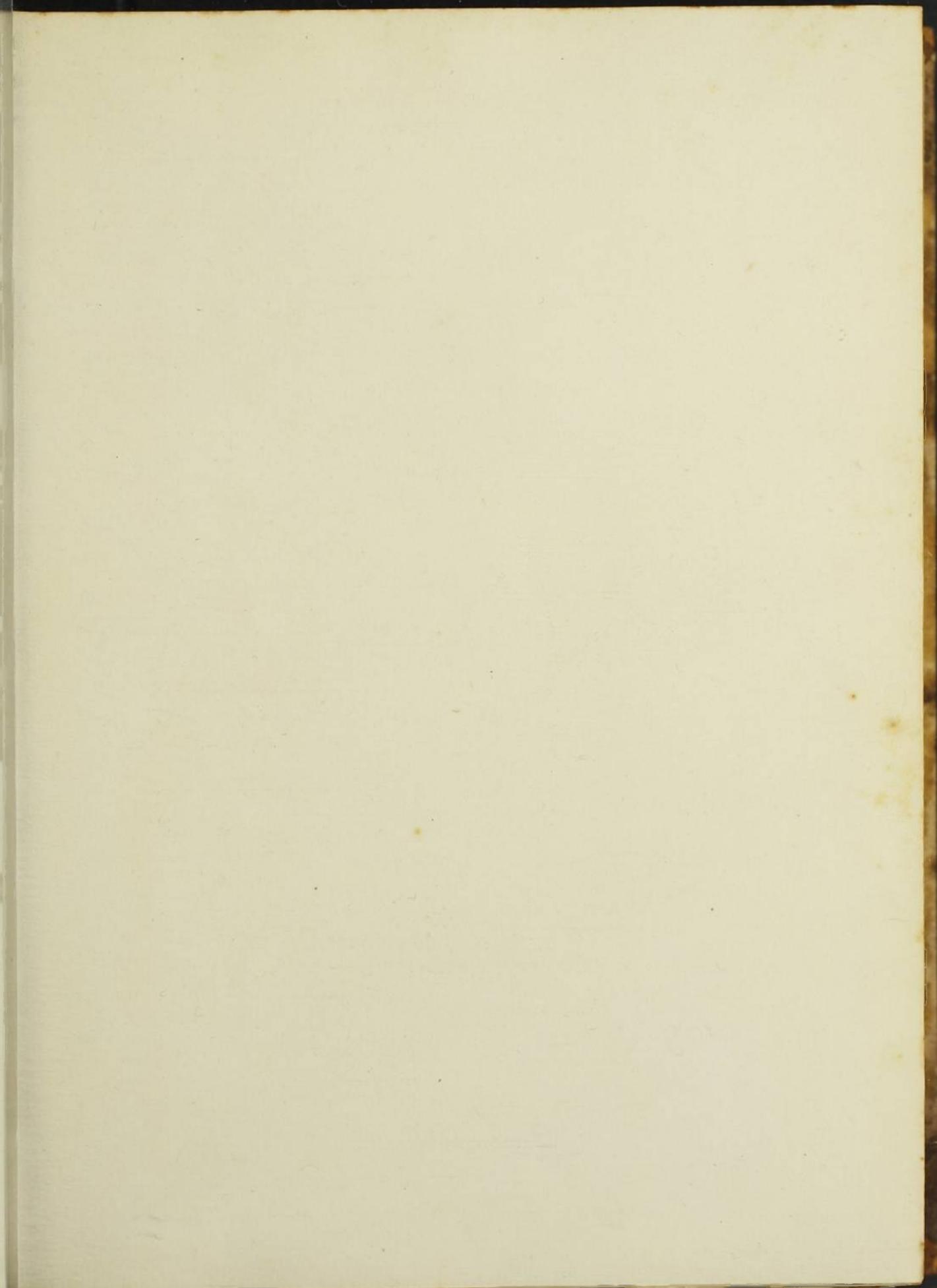


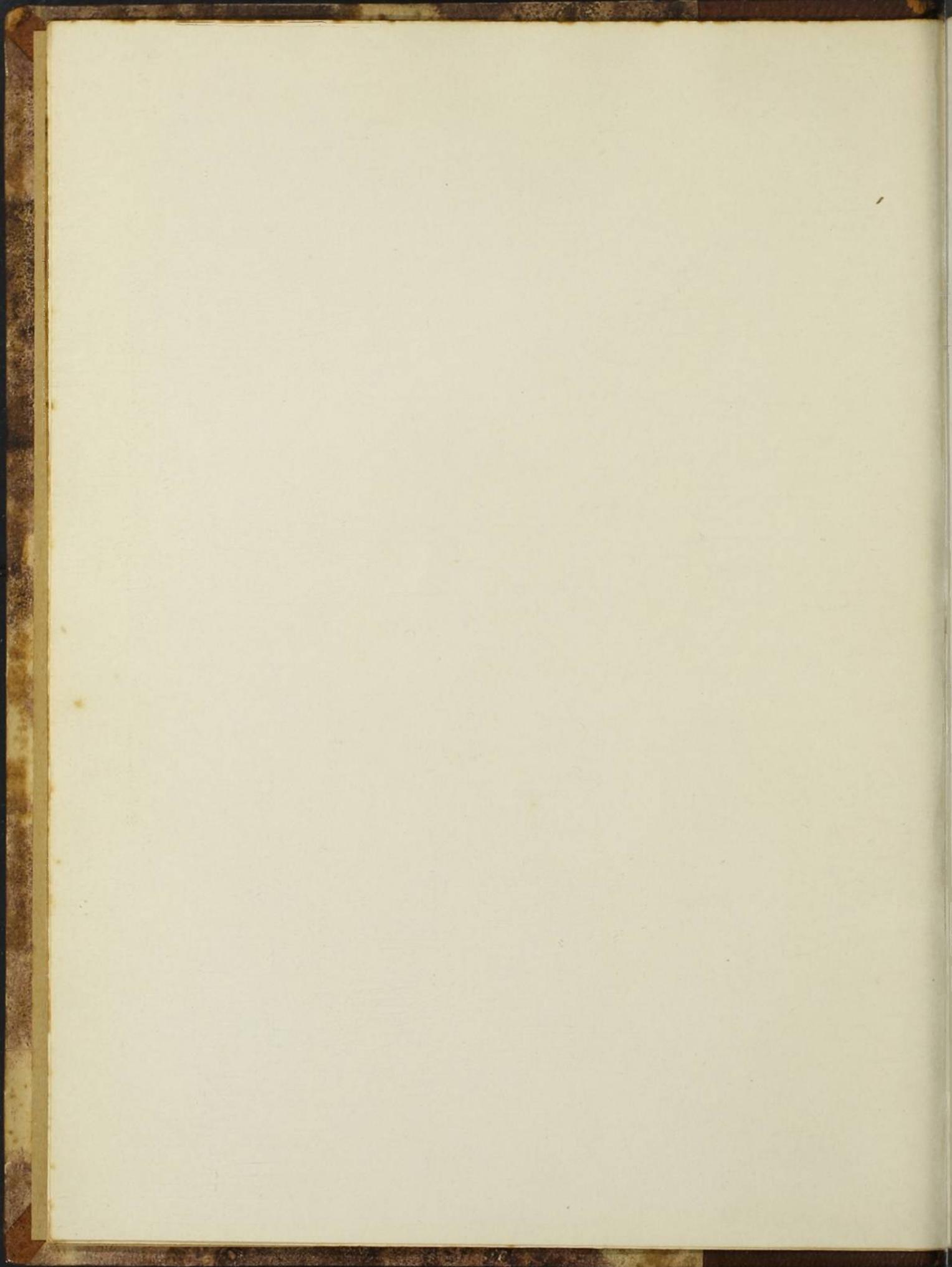
Je ne fay rien
sans
Gayeté

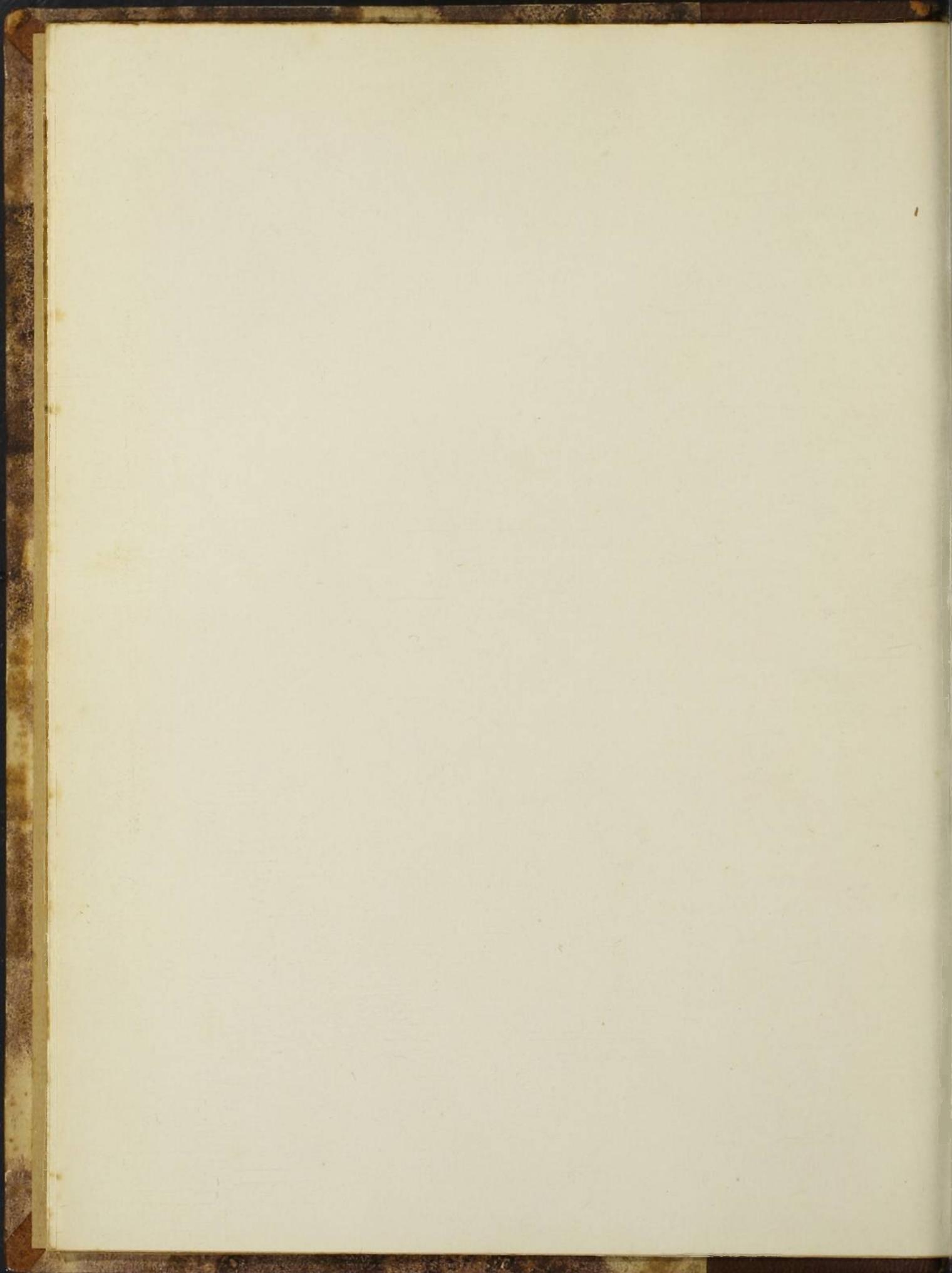
(Montaigne, Des livres)

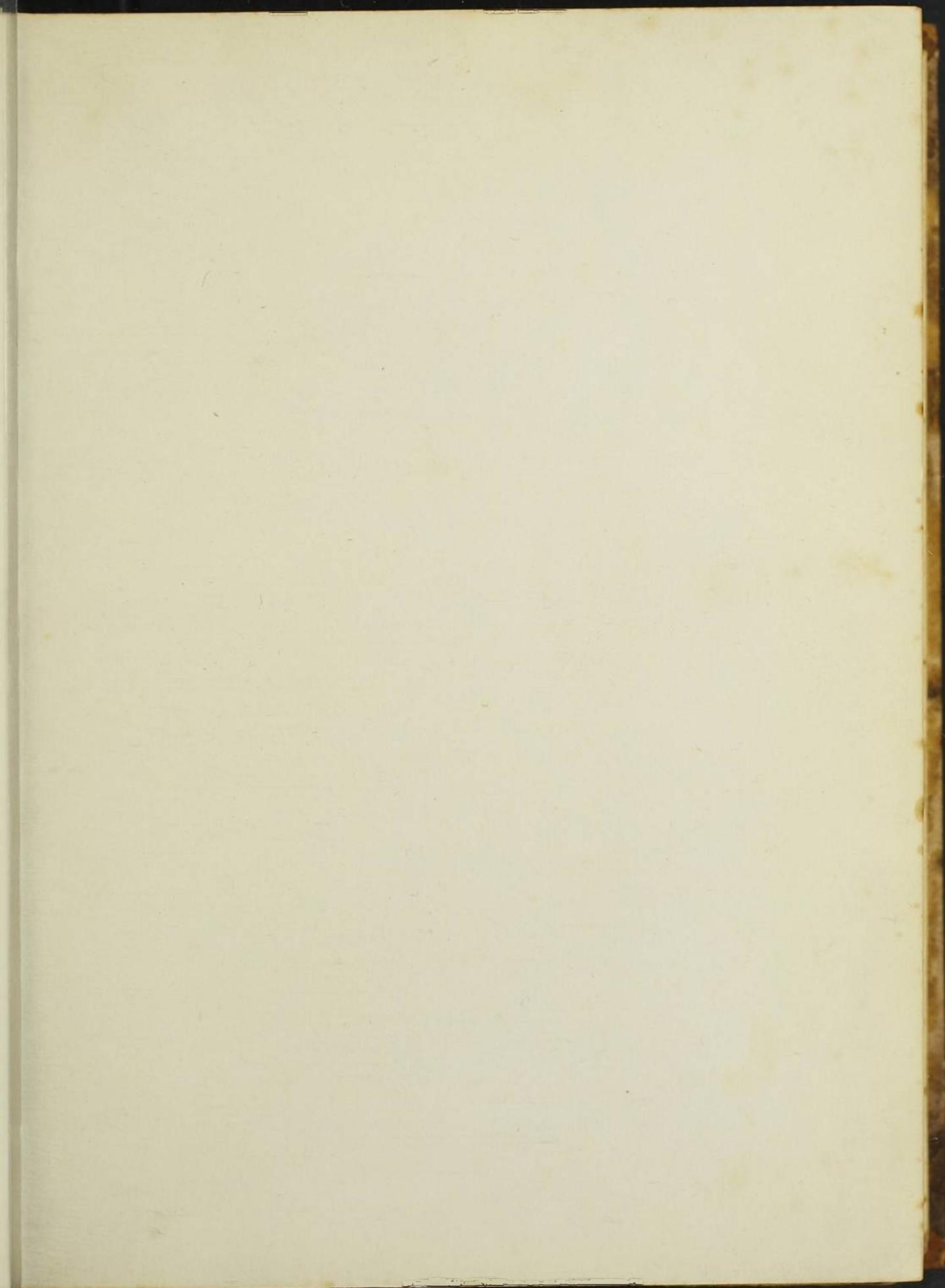
Ex Libris
José Mindlin

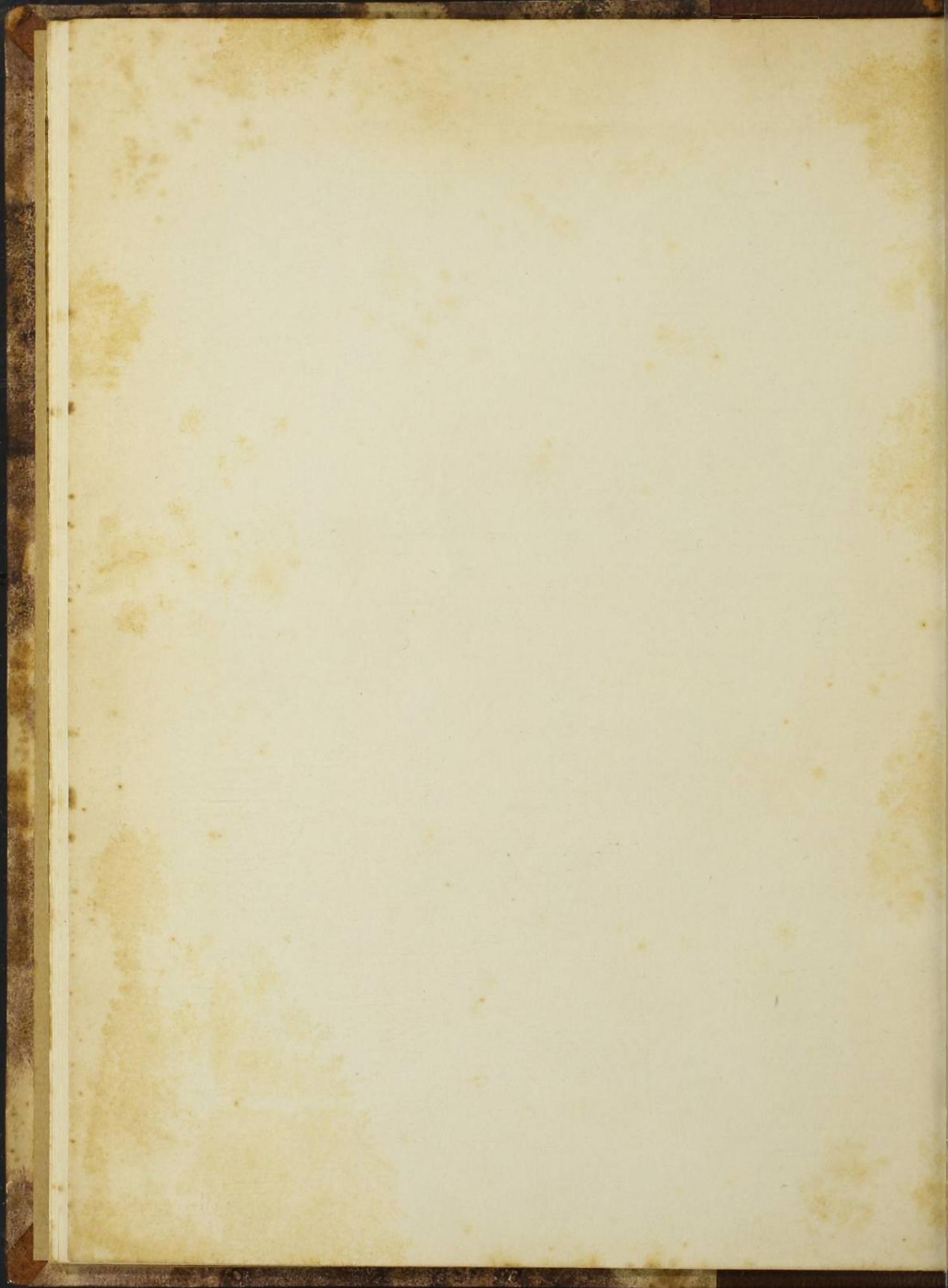












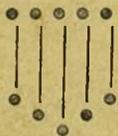
MARTIM FRANCISCO

VIAJANDO



COIZAS DO MEU DIARIO

1913 ————— 1915



1.º VOLUME

EDITORES
IRMÃOS FERRAZ - SÃO PAULO
1929



MARTIM FRANCISCO



M. Francisco

VIAJANDO

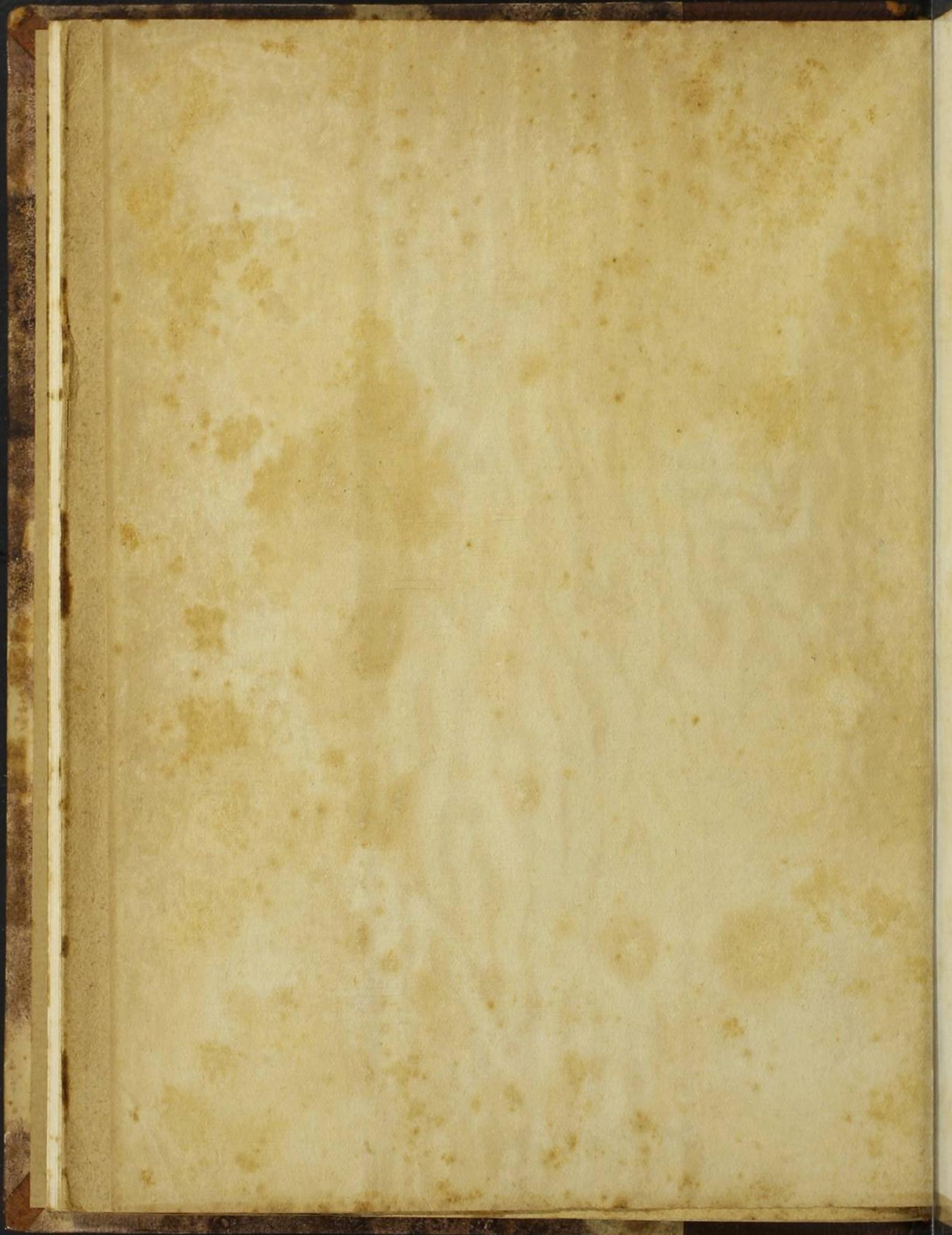
COIZAS DO MEU DIARIO

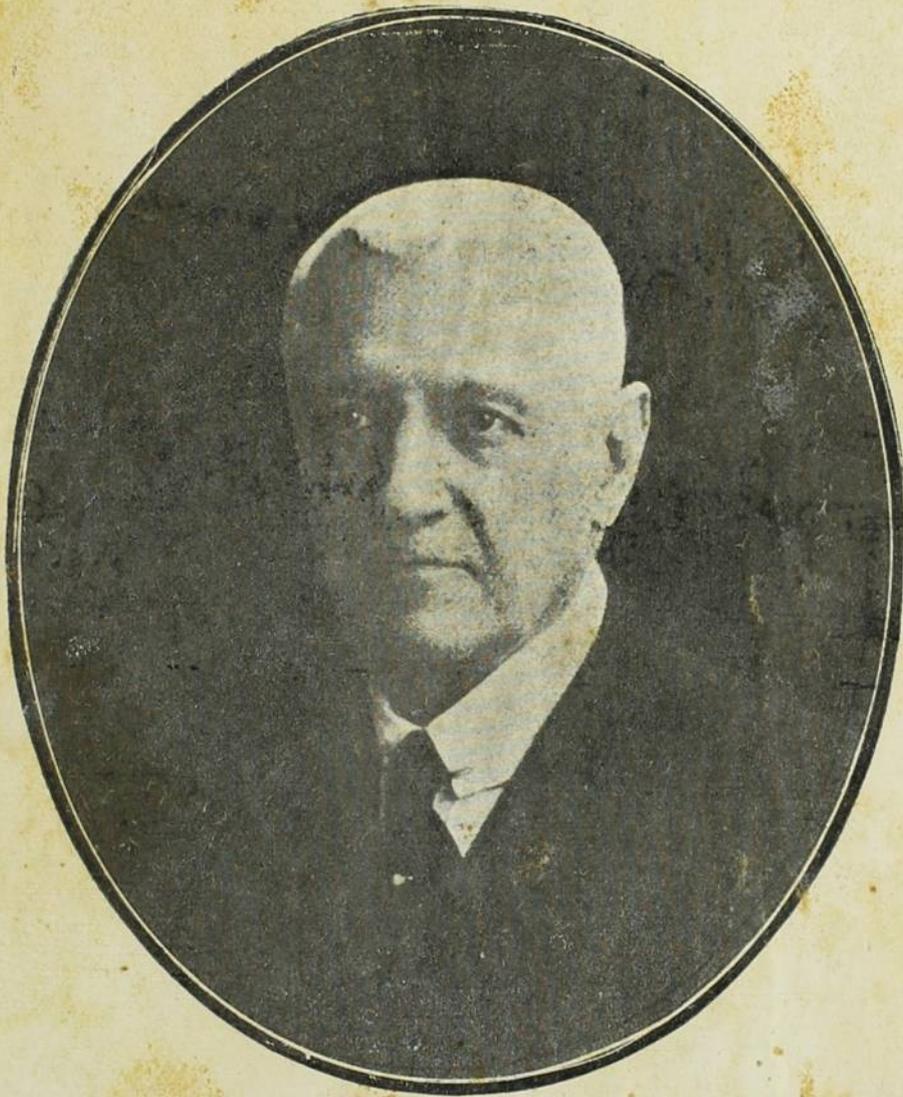
1913 - 1915

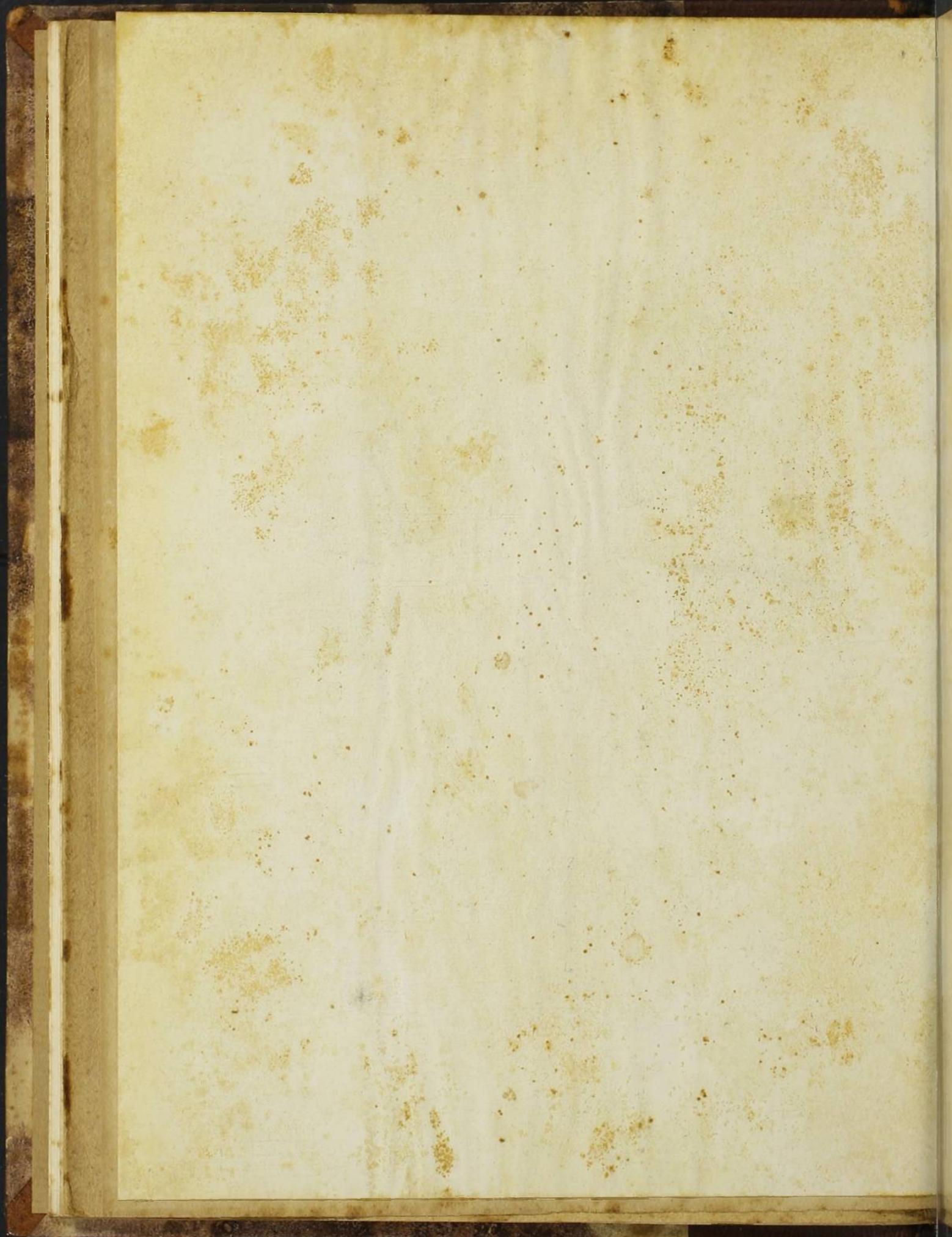
1.º VOLUME



EDITORES:
IRMÃOS FERRAZ
SÃO PAULO
1929







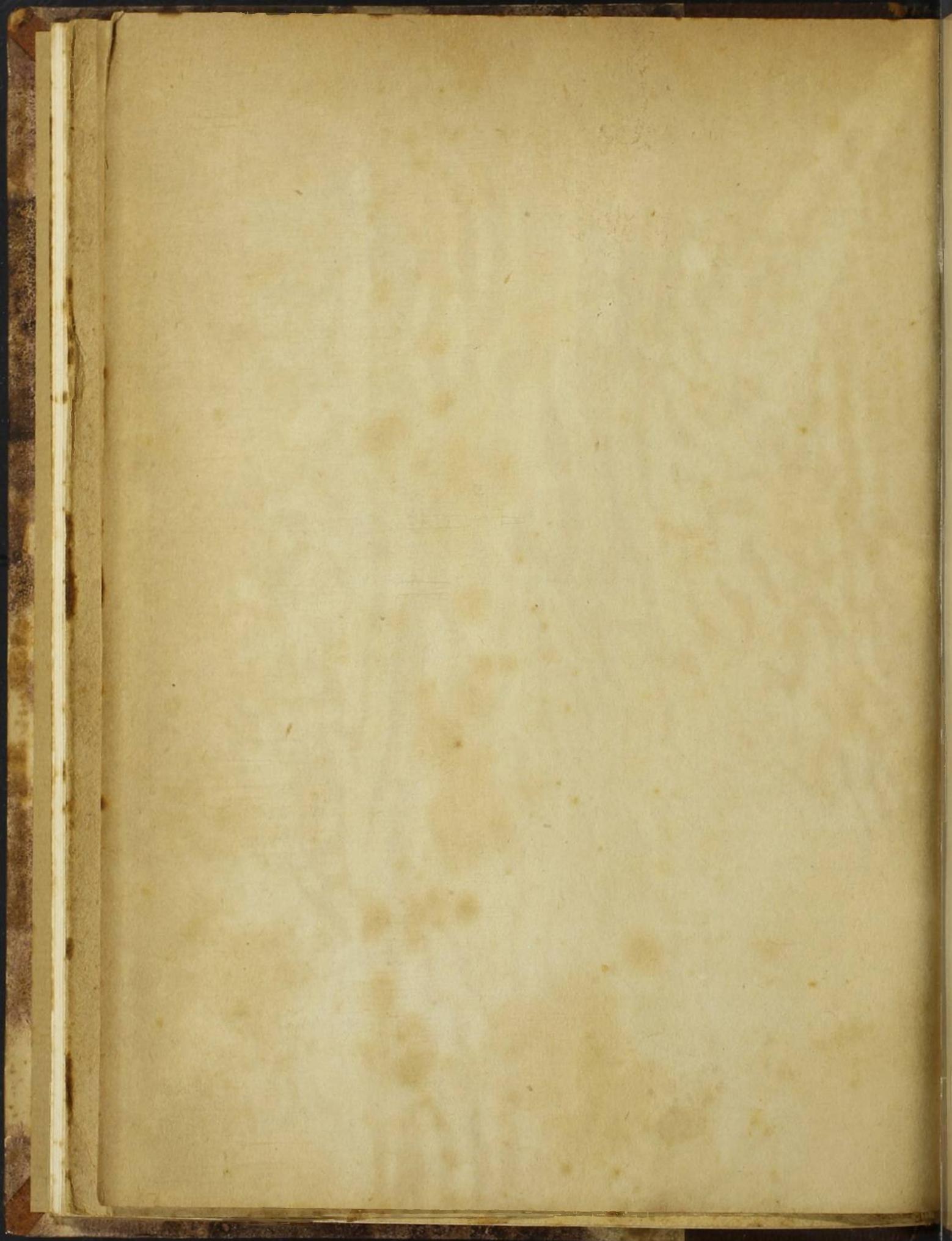
ADVERTENCIA

Leitor : se não és independente, fecha este livro ; de sua leitura só te adviriam enfados e irritações. Trechos dum diario escrito para entretenimento intimo de minha saudade, "Viajando" não corteja mentiras nem lizonjeia incompetencias. Conta o que eu vi. Repete o que comentei.

Permitindo-lhe a publicação, ostensivamente me inscrevo no numero dos paulistas que não degradam a natureza humana : que ha, leitor, em S. Paulo, terra das unanimidades legislativas e impunidades administrativas, dois partidos sociaes : o dos que roubam e o dos que são roubados. Se pertences ao primeiro, fecha este livro ; se porém ao segundo, recebe um apertado abraço do companheiro e amigo.

M. F.

S. Paulo, — 1926.



.....
RIO DE JANEIRO, 1913, FEVEREIRO, 4.

— Vespera de viagem. Apoderou-se-me dos sentidos a languidez do tédio. Porque? Carnaval. Alegria alheia é quazi sempre triste para quem acaba de receber golpe funesto. Que falta me faz minha mãe! Fati-gam-me, também, apreensões politicas. Leio em jor-naleco da tarde ageis considerações a respeito de cavalos que, na Alemanha, estão a resolver problemas matema-ticos; um delles entende de logaritmos. Particulari-dades da instrução publica.

A BORDO. FEVEREIRO, 5.

— Feias as criadas de bordo. Instalo-me em quazi ótimo beliche do paquete italiano "S. Paulo". Pa-deço botafóra assistido por Alberto Rangel, Paulo de Frontin, Affonso Celso, Vieira Fazenda, Capote Valente, Custodio Martins, Augusto Saraiva, Luiz Dodsworth, Maximino Maia, Michel Koury, João Braga, familias, a inevitada lancha do ministerio da Agricultura: pouco menos de cinco dezenas de teimozos na amizade e na indagação da hora do embarque. Obrigado, muito obri-gado. Mas da abolição do botafóra não rezultaria mal a este e, provavelmente, a qualquer outro mundo. Quem parte pensa em bagagens; quem chega quer tomar banho.

— Toleravelmente sujo o navio. Poucos passa-geiros. Partida apenas quinze horas depois da anun-

ciada. Cardapio bom. Comida sofrivel. Indecizo o asseio dos talheres.

— Fóra da barra. De acordo com Gonçalves Dias, consinto em ver o "*Gigante de Pedra*". Supondo-me vindo do norte, reparo mais uma vez na entrada da bahia Guanabara e, mais uma vez ainda, admiro a expansão portugueza alastrando-se por este ocidente bordado de estuarios, arriscando seu denodo num combate biseular contra a propria decadencia e rejuvenescendo no Brazil, não no oriente, como galho perdido em desvio do caminho a dar frutos inesperados. A Portugal falharam India, China e Japão. Nasceu-lhe e vive o Brazil.

ALTO MAR. FEVEREIRO, 6, 8.

— Mar alto. Esplendidas manhãs. Respiro á vontade. Desconfio de que esteja alegre. Olho para todo os lados. Onde estou? A' esquerda: terras da Bahia, berço de minha subraça na America. Sudeste: a ilha da Trindade a recordar-me, de 1895, um dos meus poucos triunfos oratorios. Em frente: o oceano. Ao lado, no salão onde o comandante costuma escrever, rizonha a famulagem á custa de duas libras que o commissario, antes de traduzir em liras que distribui, examinou e fez tinir demorada e canalhamente. No beliche: minha mulher inaugurando, num romance mudado de inglez verdadeiro para francez duvidozo, oculos receitados sem cobrar pelo meu velho amigo dr. Moura Brazil. Chamam-me para o barbeiro; faço-o esperar-me não sei eu porque, nem elle. Que prazer, esse, de deliberar em completa harmonia com o despreocupado verso de Espronceda: *sin ton ni son y para gusto mio!*

PERNAMBUCO. FEVEREIRO, 9.

— Pernambuco, aliás Paranã-ambuco. Aqui estive ha quinze annos. Tonteira em audiencia, no fôro, determinou-me viagem ao acazo : comprei passagem no primeiro vapor que m'a vendeu. Parei no Recife ; do hotel fui retirado pelo sincero Carlos de Moraes, que me fez enterrear com Alfredo de Carvalho conta corrente de simpatia, crescente ás proporções da amizade. Visitei e estudei Guararapes. Confabulei prolongadamente com o meu ex-inimigo literario major Codeceira, cujas razoaveis intenções, então, foram cimentadas pela entrega da Revista do Instituto dessas bandas, ora governadas pelo inteligente e espantadiço general Dantas Barreto.

— Compro (400 rs. cada um : uma pirataria !) cinco jornaes da terra. Telegramas do Rio? Um barão caiu do cavallo, sendo lizonjeiro o estado de ambos. Observadas as amenidades do duelo nacional, Macedo Soares e João Lage distanciaram balas.

— Radiográfo para Tomé Gibson, boa mentalidade, homem de acção. Vejo no céu duas nuvens bastante verdes, abuzão de felicidade na credice popular. Bocejo, está visto. Pacote levanta ancora. Rumo nordeste. Nunca estive tão ao norte.

A BORDO. FEVEREIRO, 10.

— Releio, comentando-os em autodebate, o penultimo e o ultimo livros das *Metamorfozes*. Rezumem tudo quanto, no seculo de Augusto, atribuiram a Pitagoras as derradeiras respirações do paganismo dezacreditado e dirigente ; preveem a seu modo, interessante sempre, mas influenciado por Epicuro atravez de Lucrecio, o desdobramento normal da acção humana ; ensinam o

vegetarismo, o bem, o merito, o trabalho, a tolerancia. Sente-se, meditando Ovidio, que um sopro de individualismo, de progresso portanto, estava a sacolejar a tirania romana, firmada ainda na oligarquia do patriciado. Que amostra de época intelectual, essa que veio do escravo Publio Siro ao compadecido Plinio — o moço, essa que incluiu no seu fastigio o poeta do exilio e dos amores!

— Pleno oceano. Em meio do Atlantico, rio da civilização enquanto o japonês lhe não muda o curso para o Pacifico. Radiógráfo para o dr. Francisco Malta Cardozo, no Arlanza, onde vai doente, muito doente, “abraços transatlanticos”; responde-me com “saudações equatoriales”. E com o dispendio de dezena de mil réis, num par de minutos, dois amigos atravessam com o pensamento e com o alfabeto centenas de milhas! Morde-te de inveja, telegrafia mais que luar de minha ex-Patria Paulista!

NO EQUADOR. FEVEREIRO, 11.

— Estou a fazer anos no Equador. Sessenta, confessados e integrados; tantos quantos Portugal erradamente, em proza e verso, pensa haver sofrido sob o dominio espanhol. Revejo, na memoria, o meu passado. Que insignificancia insolente, a minha! Mas vivo. Sei que existo e que, da geração do meu tempo, poucos restam. Falhei no romantismo. Ganhei na advocacia. Porque não as pedi, ocupei boas posições politicas. Cazei pelo coração. Sinto-me um equilibrado mediocrata. Não tenho credores, nem religião, nem odios. Sou relativamente forte. Acho que o que ha de melhor na vida é a propria vida, e sempre entendi ser preferivel enterrar a ser enterrado.

— No Equador... Como chegaram os antigos a dividir a terra em cinco zonas, acreditando inhabitavel uma dellas, mas sabendo da frigidez dos dois polos? Que as civilizações grega e latina tivessem noção dos hiperboreos é algum tanto explicavel; não o é, porém, que os greculos da aristocracia romana e os navegantes helenos do Mediterraneo tivessem certeza da zona frigida antartica. Tibulo, na sua primeira ode a Messala (será mesmo delle? E' tão inferior ás suas outras produções!), nada mais fez senão repetir o geocentrico Ptolomeu, seu provavel mestre. Tradições da Atlantida? E porque não da Lemuria? E porque não revelará o estudo da Polinesia, especialmente o dessa misterioza ilha da Páscoa com suas quinhentas e cincoenta e cinco estatuas uniformes de arte e variadas de tamanho, continente e civilização anteriores a esse que Madeira, Canarias, Fernando Noronha, Abrolhos, Trindade, Alcatrazes estão a denunciar? O que, talvez, me está a impedir uma resposta a essas perguntas é a inconcertavel circumstancia de jamais havermos, eu e o mundo, travado intimidade com *Coizas, Incriveis Além de Tule*, de Antonio Diogenes, grego, época incerta, nome conservado por Focius (815-91 P. C.). Mas que tenho eu com isso? O que lá foi, lá foi.

BORDO, FEVEREIRO, 12

Chama-se Ernesto Gazoto o Comissario de bordo. E' gordo e sorridente. Puxa a cortezia até os limites do encanto. Tolerou-me tres mudanças de quarto e reclamações adjacentes. Nasce-se comissario de bordo como se nasce poeta, agente de policia ou primo de recémcazada cheia de ufos.

A BORDO. FEVEREIRO, 13.

— Um patacho perto. Sinal para o *S. Paulo* parar. Obediencia rapida. Naufragos? Não. E' navio que de Cabo Verde busca Montevidéu e perde o rumo. Despacha escaler propelido por seis possantes remadores pretos, e pilotado por pardinho, bigodes incipientes e corredios, parlante de inglez adocicado. Marinheiro que desce por escadinha de corda esclarece estarmos a 21-5 de longitude e 9-8 de latitude.

— *All right! Thank you!* e o escaler já parece voar longe. Proseguimos. Como bem quebra a monotonia de bordo um incidente assim inesperado! Permitirão que continue o mar a ser o melhor vehiculo da harmonia humana as proximas formidaveis batalhas navaes? O inglez é o idioma (este parentesis é só para evitar a cacofonia) maritimo por excelencia. Pedisse esclarecimentos em francez ou em tupi o tal patacho, e obtê-los-ia tanto como se requeresse, no Brazil, emprego publico sem ser riograndense e eleitor governista.

— Interessantes os italianos que voltam da Argentina. Calçados quazi todos. Morenos: do sul da bota, portanto; jogando cartas; indifferentes á minha prezença, ou taes se fingindo por me suporem espião de agencia imigratoria. Um delles, tendo comido metade dum pão, atirou ao mar a outra metade. Compreende-se: o pão inteiro terá de ser pago pela subvenção do Brazil á Companhia. Insisti em observar o repasto dos imigrantes. Merecera-me curiosidade uma familia prolixa: pai quarentão, mãe magra, triste, ex-bonita, e sete filhos, de doze anos, se tanto, o mais velho; todos limpos e sofrivelmente vestidos. Gente que volta para a aldeia italiana

com destino certo ; ao militarismo os machos, as outras ao povoamento do solo.

Cazo divertido ao lado. Comiam tres italianos ; tres vazilhas reluzentes, com arroz uma, outra com ervilhas, com macarrão a terceira. Comiam ao mesmo tempo, depressa, cada um da sua vazilha, e, após cinco ou seis garfadas, passavam-na para o companheiro da direita que fizera o mesmo manejo com a vazilha anterior. Cada um, por seu turno, comia assim dos tres manjares. Em menos de dez minutos ficou vazio o vazilhame, e eu aprendi nova maneira de banquete, superior em commodidade e porcaria aos primitivos festins persas, serviço dos convidados em linha, que Xenofonte descreve na pouco lida e muito citada Ciropedia.

DAKAR. FEVEREIRO, 14.

— Dakar... Vejo terras da Africa. Tenho impetos de telegrafar a varios mestiços dirigentes da politica nacional. Impossivel ! Por mentira originada em vermouth francez ou em dinheiro argentino, o consul da Galia no Rio de Janeiro inventou para a rua do Ouvidor alguns cazos de peste bubonica. Impedido o desembarque. Versejava n-*Os Burros*, o padre Jozé Agostinho de Macedo.

Tudo quanto é francez cheira a sandice.

— “O Brazil é a Africa ! “Quanto essa exclamação de Bernardo de Vasconcelos foi glozada em detrimento desse juiz facil e politico dificil ! A verdade, porém, é que, sem o braço africano, o Brazil estaria hoje tão atrazado como o norte da Australia.

Em principios do seculo XVI não havia, no ocidente da Europa, necessidade expansionista (precizo desta palavra) que procurasse a costa e o sertão do nosso paiz.

O cazo francez de Vilegaignon, protestante, não encontrou na propria França muitos elementos auxiliares. Polipartida, a Italia não dispunha dessa unidade fornecedora de sementes nacionalistas. Que nos restava se não Portugal e o negro? Veiu este; agricultou-nos; cedeu-nos bastante dessa afetividade que Augusto Comte exageradamente elogiou; entranhou-se, em suma, tanto como o indio, na nossa existencia, na nossa ossatura.

Sem duvida mais valente, e por isso mais absorvente, vai o sangue caucazeo dominando o etiope; anula-lo-á dentro dum seculo, e o mesmo fará ao indio mais tarde. Em S. Paulo, por exemplo, graças ao clima e ao numero dos outros fatores antropologicos, o sangue negro desaparece na quinta geração. Mas se até 1850 o Brazil foi o negro, é e sempre será consequencia do negro. Abolidas pelo desrespeito ás liberdades outr'ora estabelecidas pela Monarquia, a paciencia com que o povo tolera, e até elogia despotismos, prova que Bernardo de Vasconcelos acertou.

Do carater brasileiro não consegue o observador excluir a ternura e o servilismo.

O mais hospitaleiro e o menos rancoroso dos povos é, outrosim, o que mais aproxima o assentimento ás raias da degradação. Nunca, em nossa terra, voto e opinião derribaram governos. Sempre, no Brazil, o mais forte foi o mais aplaudido. Nossas revoluções só triunfaram na capital do paiz, e quando militares.

Tão insistente, isso! Tão na fisiologia nacional! Antonio de Albuquerque, descendo do territorio das Minas com quazi cinco mil e quinhentos homens para castigar os francezes, teve de dissolver suas tropas porque, encontrando o comercio do Rio de Janeiro em amistozas negociações com Duguay Trouin e, "não podendo bara-

lhar a feira, conveiu nella”. Porque derramaram muito sangue alheio, deixaram Diogo Feijó e Floriano Peixoto legenda e fanaticos. Porque, voltando do carissimo passeio ao quieto Porto Pacheco, passasse a receber soldo simples, um grupo de militares mudou as instituições do paiz sem que, dos vinte presidentes de provincia, partisse um mero movimento de indagação deliberativa.

Atestado expressivo e significativo do temperamento aquiescente e estomacal da brazileira politica : ha poucos anos, a proposito de eleição partidaria, a opinião publica e paulista de Xiririca oficiou ao governo declarando que “só indicaria candidatos que lhe fossem por elle previamente indicados”. Pois sim !

DAKAR. FEVEREIRO, 15.

— Conquista da engenharia sobre o oceano, é bonito o porto de Dakar. Tem dragas em atividade, praticagem correta, regular fornecimento de carvão, rapidez no desembarço dos navios. Com a terça parte do dispendido aqui, o nosso de S. Vicente seria aproveitado.

— Jozé Ingenieros, o genial argentino, descreve o negro de Dakar nú, jogando-se ao fundo dagua em busca da moeda caida da amurada do navio e trazendo-a preza aos dentes, como um decadente, degradado, vil. Atirei quatro vezes moedinhas ao mar. Alegres os molofes, imediatamente afundavam e resurgiam trazendo-as aos dentes unidos, claros como teclados novos ; e agradeciam, vivazes no olhar, rizonhos, muito rizonhos. Fiz-lhes compras. Entretive-os em conversação que sustentavam em rapido francez com a pronuncia do “a” aberta e sonora como a do portuguez modificada e melhorada no Brazil. Reparei-lhes nas mãos delicadas, nos pés perfectissimos, pequenos. O que, porém, mais me mara-

vilhou foi a mistura de cortezia e de altivez no tratamento com os brancos ; nem um gesto de subserviência ; sentados se eu sentado estava, quando discutiamos preços pareciam ostentar réplica á suspeita de que eu os julgasse inferiores.

Perdoe o mestre : dessa vez errou. O negro de Dakar é mais altivo que o argentino puro, esse insulado no interior pelo predomínio urbano da colonização avançada e muito mais arrogante que o luzonegroide, o mais primoroso e algido exemplar hodierno da passividade coletiva. O portenho tolera, o paulista obedece.

A BORDO. FEVEREIRO.

Trezentas e quarenta e sete milhas em vinte e quatro horas. Mar calmo, sem vontade, sem carneirinhos. Aproveitá-lo para reler o "Primo Pons", das peores produções do desdentado Balzac. Para entender de 1913 quero estudá-lo em 1850. Asneira ! Mas ser asno não é privilegio de quem não gosta de mim.

A BORDO. FEVEREIRO, 19.

— No estreito de Gibraltar. Na porta da civilização. Por aqui passaram, demandando interesses durante vinte seculos, frotas, rivalidades, idéas, sciencia, expedições, tolices, superstições, progressos, religiozidade... Que valho eu deante de tantas coizas que a memoria e o raciocinio me estão a dizer ? Valho tanto como os outros : zero.

Acordei cedo. Ao longe, lá nas segundas linhas das montanhas africanas, picos cobertos de neve, muito altos. Neve, via-a pela primeira vez. Depois, lá adeante, o cabo Espartero, penozo nas recordações brasileiras, a

lembrar o naufragio da corveta Izabel em 1860 e o perecimento de tantos jovens officiaes. Gemeu a nação inteira. Dos guardamarinhas poucos se salvaram; um, Jozé Marques Guimarães, bravo do Paraguai, morreu almirante; quando governador do Paranã, em 1890, aconselhado pelo seu chefe de policia dr. Herculano de Freitas, decretou a fundação dum partido politico. Foi sempre meu amigo.

— No meio do historico estreito. Lindo, lindo. Quazi vinte milhas de comprimento; de largura, oito. Abro o espirito ao painel. Gózo. Vivo. Por aqui transitou a historia ocidental nas suas mais determinantes fazes.

Clara a costa da Espanha; em penumbra a da Africa. No alto dos morros as antigas torres como mosquetes enforquilhados, significando dois inimigos e traduzindo duas civilizações. Na fimbria do horizonte, do lado europeu, Trafalgar, obrigando o pensamento á figura impavida e bandalha de Nelson, e ao indisfarçavel desespero de Napoleão; Tarifa e sua inutilidade como ponto militar dezemxabido e debil, a doze milhas do Gibraltar inglez.... Entediado, demorei o binoculo sobre esse aviltamento coletivo, quazi bisecular, da natureza humana. Uma nação com fortaleza em territorio doutra nação! Gente com quarto em casa alheia contra a vontade do seu dono. A garra do leopardo cravada no corpo da Iberia, como que a castigá-la dos crimes que lhe enodoam os anaes. Aquelle penhasco fortificado pune a destruição dos incas, a extinção dos azteques.

Medito. Lembro-me de Pelaio e de Tarik, e d'quelle formidavel "Junto ao Chrizus", onde a pena de Alexandre Herculano se aproxima á genialidade de Homero na descrição das proezas de Diomedes. Pro-

curo em vão descortinar Algeciras, inutil séde de inutil recente tratado internacional.

Acatadupam-se-me pormenores historicos. Na orla africana noto, á custa do binoculo, Tanger (as mulheres ali devem ser tangerinas). Ceuta, mais além Melila. Canso. Termina a passagem do estreito; reabre-se o mar largo. Reabro um livro, ignobil porque ingrato, de madame Feuillet (*L'autre*), e durmo acordado durante tres meias horas.

MEDITERRANEO. FEVEREIRO, 20.

— Dez horas da noite. Belissimo! Lua cheia. O paquete parece correr sobre enorme placa de prata. Frio não intenso. Mar manso, muito manso; passageiros enfurecidos, porém. Murmurinho crescente, ruido, gritarias, motim, taponas. Curva-se, mais uma vez, a Europa deante do Brazil. Curva-se como tenho de inserir.

Viajante paulista enviara a um russo, que entre a sobremesa e o licor lhe fizera pilheria, incontestavel pescoçada...

Porque? Haviam, desde as primeiras horas de embarque, aberto conta reciproca de antipatia por ter o slavinho, em debate, tomado partido de conde papal a quem o paulista reprendera por escandalozo com companhia, passageira tambem e cujo marido, que aliás tomara amazia na vespera, a despachara para a Europa, incumbindo-a de colocar num collegio tres filhos menores.

Um embrulho ininteligivel! e a cujo proposito um joven esperançozo em asneira, buço promitente, ademanes cortezes, serenissimo, ordeiro á ilharga de tanta balburdia, friamente me asseverava exigir a constituição Ingleza que a esquadra britanica tivesse sempre o duplo da tonelagem da das demais nações reunidas. Estremeci.

Enlouqueceriam paquete e passageiros? Apavorei-me. Dormi sobresaltado. Sonhei que tinha engolido um anzol. Eis a consequencia dos barulhos a bordo!

MEDITERRANEO. FEVEREIRO, 21.

— Vem apontando a Sardenha; deve ser Cagliari a cidade a avistar do sul. No intervalo da primeira para a segunda guerra punica, violentamente Roma se apossou dessa ilha. Sempre a quadrilha herdeira de Romulo a descer das sete colinas em pratica de rapinagem. Governar é avançar e cobrar. Não ha governo brando. Não ha governo gratuito. Roma foi o pulso mais forte que o mundo padeceu.

NAPOLIS. FEVEREIRO, 22.

— Que inferno! Depois de dezeseis dias e tres horas de viagem calculada para quatorze dias, com promessas de serviço de primeira ordem (mentira: vinho abaixo de pessimo; todos os talos de couve que existiam em Dakar; nem meia fruta de Pernambuco), chego a Napoles. Chuva. Não ha lanchas para desembarque. Duas horas e onze minutos á espera da Alfandega e da Saúde. Aparece um medico baixinho, conta os passageiros e retira-se.

Tombadilho assaltado por crianças remelozas, oferecendo cartões postaes e jornaes do dia com exíguo serviço telegrafico. Olhando para o ceu, e importante sob chapéus de bicos lateraes como o de Napoleão em Montmirail, dois soldados passeiam vagarosamente. Saio do "S. Paulo". Afinal!

— Ora! Decididamente (gíria academica do meu tempo) acordei hoje com o pé esquerdo. Meu escaler

é cercado por outro cujo palinuro, gordo e gritão, exige duas liras e meia, alegando para esse imposto larapiamente direto ter não sei que privilegio. Berreiro. Ameaças reciprocas. Inutil reclamação bradada debaixo para o comandante do navio. Mais berreiro. Não pago mesmo. Dezembarque emfim !

— Na Alfandega : sou furtado em cinco liras a pretexto de gratificação a um porteiro ; vem ao meu encontro um funcionario quazi invisivel, moreninho ; mostro-lhe passaporte diplomatico em portuguez, lingua que elle não entende ; finge lê-lo minuciosamente, pontuando-o com o indicador como se discutisse parto da excelentissima senhora sua sogra ; olha-me com simulado desprezo e manda passar, sem exame, toda a minha bagagem, toda, e a mais tres companheiros que, por um desses acazos de bordo, haviam obtido logar no meu escaler. Dá-me as costas para todo o sempre. Uma delicia !

— Em Napoles, na antiga Palepolis, cidade fundada por uma sereia e onde morreu Virgilio que cantava melhor que a fundadora. Estreitas as ruas proximas á aduana e, portanto, apropriadas a inevitaveis contrabandos. Cavalos magros e vagarozos. O automovel ainda não supprimiu os carros cujos automedontes enrolam as pernas em cobertores muito vermelhos, muito assanhados.

Abaixo de sofrivel e um pouco acima de mau o Hotel Bretanha, via Chiaia 279. Nem bom, nem sofrivel, nem mau, nem pessimo o salão de visitas : esqueceram-no de construir ou esqueceu elle de existir.

— Nove horas da noite. Batem profanamente á porta do meu quarto. Desço. Abraça-me o dr. Alfredo Varela, consul do Brazil na terra napolitana. Agarrámos valentemente na proza até meia noite. Colonização Rio Branco, Mardrus, Canabarro, Pedro 1.º, Pedro 2.º,

Camões, Pinheiro Machado, Monarquia, Republica, colocação de pronomes, arte japoneza : o diabo ! tudo e todos, de nossas lembranças, de nossas leituras, de nossos interesses. Vivacissimo, o Varela ! Um homem superior é sempre uma preciozidade, mesmo em Napoles.

NAPOLLES. FEVEREIRO, 23.

— Orgia de impressões. Duas horas no palacio Real. Atenção em intensidade consciente.

Pela primeira vez Holbein, Rembrandt e Rubens prendem meu olhar esfaimado de arte, ineducado, mas extremamente impressionavel. Sucedem-se os primores. Cromwell é o Cromwell que eu sonhava depois da leitura de Ancilon ; Henrique VIII, o imundo adorado pelos seus subditos, tem os traços amarelamente repugnantes dum capitão Vieira que, ha quarenta anos, aturei em Itararé. Candelabros, sala de baile, a dos grandes banquetes, os tetos, tudo é de forma novissima para mim. O que não é surpreendente é assombroso. Duas jarras chinezas, enormes, altas talvez de dois metros eu as via custando a acreditar que existissem.

Estaquei deante do busto de Marco Aurelio, o magnanimo autor daquelles agradaveis exercicios collegiaes que Frontão, seu mestre, transformou em maximas, logo que o discipulo se transformou em imperador. Antinous, o caluniado amigo do mais celebrado porém não o maior dos Antoninos, não me correspondeu, na cópia declarada, á fórma de suas regularidades esteticas. Velasquez... Mas o que mais incrustado me ficou, o que não mais me abandonará, similhando um desses trechos profundamente humanos como a morte de D. Quixote ou a entrada de Priamo na tenda de Aquiles, foi a carnadura da Chiara, foi tambem o olhar soberanamente aguçado de Luigi Farnése : é

que, de Ticiano, as intenções saem das telas para acompanhar as faculdades do observador.

Não me retirei facilmente. Meu andar gaguejava ; tolice, sim, mas foi realmente o que eu senti. Tentação ! Se eu pudesse ficar como empregado no Palacio Real... Despediu-me o porteiro ás quatro horas.

— No Aquario, das quatro ás cinco. Dizem-no o melhor do mundo. Tem subvenção da Alemanha. Admiravel ! As especies ahi permanecem em absoluta paz. Não ha impostos ; não ha predomínios ; são dispensadas, por desnecessarias, as conciliações partidarias.

Bem andou Charles Richet duvidando se ao homem, se ao peixe, cabe a prioridade intelectual na bola de lama que valsa em torno do sol ? Terá o caranguejo convicções firmes a respeito do papel moeda ? A itiologia será inferior á sociologia ? Na suspeita positivista da evolução dos irracionaes, a ostra, sem pés nem cabeça, arranjará entrada ? “Que saisse porque a hora das visitas terminára”, disse-me o empregado gerente. Obedeci. Fosse no Brazil e, entoando a marselheza nacional, eu bradava “não pode ! não pode !”

— Quiz jantar. O Hotel Bretanha, desconfio, comanditario dalguma empreza de suicidios. Aqué o dezespero é obrigatorio. Trinta liras por lição diaria ; de jejum : muito caro !

.....
NAPLES. FEVEREIRO, 24.

— Nove horas do dia. Napoles dorme. Vagarozo, parente proximo do bonde, adivinhou-me e esperou-me o trem para Pompéa. Aqui até a electricidade é tranquila ; tambem, trinta seculos de serviço dão á grande cidade direito á apozentadoria.

Parto através de gratificações e folhetos instrutores da dezejada excursão. Hora e meia de trambulhões; compenso-os, disfarço-lhes a impertinencia chamando lembranças discutíveis de Plinio o moço e de Bulwer Lytton, doutores na catastrophe que enguliu essa cidade e mais duas povoações; não entrarei, pois, desprevenido neste, o mais examinado, depósito de ruínas. Trota o trem. Contorcidas as vinhas á espreita da primavera. Tudo sêco. Quanta saudade da floresta americana!

— Da estação sou conduzido a um restaurante (estalagem é que é) pelo guia que levou Silva Jardim ao Vezuvio... Uma lira. Almoço infame e pequeno, pequeno e mal servido. Melhoram-me todavia a refeição um bandolim e uma rabeca, lembrando-me o Queiroz da Faxina e o inexcedível Pedro Vaz. Cara tão meiga a do muzico mais velho!... Outra lira.

— Começo a examinar Pompéa. Tumulto. Olhos escancarados, gestos largos, vozes cantantes porém, discutem os guias. Em Napoles, na Italia inteira provavelmente, tudo é muzical; até o dinheiro se chama lira. Em compensação as ruas chamam-se vias.

Mas donde e para que essa balburdia? Tratava-se de decidir qual seria o meu guia. Note-se que o principal interessado, eu, nem a titulo de consulta era ouvido. Entregaram-me, depois de aparteados debates, a um moço alto, narigudo, respondente veloz, que ao saber ser eu brasileiro aproveitou a oportunidade para rapidamente me informar haver levado Silva Jardim ao Vezuvio.

Tomei um ar gravibundo e, com bestial espanto de varios inglezes, uma cadeirinha. Atravessei ruas estreitas, estreitissimas, tortuozas como acontecia nas cidades onde a previzão das aggressões edificava e defendia ao mesmo tempo; parei nas pedras que, distanciadas quiçá

de estadio, facilitavam passagem dum para outro lado. Fiz quazi a volta em redondo da morta cidade, de maneira a ter nella uma noção que me esclarecesse a vizita. Ao separar-me do guia, perguntei-lhe por Silva Jardim. Conhecera-o : fôra quem o levara ao Vezuvio.

— Que abuzo do preto e do vermelho ! E do vinho ? Em algumas cazas, regularmente restauradas, encontrei anforas inteiras, perfektissimas ; só de pintura as conhecia. Agora, examinando-lhes a fórma, reconheci a severa propriedade do “encheram-nas de oiro, encheram-nas de prata”, da audacioza peroração de Caio Gracco em replica imortal á dilapidação acuzadora. Demorei-me nos banhos evidentes, interessantes. Que mudança ! Hoje, nos hoteis da península, um pedido de banho é acontecimento sensacional e a agua nem sempre é um cazo liquido.

— Consoante seu destino, o *Templo da Fortuna*, que dogmaticamente me disseram ser de Mercurio, está em magnificas condições de descalabro. Coerente atestado de grandeza morta é o de *Jupiter*, onde me detive examinando particularidades que me agradavam ; e, pouco alterando o capitulo, investigo frescos imoraes, observo os palos á porta das habitações e dentro dessas esquelotos em diversissimas atitudes. Tudo me entretinha a curiozidade. Quanta lição de historia, quanta filozofia nos minusculos incidentes ! Acodem-me trechos ensinadores de Agelio, Livio, Dion Cassius. Estou a resaborear alimentação intelectual de quazi meio seculo.

As cazas maiores tinham cofres ; tinha riqueza a de Obeli. Uma, afamadissima, a de Vetio, patenteava opulencia e arte desde a entrada até a cozinha. As menores coizas impressionam ; tudo aqui ensina. A sintheze dos sentimentos, porém, é a tristeza. Dezolação. Melancolia. Nada ri. Demorado, porém, o olhar nos inde-

corosos independentes, no hipogrifo célere, no galo brigando, no carro marcial, na mulher que gesticula, no soldado em marcha, como fica longe a linha egipcia com a arte escrava, os braços presos ao corpo, os pés ligados como os de defunto, a figura morta em vida!

Nasceram e caminharam paralelas a arte e a liberdade de pensamento. Em Roma, receptora e respeitadora de todas as crenças emquanto o semitismo e o messianismo lhe não adaptaram inquizitorialmente o sacrificio de vitimas humanas (o culto de Moloch e o cazo sandeu do sacrificio de Izac são alimentos duma mesma estrebaria teogonica), em Roma, os pensadores divulgavam asserções que, modernamente, obrigaram Flambert e Courier a purgar delitos de opinião com o indefectivel acrescimo do pagamento de custas! Na Prussia, na Russia e em S. Paulo o direito de escrever, o melhor filho do direito de pensar, é menos livre que o de Roma no tempo dos Cezares. Mas para que me estou eu a preocupar de indignidades ignobeis? Basta. Cinco horas de Pompéa. Atopetei-me de confuzões espirituaes. Vi coizas velhas. Raciocinei coizas novas.

Rumo ao Vezuvio. Numa bodega, sopé da citadissima montanha, bebi garapa picada. Dizem-na Lacrima-Cristi; provasse-a, porém, o discutivel filho do centurião Jozé Pandera e, para não chorar, teria de repetir o milagre das bodas de Caná. Caí do cavallo. Desde 1880 — quando, candidato liberal, percorri o sul paulista inutilizando cortezias que, com o meu chapéu, o conselheiro Saraiva mandára fazer ao candidato conservador — não mais eu sentira tão forte batedura na parte carnuda de minha individualidade. Reatámos priscas relações, o tombo e eu. Aplauzos no auditorio. Sendo inutil enfiurecer-me, ri com os outros.

Hora e meia de ascensão. Chego á mais joven das crateras. Escurece. Dezisto de proseguir. Um dos doutores em Vezuvio (ha-os abundantes em Napoles) sustenta, agora, estridente polemica convincente de haver essa irrequieta montanha baixado, não se sabe quando, duzentos metros : cento e noventa e nove mais do que eu ha duas horas. Concordo, sem exame, com essa opinião e com a opinião contraria.

— Em meio caminho, á subida, fôra intimado a retratar-me, o mesmo sucedendo a toda comitiva. Duas liras por pessoa. Por ser muito gorda e por se haver derretido em rizadas quando me vira cair do cavalo, uma espanhola, hirsutamente quarentona, foi pelo fotografo, ageitada a preço facil, avizada de que teria de pagar por duas pessoas. Bufou. Quem então riu fui eu. Estupendo o trabalho photographico ! Minha mulher saiu parecida comigo, eu com o guia, e o guia com o deputado Sabino Barrozo.

O Vezuvio... Ao descer notei que, no cume, fumegava elle um pouco ; habito inveterado. Já Polibio, que escreveu cerca de duzentos annos antes da erupção de 79 P. C., afirmava ser tradição daquelle pico deitar fumaça. Levo aos labios um fragmento que apanhára na cratera ; está salgado. E falem-me em fogo central ! Só ha vulcões á borda do mar.

NAPOLLES. FEVEREIRO, 25.

No Muzeu Nacional, ex-cazerna, ex-universidade, e hoje muzeu dos melhores da Europa. Entrada gratuita, pelo Baedeker ; pagamento de cinco liras ao guia "sem o que não correrá", como rezavam as licenças em Portugal, até 1820, para publicação fosse lá do que fosse.

Logo á primeira sala me foi mostrada cópia Farnése (declarada) de quadro grego (?) com os sete sabios (nove já eram elles, bem contados mesmo no VI seculo A. C., com a incluzão de Periandro e Anacarzis ; em 1774, recontando-os, Larrei achou quatorze), sendo Platão um delles ! Mas... para quem apelar ?

Soberba a coleção bronzca ; verdadeira em suas confessadas mentiras historicas, aceitavel em suas bastantes verdades. Lá estava Caligula, equestre antipatico como os mexericos do patricio Suetonio a seu respeito. A' esquerda, á entrada, recomendavel pela acção oratoria, uma significativa imagem de funcionario explicando submissamente qualquer tramoia do officio. Perto lhe está um Seleuco Nicator em vespas de autenticidade. Dois bustos lentamente sitiados por minha atencção : um indecizo se de Baco, se de Platão, mais propenso a ser do segundo pela largueza dos hombros ; outro, o dum credor da veneração dos civilizados, heroe superior aos superiores, magnanimo na vitoria, audaz na adversidade, mas mirradinho de feições a ponto de parecer o finado Tito Corrêa de Mello, de Botucatú : o de Scipião Africano, o dono colaborador de Terencio.

Nem superior, nem inferior á dos bronzes é a coleção de marmores, Caracala ali está, sinistro, nojento como todo miseravel que abusa do poder. Claudio, o injuriado na Apolokintose, conserva em estatua a sobranceira persistencia da placidez no merito. Tive impetos de abraçar aquella marmorea reprodução do emancipador dos escravos das ilhas, do nobilissimo libertador de Caractacus, do espontaneo discipulo de Servilio Nonianus.

Fossem menos encaracoladas e mais compridas as barbas de Jupiter, e poderiam tomá-lo por Jehovah, seu mano mais velho nas crendices geradas pelo medo. Gostei de Antonino Pio o pacifista : correto, dir-se-ia estar en-

sinando verdade a um busto adulterado de Julio Cesar que lhe ficava fronteiro, busto estampado pelo ultimo Napoleão na obra, tambem pessima, que teimou em publicar a respeito desse poderoso servente de Nicomedis.

Grato e respeitozo, retardei-me deante da cara larga, imponente, inesquecivel de Euripides. Devo, a esse, o melhor dos dramartugos, idéas, opiniões, coordenações, prazeres intellectuaes que, ha mais de oito lustros, entraram e moram na minha limitada bagagem literaria. Prefiro-o a Dante, a Moliére, a Shakespeare, para só me referir aos genios que eminentemente o plagiaram.

Correspondeu á minha expectativa, e já o conhecia de cópia e de analizes, o panico realissimo, final da batalha de Isso, no mozaico greco-mileto, e onde a principal preocupação do artista, a fuga de Dario, traduzindo-se na generalidade ampla da concepção, se parcela no rosto apaixonado do condutor do carro, no recúo dos soldados, no fustigado empino dum dos corseis. Tudo tão agitado, tão expressivo!

Nota a notar. Nem sempre se pode com segurança, nessa afamadissima coleção Farnése, decidir o que seja cópia, o que original. Vai-se ali com curiozidade e volta-se dali duvidando! Harmodio e Aristogiton são mais que discutiveis; dissessem-nos Hippias e Hiparco, e o vizitante nada teria a retrucar. Aquelle bloco subscritado do Herodoto e Euripides não sustenta com a verdade relações muito intimas: o deus Jano andou a inspirar o cinzel do artista.

— Da pulseira numismatica, presente de aniversario que ha anos ofereci á minha metade, comparei o retrato de Adriano com quatro exemplares que estavam mais á mostra. Nariz, barba, penteado, duma das moedas até a data (DCCCLXXIII. Nat. Urb. — portanto a

122 A. C.), tudo identico. Ainda bem para a pulseira e para esse illustrissimo e excellentissimo imperador que, enraive-se quanto quizer minha imoestia, sabia de mummistica mil vezes mais do que eu, embora da applicação dos seus conhecimentos na Palestina, alterando as cunhagens lá em vigor, adviesse a dispersão definitiva dos judeus, reprimida que foi a revolta comandada por Barcochebas (Que nome enfarruscado!).

NAPLES. FEVEREIRO, 26.

Projetos itinerantes. Sonhos de ida a Pozilipo, Capomizeno, Baia, Pouzoles, Ischia. Um chuvisqueiro de promessas. Mas o brasileiro põe e d. Luiz dispõe. Carta desse perseguido e intelligentissimo patriota, aumentando-me a vontade de frequentar-lhe a illustração e o carater, diminue de mez e tanto o prazo que me eu concedera de estadia observadora na

*Magna parens frugum, saturnia
Tillus Magna virum!*

Mas voltarei! Já me vai abrandando. Começo a gostar da Italia. Voltarei a Napoles sem a explicavel zanga que me coage a achar tudo ruim. Ruim a elogiada palidez das meninas napolitanas, ruins o café, a imprensa, o clero, a nobreza, o povo. Nesse estado de animo estava provavelmente, em 1836, o dr. Pimenta Bueno, futuro marquez de S. Vicente, quando, enviado para reprimir contrabandos de escravos em S. Sebastião, oficiou ao presidente da provincia: "Comunico a v. excia que não encontrei aqui nem um homem de bem".

— Compras. Correspondencia. Telegramas. Contas meúdas. Malas. Livrarias. Despedidas. Tenho ainda algum tempo disponivel. Vou a toda a pressa á Grotta

del Cane. Marcha vagaroza : o chauffeur saúda varios militares empavezados ; á esquina dum tunel, tendo escorregado e, no tombo, arregaçado sobejamente a saía, é tambem por elle cumprimentada uma mulher esguia, magrissima, cuja proxima transparencia se me denunciou inevitavel ; se a levam ao mar, provocará vazante. Atravesso Fuorigrotta ; toda a roupa suja da povoação se lava em caza ; as janelas que o digam. Chego a *Grotta*. Olho. Espio. Volto. Vi o que os outros têm visto. Ouvi, como os outros num mesmo diapazão, tres narrações da mentiroza historia do cão e da gruta. Falavam sincronicamente os tres discursadores ; apropinquavam-se-me do rosto. Cheirozas creaturas...

— Como deve ser agradavel a auzencia de Napoles ! Dizem, no entanto, que o napolitano é capaz de movimentos civicos, sendo tambem propenso á caridade. Quero crê-lo. A' despedida uma boa noticia não é matalotagem desprezivel. E, além dessa, outras me disseram variados adeuzes.

Vi, de Castel-Nuovo, suas lindas colunas corintias a contrastarem com a testação desse ignobil despotismo aragonez que tanto ofendeu a dignidade em terra estrangeira ! Duas vezes fitei o Palacio Real, interrogando-me para que rei e ministros conservam a propriedade desse formozo mas, para elles, inutil edificio, onde uma vez por ano chega um parente de sua Majestade, dá audiencia a consules, fazendo-lhes as perguntas já respondidas no ano anterior, e donde se retira com o programa de voltar, decorridos que sejam doze mezes. Admirei a imponencia do Palacio da Universidade, não repelindo, antes apagando, o dezejo de que, lá dentro, se consiga refutar a utilidade, hoje, de tão complexas instituições. Extaziei-me em frente á estatua de José Garibaldi, o vulto

mais em bronze nas praças publicas do ocidente. Está sereno e forte. Manda. Domina. Senti-lhe a vida do lutador de 1835 : a energia a serviço da idéa. Impele a gente a pensar.

Choque pronunciado, mas ao mesmo tempo ameno e exigente de induções metafizicas, choque complexo como os que mais o possam ser, foi o que me deixou o gerico, o simpatico gerico de Napoles. Perspicaz, judicioso, apesar de iletrado como todos os quadrupedes que se prezam ; o gerico da maior cidade italiana, o napolitano gerico diga-se, tem na temperança, na rezistencia, na es-perteza, uma elogiavel mistura de qualidades, encimadas todas por uma sagacidade meiga, afabilissima. Vê-lo e estimá-lo é obra dum instante. Não do cavalo Baiard, mas desse gerico devia ter o divino Ariosto discutido se seria portador duma alma ou não passaria dum desalmado.

Napoles deve orgulhar-se da localização preferencial de tão perito produto : vai-lhe a calhar o gerico. Só quem o não viu associado ao trabalho e ao lucro dos verdureiros, com o olhar ardiloso disfarçado para o chão a imitar (que irreverencia !) os de Felippe da Macedonia e de d. João VI ; só quem o não ponderou ao lado do dono, paciente, prudente, sem indelicado recurso á artilharia da garupa, poderá, injusto, dezarrazoado, encerrar uma nota de viagem com este conselho á humanidade em geral e aos brasileiros em particular : quem não tiver de ir a Napoles não vá ; quem tiver de ir tambem não vá.

DISCORRENDO COM ALFREDO VARELA. FEVEREIRO, 26.

— Oito ás dez da noite. Lê-me Alfredo Varela o longo indice de suas estudadas "Revoluções Cisplatinas". Embrenhámo-nos em debate especialmente no tocante ao nosso periodo regencial. Nelle Diogo Feijó, o trapalhão

que abandonou o poder para se revoltar contra o poder, é justamente reduzido de proporções pelo criterio documentado do historiador.

E soubesse Varela das crônicas paulistas tanto quanto das riograndenses, certo não esqueceria dos heroismos negativos do padre regente: a lição epistolar de civismo que recebeu do vencedor barão de Caxias; o azilo, em Itapemirim, sob teto onde seu nome recordava ilegalidade e acinte; a intimação que lhe fez o Governo Provisorio em 1821, no cazo Nuno de Locio, para que não porfiasse em esconder a verdade; a penitencia do quanto dissera e escrevera contra o celibato clerical, etc.

Reverendo Ventoinha! Inimigo infatigavel dos Andradas emquanto intentavam e realizavam a Independencia, firme os acompanhou quando elles, praticando a maior ilegalidade de nossa historia, entregaram o Brazil a uma criança de quinze annos, arriscando a sorte da nação aos acazos duma loteria politica felizmente premiada com o longo reinado do segundo imperador. "E nós brigamos tanto para desgraça do paiz!", exclamava em 1841 ao sentir as primeiras ameaças da paralizia e abraçando o vulto veneravel de Antonio Carlos. Um anno depois, mais enfermo e mais tençoeiro, fazia estourar em Sorocaba o movimento de 1842, entre outros motivos, para o restabelecimento do ministerio Andrada com exclusão de Aureliano Coutinho; constrangia Rafael Tobias, nas vicissitudes que a dezavizada iniciativa lhe acarretára, a desaparecer na estrada da Faxina, rumo sul; e grudava na historia paulista a menos respeitavel de suas paginas: uma rebelião quazi sem combates.

Excepção aberta aos tiroteios sustentados no norte da provincia pela valentia do, injustamente esquecido, Anacleto Ferreira Pinto, o que se viu de notorio no movi-

mento de 1842 foi uma fuga geral. Não fugiram os dois Andradas, já velhinhos, porque tendo tomado “passagem na barca” (linguagem do tempo), foram detidos nas suas proprias residencias no Rio de Janeiro. Não fugiu Diogo Feijó porque não pode. Escapuliram os demais actores da pecinha politica. Na sua fazenda ocultou-os muitos, o generoso conservador Jozé Manoel da Fonseca ; magnanimidade essa que incompatibilizando-o então com os chefes do seu partido, veio, em 1854 e no animo imperial, contribuir para a sua escolha de senador. Conseguiu furar a lista triplice como dissidente, isso devido ao auxilio da votação liberal, pequena porém grata, que obtivera sem pedir.

Estudando a rebelião de 1842, parece-me assistir á comedia fantastica “O Gato Preto”; correm todos quando o bicho entra em scena. Foi inscientemente em ambas essas comedias que o snr. Benedicto Calixto colheu inspirações para “A Morte do Bispo”, sacratissima tela da qual um corpo se escafede esquecendo um pé á beira da moldura.

Ha anos, poucos, em replica a artigos, muitos, contrarios á incrivel tentativa de aumento de consumo pelo aumento de preço (valorização do café), uma comissão espontanea de competentes inesperados encomendou a não sei quem, á custa de erarios publicos, uma estatua, e a dr. Egas um par de volumes, tudo concernente a Diogo Feijó. Dessa parte tipografica da homenagem cumpre salientar, a bem da renovação historica, a ida de Francisco de Paula Souza e Mello á Europa em 1822. E morreu em 1851 o insigne prezidente do gabinete de 31 de Maio de 1848, ignorando haver feito semelhante viagem !

PARTIDA. CHEGADA. ROMA. FEVEREIRO, 27.

— Corre o trem. Velocidade superior á entre Santos e Jundiahi. Montanhas, vales, aspetos sucessivos, porém não de todo dezeguaes, lembram os ultimos trechos de Niteroi a Vitoria.

Atravesso e margino vilas e aldeias, teimozas na pretensora denominação de cidade, mal podendo reparar que na Italia não é frequente a repintura das cazas. A' esquerda, mais que á direita, como que as povoações descem dos morros, escorregando, deixando lá em cima, ruinas em ruinas, vestigios branconegros de vetustos castelos feudaes.

Pessima impressão! Aquelles torreões esburacados, meço-os como documentos da covardia que couraçava o fidalgo contra o peão servente, contra o agricultor, contra o trabalho, contra o municipalismo incipiente, contra o commercio equalitario. Enfada-me o senhor feudal. Aborrece-me a falsificação que o exalta. Não foi esse sanguinario iletrado, assaltante pertinaz, que impediu, como se acredita, o derradeiro espraiair do mulmano entre Poitiers e Tours; o que ali houve foi a derrota do filho da zona torrida pelo inverno. Não se puderam entender o siroco e a neve, o mourisco e o flavio. Carlos Martel só tres dias depois entendeu o tamanho do triunfo!

— Corre o trem, acieirado cada vez mais. Vôa e corre, cortando planicies arborizadas, com limites a variar de fórmula, ora de pedra escura, algumas vezes de arbustos cortados e alinhados como as das antigas chacaras de Botafogo. Lá ao longe, carneiros, em grupos esbranquiçados, obedientes a um ou dois pastores, e o indefectivel cão. Tudo em tanta ordem, tudo com tanta regularidade!

Vêm chegando a tarde e a fome. Boa comida. Somos quatro á mezinha : eu e companhia, um inglez e companhia; muito cazados, nós ; recémcazados, elles. Parece-me... Mas não é possível ! Aquillo foi aperto de botina, ou é unha encravada. Que teria a inglezinha com o meu pé ? A Europa é um perigo para os sexagenarios.

Corre o trem. Fogem povoações, campos, plantações, manadas. Dizem-me que, na Italia, quanto mais ao norte, mais intensas as manifestações da actividade, mais cultura, mais industria, mais dinheiro. Bonita a luta humana ! Quantos interesses, enlaçados, complicados, a servi-la ! Mas *Quantula sint hominum corpuscula* ! Lamentação de Juvenal que o nosso Paulo Eiró tão bem significou :

Vem a morte de foice e acaba tudo !

.....
Já em Roma.

— A pedido da chuva e do recebimento das malas, adio para melhor ocasião as exclamações e a ternura com que pretendia chegar á Cidade Eterna e ver o Tibre. Vou para o Hotel Flora. Luxo toleravel. Vastas salas de refeição. Delicadeza dos criados. Avizam-me : ao almoço relativa liberdade de trajés ; com capa ou sem capa, com pintura ou sem ella, de ou sem chapéu e até com bonézinho irlandez : tudo aqui é permitido. Ao jantar (alcancei-o ; ceio-o) tudo muda : smoking, colete branco ou sarapintado, luvas para serem descalçadas logo que aparece a sopa, silencio e muitos criados de cazaca. Dezoito liras diarias por pessoa.

Que porção de gente feia ! Este hotel é especialista em caras medonhas e inglezas decotadas. Tão bem despidas essas inglezas ponteagudas ! Suspeito que seu governo as exporta para diminuir a população dos outros

paizes. Em Atenas, no IV seculo A. C., foi verificado corresponder, á nudez dos atletas, baixa pronunciadissima na média dos cazamentos. Essas caveiras lá estabeleceriam o dezerto.

Mais que toleravel foi, entretanto, a primeira impressão que recebi de Roma. Ruas largas e limpas. Edificações limpas e largas. Cavalos possantes, como não os temos no Brazil, puxando um a trote, morro acima, carruagem com tres pessoas além do cocheiro; moderação nas gorgetas; afabilidade geral.

Do carro, que por instantes estacionára, reparei em duas carinhas redondas, bonitas, moças, tão alegres, tão contentes! Eram naturalmente duas irmãs, duas amigas, duas companheiras. Traziam vestidos eguaes; cochichavam confiadamente, sorrindo. Que cazo sadio! E' tão rara essa intimidade entre duas moças! Tão mais rara entre duas irmãs bonitas!

— A' noite. Foge-me o sono. Para obtê-lo vou examinar a conta do hoteleiro de Napoles; pagara-a sem verificação. Ui! Para cobrar-me uma lira por perfido café, o tratante contava-a por quatro. Da diaria excluia tudo: excluia comida, chá, talher, guardanapo, pão, manteiga, e, depois de cotar almoço e jantar por inteiro, cobrava por preços demolidores cada um dos pratos separadamente.

Agora, sim, eu sei porque o rapinocrata só á ultima hora, á saída, me apresentou a conta com a qual, ilimitada que fosse a minha paciencia, eu não poderia contar. E' pauperrima a adjectivação portugueza para qualificar esse bandido, que eu recomendo, com apopletica sinceridade, ao nojo e á auzencia dos vizitantes de ambos os hemisferios.

Acode ao nome de Carlos Rossi. E' alto, magro, algum tanto palreiro, insinuante como todo biltre apatado. Uza olhar pensativo ; tem ares de quem medita um poema. Napolitanamente falando, Carlos é a adaptação hoteleira de Mandrino com ligações originaes ao Pateo dos Milagres. Nada o demove de furtao ; suas aspirações rezidem definitivamente na carteira do proximo. Carlos Rossi pertence á diretoria de associação protetora de estrangeiros contra os exploradores. Tem, pois, a perfidia facil.

.....

LATRÃO E COLIZEU — FEVEREIRO, 28.

— Delicadissimo, procura-me o dr. Bruno Chaves. Está pezarozo o digno diplomata, verdadeira providencia dos brasileiros aqui. Acabrunha-o a morte do professor Angelo de Gubernatis, honesto amigo da justiça e do Brazil, discordante do laudo da Guiana, com o qual a Inglaterra se pagou da intimação para o recúo do Mene-lick. Angelo Gubernatis, em dicionario biografico, admittiu alguns nomes brasileiros. Raro.

— Antes de concordar em que a Egreja de S. João de Latrão seja a mais antiga das que Constantino officializou, é obrigatoria (porque caminho comodo, e a porta santa só se abre em ano de jubileu) a passagem pela praça fronteira onde está a reclamar elogio o obelisco egipcio de granito vermelho, alto de mais de quarenta metros. Foi roubado á terra dos Faraós ha mais ou menos dezeseite seculos. Tratasse-se dum guarda-chuva de segunda mão, ou duma duzia de meias, e o larapio teria sido chamado á policia para averiguações. O cazo, porém, foi com um obelisco e com o filho de S. Helena, e ficou por isso mesmo.

Entro. Logo, á esquerda, continuando idéas despertadas pelo obelisco, aquella caveira vendo quem chega, mexendo-se no fundo negrissimo do quadro! Assusta. O além egipcio invadiu todas as religiões, todas as artes, e ainda na pintura suas entradas são inapagaveis. Dalli, daquella baixada, por onde desceram dos planaltos aziaticos para a Europa peninsulada imigrantes e civilizações (isto é de Draper), até as formulas juridicas partiram em busca do ocidente. Das margens do Nilo veiu, tendo talvez lá nascido, crescido e minguido, a instituição do juri, melhor que a atual, pois os jurados, trinta em numero, eram trazidos de localidade diversa da em que o delito fôra praticado. A mentiroza epigrafe “Alegações Finaes”, ainda hoje conservada em autos que os juizes, recebendo ordenado por inteiro, guardam anos e anos na gaveta quando os litigantes não são ricos, é tambem um legado que o velho Egipto nos entregou. Mas deixemos o Nilo e voltemos ao Tibre e a Latrão.

Na velhice desta Egreja são indisfarçaveis varias, avariadas e fragmentadas restaurações. Sobre o altarmor está uma da popularizada e admirada Ceia de Lionardo da Vinci, trabalho, no original, superior em concepção porém não em execução ao do luzitano Estevão Gonçalves (1610) e que é, quiçá, a pagina mais artistica do seu artistico Missal. O tento curiozo do famulo e o ciato a um canto, sinalou-os o portuguez, olvidou-os o italiano.

Fiz alto deante da tela em que Bonifacio VIII, com o olhar untuozo do inquizidor, está a requerer que se lhe reaplique a valente bofetada de Nogaret. Quando, em baixo do altar privilegiado onde só ao papa (ou a procurador em cauza propria) é permitido rezar missa, me mostraram os craneos de S. Pedro e S. Paulo, custei

a engulir uma reverendissima gargalhada. Mirei-os com caricato respeito (não entendo, mas foi isso mesmo) e chamei á memoria os onze apóstolos que, excluído S. Paulo cuja convivencia com S. Pedro e grupo, foi quazi nula, formam com aquelle calvo (Era-o? Ha duvidas) um numero cabalístico : pois, multiplicado pela soma de duas trindades, produz o dos discipulos secretos do filho de Miriam. Esse numero era venerado pelos essenios e ainda hoje merece decifrações ocultistas. Franzi a testa. Silenciei um minuto. Retirei-me solene sem dar gratificação ao explicador dessas milagrosas reliquias. Ficou assim com cara de quem tem de ir á caza do dentista.

O templo é grandiozo. O muzeu, onde prima pela perfeição uma estatua de Sofocles, e onde atráe especial reparo o baixo relevo *Orestes auxiliado por Pilades*, justifica pela sua superioridade na divizão e na colocação das obras de arte, e bastante pelo asseio, a abundante concurrencia de visitantes. Perturba-o, porém, a confusão do sagrado com o profano ; o *omnia fanda nefanda malo permixta furore* da imprecação de Catulo encontraria em Latrão panos para manga.

A deusa da abundancia (Ceres?) ; uma implacavel placa recordando o jubileu de 1875 ; uma inscrição em latim joven sobre sarcofago de sacerdote portuguez ; cinco dos doze apóstolos (Mateus, Felipe, Tomé, Jacob e Tadeu) ensaiados uns nos outros porque identicos em melenas, altura, barba e gesto ; quazi substituíram por limitada molhadela o banho de arte que a Latrão me chamára. Entardece. Vou ao Colizeu. Conhecia-o do rapto de Alberto Morcerf no Conde de Montecristo, fraquissima fonte informadora. Enorme ! Excede de meio kilometro sua circunferencia. Altura ? Cincoenta metros. Busco lá em cima, no segundo andar, ponto

de vista que me facilite receber e localizar na atenção esse exorbitante atestado da vaidade dos Flavios! Começou-o Vespaziano o somitico, completou-o Tito o maroto. A iniquidade avarenta do pai manifestou-se num decenio de despotismo odioso; o que foi, e o que seria o filho se uma bemvinda febre o não suprimisse, di-lo a destruição de Jeruzalem, atrocidade com escalas pelo morticinio e pelo incendio; di-lo, ainda, aquelle" canudo de ferro que matava de longe" (polvora? salitre?) os escaveirados mas rezolutos infantes de João Bargioras.

Quinto nucleo occidental em população, era Jeruzalem uma das metropoles do pensamento humano. Ali se discutia. Filozofara-se bastante ali. Dum dos seus festins saira, quarenta anos havia, dos labios de Cleopatra, passageira amante do generoso Herodes, profunda duvida oposta á toleima da resurreição da carne. "Mas as mulheres resuscitam núas ou vestidas? "Perfeitamente!" O que a mulher tem de mais espontaneo, e por isso mais belo, é o pudor.

Mas Latrão e Colizeu... Quanto dinheiro gasto! Aproveitados esses esforços e respetivos metaes (então só corria dinheiro de pezo, embora Egger discuta se os gregos conheciam a letra de cambio) em prol da navegação e não dos "eus!" imaginados pelo antropomorfismo, da astronomia e não dos gladiadores, poderia a America ter sido chamada á civilização doze ou quatorze seculos antes de haver o pai Côrte Real tocado ás praias (1464 e 1471) que tinham de receber a vizita de João Fernandes Lavrador quando Colombo andava á procura da China nas Antilhas. Porque amo a verdade e em amor são permitidas as repetições, repito isso que eu já disse não sei onde.

Colizeu e Latrão : acertei vizitando-os num mesmo dia. Ligam-se encaixadamente no meu animo religião e governo : a batina do padre e a farda do soldado. Geram e alimentam em colaboração o mal que podem ; quando, porém, brigam e se separam, o progresso, aproveitando-se do intersticio, alarga-o, abrindo caminho ao futuro que chega. Exemplos ? Rivalizando quartéis e altares, a guerra dos Trinta Annos exercitou a Alemanha na pratica do livre exame, e, opulentada a mentalidade européa por culminancias chamadas Descartes, Spinoza, Pascal, Cromwell, Locke, repercutidamente o mundo melhorou depois da paz de Westfalia.

Na França de 1789, separados clero e nobreza armada, brilhou a aurora da liberdade civil. Em Portugal o pomboalismo, trucidando a inquisição e a fidalguia militarizada interrompeu a quédá da nacionalidade e preparou a alma popular para instituições mais democraticas.

No Brazil, irmanados o teologismo e a cazerna, fenomeno sequente ao termo da guerra do Paraguai e á prizão dos bispos, foram de tal arte solapadas as instituições liberaes que, após tres quinquenios, teve a nação de sofrer o mais incontestavel retrocesso. Tiraram-lhe cerca de seiscentos mil contos para engordar frades estrangeiros. Septuplicaram as responsabilidades do paiz. Aboliram o sufragio eleitoral e a prestação de contas. Eternizaram a moeda fiduciaria. Alugaram a liberdade de imprensa. Em compensação arranjaram um cardeal. Ora, muito obrigado !

Basta de divagações. Boa Noite, Martim.

UM DIA CHEIO. MARÇO, 1.º.

Sufoco ! Diluvio de coizas ecclesiasticas. Sete horas de liturgia, teologia, arte, muita arte, credices, ergotis.

mos, quadros, estatuas, mozaicos e, sobretudo, de aproveitamento de materiaes pagãos para arranjos do cristianismo catolico. Religião forte! Vinte seculos de adaptação, de desdobramentos alheios, e ainda reziste! Discute o passado, luta no presente, confia no futuro. Superior ás outras em arquitetura, pintura, escultura, muzica; unica que teve e tem oratoria toleravel. Não me houvesse Bacon lecionado, para raciocinar convicções, a observação e a experimentação, e eu seria catolico apostolico romano, aos domingos e dias santos quando menos. Multiplicadas como se acham as ferias religiosas depois que a Igreja e o Estado se separaram, teria eu tempo de sobra para frequentar o trust messianico explorador do medo do inferno.

— Dia cheio. Saí cedo. Carro aberto. Estomago acautelado. Quantos inesperados! Um frade me bateu á cabeça com vara um bocadinho mais comprida que o general Lauro Müller. Mostrou-me, outro, um S. Felix petrificado, duro de roer. Apontou-me um sacristão caixote de porfiro, conservador de todos (e os craneos que eu vi hontem?) os restos de S. Pedro e S. Paulo, tão amigos depois de mortos! Passei a mão, alizadamente, sobre o marmore no qual S. Praxedes, repetindo costume de Anibal Barca e prevendo o do nosso almirante marquez de Tamandaré, demonstrava não gostar de leito macio. Fugi á apresentação dum dente de S. João Baptista na Igreja de S. Maria Maior. Vi e elogiei as roupas com que o Cardeal Merri del Val, amanhã, nella reزارá festa sacra (é isso mesmo) com muitas circunstancias, e que tem a diplomatica e convidada promessa que não cumprirei, de minha amavel presença.

Ainda em S. Maria Maior: numa concavidade, rezolutamente perenes, estavam os sarcofagos dos sete

macabeus. Estavam no escuro ; côr local, portanto : o assumpto não é muito claro, e o frenetico Antioco Epifanio, que o poderia elucidar, faleceu ha tanto tempo !

Milagres a valer ! Cristo quazi sempre nú. Do Deus uno, idéa bazica do semitismo, parcos, apagadissimos vestigios ; muitos santos, altos quazi sempre, muitos martires, anjos em abundancia. Quanta confuzão da historia com a invencionice, da veracidade com a pêta ! A bandeira tomada aos turcos em Lepanto tem ao lado uma tela afirmadora da vizão papal que predizia a vitoria. Num altar, um pedacinho do berço de Jezus ; um pouco adeante o tumulo de Paulina Borghese, a mais que fogoza irmã de Bonaparte.

— Vizitei, em rapida inspeção intencional, S. Pedro, S. Maria Maior, S. Afonso, S. Pedro in Vincoli e S. Maria dos Anjos, construida esta no local das térmas de Diocleciano e notavel, entre outras rarezas, pelas colunas imaginarias, cuja não realidade só se manifesta quando se lhe chega ao altarmor.

Beirei a formozza fonte de Trevi, e soube da agradavel superstição que a enfeita : quem lhe atirar uma moeda terá de voltar a Roma. Limpam-na mensalmente dois funcionarios sem ordenado ; contentam-se com as moedas arrecadadas. Atirei uma ; caiu em terra. Apanhou-a um menino, saudou-me, e retirou-se com a altivez dum senador do tempo dos Fabios. Pareceu-me justa a estatua de Carlos Alberto : está mediocre. O cavallo não oculta intenções pacatas. Cogitava provavelmente de sua mudança definitiva para a cidade do Porto, que muito bem guarda o coração do dono.

— Segue o carro. Segue. Segue. Repentinamente me vejo num centro historico. Abarrotam-me os assumptos.

Distanciada talvez de quinhentos metros a cupula de S. Pedro vai baixando, desaparecendo á proporção que me aproximo; tapa-a uma pratibanda encomendada pelo dispensavel Paulo V., o arrecadador das glorias artisticas desse cardeal Scipião cujo retrato, sofrivel em sua expressão semitriste, como que invocando o *sic nos non nobis*, adorna um dos compartimentos baixos de S. Maria Maior. A' direita o Castelo de S. Angelo, superpondo-se á memoria e ao sepulcro de Adriano (tambem os monumentos lutam!). A' esquerda o hotel, zinho onde morou lord Byron. Lá ao longe, espaçozo: dominante, sobrevivente ás civilizações que esmagou o Vaticano. Quazi ás minhas costas (nem que eu fosse Atlas!), moderno, arejado, dezafiando cotejos com o passado, o Palacio da Justiça, solida e grande edificação que tanto cooperou para a solidez monetaria de tantos intermediarios politicos!

Interrompo com o meu silencio os apartes dos companheiros de excursão. Quantas idéas me estão a alvoroçar o cerebro! Adeante, adeante, S. Pedro vai crescendo; suas colunas dilatam-se, sobejam; olhadas dum ponto central da praça, só é possivel ver as da frente, simetricamente se escondendo as outras. E ficam-me ao duplo alcance da atenção e da vista o Obelisco de Heliopolis, as duas fontes, e, lá ao fundo, á esquerda, parodiando o importuno que entrou com sapato sujo em sala de baile, ignobil, minusculo, contrafeito, o edificio onde funcionou e ainda finge que funciona o Tribunal do Santo Oficio.

.....
S. PEDRO.

— O grandiozo no grande. Quanta meditação, quanta aptidão, quanta sinceridade, quanta fé, no prepara-

mento desse, o maior templo que o mundo suporta, e dentro do qual setenta mil pessoas se podem mover á vontade. Entrei. Nada de açodamento ; ás minhas ordens o acazo e a curiozidade. Sou capaz de recordar a decima parte do que vi na maior das propriedades do porteiro dos céus? Não. Nem eu, nem ninguem.

Examinei, elogiei, mas de facto pouco entendi, a muito examinada, elogiada e recomendada renda especial das vestes de Leão XII. Se nem de rendas publicas-eu percebo as bordaduras! Sorri ao nariz sensual de Alexandre VI. Extaziado, fitei os anjos nús e honestos de Canovas. Foi-me inevitavel um S. Elias, edição inaltera da das barbas e do gesto daquelles apostolos que m haviam impacientado na vespera. Ainda Canovas: estupendos, maravilhosos, os dois leões que guardam a figura de Clemente XIII; um delles ameaça, o outro ruge, morde! Aprovei (modestia, como vai-você?) o movimento oratorio de Benedicto XIV. O manto de Pio VI demonstra que Canovas original nada perde quando comparado a Canovas restaurador.

.....

Argumentei comigo mesmo (não conheço tradução que diga bem o ensimes castelhano) a respeito da autenticidade dalgumas esculturas, com falta de mostras pagans, mas atribuidas ao primeiro seculo do cristianismo. A cabeleira de Cristo, numa dellas, repartida ao meio, descia lateralmente, suprimindo metade da testa: aspéto uniforme em representações esculturaes do IV ao VI seculos, e até feitio insistente na numismatica oriental. Possuo moeda bizantina, oiro, retrato de Honorius, não muito diferente do Cristo da arte oriental imaginado antes do amalgama teogonico produzido pelo primeiro concilio de Nicéa.

Desci á cripta. Já se sabe ; licença especial, verbosamente gratuita, mas custando tres liras entregues pelo sistema do contrabando russo : pagamento, com a mão esquerda á mão esquerda pelas costas. Traduzi e argumentei inscrições. Errei quanto ao local, todavia duvidoso, da morte de Bonifacio VIII ; pilhei, porém, em erro bravio e caustico o ilustrado reverendo que me acompanhava : pilhei-o ignorante de que João XXI tivesse sido portuguez. Gostei. Agradavel a malignidade pedante em seara alheia ! Despedimo-nos cutucantemente ; disse-me o frade : “Bonifacio VIII morreu na prizão” ; cortejei-o, repetindo pela quarta vez : “João XXI era portuguez”. Se lhe não dobrei a bengala ao lombo foi porque tive receio de que elle me fizesse o mesmo. Só porisso.

.....

Pedi e aceitei explicações a respeito da astucioza ironia de Bernini nas quatro admiraveis colunas do altarmor ; o cazo, eu o conhecia assim como quem sabe muzica de ouvido. Ella e ellas, ironia e colunas, aludem a facto intimo ; talhou-as o artista para se vingar de papa cujo sobrinho, demaziado ardente, obtivera impunidade em ilogica amoroza perturbadora da paz familiar de Bernini.

— Estaquei deante da Piedade. Imobilizou-me aquella inexcedivel exatidão do sentimento. Aflitiva exatidão ! Aquelles braços afinados, palidos, inertes, descarnados, sem pulso, dedos algidos, eu os vira, eu os sofrera havia poucas semanas, eu os dobrára em feição derradeira. Eu estava a enxergar os braços de minha mãe. E, angustiado pela maior das saudades, terminei minha vizita ao maior dos templos.

.....

MOISÉS.

— Parecia-me impossivel ! O mesmo cinzel que interpretára a resignação, a bondade, a piedade, a dôr em sua maxima indagação, era o creador desse Moisés que me acorrentava durante uma hora que me impunha o assombro e o espanto ? !

— Parla ! disse-lhe Miguel Angelo, e a estatua obedeceu. E, prodigioza, inexcedivel de perfeição, emquanto mundo e arte existirem, ha de falar esse Moisés, a traduzir e entreter todos os sentimentos superiores da alma, a sumariar as mais elevadas concepções do espirito. Esse marmore pensa ? Manda ? Perscruta ? Decide ? Que vê olhando para a esquerda ? Tumultuam-no os pensamentos, sem que vacilem, por instante sequer, a paixão da soberania e a violenta convicção do predomínio. Sente-se que todos os heroismos se reúnem naquella obra prima da escultura moderna. Ha, naquelle modelo, consubstanciados, reajuntados, o condutor de povos e o organizador de civilizações.

Era tão grande o que estava eu a ver ! E tão pequeno o que, para avaliá-lo, me fornecia a memoria ! Quanto aquella revelação do genio em sua pujança inflexivel, em sua eterna louçania, revelação inteiriça, energica, se distanciava do apenas corajozo sabio que eu encontrára em Diodoro Siculo ? Do magico da *Apologia* de Apuleio, apupado o seu nome porque proferido numa das ocaziões mais misticas, e por isso mais precocemente caducas da mentalidade humana ? Do legislador eloquente, que Strabão celebrava, harmonizando pela amenidade e pela persistencia vencedores e vencidos, tribus e instituições ?

Que valiam migalhas de alimentos classicos deante do prodigio cuja comprehensão me dezanimava de altear a intelligencia á altura desse Moizés legendario, emigrante rezoluto, arrojado centralizador dos ideaes semitas?

Aquelle marmore, aquella estatua... E' Jupiter de Fidias, tambem sentado, mas tambem uma das sete maravilhas desse lago onde nasceram e renasceram civilizações. E' Adonai, feroz, irado, mas poderoso e imponente tambem. E' Tezeu, humano, porém delineando lá da penumbra mitologica os superlegaes de Aristoteles, os representativos de Emerson, os heroes de Carlile e o superhomem Frederico de Nietzsche.

Olhei. Olhei. Vei-me impeto de abraçar as pessoas que me ladeavam. Senti orgulho de ser homem, de pertencer á especie que esculpiu Moizés. Retirei-me, no entanto, de cabeça baixa. Acabrunhava-me a maior sensação artistica que até então experimentára. Aquelle marmore, aquella estatua...

.....

OSSOS — MARÇO, 2.

— Num vasto almoço oferecido pela distintissima familia Bruno Chaves, reato relações com o arroz de forno. Reato-as, horas mais tarde, no sumtuozo Hotel Excelsior (num five ó clock, chibante de bilhetes de rifa, bispo do Maranhão, marquezas e duquezas bonitas, tendo uma destas me prometido aceitar o conselho, que lhe dei, de nunca mudar de idade e de fizionomia), com Magalhães de Azeredo, pacato diplomata e suavissimo poeta, que me recordou haver, em S. Paulo, 1892, rua de S. Bento, a propozito da despropozitada depozição do dr. Americo Braziliense, tomado parte activa num motim que (foi sempre isso!) a policia me obrigou a promover.

No intervalo entre o arroz e o poeta, convidei-me a conhecer a Igreja de S. André, séria e ultima construção do gaiato Bernini, tendo ainda arranjado algum tempo de demora na dos Capuchinhos, basilica encomendada pelo infatigavel Urbano VIII.

Na sacristia da primeira, e manifestamente mais antigo do que ella, está um formoso Cristo, luzente, com a meiguice do olhar a exigir que não se sáia dali sem que ao exame da tela suceda alguma saudade de deixá-la. A um padre velho, com traços inequívocos de jamais haver assustado o mundo com os seus conceitos, a quem pedi que examinasse com uma lente se era com efeito a data de 1612 a que me parecia estar no reverso do quadro, ouvi a declaração de que nunca ouvira falar de lentes, desconhecendo em absoluto o que fossem ellas.

Na Igreja dos Capuchinhos duas coizas notaveis reclamam recordação. E' a primeira o copiadissimo Mercurio christão : S. Miguel vencendo o diabo ; este com o rosto baralhadamente dividido : parte de Miguel Angelo e um pouco menos de Clemente VIII ; aquelle, o anjo, belo, num tenuissimo azul, mas energico, vingador, e com a espada prestes a ferir. A' direita, quazi a alcançar o meio do templo, o Extase e a Morte de S. Francisco, superior concepção e sofrivel execução, não tendo podido a unidade da segunda corresponder ao duplo pensamento da primeira.

— Tem tres metros e meio de comprimento e tres de altura cada um dos tres compartimentos aos quaes desci, e onde me aguardava um espetaculo inesperado e originalissimo. Ordeiramente sobrepostos, fingindo candelabros, leitos, almadaques, cadeirinhas, limpissimos e alvissimos ossos de — deram-se esse numero como averiguado — quatro mil frades capuchinhos. A's pare-

des do corredor, linhas de ossinhos, ora em réta, ora em torcicolos, em caprichados arabescos, distraíram-me lugubrememente a imaginação.

Procedesse ali o profeta Ezequiel ao segundo chamamento de ossadas, e não sei como caberiam em tão limitado espaço quarenta centenas de capuchinhos!

E com a idéa de morte fecho esta nota. Coincidencia: aniversário da de meu pai. Teria hoje oitenta e sete annos. Coração inteligente. Lealdade ilustrada. Altivez generosa.

.....
VILA BORGHESE. VATICANO. MARÇO, 3.

— Na Vila Borghese cabem perfeitamente duas cidades. Por ter mais espaço disponível do que uma cauda de orçamento, não negou ella residência a duas estatuas que lh'a pediram com relativas alegações: a de Goethe porque lhe morou numa das ruas algum tempo; e a de Victor Hugo porque, franceza, necessitava de ostentar contradita á allemã. Corretas, bonitas, muito bem rodeadas de jardinagem ambas; a segunda, porém, é mais barriguda do que a primeira. Explica-se: foi mais politico o modelo.

Perguntado, esclareceu-me o guia tratar-se de presentes que a delicada Vila Borghese não poderia recuzar sem ofensa aos elementares preceitos da cortezia. Concordei, mas raciocinei. Ha presentes que devem ser passados (adeante). Nesse genero, hoje na Pinacoteca do Vaticano, esbarrei num retrato de Jorge IV, gritante de penduricalhos, incômodo, possivelmente alcoolizado; aquillo ainda acaba pagando carceragem! Ainda no genero: em 1884, um goiano, delirante da leitura de artigos do conselheiro Bernardo Gavião contra o conselheiro

Andrade Figueira, enviou de presente ao chefe liberal paulista uma onça. Onça grande, insaciavel. Tenho dito.

— Cinco milhões de francos pagaram os dois orgãos com que um norteamericano mimozeou a Igreja de S. Felipe. Isso, sim, é saber dar presentes! Concordei em que m'os mostrassem, assim como os tétos enriquecidos por interminaveis e caprichozos trabalhos de entalhe; não consenti, porém, que o mesmo me fizessem com o corpo do santo. Excessivamente tímido, e demais ignorante do ao qual dos quatro Felipes canonizados teria de prestar as minhas homenagens, adiei a apresentação sine die. Perto, porém, me foram inevitaveis tranzitorias relações com a salada equestre, doirada em cima, marmorea em baixo, bronzeada dos lados, mas da qual a figura jubiloza de Victor Emanuel corrige pela simphathia o acumulo de incongruencias.

— Rumo ao Vaticano. Reentro nos dominios pontificios. Disponho ainda de duas horas. Aplico-as. Que levo eu daqui?

Murillo? Mas o *Cazamento de S. Catarina*, já eu o conhecia por copia cuja fidelidade respeitára o olhar esperto das crianças e a tradicional suavidade das virgens. Andréa del Sarto? Sano de Pietro? Mas o colorido d'aquele não está perto do ótimo e no *Cazamento da Virgem* as onze caras, lapidecentes e reproduzidas, de moças feias, e sobretudo aquelle menino malcreado, manhoso, aconselham a gente a ir ver outra coiza, sejá lá o que fôr. Lionardo da Vinci (na plaquinha está Leonardo)? Mas o S. Jeronimo, tema fartamente explorado na arte cristã, além de se não prestar á graça e ao encanto do sabio artista, está incompleto, vizivelmente incompleto. Perugini? Mas a sua *Ressurreição* inferioriza Cristo até quando se o compara aos soldados que dormem no primeiro

plano. Muito complexa embora, e embora com a provavel colaboração de Julio Romano, lhe é superior, agradavelmente superior, a *Ressurreição* de Rafael. Aproximada as duas grandes telas (como é de uzo gratificado) para que se as compare, a primeira aborrece.

Mas que levo eu daqui? Muito. Levo Rafael significando toda a pureza ideal da Renascença. Levo as sete creações da Madona de Foligno, cada uma das quaes consagraria um mestre. Levo aquelle lindo azul do quadro, onde até as nuvens falam.

.....

CAPITOLIO E ADJACENCIAS — MARÇO, 4.

— Dia lindo. Muita luz. Muita gente. Muito movimento. Roma saiu á rua. Fosse em Tremembé e o padre Valois perguntaria: “Que procissão ha hoje?”

— Leio á porta da Egreja de S. Bernardo: Indulgencia plena e perpetua. Não entro. Quando a esmola é grande, o pobre desconfia. Entro, porém, intencionado por competente recomendação, em S. Maria da Vitoria. Arte, tanta! Seus seis altares são diversamente belos. O pulpito, ladeado por seis imagens de marmore, está atraentemente colocado á direita do altar-mor. Não me posso demorar, porém; tenho hoje compromisso com outros pontos da Cidade Eterna; ella o é, eu não: por isso devo dozar o meu tempo. Segrego na atenção uma das estatuas. E’ dum santo, hirsuto, triste como os seus cinco companheiros. Não lhe consegui saber o nome, menos a lenda. Felizes os santos que não têm historia!

Os helenos desciam do Olimpo deuzes, irados e valentes, para os envolver nos interesses cá de baixo; nós os neo-semitas latinos remetemos para o céu constantemente

deuzes tristes. Em toda a teogonia catolica a semsaboria da insipidez descontenta e aflige. Não ha santo alegre. Tem o japonéz a sua Okamé, ridente, satisfeita, á parede das salas de refeição. Tinha o grego Sileno, Pan, Baco. O etrusco incluia em suas preocupações o culto de Cloacina. E nós, os educados nas tradições cristãs, só admitimos a permanencia duma hipocondria que monotoniza nossas esperanças no além.

Li a Biblia duas vezes ; consulto-a seguidamente ; e nunca em suas tantas paginas encontrei uma gargalha da !

Nem nas suas consequencias. As historietas de S. Cristovam espancando o diabo, o S. Gervasio rezolvendo panaricios, mal provocam um começo de sorriso.

Esquizito ! No Brazil, se o bem é triste, o mal é alegre. Satan e Belzebú, rei e locotenente do inferno segundo a lição poetica de Milton, não fizeram carreira do Amazonas ao Prata. Ariel, Abdiel e Asrael e outros diabos caldeus só têm tido entrada nas comedias do teatro. Dos demonios indigenas faleceram completamente Anhangá, Boitatá, Curupira ; está moribundo o Saciperê, e o Caapora, se reziste ao enterro no esquecimento publico, deve essa vantagem unicamente ao facto de, alterando a assinatura para Caipora, se haver mudado para as bancas de jogo acudindo ao nome de sapo. Nem esses, nem o Pedro Malazartes (S. Pedro, impopular na Iberia durante a idade média, por mentir tres vezes a Cristo), nem o fradinho da Mão Furada, nem mesmo o Calhapembe, o Tinhoso e o Coizaruim, diabos que, com o setentrional Lobisomem, moraram nos nossos centros agricolas á custa das historias que mucamas contavam ás filhas dos fazendeiros, nem elles, amedrontam deste lado do Atlantico o povo que os despreza solenemente !

Penso que isso está errado. Preferiria diabos tristes e deuses alegres. Não me ocorre, porém, concerto a dar aos erros da natureza. Não fui consultado a respeito de sua gestação. E conformo-me com o ensinamento de Laplace : o mundo é o que é e não pode ser outra coiza.

.....
— Ao Capitolio. Tem cem passos dos meus, trezentos do Dr. Sabino Barrozo, a ladeira que me leva ao Capitolio. Tem treze metros, não mais e sem rocha. a Rocha Tarpeia no local que os guias lhe dezinam. Tem pernas, magras o cavalo que aguenta o pezo e a censuravel equitação de Marco Aurelio. No pedestal, e certamente nos calcanhares desgrudados de Sua Majestade, entremeteu-se Sua Santidade Paulo III, com a mania de inquietar a escultura antiga impondo-lhe modernizados acrescimos. Nos Dioscuros, então, essa teima obtem sucesso de hilaridade.

— Bustos de Virgilio e Cicero gozam de autenticidade bastantemente endossada, mas Clodio pouco atletico e Bruto excessivamente jovem reclamam alguma contribuição da boa vontade para que alcancem fóros de incontestaveis.

E ha tanta coiza aqui para não ser admirada ! Arquimedes com uma orelha recém-nascida ; Zenon de boca aberta, incitando á desconfiança de falta de moscas no Peloponezo ; e aquella, aliás cotadissima, Venus Capitolina, com a mão esquerda assanhadamente restaurada para cima : não, não combina a consciencia artistica com a petulancia das restaurações. Não é restaurador quem quer. No Vaticano, lembro agora, a verdade dessa mentira tópa, entre outras demonstrações, com a de Hercules e a Hidra de Lerne. Ao filho de Alemena faltava uma perna, que apareceu depois de restaurada.

Dezastre! Nem dimensões, nem maneira, nem realidade na direção da perna, nem firmeza na relativa posição dos dedos: tudo dissimilhante da perna que se conservara!

A do original é forte, é Hercules; a outra é da série b; é besta.

Mas, também, ha tanto que ver! No Gladiador Ferido, até os musculos gemem. O Marte dezafia que digam o que lhe falta. O Apollo está a exigir criação de palavra que suplante o superlativo bellissimo. O Septimio Severo, de alabastro, enriquece a sensibilidade do observador, minima que seja a sua educação artistica.

— Sol poente. Vou utilizá-lo no Jardim Zoologico. Bom passeio; magnifica diversão. Vejo pela primeira vez tigres de Bengala, ursos brancos e hienas. Abundam ursos, lobos, mansissimos elefantes e simpaticos hipopotamos; ha javalis e onças pardas. Todos esses meus irmãos em Darwin — por não terem, como eu, mãos que obedeçam rapidamente ás ordens da vontade, e porque, olhando para baixo e não para cima, dispõem de quazi nula previzão, ignorando sua posição na terra, e a da terra no espaço — se deixam governar por meia duzia de funcionarios franzinos, poltrões, insignificantes no meio dos da sua especie. Exceto Orfeu, nem um homem foi notavel por haver sido inspetor de animaes bravios.

Imitada, dizem-me, da de Hamburgo, a fórmula da habitação das feras, enganando a vista e disfarçando fossos intransponiveis, traz a iluzão de estarmos perto, muito perto dessa porção de bichos. Pareciam-me ao lado, quazi a roçar-me, quando se lhes distribuia a ração da carne. Irritante a roedura de tanto osso.

Chamei á fala o guardador-chefe de tantos prisioneiros, cara sagaz, e roupa fedorentamente suja. Expliquei-lhe pacientemente que o filozofu Lucrecio, seu provavel antepassado, versejára ter o leão duas particularidades dignas de reparo: uma unha na ponta da cauda e medo do olhar do galo. O homem, atento, confirmou-me a primeira, prometendo-me verificar a segunda. Se cumprir a promessa, gratificá-lo-ei ensinando-lhe a mudar roupa mesmo quando não tenha roupa para mudar. Em 1894, prezo na ilha das Enxadas, certo de que a lavadeira se lembrára de esquecer minha roupa limpa, eu virei toda a roupa suja pelo avesso; vesti-a, salvando assim o asseio da situação.

— Fui, ainda, ao Pincio, recémligada continuação do Jardim, e donde é facil descortinar, pelo menos, dois terços da cidade. Ergue-se num dos seus pontos extremos a Academia Artistica de França. Estava fechada; questão de indole. Cobra duas liras por mez por aluno estrangeiro; questão de preço.

OBSERVANDO.

— No refeitório. Tres livros carregados por duas inglezas, irremediavelmente manas, e um inglez condenado a marido de qualquer dellas, enchem a meza que me fica á direita; essa meia duzia vem, vai, volta, senta-se, levanta-se, sáe, entra; tudo isso silenciosamente. Nada reclama o inglez; as inglezas não proferem palavra. Daquella meza as silabas são desterradas. Gente enigmatica. Doutro lado, muito mais decifavel, me fica um italiano, moço, official de marinha, irrequieto namorado duma francezinha que lhe está á prôa mastigando arre-cadadoramente. Se se cazam, quanto terá de manobrar o jovem marido para içar o talher em dia!

— Vou ao salão de leitura. Sei que não ha jornaes do Brazil; peço-os com insistencia, mas delicadamente. Practico o que Robespierre definia “o aristocratico prazer de ser incomodo”. Tento verificar, num numero do Times semanal e no discurso de posse do prezidente democrata Wilson, se cabem ambos no meu stock de inglez. Eloquente oração. Honesta. Pacifista como todo discurso de orador que não está embriagado. Quazi o entendi inteiro. Gostei. O illustre advogado quer a justiça, o direito, a seriedade, a liberdade. Perfeitamente.

Ainda não vi programa administrativo que consignasse o furto, o jogo, o impudor e o assassinato como meios governamentaes. Porque? Medito. Tudo neste mundo é incerto, mutavel, transitorio. Ninguem tem, quando governo, o mal como programa; e ninguem mais do que o detentor do poder tem interesse em que tudo caminhe bem. O politico que realizasse o seu programa faria uma administração angelica, original: uma administração tão sublime que os governados lhe não consentiriam que voltasse a ser simples particular. Consequencia: quem no poder realizar o seu programa será sempre poder; ora isso não se harmoniza com a natureza das coizas: porque tudo neste mundo é mutavel e transitorio.

Eis porque ninguem cumpre o que promete. Eis porque o mais que um politico póde fazer é aproximar-se do seu programa; realizá-lo, nunca. Seria suprimir o mal, o que desvalorizaria o bem por falta de contendor. Desmanchava-se o mundo todo.

NA CAMARA DOS DEPUTADOS. MARÇO, 5.

— Velho, mas sem o veneravel prestigio de antiguidade, é o edificio da Camara dos Deputados. Velho

em tudo. Nos trastes, na construção e até na vadiagem parlamentar. Inferior ao do Brazil no tamanho da sala das sessões, embora maiores tenha as galerias para espectadores. A imprensa fica fóra do recinto, podendo os deputados que gozam de valvulas na moral entrar e sair sem que a intrujice os apoquente.

Vinte e nove deputados assistiam á sessão ; quatorze eram calvos ; moço, nem um. Debatia-se concessão de linhas ferreas em localidade tripolitania recemannahada. Tres foram os discursinhos lidos em largas meias folhas de papel pautado. Respondeu-lhes o ministro da Viação. Não se ouviu, do que sua excellencia disse, uma fraze inteira. Muito bem ! Mas mesmo, muito bem !

Acolhido por expressivo movimento de atenção, aumentado aliás pelo concurso da gente que veio dos corredores, levantou-se o deputado Turati. Dição rapida. Conceituozo. Conhece-se immediatamente o esgrimista a retorica. Auxiliam-no boa estampa e voz agradável, dotes indispensaveis aos grandes oradores. Fazem-lhe magnifica atmósfera moral a justa fama em questões de dinheiro, e a dedicação dezinteressada ao fraco, ao operario, ao trabalhador, ao pobre.

Aguço olhos e ouvidos. Preparo-me para o enlevo Vou escutar e entender o *vir bonus dicendi peritus*, que Catão definiu e Quintiliano adotou para modelo dos seus discipulos. Maçada ! Projeto perdido ! O homem está de costas voltadas para a tribuna donde eu o quero observar ; nem mais a cara lhe vejo. Perco infelizmente toda acção oratoria desse talento politico em via de estadista, e cujas qualidades parlantes eu pretendia comparar com as dalguns oradores que, por debates notaveis, me permaneciam na lembrança.

Tinha eu doze anos quando ouvi, em 1865, a celebre réplica de Jozé Bonifacio a Nabuco de Araujo e a irrespondivel tréplica de Angelo Ferraz a José Bonifacio. Galerias repletas. Atenção em alerta. Dois anos mais tarde, ainda criança mas explicadamente curiozo, acompanhei sem pestanejar, encostado a uma balaustrada onde um continuo me fiscalizava, a interpelação de Joaquim Manoel de Macedo e a resposta de meu pai, então ministro da Justiça. Interessante e renhido debate sobre incidentes da guerra do Paraguai em seu periodo agudo, entre dois professores, letradissimos, tão amigos quanto adversarios! Alcancei-os ainda na Camara em 1880; dambos fui colega, tendo já sido discipulo. Escutei Silveira Martins, Ferri, Jaurés. Aplaudi-os, admirei-os, mas de frente, sempre de frente. De costas estivessem elles, e ter-me-ia esquecido mesmo de que houvessem discursado. O orador, para quem lhe não olha os olhos, que são as janelas da alma, para quem lhe não pode conjugar o gesto ao pensamento, a acção ás asserções, transforma-se em um ser estranho, inesperado, embaraçoso. Ficam-lhe incompreensiveis os meneios, e inconstantes, protuberantemente excessivas, as suas rotundidades adipozas. Parece uma galinha poedeira.

Na Camara dos Deputados, no Brazil, tendo-me eu removido da bancada paulista para a de Matto Grosso que lhe está a cavaleiro, não consegui ouvir de frente qualquer discurso dos deputados por S. Paulo.

NO FORUM. MARÇO, 5.

— Não estou em minha caza, mas estou em caza conhecida. Livrinho de H. Tedenat e um rapido exame da Roma restituta (nitido rezumo da cidade no IV seculo P. C.; entrada uma lira; á esquerda um busto per-

feitissimo de Julio Cezar), alinhando-me idéas, me impediram de confusão numa area tão grande e, ao mesmo tempo, diminuida pela excessiva aglomeração de monumentos.

Partindo de Vicolo Orfeo n.º 3, telephone 5132, e pedinte de que eu o recomende aos brasileiros em geral (o que estou fazendo para dez annos depois de minha morte), encontra-me o guia Rufini Emilio. Engana-se, ou pensa enganar-me, attribuindo a Trajano inscrição da época de Augusto. Tento peitá-lo. Ofereço-lhe cincoenta liras por sestercio incrustado no chão, á direita da Curia, onde o Senado celebrava sessões e onde, hoje, S. Adrião tem noticias duma egreja que lhe recorda o martirio. Recuza pezarozo, deixando-me na duvida se trato com um sincero, se com um silingornio.

Mas o cazo me está a intrigar. Moralmente, tão desbriado é o corrompido como o corrutor. Nem a venalidade existe sem o concurso dambos. Hum! Na pratica a sentença não póde ser tão radical. Menos ainda na politica.

Euzebio de Queiroz, conservador, poder em 1851-2, sempre pobre e probo, ha de descer da altura, que incontestavelmente ocupa na veneração brasileira, só porque a verba secreta encomendava ao redator do Grito Nacional, portuguez, em linguagem, cuja virulencia desconceituasse a opozição, ofensas ao imperador e sua familia? O segundo Paranaguá, tres vezes prezidente de provincia, uma do conselho, ministro cinco vezes, juiz integerrimo, politico pobre de dinheiro e rico de serviços ao paiz, perderá o titulo de homem de bem porque, quando no poder, consentia que os jornaes adversarios, vitimas de oportuno desmancho nos cilindros, recorressem ás officinas do *Diario Oficial* justamente quando abrandavam no emprego de adjetivos deprimentes? A gravidade

das nossas tradições democraticas dezaparece porque as viagens, regulares de preço e de prazo, de Borges da Fonseca e José Maria do Amaral (republicanos depois de mortos) coincidiam com a cessação dos motins no Recife e da irrequietação jornalística na rua do Ouvidor? Jugurta será tão criminozo como Lucio Opimio? Hei de rezolver isso em Salustio, no Brazil. Agora tenho coiza mais exigente a atender. Um sentimento de gratidão me chama á Cloaca Maxima.

— NELLA. DELLA.

O local não é de minha especialidade. Mesmo do que li, ha muitos anos, em Sexto Frontino, sobre limpezas de Roma, nada ou pouco recordo ou aproveitei. O sentimento do dever, porém, manda-me á Cloaca Maxima; aqui a gratidão, esse imperativo categorico das consciencias equilibradas, reina, governa e administra no meu proceder. Peço, obtenho e pago meia duzia de cartões postaes; e, nuns em proza, noutros em quadrinhas irrequietas, envio saudações a varios jornalistas fluminenses. Aliviado dessa obrigação, dirijo-me a outras ruinas.

MAIS FORUM.

— “Quem te viu e quem te vê!”, foi o que exclamei deante do Templo de Saturno, reconhecivel apenas pelas oito colunas que lhe restam. Coitado! Começou ha vinte e quatro seculos como erario publico a sua respeitavel carreira historica, e acaba despecuniado como qualquer fim de mez! Muito mais moderno, e ainda mais desvalorizado, pois só lhe restam tres colunas, é o de Vespaziano. Nos seus destroços, examinei-os, não vi nem uma mosca; indiscutivelmente quem o construiu foi o calvo Domiciano. Do estilobato, quazi só o que

subsiste do afamado Templo de Castor e Pollux, guardo a lembrança de autenticos, branquissimos e belissimos marmores de Paros.

— Vou mandar ao Vieira Fazenda uma flor, colhida bem no meio do local onde deveria ter existido o Templo de Vesta, mas com a condição de o mestre esclarecer-me a respeito da aparição de S. Antonio, em defeza dos pernambucanos, na batalha das Tabocas, 3 de Agosto de 1645, e quando, pela primeira vez, tropas europeas, arregimentadas, foram vencidas na America. Isso por natural associação de idéas.

Si Castor e Pollux, a cavallo como estão nos denarios, desceram dos céus para decidir da batalha do Monte Regillo; si Cristo entrou em combate, na vanguarda, no decizivo prelio de Ourique; se a Santa Cruz influiu brilhantemente na ponte Milvia contra Maxencio: porque estaria o ilustrado S. Antonio, numa época intensa de milagres, impedido de inaugurá-los, como uma novidade aceitavel, cá pelas terras do Novo Mundo? Responde-me, Fazenda!

— Não sinto, nunca senti, absoluta necessidade de adquirir opinião deciziva a respeito do papa Zacarias; seio-o na historia por haver bazeado o cazo carlovingio, que sem elle teria mesmo de vir. Tomou-me hoje, entretanto, S. Santidade dez minutos de atenção quando, no Impluvium, e sequentemente apreciando as decorações muraes da Egreja de S. Maria, a duvida a seu respeito e do seu episcopado me torturou a intelligencia sempre avida de acerto e de justiça. Esse grego foi um bom ou um mau? Anular, destruir a livraria de Augusto, substituindo-a por uma egreja, é tollice; iniciar, porém, a grande, e espantosa Biblioteca do Vaticano é alcançar direito á gloria. Como sentenciar Zacarias? Como?

Não sei. Vacilo. Em identico embaraço estava, ha mais de quarenta anos, o tribunal do juri de Taubaté, ao julgar um assassino que, na vespera do crime, praticára outro de defloramento que o fizera pai. — “Matei um, mas fiz outro”, defendia-se o réu. Foi absolvido pelo voto de Minerva.

— Plena antiguidade. Já os antigos romanos lhe não entendiam a inscrição! Vejo a Pedra Negra, e á esquerda de quem olha para o Arco de Constantino tomo a escada de madeira e desço á Cova. Prelatino o que mal consigo soletrar sem relacionar as silabas. Etrusco? Indecifrável? Não estará ali o nome secreto de Roma (Valentia?) Não revelará algum dia, a qualquer Letronne ou Champollion, esta misteriosa inscrição a identidade de Pitagoras e Numa Pompilio?

Para se não retirar o vizitante com as orelhas abando, dizem-lhe que a Cova guarda ou é o tumulo de Romulo. Pois sim! Essa legenda de Romulo e Remo, tem-na a critica historica como repetição mal alterada da de Caim e Abel; já a buscara parodiar a mitologia helenica sacrificando Eteocles e Polinice ás terriveis imprecações de Edipo. Estupida! a influencia do fratricidio na historia, na legenda, na inveja e na delegacia de policia!

Subo. Perto me está o Arco de Triunfo de Septimio Severo, dos menos incompletos monumentos do Forum. Ora! Mais fratricidio; dos filhos desse Severo, um Caracala, foi severissimo contra o mano Geta: matou-o e excluiu seu nome do monumento. Fez trabalho completo.

— Uma lição inesquecivel: é maior a soma de monumentos legados pelo cazarismo que os deixados pelo patriciado republicano. Explicação? Talvez porque sob as consequencias rezultantes da vitoria do camponez

do Arpinio, sobre aristocracia dezaletada pela falta de sucessor digno de Sila, o povo, logo que os debates senatoriaes se tornaram publicos, adquiriu mais consciencia dos seus direitos ; ficou mais exigente de gozos, de documentação de glorias, de soberania, de monumentos, de espetaculos.

Depois da passagem do Rubicon, cresceu a depravação nos costumes ? Provavelmente. Maior a nau...

COM O PAPA. MARÇO, 6.

— Leão XIII era Sumo Pontifice ; Pio X é apenas Santo Padre. Gordo, bondozissimo, olhar meigamente amortecido, conversando num francez vagaroso e quasi não italianizado, correspondeu o actual chefe do catolicismo á idéa que delle me haviam, informantes, feito fazer. Nos dominios pontificios (população : oitocentos e trinta sete homens ; mulheres, não sei), graças á influencia de nossa amavel e geitoza legação, minha entrada foi rapida, e minha saida gratuita. Atravessei uma serie policolor de grupinhos mais ou menos militares; examinei na antesala, mobilada com indizivel luxo, duas exorbitantes jarras chinezas ; admirei o dezenho do avermelhado tapete ; fui chamado ; entrei ; vi o papa. Era dia de grande recepção. Doente, o que lhe augmentava a natural mansidão fizionomica, só poude Pio X, da centena de vizitantes que, duma feita e em vasto compartimento lateral abençoou sorridente, receber, de pé e numa das suas muitas saletas de conferencia, o meu cazal e um irlandez, professor, que implorava benções para a espoza enferma. Com a mesma imperturbabilidade com que, ha vinte e seis annos, assistira ás cerimoniaes do Yom-Kippour judaico, respeitoso ás crenças alheias e sincero

na minha inofensiva descrença, ajoelhei como os outros, beijei o anel escurecido (pareceu-me) do ocidental Dalai-lama, e esperei a minha vez de falar, que aliás pouco tardou.

Em explicito francez, discursinho decorado, pedi ao Santo Padre indulgencias para o dr. João Galeão Carvalho que, um ano antes, deliberadamente, sabendo que eu era incapaz de aceitar logar que me não pertencesse, mandou na Camara dos Deputados do Brazil tres bócios (ao olhar interrogativo de S. Santidade expliquei corresponder o vocabulo “bóco” ao francez “grotesque”) apresentarem emenda contra a minha eleição e em favor de demonstradas falsidades. Intervindo com ademanes repreensores, interrompeu-me minha mulher implorando bençãos para sua familia e seu paiz. Insisti, porém, e obtive de S. Santidade o que dezejava. Não foi, pois, inutil o trabalho, que tive, de subir os centos e vinte oito largos e altos degraus que amparam os restos do poder temporal do sucessor de S. Pedro. Retirei-me gratissimo.

Mais Vaticano.

— Tres horas empreguei em percorrer salas do Vaticano. Uma, a que contém as doze sibilas ao lado de doze profetas, trabalho de Bentivoglio (caza nova no vispora dos meus conhecimentos) reobrigou-me á reminiscencia de Pompeio Gener e da trapalhona permanencia, no *dies irae*, duma daquellas pagãs ao lado de David, o ungido do Senhor. Na Clementina a abundancia de luz e a vivacidade das pinturas bem corrige da duvidoza impressão que o morno de outras salas, onde Pinturicchio alternou viciadamente a flacidez e a audacia, não deixa de determinar no animo de quem lá se retarda.

Uma compensação, porém. Mais do que aquelle trono moderno, em pechisbeque na sala do Consistorio,

avanzando contra quem chega ; mais do que a originalidade do servente do cardeal Vives y Tuto encomendando-me um selo brasileiro de 5\$000 para inicio de relações amistozas ; mais do que a restauração das, hoje, abertas e apreciadissimas salas dos Borgias, empreza devida a Pio IX e Leão XIII ; mais do que a cara redonda e o pescoço corretissimo de Julia Farnéze ; mais do que tanta coiza a me justificar a indignação e esgravatar-me a seriedade : lá encontrei, numa das salas, em sete trabalhos rodeando o inolvidavel této, a classificação das sciencias do decimo quarto seculo. Lá estavam, cada uma no seu interessante quadro, a gramática, a didatica, a muzica, a aritmetica, a geometria, a retorica, a astronomia.

Raimundo de Lulle ! Esqueceram-te, mas aproveitaram para o seculo seguinte ao do teu genio a tua classificação de sciencias. Como Crisipo antes de ti, e Cardam depois, soubeste tudo o que em teu tempo se sabia, tudo o que ignoram os que, ainda hoje, nem sabem que exististe.

NO ARQUIVO.

— Convidam-me a percorrer os jardins, os afamadissimos jardins do Vaticano. Recuzo acceder á amabilidade. Não entendo de plantações, especialmente de horta e jardim. Em 1876, solteiro, na Limeira, advogado, estreante dono de caza, fiz uma plantação de rabanete. Nasceu couveflor. Dezisti da lavoura.

— Das cincoenta salas, nem todas grandes, que guardam o Arquivo do Vaticano, uma dellas porém com trinta e seis metros de comprimento, só vizitei quatro. Perfeitos pergaminhos. Tudo tão á mão ! Serviço tão bem gerido, regido e dirigido pelo competente e faceto Emilio Rezzini !

— Li, traduzindo-a aos pulinhos, uma bula de Xixto V., longa como a esperteza desse pescador de preeminencias. Abri ao acaso um dos quinhentos volumes de cartas de mandões, principes e imperadores, e fiquei conhecendo, sem vantagem palpavel, a firma de Constantino Franchecci, doge em 1709. Boa tinta. Letra peor que a do Oliveira Lima, coiza unica, aliás, que não presta no maior dos pernambucanos vivos.

Na sala numero oito, e foi a que mais me interessou, na primeira prateleira á esquerda, estão encadernadas, catalogadas em ordem impecavel, de 1815 a 1850, as relações diplomaticas da Santa Sé com os poderes profanos, constituídos. Em 1892, no Senado paulista, projecto que apresentei pedia dez contos para, por cópia de documentos do arquivo espanhol de Simancas, serem preenchidos alguns dos muitos claros da historia dos paulistas. Anos mais tarde, antes de ser comerciado o *Jornal do Commercio* de S. Paulo, delle enderecei amavel artigo ao coronel Antonio Franco de Lacerda, influente estadista estadual, convidando, retomado aquelle projeto, s. s. a solidificar suas relações com as letras. Perdi tempo e projeto. Valha-me a intenção.

Acabrunhado por esse deziludido recorde, retiro-me do Vaticano e vou dormir uma hora.

.....

OSTIA. IDA E VOLTA.

— Apenas cochilei. Mas descancei. Em meia hora ; presença dos convidados, todos ; dois automoveis ; partida para Ostia, cujas escavações têm sido noticiadissimas. Distancia : Vinte kilometros. Cinco horas de ida e volta. Diretor comandante da expedição : Adalberto Rechstei-

ner, inteligente com illustração acima da média, e na média da dos nossos officiaes de marinha.

— Tumbas velhissimas. Bonitos mozaicos. Restos dum teatro cuja encenação era, em parte, movida por agua, o que tem dado agua pela barba aos archeologos. Uma inscrição de saida, inexplicavel, num muro no centro da primitiva povoação.

A despeito dos compendios, está a topografia a ensinar que Ostia é mais antiga do que Roma. Anco Marcio ahi continuou o que já achou muito principiado. Ostia proporcionou mais tarde férias e banhos ás classes menos favorecidas da fortuna, e isso talvez até o começo do V seculo P. C. As invazões, especialmente as sarracenas, diminuíram para quinze ou vinte centenas população que já attingira a oitenta mil habitantes nos dias de paz e de ventura. Soterrou-a destruidoramente o terremoto humano. Mataram-na. O que se está aqui a revelar é mais do que uma cidade morta : é uma cidade assassinada. Sente-se-lhe a rigidez cadaverica. No vortice dos interesses mediterraneos, Ostia foi, ainda na sua maior vivacidade, obediente satellite de Roma. Ha povoações-individuos ; passam sem historia. Felizes por isso ? As escavações de Ostia que o digam. Efectua-as um doutor austriaco-germano. Descobertas, estudadas, dezenhadas, as cazas são, acto continuo, restauradas. Reviverá Ostia ? Restaurada, talvez.

— Lobrigou o olhar esperto duma companheira de excursão, num tablado angular de teatro semiescavado, em pintura conservadissima num fragmento de barro, como que nos dezafiando a atenção, e exhibicionista a seu modo : um vaso, pequeno, alto de oito centímetros, seis na largura. Vê-lo e furtá-lo foi obra dum momento ; o momento em que o operario, magro, descendente de

qualquer centurião, tinha o rosto voltado para o polegar concludente e ordenador do germano. Das ruínas aos automoveis o percurso foi subjetivamente grave. De instante a instante o caquinho mudava de portador ou de bolso, enquanto bipedemente um soldado, injusto alvo de nossa desconfiança medroza, nos ia acompanhando, passo lento, distanciando-se. Emfim sós! Pulo ao automovel. Vamos, vamos embora. Tenho, pertence-me o dezenho completo, perfeito, do antigo ciato. Não, não te tróco, pedaço de barro, por uma pasta de ministro. Nem por um ministro!

— Formosa, a volta. Na fimbria do horizonte o sol, desse vermelho sem as iras do poente tropical, afunda, apaga-se como uma bola de fogo. Doutro extremo, precipitando a noite, já refulgentes as estrelas, a natureza repete:

*jam nox humida a celo
Praecipitat, suadentque cadentia sidera somnos.*

Voam os automoveis. Caminho magnifico. Lá, nesse pertolonge de quem corre, Roma, com iluminação inferior á do Rio e superior á de S. Paulo, conversa, mexe-se, murmura, borborinha. Olho o céu. Vejo pela primeira vez, no seu eterno ponto de interrogação, os sete brilhantes da Grande Ursa. A' esquerda, em réta, a Estrela Polar, minuscula, dezenxabida, não sendo pozitivamente a estrela que eu sonhava. Numa volta do caminho, porém, muda-se-me de repente a vista para o sul. E como namorado reencontrando companheiras queridas, divizo, sempre esplendida nas variantes do seu brilho, Beteljeuze, e Rigel, e Bellatrix, a constelação inteira de Orion a ostentar, na maravilhoza originalidade da sua

nebulosa, o mais profundo dezafio á desvanecida insaciabilidade da sciencia.

Chego fatigado. Escrevo esta nota que deve, pelo tamanho, ser insipida como as de Pereira e Souza.

NA CAPELLA SIXTINA. MARÇO, 7.

Constipado e com indigestão de idéas (este dislate li em Voltaire), volto ao Vaticano. Quero ver, na Capella Sixtina, coizas dantemão recomendadas, escolhidas e consultadas.

Da provizão de elogios que trouxe, porém, já em começo e numa salinha de espera sou obrigado a aplicar alguns a uma soberba estatua de Alcibiades, de autor ignorado. Tapeçarias de Rafael, embora me não possa o guia elucidar se se trata de originaes fornecedores de cópia ao Muzeu de Londres, se de cópias arranjadas nessa fria metropole, exigem, e eu obedeço, abundantes manifestações de admiração. Basta? Qual! Cá está um celeberrimo fresco, Incendio de Borgo Nuovo, onde a elegancia das fórmãs femininas atenúa o incongruente aparecimento, numa obra de arte imaginada para o IX seculo da Fornarina, Enéas, Anquizes, Ascanio, Leão IV, Astolfo e Godofredo de Bulhão! Ali cada discipulo chegou com a sua contribuição; o do mestre, porém, conjuntando as parcelas, justificou o aplauzo da posteridade e o respeito de todos os artistas áquella portentosa revelação do genio, das derradeiras, infelizmente, dum mocidade tão proxima á tarde da existencia!

Que rumo tomar? Consulto-me. Decido. Acerto. Aquelle Tezeu é soberbo. Veiu, inteiro de idéa e de fórmula, da lenda para a estatuaria. Portentosa obra de arte! Não lhe deveria ser, em verdade, inferior em merito artistico o baixo relevo que a completava, mas que, infelizmente,

já não está completo : nelle Ariadne se acha sem cabeça. Pena ! E', todavia, toleravel que, na escultura, tenha perdido a cabeça quem na tradição perdera coiza mais irreponivel. Já se sabe : não se sabe : o nome do autor.

Não desgostei dos sessenta por cento reaes do Apolo de Belvedere, nem dos cincoenta por cento possiveis do Grupo de Laconte ; naquelle a mão direita não está direita.

— O "Torzo", o formossimo "Torzo", peza na gente ! E' de Hercules. Necessariamente. Explica-o, demonstra-o, a fadiga dos doze trabalhos. Seu autor ? Discutivel inscrição deigna-lhe "Apolonio filho de Nestor de Atenas". Noutros tempos se declaravam filhos do pai os artistas notaveis ; ainda hoje, na China, se o descendente se avantajá, o ascendente lhe toma o nome para sobrenome. Em S. Paulo essa duvida genealogica dezappareceu : os antigos escravos adoptaram linhagem, raça, estirpe, casta, familia, tudo dos antigos senhores ; nomes e cognomes fidalgos de 1532, ali desembarcados com a prozapia de limpos de sangue moiro, surgem com adoravel naturalidade nas partes policiaes... E' melhor assim. Prefiro Finot a Lapouge.

.....
— Faltam-me em infinita quantidade "rr" e "aa" para escrever as palavras "burro e canalha". Refiro-me ao papa Pio VI. Consagro-lhe, já se vê, simpatia muito moderada. Na arte sua personalidade dóe : sofria de vulgaridade incuravel.

Esse impio Pio, sexto de sua serie nominal, incapaz talvez de concertar a roda dum carro, tentou concertar uma divina cópia da Venus de Praxiteles (pertencera a Julio II, e só isso deveria bastar para que a não alterassem), tapando-lhe as partes sexuaes com um manto de

bronze! Escapou á profanação de semelhante cortina a carnadura posterior. Parei. Indecizo. Indignado. Decidi-me. Paguei ao funcionario zelador, que dum estradinho fiscalizava artes e visitantes, uma fotografia da estatua, puxei a minha faquinha de caipira, cortei o cartão pelo meio, bem pelo meio, entreguei energicamente ao homem o retrato do manto, guardei o da deuzza, e retirei-me como quem acabasse de pagar o ultimo credor.

Olhava-me o bruto, apavorado; pensava-me louco. E eu ia, entretanto, deliciar-me na vizita ao

JUIZO FINAL.

— Mas é de tirar o juizo a quem o sente, a quem raciocina, a quem... vive! Tempestade de epizodios. Cada um delles crearia uma celebridade.

Cada figura, observada, é despoticamente melhor que as outras; cada grupo nega, na atenção, lembrança imediata ao que o antecedeu.

Lá num canto, em baixo, nas agruras infernaes, o secretario do pontifice Paulo III; noutra, noutra extremidade, porém no mesmo plano, o proprio Miguel Angelo, espiando o efeito do seu genio, medindo, pezando o predominio do seu pincel inexcedivel, universal na sensibilidade, sobre as manifestações que rodeiam — assignadas entretanto por Perugino, Boticelli, Ghirlandaio — a mais complexa e complicada exteriorização da supremacia na arte! E predominio que obtem victoria sobre o proprio Miguel Angelo! Do této, por elle mesmo pintado trinta anos antes, e que, totalizado, dá a suspeita dum começo de estudo para o poema final do Juizo, elle mesmo, o sarcastico, o en vaidado semi-principiante, desce para genuflexar perante o seu genio integrado,

rematado, completado. Entontece. Desvaira. A lenda hebraica do Vale de Jozafat, de miniscula, está a merecer pateada. Quinze minutos de Miguel Angelo dão á gente quinze vezes, pelo menos, mais vida, mais pensamentos, mais prazer intelectual, mais elevação moral, do que quinze horas de permanencia em qualquer secretaria de instrução publica de minha terra. Quem conseguir enfeixar aquelles epizodios, somar na memoria os diversissimos incidentes do Juizo Final, será doutor em arte, tenha ou não frequentado a nossa Academia das Bellas Ditas.

Conselho aos meus poucos leitores que forem á Capela Sixtina : peçam ao porteiro (uma lira : preço de estribilho) um espelho ; assentem-se num banco, á direita, em direção á porta da entrada ; olhem durante cinco minutos a imensa tela ; acompanhem depois com o espelho cada um dos quadros lateraes (meia hora, talvez, de atenção deliberada) ; levantem-se ; saiam de cabeça baixa para a sala proxima, e cuja porta fica mesmo em frente ao Juizo Final ; voltem, binoculo bom em punho firme, e consagrem mais uma hora ao exame, dessa, a mais larga, a mais meditada, a mais confuza, e ao mesmo tempo mais inteligente consequencia artistica que as cogitações humanas excitaram e produziram.

Cautela, porém ; muita cautela. Nada de demora na sala vizinha. Quem lá chegar, volte, volte depressa. Ali está, tambem recheiado de epizodios, mas irrezoluto, morno, o citadissimo quadro de Zucari : a *Batalha de Lepanto*. Um arroteo ao lado duma tempestade.

.....
— A tarde, para quem não a póde cantar como Odorico Mendes, deve ser aproveitada especialmente, aqui em Roma, para um passeio ao Janiculo. Arran-

jassem-lhe um ascensor, ruim mesmo como o nosso de S. Tereza pelo preço, e da Fonte Paulina, graciosa de relevos, melhorados por Paulo V (1612) nas suas tres tentativas de cachoeira e nos seus dois esticados esgui-chos lateraes, poder-se-ia sem fadiga examinar metade da antiga capital do mundo. Para lá chegar passei pela Igreja de S. Cecilia, ilha de arte moderna no meio das velharias romanas, e onde tudo parece ter sido renovado ha menos de vinte anos. Aureli, talento que goza das vantagens de vida e saúde, caprichou em abonitar, mas muito, á não muito grande imagem da santa.

— Estatua de Garibaldi. Recomendaram-m'a, está visto, como a melhor de todas as do guerrilheiro. Está mesmo muito boa. O rigor das linhas e a sobrançeria do gesto denotam o heróe já triunfante. Olha para longe. Calmo. Impavido. O cavallo está perfectissimo.

— Dois minutos deante da caza de Torquato Tasso me foram de sobejo para lamentar não tivesse ella caido sobre a cabeça do poeta antes de haver elle tentado me-lhorar, e de facto peorado, o seu respeitavel poema.

Apre! (arre! é exclamação de arrieiro). Como estou cansado? "O sono é uma opinião", adoto-a até amanhã, permitindo que se me diga: "dormes e eu velo, seductora imagem, etc."

NA VILA ADRIANA. MARÇO, 8.

— Partida ás nove e meia. Manhã linda. Automovel, em carreira vertiginosa, a lembrar de Boisgobey, no "*La Peau d'un autre*", aquella sêde de espaço tão exatamente descrita. A' direita uma igreja (?) com o corpo (?) de Pio IX; á esquerda um cemiterio muito povoado (Cemiterio povoado! Onde o *Paiz*, jornal, aprendeu isso?): á minha direita, irrequietas, duas crianças encantadoras,

Dora e Gizella, rindo a cada pulo mais forte do automovel. E é assim a vida : juventude, mocidade, morte, viagem, carreira, vertigem : tudo passa. Ruínas, torres feudaes, tumulto espalhafatozo de Plauto Silvano, duradoiro porque aproveitado para fortaleza, riacho de enxofre, carneiros ; tudo passa. Repentinamente me vejo na Vila Adriana, mudado com pensamentos e comitiva para os dias e para o Palacio do maior dos Antoninos.

Hora e meia de informações, anotações e admirações. Rezumo : que saque ! que mole ! que devastação ! Depois de haver rapinado o litoral do Mediterraneo, o laciano passou a rapinar-se. O Palacio de Adriano é uma assolação demonstrada.

Dum altar tiraram a *Venus de Medicis*, que eu hei de ver em Florença. Acolá, perto do afastado pavimento onde escravos especialistas esgravatavam com penas de galinha a garganta aos convidados para que, esvaziado o estomago, repetissem o banquete : o estrago não poupou os encanamentos, inutilizando-os de maneira a se não poder hoje saber se os romanos uzavam ou não de caloriferos. Do edificio inteiro tirou o Vaticano tudo quanto lhe ficou ao alcance da ganancia. Daqui a Italia só não furtou o que não pode, e, no grande refeitorio, deixou uma cornija esfacelada, talvez por lhe não haver o agente entendido a valioza significação.

Tivessem-no conservado, restaurado ao menos em parte, e o Palacio de Adriano seria o mais regular compendio para o estudo da civilização greco-ocidental. Vasto, solido, construiu-o, sob sua incessante direção, o melhor interprete administrativo dos ensinamentos helenos ; construiu-o como discipulo fanatico, como aluno repetidor. Parnazo e Olimpo denominavam-se as

elevações proximas; Peneu, o rio nascido no Pindo, era o riacho que lhe bordava a depressão á direita. Eram consagrados a Baco, Diana, Venus e Ceres os altares que o adornavam.

A linha de colunas, de mais de duzentos metros e na rigorosa direção norte-sul, dividia os espaços, ladrilhados de mozaicos helenicos, onde os estudiosos da época, peripateticos, estoicos, epicuristas, discutiam a metafizica de todas as escolas. Lá em cima, no teatro particular do imperador, na sua salinha de meditação, ahi onde provavelmente dezenhou elle a cunhagem (urge cunhar este vocabulo) de suas moedas imitadoras dos antigos filipos, metade do chão, bellissimo de azulejos, de longe semelhante um pouco os nossos modernos encastrados, destróe o prazer da vista pelo desgosto do estrago na outra metade.

Ora ! Onde a superioridade dos invazores normandos e sarracenos, dos conventos medievaes, do açougue das cruzadas, sobre a arquitetura que elevou o Palacio de Adriano ? A transformação do escravo em servo da gleba, a separação dos poderes temporal e espirital, e a permanencia de Constantinopla pelo rumo dos cruzados para o sul : não compensam, no progresso effectivo, como serviços da média-edade, os males destruidores que lhe atopetam os anaes.

A lei dos tres estados . . . Ora ! Quatro têm sido elles no Brazil : ha tambem, a datar de 1889, o estado de sitio. E este tanto sitiou e restringiu o coração nacional, que durante dois annos de revolta, prizões, fuzilamentos, os pozitivistas brasileiros não pediram pela liberdade e pela vida de quem quer que fosse. Não gosta de martires a Religião da Humanidade ; prefere empregos publicos.

Adriano, esse, sim, foi positivamente bom, quando decretou que os escravos passassem a ser julgados pelos tribunaes, e não mais pelos senhores. Não o vi, entretanto, no calendario do companheiro de Clotilde!

TIBUR-TIVOLI.

— “Narciza, nós damos o que temos e depois pedimos á vizinhança”, costumava dizer á espoza o velho José Bonifacio. Veiu-me a fraze á lembrança quando, na Terezopolis do patriciado, rodeando de automovel o cimo circular onde se descortina o bellissimo espetaculo de quatro cachoeiras verdes, grande uma, e tres sucessivamente menores, soube que, por ellas, Tibur fornecia luz á Roma, sujeitando-se á escuridão e condemnando á auzencia da electricidade as ruas estreitissimas que asseguram sua persistente decadencia.

Cazas decrepitas. Possivel vilegiatura de Cicero, uma dellas. Alto e recreativo ponto de vista. Mostrados ao longe, parecem salpicos escorregando dos Apeninos os nucleos de povoações, lutantes de trabalho contra a natureza madrasta, invernoza, cançada.

— Almoço retardado, encomendado e saboreado. Extra-cardapio, um velho rabequista, com acompanhamento de violão e bandolim, canta e dança, pulador e chistozo. Intimo-o a escolher o pagamento: almoço ou uma lira? Responde-me preferir a lira e o almoço.

— De passagem tento conhecer o Castelo d’Este; contentam-me as regularissimas pinturas moraes do primeiro pavimento. Pertence a um principe austriaco; cobra entrada de meia lira. Está abandonado. Abandonei-o. Amanhã farei o mesmo a Roma, onde pensei e vivi, poucos porém ótimos dias, anonimo, inotado, sem

que as autoridades se preocupassem em inquirir se eu era animal, mineral ou vegetal. Fosse assim no Brazil!

.....
Ao voltar de Tivoli, num posto fiscal, um individuo de galão finissimo nos punhos me perguntou cortezmente se eu trazia caça. Respondi-lhe, em portuguez, que trazia chita. Cumprimentou-me e fez sinal de passagem livre. Esses eleitores governistas são sempre os mesmos, em todas as aduanas!

O BARÃO DO RIO BRANCO.

No hotel encontro Germano Barreiros, aluno que encaminhei para a pintura, na Italia, com carta do Barão do Rio Branco; unico obzequio, aliás, que pedi ao aclamado prezidente da alma nacional. Quanta saudade esta vizita me avivou!

— Tive pelo segundo Rio Branco extraordinaria e correspondida estima. Dissipadas, numa imprevista conversação de quarto de hora, pequenas nuvens com que os seus artigos de "Kent" haviam envolvido a nota do ministro de estrangeiro do gabinete de 3 de Agosto a proposito da linha-Apaporis, matriculei-me naturalmente no numero dos seus admiradores. Mas aquelle homem era um coração, e aquelle coração era um despota! De sua convivencia nunca dezertou a boa vontade. Nada do que fosse generoso lhe era estranho. Nelle até as inadvertencias encantavam.

Tinha fundo o sentimento da justiça, e não lhe fugia á auto-aplicação. Pessimo orador, acabando de falar pouco e mal em banquete diplomatico, escreve e manda entregar immediatamente a um dos convivas bilhete assim expressivo: "Cezar Bierrembach: toma a palavra e salva a situação".

Suas palestras me são inesquecíveis. Conhecia admiravelmente a historia brazileira ; era mestre em cartografia ; sua memoria prodigioza fechava de momento qualquer vacillação concernente a pormenores de nossa politica interna. A respeito de politica sul-americana ouvi-lo era aprender, mas aprender sempre e aprender muito. Como lhe repugnavam os perfidos, os mentirozos, os ingratos ! Afastava-os sem ofensa, permitindo-se, quando muito, delicadas malicias. Desconhecia a inveja. Elogiava auzentes.

Político, foi o Barão o unico artifice de sua gloria. Preparou no estudo as suas batalhas, e nellas a sua grandeza de estadista. Mais, muito mais deveu ao merito do que á fortuna. Dominou nossa politica externa pelo ascendente da competencia e pela firmeza do carater. Podem negar-lhe traço genial, não, porém, golpe de vista pronto e persistencia eficaz até a vitoria. Guardou, é certo, de sua primeira educação, e dos ensinamentos paternos, desconfiança do argentino, e magua da ingratidão paraguaia ; modificou, todavia, na pratica dos derradeiros anos, esses explicaveis sentimentos, e, ao partir para o nada, seu epitafio estava assim redigido na consciencia nacional : “Agiu. Concluiu. Acertou.”

NOTINHAS.

Esfregou-se-me hontem á paciencia um filho de fazendeiro rico. Veiu á Europa a titulo de propagandista de café ; pretende esperar em Paris a proxima safra, tendo já estado em Monaco alguns dias.

CORTEZ. BACHAREL.

O filho do fazendeiro paulista, na Europa, é um tipo a estudar. Tem quatro ou cinco irmãos, pai com

quatrocentos ou seiscentos contos, mas gasta por aqui como se fosse filho unico, sendo inuteis quaesquer geadas para resfriamento do seu entusiasmo pelo desperdicio.

Nos homens e na luta da vida, a bazofia é um dos caminhos mais curtos da mediocracia para a cadeia. Nas mulheres o fracasso moral é mais lastimavel ainda.

Em S. Paulo, desde a extinta landocracia do assucar e engrossadamente na do café, formava-se e hoje mais se forma, nos institutos femininos de ensino, pelo luxo e pelas preferencias, uma especie de aristocracia colegial. Viciada e iludida a indole das meninas, deixam ellas os bancos escolares levando a preguiça como norma e a comodidade como sistema. Não era estranhavel, no tempo da escravidão, ouvir de manhã o grito da filha do fazendeiro : “O’ Maria, venha lavar minha cara !” ; e hoje, espelho, vestidura e respetivos preparos, certo tomam ás minhas jovens patricias uma sexta parte da vida. Pena verdadeira, mas verdadeira : o meio paulista mais tem as desvantagens que as vantagens da civilização.

Para um nucleo humano de quazi quatro milhões, confesse-se, não apresentamos abundancia de intelligencias e demonstração de talentos. Nossos artistas nada perdem com o silencio. Municipalizam-se nossos poetas. Sofre nossa imprensa de falta de leitores. As galerias de nossas assembléas politicas só conseguem espectadores quando se prevê repetição de escandalo da vespera. Não ha, entre os chefes dirigentes dos negocios publicos, nove que possam durante meia hora conversar sobre questão literaria ou scientifica. Pensa-se pouco. Ha mais baralhos do que livros.

Morrerá solteiro, ou viuvo de suas cazeiras aspirações quem, para constituir familia, procurar agora espoza que saiba pregar um botão, preparar uma cataplasma, tem-

perar uma canja ou trazer á sobremeza um prato de queijadinhas.

Peor, talvez, era a situação da Argentina, em 1868, quando Sarmiento recebia, no banquete de Chivilicor, a atrapalhada herança administrativa de Mitre; salvou-a, concertou-a, ergueu-a o desenvolvimento da instrução; nobilitou-a o livro *Descendente dos bandeirantes*, e por isso pouco dado ás letras, imitará o paulista o exemplo argentino ?

.....
— Em Roma, diminue, em proveito do centro, a população dos arrabaldes; isso mesmo já eu observára em Napoles e no Rio de Janeiro. A facilidade de transportes chama para as comodidades urbanas o agricultor das circumvizinhanças.

Em S. Paulo, a datar do serviço regular dos bondes 1873, começaram a aparecer e transitar caras que, antes e só durante a Semana Santa, se auzentavam de S. Anna, Guarulhos, e O'. Não dessas inculpaveis localidades, mas do fenomeno que as conduz a esta nota, trata com a habitual competencia o sociologo russo J. Novicow, amigo do Brazil e grato apreciador do café paulista.

— Por falar de café: receitam-no, aqui e como remedio barato, alguns medicos; a borra, disputa-a a pobreza na cozinha dos hoteis. Um mimo anual de tres sacas de café (precioza rubiaceea: diz a imprensa quando recebe o subsidio paulistano sem atrazo) aos hoteis de Roma seria propaganda mais eficaz para desenvolver o consumo do que, mesmo, a problematica prestação de contas dos filhos de deputados e cunhados de senadores, mulherengos agentes que só contribuem para o descredito de nossa patria nas praças européas.

.....

DESPEDIMENTO

— Roma, seus monumentos, sua historia, suas vicissitudes, sua attitude, suas lições, modificaram-me a maneira de ver homens e coizas, idéas e factos, heróes e heroismos, crimes e criminosos? Não. Uma vida inteira pouco tempo seria para o estudo da grande cidade; o que, porém, nella vi, conciliando duvidas, conjuntando ensinamentos, reunindo impressões, revivendo leituras, esclarecendo debates: permite que me eu retire da maior e mais insistente aula de idealismo com as mesmas tendencias, a meu modo spenceristas, com que nella entrei. Cresceu, sem mudar de essencia, a minha bagagem intellectual.

Volto como cheguei. A tolerante descrença que, na mocidade, mantendo á minha razão o direito de só acreditar em coizas demonstradas, me fortificou a independencia e o trabalho: Roma não a alterou: levo-a daqui solidificada, inabalavel.

... O homem é um cazo de encadeamento de forças mecanicas submetidas ás leis que regem a materia. Onde veiu? Do passado que não tem principio. Onde está? No presente que não tem duração. Para onde vai? Para o futuro que não tem fim.

Encontro-me na vida? Vivo. Circula o meu sangue? Funciono, mexo-me, penso. Cessa-me o calor? Esfrio: morro. Tal é o regulamento, conhecido, da atmosfera para baixo. Para que perturbá-lo com ameaças de penas eternas porque Eva comeu uma maçã?

DE ROMA A FLORENÇA. MARÇO, 9

— Diluculo. Na estação. Despedidas. Abraços de novos amigos que, de tão bons, já me parecem velhos.

Despacho de malas aos tombos. Gritos e gratificações. Tezos, olhando cada um para a propria importancia, quatro soldados lembram anônimos indicados para qualquer cargo eletivo. No vagão quatro logares vazios, e uma americana com joias falsas e marido verdadeiro. Fi! fi! fi! fi! Run! run! run! run! Parte o trem. Adeus, Roma. Até a volta, Tibre.

.....

— Sucedem-se estações que, de pequenas, passam a invizíveis, obrigando á suspeita de dezastres sempre que o comboio pára. Repetem-se vilas mortas e cidades amortecidas. Dormem as povoações ao clarão dum sol duvidoso. Não se vê uma criança. E' domingo, sei disso; devo imaginar, porém, que entre Roma e Florença a semana se compõe de sete domingos.

Alegro-me, ao almoço, porque o café não está pessimo e o vinho é qualificavel. Assentam-se-me em frente um polaco e um italiano. Não me cumprimentam; não se cumprimentam; possivelmente não se conhecem. Observo-os, porém: parecem-se tanto! Desconfio de que sejam irmãos por parte de pai. Quem sabe?

— A' direita, longo, algo verde, o lago Trazimeno. Fecho os olhos e abro a memoria para bem ver, no pensamento, esse decimo terceiro embate entre a argucia do punico e a defeza do romano. Terrivelmente assombroza a calma aproveitadora de Anibal! Tudo lhe foi oportuno: uniram-se, arregimentaram-se, para lhe entregar a vitoria, a vaidade temeraria de Flaminio, o nevoeiro prolongado, a estreitura do caminho lateral, a manobra da cavalaria descendo das montanhas de Cortona e completando o estratagema pela utilização inteira da emboscada. Afogados os fugitivos. Acorrentados os prizioneiros romanos. E mais seis mil legionarios, e ainda quatro mil

auxiliares, cercados e escravizados. E o inverno anulando as consequencias dessa artificiosa manobra que Bonaparte, sempre mentirozo, insinuava haver imitado na batalha terrestre de Aboukir.

Abro os olhos. Já tão longe o lago! Tudo em paz. A' portinhola dum dos compartimentos, sobraçando tres jornaes uniformes no tamanho, e olhando-me sem se querer capacitar de que eu fosse eu mesmo e estivesse fóra de Santos, o Antonio Leal, antiga afeição e aceitavel cliente. Bom e inesperado encontro.

— Chegada. Barulho. Trambolhões de malas. Tudo como na partida? Peor! Minha mulher e a italiana conferenciam brandamente, pensando uma falar em italiano e outra responder em inglez. E' a primeira vez que isso lhe succede. Por diferença de dois terços de minuto não vamos os quatro parar em Bolonha. Reclamante, um guarda da estação gesticula como um moinho.

EM FLORENÇA. MARÇO, 10

— Vantajosamente aproveitei metade de hontem e metade de hoje. Instalei-me em hotel confortavel, logicamente asseiado. Deixadas as malas na estação, nelle penetrando com meros intuitos culinarios, dirigi-me ao lavatorio para dezempoeirar as mãos e o rosto. A toalha estava suja. Rezolvi ficar nesse hotel. Toalha suja denuncia gente limpa, gente que lava as mãos; toalha limpa denuncia gente suja, gente que não lava as mãos. Ou isto é verdade, ou a dialetica não existe. Ninguem se deve aboletar em hotel cujos lavatorios tenham toalhas limpas.

.....
— Florença é muito menor que S. Paulo e muito maior que Santos. Terra de pouca indolencia; sete ho-

ras da manhã e já irracionaes e racionaes correm ao trabalho! Mesmo á noite os sinos se fazem despertadores. Boa carne. Estreitas no centro, largas e embelezadas á proporção que dali se afastam (melhoramento cuja maioridade foi retocada á custa dos protocolos que S. Paulo provocou e o Brazil pagou), ostentam as ruas velhos e grandes palacios. Falassem suas paredes, e quanto segredo medieval desvendado! Quanto brilho da Renascença reacendido!

Florença... cavalos magros. Automoveis baratos. Dezoito mil réis por terno de roupa que, lá no Rio, custa sessenta. Furtos moderados. Jardim rodeando a quarta parte da cidade e terminando como numa foz, na Praça Miguel Angelo, donde se domina, em fulgentissimo espetaculo, o Arno, volteadamente simpatico, como que puxando as cazas que lhe estão encostadas, mas dividindo a cidade meio a meio.

Florença: terra pequena com arte grande. Não é cidade para movimentos civicos; capaz de rezoluções artisticas, é incapaz de revoluções populares. Aqui a preocupação do belo sobrepuja á do feio e á do bonito. Aqui quem não produz copia; ser copista é uma profissão rendoza quando competentemente exercida. Não ajus-tei por preço baixo uma reprodução, soberba! da celebre *Casta Suzana* de Guido Reni a externar, num mesmo lance fisionomico, o medo, a surpresa e o pudor; nem me ficou de graça uma miniatura da *Flora* de Ticiano.

Tem, tem uma feição excessivamente original esta cidade recheiada de copistas.

ACONSELHANDO-ME. MARÇO 11.

— Nunca é demais, aqui, o uzo do sobretudo, e é sempre de menos o da desconfiança: muito iludem em

Florença artistas e constipações. Não passam de miscelaneas de quarta classe, com bustos vulgarissimos de Augusto e Tiberio, umas exposições particulares onde aristocratas de unha larga e bolso vazio premeditam passar para os estrangeiros vizitantes, por alto preço, ruindades muito baixas. Numa dellas o guia, praticante do engodo, me instruiu haver Demostenes nascido em Siracuza !

Indispensavel a imposição de silencio logo que o guia enterreira, para a venda, o elogio de qualquer estatua ; sua agencia é tão ameaçadora como a de coraes em Napoles e a de mozaicos em Roma.

Cumpre não falar, nem bem nem mal, de Dante. Respeitado o meio esquecimento em que permanece, nas cogitações da classe média, a memoria do poeta, não ha risco de agitação antigibelina ou antiguelfa. Na duvida abstem-te : ensinou Simonides, e repetiu S. Agostinho.

.....

GALERIA DEGLI UFFIZI

— Nunca subi tanto por tão pouco. Por meia lira de ascensor estive tres horas num mundo interminavel de coleções artisticas, de raridades, de maravilhas. Ali, crescente o interesse de momento a momento, se encadeiam as surpresas, cativada a atenção, atenuado o cansaço pelo deleite.

Sim. Muito exato isso ; mas como redigir esta nota ? Fosse a confusão um programa, e facil seria o trabalho ! Saia lá, porém, o que sair : tudo me serve. Fui á Galeria buscar impressões, e não catar expressões. Relido, este "diario" me recordará, na adeantada velhice, uma por uma, as revelações artisticas e as instruções historicas

que, ao acazo, fui vendo, admirando, armazenando para meu uzo intellectual, nesta Florença inolvidavel.

— Não discuti, assevero-o, a pouca comida e as roupas anacropicas da reproduzidissima *Ceia* de Veronezo. Aceitei, por insubstituivel, o pardo terreo de Ticiano, preferindo-lhe, nos retratos, a fidelidade vivaz do Tintoreto. Lembrei-me da meninice da fluminense "*Diva*", quando enxerguei a embaraçada Venus de Lorenzo de Credi. Não rezisti á vontade de unificar a Esperança dos Paoliolos a desesperado bilhete da loteria de S. Paulo. Compreendi que a *Anunção* de Lionardo da Vinci já era, para Nossa Senhora, facto sabido e resabido. Achei inegavel a similhaça do auto retrato de Vandick com a fizionomia animada do deputado Flores da Cunha quando não diz que está calmo.

Extaziou-me aquella taça de jaspe donde Hercules, valentissimo, dezafia a hidra de Lerne, que é a propria taça! Parei, olhos acezos, deante daquelle camafeu, pequeno de tamanho, inexcedivel de gesto, donde o nariz, os beiços e o queixo de Savanarola se estão a arrojjar contra tudo e contra todos.

Voltei ás salas habitadas pela pintura e pelo marmore. Não me arrependi. Nas costas do moço heleno, tentando arrancar o Espinho que lhe maltrava o pé esquerdo, constatei a perfeição da arte grega no conhecimento osteologico do corpo humano ; restaurada a cabeça e foi tão acertadamente que, mesmo prevenido, o observador discute a originalidade inteiriça do trabalho.

— Avizado por importuno, cuja conversação ladra me enganara a espontaneidade com que pretendia, desde a Vila Adriana, admirar a Venus de Medicis, não me pude aliviar da sentença que condenou Cleomenes a increpação dos entendidos por a finura das feições haver, na

sua espoza de Vulcano, preterido algum tanto a apetoza largueza da estetica. Meiga, proporcionada, graciosa, a deuzas mais parece uma noiva ; apaixonada, encanta mas deziste de adoração. A elegancia veste a arte ; não a totaliza, porém. Agradavel, muito agradavel, a Venus de Medicis.

Dezagradavel, dezagradavelmente espantoso, não tendo em todo o corpo um pedacinho que não ruja irritação, danado, frenetico como um coletor convidado a prestar contas, mas sincero e veridico até os limites possiveis da veracidade e da sinceridade, é aquelle Javali, conhecido pelas cópias, desconhecido quanto ao autor. O assanho, a ira, a raiva, todas as irrupções da colera se convocaram para uma reunião violenta naquella singular revelação de competencia artistica ! Ninguem a vê sem erriçar os cabellos. Ninguem a deixa sem lhe guardar a imagem.

Antiteze, inesquecivel tambem : do javardo passei ao genio. Estacionei deante daquelle olhar brando e profundo, verdazulado e docil, desse Lionardo da Vinci, filozofa, poeta, estatuario, pintor, mecanico, fiziolegista, sociologo, previzor do balão, profeta do vapor, e que valeu, elle só, por uma vanguarda na legião dos intellectuaes da Renascença. Uma superioridade dessas dimensões, especialista em enciclopedia, enriquece uma nação, fertiliza uma época, valoriza a humanidade inteira !

— Um derradeiro prazer mental ; devo-o ao poli-artista Boticelli quazi ao dizer á Galeria as minhas despedidas.

Na "Delação" de Luciano de Samosate, deus literario que incessantemente cultúo, ha uma descrição da calunia tão pormenorizada e bem feita que, supponho, pela primeira vez então a calunia não foi calumniada: pela primeira vez,

a justiça da critica reconheceu nesse sentimento as elogiáveis provocações á energia e á victoria da verdade. Do alegre sirio extraiu o melancolico gravador florentino uma tela exigua e complicada, interessante a despeito da frieza do colorido, captadas as idéas dambos nas tradições desse Apeles de Efezo (não é o do Cós), imortal quazi morto em consequencia duma calunia, Boticelli pinta o que Luciano escreve. Nem por a quantidade de figuras embaraçar o observador, o merito do quadro dezapparece.

ASSIM PENSO

A “Calunia” é uma das vitimas da malicia, da malvadez e da malignidade do bicho-homem. Filha respeitosa, mãe amantissima, eternamente fiel ao seu programa e leal aos seus compromissos, nunca, por mais que lhe variassem as circunstancias, esqueceu ella a gratidão devida á “Persistencia” e á “Meditação”, suas inevitáveis protetoras desde o berço. Note-se a “Verozimirhança”, sua infalivel colaboradora em todas as emprezas, della não tem, jamais teve, o minimo resquicio de queixa.

Genealogia da “Calunia” ? Mas é tão conhecida ! Neta do “Despeito” e da “Inveja”, nasceu, filha do “Embuste” e da “Fraude”, na caza paradiziaca de Adão, Cain & Cia. ; padrinho lhe foi o “Odio”, madrinha a “Pouca Vergonha”, gente que alimenta a afillhada mesmo durante o sono.

Solteira, nem por isso deixou de arranjar familia, e com ella sáe á rua todos os dias, todas as horas. Que luzida procissão ! Dir-se-á uma teoria completa ao templo de Delfos ! Que porção de pessoas notaveis ! Ao lado da genitora, mas querendo olhar ao mesmo tem-

po para todos os lados, zoupeira, medroza mas caprichoza, a “Maledicencia” piza sem que seus passos sejam ouvidos mesmo pelos tizicos em decimo grau ; atrás, mas ao alcance da mão materna, a “Discordia”, meia idade, ventas abertas e olhar avermelhado, segue carregando, inventarios, procurações e promessas eleitoraes ; afastadas, guardas-costas, prontas para o que der e vier, a “Colera” e a “Covardia”, ameaçadora esta, reconcentrada aquella, não perdem de vista a marcha sobranceira da “Calunia”. Só isso ? Não. Ha ainda, na peça dois comparsas. Com toga de juiz, mas tendo por baixo um poncho de caipira, a “Ignorancia”, uma duzia de metros antes do prestito, consultando de vez em quando as ordenações do Livro 5.º, sentencia que a sociedade abra alas para a “Calunia” passar.

E segue. Acompanha-a, cadenciando-lhe a marcha, zumbindo com todas as qualidades necessarias ao desempenho do seu papel de mosca varejeira, a “Mentira” ; irrequieta, importuna como um caloteiro profissional. Para onde vai ? Algumas vezes para a moradia da “Lizonja”, sua prima irmã pela linha diabolica ; outras em vizita á “Intriga” e ao “Mexerico”, parentes cujo desconceito os afasta de convivio muito ostensivo.

Quando doente, e por isso obrigada a ser mais sedentaria e menos foliona, consente a “Calunia” em receber a vizita do “Arrependimento”. Raras vezes, porém, isso succede.

.....
— Repito : não desgosto da “Calunia” como elemento de dinamica social. Eliminem-na, e que será da verba secreta ? Das subvenções ? Desse sonho de egualdade que equipara o bom ao mau, o limpo ao sujo, o desfalque á prestação de contas ?

Talvez me eu engane. Talvez. Confesso que não conheço bem e, se bem recordo, só nos encontrámos duas vezes. Foi no fôro a primeira, e ceremoniozamente nos cumprimentámos.

Disse-me ella ter eu, por perverso e mais ou menos infame, sido enviado para o Paraguai mezes depois da declaração da guerra. Contente, mandei reproduzir a noticia em varios jornaes. Inutilidade! Ninguem acreditou que, ainda impubere, eu houvesse batido a esquadra de Solano Lopez. Doutra vez: achacado pela dispensa de gastar o meu dinheiro, mandou famulo politico, em folheto, attribuir-me tentativa de alijar meu pai; invejozo que eu fôra de sua merecida e incontestavel preeminencia politica. Reeditei a calunia. Divulguei o folheto. Nada! Esteril a despeza.

Não é licito, pois, attribuir a interesse pessoal a consideração que tenho pela calunia. Nunca me prestou o minimo serviço.

A PROPOZITO DA FLORA

— Reparo na miniatura comprada a Nimes Mashione, feiinha artista, mas competente em cópias de coizas bonitas. Perfeita. Ha, communico isto ás minhas duvidas tres perfeições na beleza, correspondentes a tres provincias deliciozamente habitaveis na região do amor: a beleza que chama, a beleza que prende, e a beleza que mata: a pudicicia da Flora, o sorrizo da Gioconda, e os seios altos, rijos, unidos de Venus. Quando me observam que confundo escólas, misturo feitos, comparo heterogeneos, respondendo que, em arte, o que me contenta é a sinceridade da emção. Ali, na Galeria dos Officios, a alma se fortalece na certeza de que o belo e sublime independem de

classificações que, como em geologia, só existem para facilitar mnemonica. Por sobre todas as escolas pairam o belo que é a expressão do verdadeiro, e o sublime que é o belo grandioso. Inspiram-nos a mulher, a religião e a patria; servem-nos, acolitando-os, a intelligencia que é a comprehensão, o talento que é a competencia, e o genio que é a supremacia. Na Iliada, a maior expansão da psychologia humana, ha a concumitancia destas tres determinantes: a beleza de Helena, a ingerencia da divindade e o sentimento incipiente da patria grega. Dahi sua preeminencia: dahi o conceito de haver Homero inventado e delimitado a epopéa.

DE MANHÃ — GALERIA PITTI — MARÇO, 12

Salas entre vastas e enormes. Cheguei cedo, e fui entrando em assunto. Excelente, empolgante, o busto de *Napoleão* por Canova. Dá vontade de a gente pactear pazes com o grande bandido, escriturando-lhe ainda, sem constrangimento, um saldo de gratidão por se haver prestado a semelhante obra de arte. Vale mais que uma batalha aquelle busto; é uma vitoria da intelligencia sobre a fórma. Um pouco depois...

Se eu me pudesse esbofetear! Ali na segunda sala, como obra completa mas em realidade simples estudo, estava um S. Pedro-ermitão. Mas eu o conheço! Mas desse mesmo quadro um estudo menos adeantado eu, tolo, recuzei por trezentos mil réis em Santos. Recordo, recordo. Vi-o numa agencia de loteria, gerida por moçinha parladora; discutimos; consultado o Larousse, voltei decretando que se tratava dum S. Jeronimo, cópia doutro de Dominiquino. Encasquetou-se-me isso na teimosia. Ha grande distancia a separar um ignorante dum tolo? Em mim não houve: fui ambas as coizas.

— Fartei-me de Rafael. Mobilára o espirito com consultas e motivos, de maneira a quazi occupar a atencção, na Galeria Pitti, com esse, o mais joven, dos tres pintores extrageniaes da Renascença. Fartei-me ? Modo errado de dizer.

Tudo tão bonito, tão leal, tão encantador, porém tão uniforme !

Repetem-se as virgens ; o manto azul chega a importunar a vista ; os anjinhos parecem procissão de gemeos. Até no riscado do vestido a Gravida repete Madalena Doni ; Angelo Doni, reproduzindo os cabelos e a cara de Rafael, demonstra que os retratos, feitos por um grande artista, sofrem sempre a influencia do seu ideal.

Cança tanta insistencia nas figuras e nos pretextos, nos temas e nos accessorios. As "*Anunciações*" parodiam-se ; parodiam-se as "*Ascensões*" e as "*Sacras Familias*".

Mania correta, bellissima, porém mania. O rosto joven e as feições finissimas de Sanzio resurtem no retrato do Cardeal Donzi (sala de Saturno) ; a Fornarina é, quando menos, sobrinha da Virgem (sala de Jupiter).

Genial, Rafael, porém limitado, circunscrito. Afaste-se dos seus proprios modelos e, já não sendo o mesmo Rafael, dar-nos-á o retrato de Leão X com a tradicional papada, estando um dos vultos accessorios, a olhar inconscientemente para a moldura, e, mais, aquella motineira *Vizão de Ezequiel*, com relativa justiça desterrada para a sala da Justiça. Mantenha-se, porém, no seu proprio modelo, e seu genio ignorará o erro ; exemplo, aquelle retrato de Julio II, o pontifice inteligente, de feições quazi encantadoras como as do artista.

Assim penso. E' este o meu juizo. Mas que é o juizo afinal de contas ? Coincidencia da tolice propria com a loucura geral.

NO CORRER DO DIA. CORRENDO. FIEZOLE.

— Em Florença, quem quizer fazer a barba não conte com barbeiros ; quando existem, estão dormindo. Se for cazado, compre uma navalha mecanica e peça á mulher que o barbeie ; se for solteiro, caze-se.

.....

— Ninguem vá a Fiezole sem grande sortimento de adjetivos laudaticios. Duas horas de prazer, ida e volta, substituindo-se os descortinos com uma variedade festival. A natureza ri. Ha contentamento em todas as coizas. Bosques de ciprestes trocam seguidamente de fôrma, fingindo a pressa do automovel mudar-lhes a direcção. E o caminho vai rodeando de longe, muito de longe, Florença lá em baixo, no vale que se alonga até que a vista o perca. Belissimo ! As chacaras trouxeram-me alguma lembrança das de Laranjeiras, menos a violencia verde de nossas arvores.

Fiezole está lá em cima, quieta, com a sua fabrica de chapéus, cujos preços, fazendo a gente perder a cabeça, dispensam a despeza de qualquer compra. Fiezole tem, em util prejuizo de Florença que para lá os empurra, mendigos em abundancia ; pedem esmola rindo, não sei porque nem disso lhes exige explicação. A mendicidade é um problema que cada um de nós estuda em si mesmo ; o verbo pedir é, quiçá, o unico que a gente aprende sem mestre. Cada qual o conjuga como entende.

.....

— A Cathedral (1028), respeitavel pela idade e por mais nada, mostra orgulhoza uma téla, largamente quadrada, atribuida a Antonio Paoliolo — O *Martyrio de S. Romulo*, padroeiro protetor da estacionaria localidade. Nessa boa obra de arte, está com vizivel porém não rizivel

contrariedade o martir com ademanos interrogativos a perguntar aos moradores de Fiezolet: "Se eu não me pude proteger, como hei de proteger a vocês?"

Penalizou-me o sofrimento do santo. E não era a primeira vez que isso me sucedia: que essa historia dos martires cristãos confunde sempre o meu espirito e tritura por inteiro as minhas noções de logica. Que fossem espancados, queimados, eliminados da lista dos vivos, réus de leza-messianismo como Arnaldo de Brescia, João Huss, Jeronimo de Praga, Giordano Bruno e outros perfidos imbecis que negavam a arimetica da Santissima Trindade, a astronomia de Jozué, a harmonia divina da pre-scienza com a previdencia e outras verdades mais claras do que a agua da Cantareira quando está toldada: compreende-se: fizeram opozição ao governo do mundo e sofreram o castigo da praxe. Mas que S. Romulo, e antecessores e sucessores seus em crenças, apanhassem pancada porque gostavam de Jezú-Cristo: é incrível, horrorosamente incrível!

A mais elementar lealdade estava a aconselhar que, poderoso como consta que era e é o filho do Todo-Póderoso, interviesse, quando menos chamando a policia, e livrasse o santo do papel triste que representou, abandonado que esteve pelo divino amigo ao qual se dedicára!

Falo convencidamente. Não uzo vinganças, nem guardo rancores, mas filho meu, que concordasse em ser esbordado, não mais me entraria em caza. Não gosto de quem provoca, menos porém de quem recua. Abandonando seu filho na ocazião do perigo, firmou Deus um pessimo precedente, que Cristo imitou em relação ao pobre S. Romulo, cujo martirio me aborreceu conforme eu escrevi, lacrimojante, no paragrafo anterior.

MAIS FIEZOLE

— Com seus sete mil habitantes, suas prozapias de primitiva cidade etrusca, do que alega, pensando que exhibe, alguns vestígios que a delicadeza manda aceitar como incontestáveis, é hoje Fiezole um núcleo humano singularíssimo. Tudo ali conjuga o verbo parar. O relógio da Matriz, para dar meio dia, gastou contadamente um minuto e quatorze segundos.

Num hotel onde pedi dois calices de licor, esperevinte minutos para ser atendido por um velho francez criado já pervertido pela localidade; veio afinal; demorou quazi outros vinte minutos para se cobrar do pagamento, que lhe fiz em moeda ingleza. Custei a reconhecê-lo quando me trouxe o troco. Tinha envelhecido tanto!

Atendendo ao pessoal e aos assuntos das mezas proximas, notei que as conversações eram vagarozas. Ninguém em Fiezole tem pressa. Não creio que haja lá precedente de criança nascida aos sete mezes. Se mudassem para Fiezole a nossa Pagadoria do Exercito, poderíamos ficar devendo á pequena, simpatica e pachorrenta cidade a inauguração de saldos orçamentarios. Todos os pagamentos começariam no exercicio futuro.

DIALOGANDO

— Que mais deseja? perguntou-me, segregando silabas, o velho criado francez.

— Radagazio, respondi, rapido, sem vacilar.

— Não temos cá no hotel, nem o senhor encontrará por aqui por mais que procure.

— Admira! Sobram-me razões para jurar que o degolaram num dos morros mais proximos, ha mil quinhentos e doze annos.

Fitou-me o bruto negligentemente. Coçou a testa, e com lentidão compassada se foi aproximando ao gerente, um vesgo magrinho que parecia virgular as expressões com o movimento dos queixos. Confabulámos os tres. Que o crime a que me eu referia era de todo desconhecido na localidade, não convindo á gerencia do hotel intervir nas suas consequencias: foi o rezultado a que chegámos. Aceitei-o.

— Mas se o senhor sabe quem foi o assassino, porque não nos diz ? observou-me o gerente em tom de censura.

— Stilicon, respondi fechando carranca, e retirando-me emquanto o homem anotava não sei o quê numa carteira difficilmente tirada do bolso.

.....
Na Italia é de cincoenta por cento a média dos anal-fabetos ; de setenta e cinco por cento é a de S. Paulo. Um italiano rezidente em Fiezole, ignorava factõ fundamental da historia da cidade ! Ha tempos, um vice-prezi-dente do Estado de S. Paulo mandou perguntar ao ministe-rio da Marinha se, em Santos, a quarentena era para os na-vios que entravam ou para os navios que saíam. Lá e cá...

— Quinze minutos no "Mozaico Florentino", rua Frateli Bensini 2. Serviço modelar ; cincoenta opera-rios, aptos, contentes, cortezes ; o guincho das limas cor-tando o marmore e o timpano ; a calma na escolha dos materiaes ; a applicação dos fragmentos, em frente ao mo-delo consultado pelo olhar ; e tudo tão perfeito, tão de-monstrativo da divizão do trabalho !

E adeus, Fiezole, até quando ?

A' TARDE.

Volto. Atravesso ruas limpas, denotantes de edili-dade honesta, contribuinte fiscalizador, contas publi-

cadadas, povo briozo, linha divizoria, em summa, entre cofre publico e unha particular.

Nem um funcionario tem, em placa, o nome nas esquinhas. Gente implacavel no exercicio do pudor !

— Disfarçadas em jornalistas, e dizendo-se do *Petit Journal* de Paris, agrupando-se para as despesas excursionistas, chegaram ao hotel quarenta e quatro pessoas. Das vinte e duas pertencentes ao sexo feminino, todas são antigas ; nem uma, porém, uza meio fio de cabelo branco.

Uma se retirou do jantar carregando garrafa de vinho ; outra embrulhava um raquitico ananaz.

Gente dispensavel. Gente antipatica, a entrar continuamente no quarto do quazi banheiro. Vinte e duas mulheres sem uma criança ; que têm feito ellas, ou que fizeram das crianças ? Uma franceza que me avulta á direita, é, possivelmente, homem ; aquillo foi esperteza para fugir ao serviço militar. Ha caras que deveriam pagar indenização a quem as encontrasse.

A' NOITE.

— No comodo "Teatro Maximo" que dá entrada, no minimo a uma pessoa, no maximo a tres mil, ouvi maviozos versos, de quando em vez com poezia, do hoje popularissimo Sen-Beneli.

Era espetaculo promovido por estudantes em favor de órfãos feitos pelas balas otomanas. Muito barulho. Pouco entusiasmo patriotico. Apartes pilhericos dum grupo academico dissidente da festa. Caza cheia.

O que de melhor houve no espetaculo foi a colaboração da platéa. Num esplendido intervalo, quando actor barbado e categorico lia, com entono de baixo profundo, telegrama de Sen-Benelli explicativo de não

comparecimento por doença, das ultimas filas da segunda classe, e, imitando a voz do actor, uma espectadora pediu bis. O telegrama teve releitura. Mios de uma actriz mocinha e já com os dentes cariados (chamava-se Tempesti e tinha bastantes destroços na bocca) eram comentados por espirros. Rapaziada alegre, forte, fumando na platéa, conversando fraternalmente com a policia, e com ella solidificando a modernissima arte italiana! Cinco liras de entrada...

TUMULOS BELARMINOS — MARÇO, 13.

— Nunca fui influenciado por intenções funerarias; eis porque me limitei, na egreja de Santa Croce, dos duzentos e alguns tumulos que a ocupam, a vizitar os tres que mais studiosamente me interessavam. Bom, alto, aproximado a imponente, mas sem a propalada suntuozidade, é o mauzoléu de Miguel Angelo; sente-se, todavia, que a memoria do artista invade o edificio inteiro. Justo, comovedor, expressivo em sua longa inscrição, o de Galileu...

... Com orelhas de burro tem comparecido perante o tribunal da posteridade o cardeal Roberto Belarmino, juiz-comandante da perseguição ao descobridor dos satelites de Jupiter e do anel de Saturno, ao inventor da balança hidrostática, do termometro, etc. Foi jezuita, e já algumas vezes escapou á canonização, perigo ao qual eu me acho arriscado. Traz a data de 26 de Maio de 1616 sua advertencia ao sabio Galileu de que lhe não seria consentido doutrinar que a terra se movia ao redor do sol.

Ora o Belarmino! Ora os Belarminos!

Nas suas meditatissimas "Questões Naturaes", Seneca, contemporaneo de Cristo, cogitára do movimento

da terra sem receber mandado de prisão. O paganismo, só por motivos ocasionaes, uma ou outra vez processou delitos de opinião, e rarissimas vezes perturbou o exercicio do livre exame. Aos anatemas ao terror do inferno e á exploração mais recente do purgatorio foi o ocidente euraziano devedor dessa vertigem de uniformidade que paralizou durante dez seculos, pelo menos, o desdobramento normal do progresso. As disciplinas a chicote, as indulgencias, as onze mil virgens bretãs, a ascensão da quinquagenaria mãe de Jezús com roupas que a aviação já está modificando em prol da decencia, um dedo do Espirito Santo mostrado aos fieis em Jeruzalem : mas que porção de sandices ! Por não as acolher no raciocinio foi Galileu recolhido á cadeia. Assim o quiz Belarmino, o cardeal.

— Belarmino é um tipo universalizado. E' uma instituição generalizada na literatura, na sciencia, nas artes, nas secretarias, em todas as profissões, na politica sobretudo. A aquiescencia permanente e o faro adetivo ao vencedor, a previzão de lucros, esse como sentido da orientação orçamentaria, constituem para Belarmino uma fôrma que lhe modela a existencia inteira, significando uma evidente denuncia da pessoalidade. Mas vê-lo é conhecê-lo ; observá-lo é reconhecê-lo.

Solene sua fala parecendo um intervalo ao seu silencio, deixando sempre o assunto por discutir, saindo-lhe as frases como obsequios concedidos aos ouvintes, é adoravel a mescla de altivez e de bonhomia com que Belarmino profere : “A chuva humedece o solo”, “Muitas recomendações á exma. senhora sua mãe”, “Hoje mais do que nunca”, “Os interesses conservadores da sociedade exigem que fortaleçamos o poder constituido”, e outras desse teor que, em auto-tarifa, o convencem cada vez mais

de excesso do proprio merito! Peçam-lhe colaboração numa poliantéa, e, desdenhozo de gesto, certo, todavia, da gratidão do porvir, Belarmino produzirá em letras corredias: “Presto minhas homenagens ao illustre homenageado”, e datará essa revelação de suas divicias mentaes conscientes, algidamente consciente, de haver salvado a patria e as batatas.

Belarmino não sabe literatura, mas ouviu dizer que ella existe; não leu Tacito; pratica-o, porém, ficando ao lado da maioria sempre que prevê e teme perigos sociaes. O partido dos unanimes, esse que se fundou no Brazil em 1895 e cada dia mais se espaça, traduz no mundo politico o permanente ideal de Belarmino.

Ponderado, ponderozo, figura obrigada nas associações de mão-morta, grave, retraido desde os bancos collegiaes, como aquelle nulo, filho de nulo, que Dumas esteriotípa no “Processo Clemenceau”: Belarmino, feliz ou infeliz na campanha da vida, com ou sem achaques na seriedade, sem ou com suspeitas na reputação, acaba irremessivelmente sua carreira neste vale de lagrimas... tendo uma herma no jardim de Palacio e o nome numa das praças da Conceição de Itanhaen.

Os Belarminos...

— O busto sagaz de Machiavel, encimando-lhe o monumento funerario, prende-me a atenção, num pouco do passado paulista. Cinco contos de réis pagou o erario estadual, ha dezoito annos, por folheto da lavra do ironico explorador Alexandre d’Atri contendo o sensacional aserto de que varios chefes do partido republicano liam no original o “Principe”, havendo-lhe decorado inumeras paginas.

Os Belarminos! Os Belarminos...

VARIOS E VARIAS

— Por ser das mais antigas, apresenta-se a igreja de “S. Lourenço” como a mais antiga de Florença ; sua reconstrução, porém, traz no batisterio a data de 1425. Outra mania das construções italianas é a de que cada uma é a maior de todas. No Castel Vecchio, hoje Camara Municipal, mais uma vez informaram estar eu na maior sala da Europa.

Maior, porém, do que a sala das sessões foi a alegria com que me vi fóra della ! Se durante as informações que democraticamente me forneceu um ajudante ou auxiliar do secretario, e que autenticavam a lizura e a clareza do manejo de todos os serviços municipaes, o homem tem a má lembrança de pedir que lhe eu noticie como vai de saude a edilidade para a qual contribuo com os meus impostos em dia : que atrapalhação ! Tinha eu de confessar-lhe que o municipio de Santos, metade em população ao de Florença, arrecadando dez milhões de liras annualmente, sem obras publicas em andamento, gasta metade da renda em serviços de dividas flutuantes, externa e outras. Mas o italiano foi convenientemente discreto. “Milagrei escapozamente !” como exclamava o sarcastico conselheiro Brotero.

— Em “S. Lourenço” : a tribuna de cristal, branco-marmorea, trabalho de Donateli ; o largo pulpito, em bronze, ladeado de relevos, com as principaes scenas da vida de Cristo ; a figura de S. Damasceno, quazi a falar, reclamando, suspeitei, contra as da Aurora e da Noite que lhe ficam fronteiras, e que inauguraram o nú nos templos do ocidente ; o Genio da Vitoria, intrepido, vigoroso, mas cuja cabeça, duvidosa de sobrançeria, pela primeira

vez desloca Miguel Angelo da altura de Miguel Angelo : foi o que vi e trouxe para este "diario".

Mais prolongada foi a minha estadia na "Academia das "Belas-Artes". Giotto e sua insistencia na vida de S. João Batista ; Cimabue e sua dezagradavel maneira bizantina : pouco tempo me tomaram. De duas obras, relativamente moderna uma, objeto de acirrados debates outra, fizera eu o programma da vizita. Mantive-o.

A grande tela de Bezzuoli — *Entrada de Carlos VIII em Florença* (1494) está a crescer diariamente de observadores e de aplauzos. Abundancia de fisionomias ; variedade de personagens e de sentimentos ; o respeito, a apoteoze, a alegria, o desprezo, a vaidade ; tudo, tudo diferenciado numa policromia vivacissima ! Ali até no olhar dos cavalos, os pensamentos se distanciam, divergem as preocupações !

— Na sala, espaçosa, a segunda, onde o marmore em enormes blocos vai deixando aparecer e gemer imaginados prisioneiros, lá no fundo, debaixo da cupula, completo, grande, proporcional, se ergue o David de Miguel Angelo. Tem, é exato, a inexatidão do cabelo curto e crespo das divindades pagãs, mas aquelle olhar é semita, semita é aquelle nariz quazi imperfeito. Mais firme na perna direita, membruda, retezada, o moço vai, com a mão esquerda, puxar a funda, puxá-la instintivamente. A direita agarra a pedra, nervozamente a aperta. O conjunto do rosto, porém, decide, sabe o que quer, quer o que sabe ; os olhos, esses, marcam, alvejam.

Um homem, uma vontade, uma resolução, uma acção: tudo completo : eis o David.

Não domina como o Moizés ; interessa, perdura, persiste. E' a obra do talento em sua transição para o genio.

NUMA PRAÇA

Uma centena de pessoas ouve discurso dum gordo zanolho. Verbozissimo, um jornal estendido no chão para que do auditorio lhe atirem moedinhas de cinco ou dez soldos, prontifica-se o homem a discursar de improvizo sobre qualquer assunto.

Interrompi-o com uma lira e a palavra — “Brazil”. Rapido, derramou o parlante um diluvio de frases toleradamente conexas. Viagem de Pedralvares, beleza da bahia do Rio de Janeiro, viaférrea de Paranaguá a Curitiba, futuro de Matto-Grosso, riqueza de S. Paulo, elogio e reinado de Pedro 2.º, hospitalidade brasileira : esses temas todos atravessou-os o improvisador sem descarrilar numa reticencia, sem tropeçar num engasgo. O auditorio, cresccnte, oprimia-se aos empurrões ; a lira corra em boato, agitando o espanto geral. Uma lira por um discurso ! Na Italia !

E o orador proseguia sem pausa, sem rouquidão, sem copo dagua. Aceitavel. Quazi bom. Eis, porém, que melhora, perorando com a seguinte fraze : “Quantos patricios meus, tendo daqui partido com a consciencia perturbada por erros na vida, talvez por crimes, encontraram no Brazil, além da regeneração pelo trabalho, a saúde e o dinheiro !?”

.....

— Onde esse zanaga quarentão se instruiu de tanta coiza a respeito do Brazil ? Onde ? Fôra talvez, quando joven de onze a dezenove annos, quando nitidamente lhe trabalhava a fotografia da memoria, imigrante subvencionado ; talvez um daquelles em cuja tabeleta o primeiro algarismo, escrito em linha réta, se prestava a ser alterado para numero dois, de modo a engrossar, para

contratantes e intermediarios, pagamentos por ocasião do ajuste semestral das contas. Manhas administrativas de minha terra e promissoras de grande desenvolvimento!

O que é certo é que esse orador popular conhecia teorica e praticamente o nosso problema de colonização. Tinha incontestavel preparo.

.....
ARDIL.

— Incidentes. A' porta da igreja de Santa Croce, quando reclamei faltar mendiga pedindo esmola, appareceram immediatamente tres; uma dellas, cega, ao receber uma pratinha, agradeceu-me em francez dizendo: "Merci, madame".

— Ninguem, em Florença, me elucidou algumas duvidas que encontrei aqui e aqui deixo. Por exemplo: porque tem o nome "Gambrinus" o melhor restaurante que é possivel imaginar: estalagem grande onde tudo é grande: a quantidade de comida, a banda de muzica, o luxo, a boa vontade dos criados, e só são pequenos os preços? Que tem ou que teve o inventor da cerveja, marido ou quazi da Isis egipcia segundo legenda, com o macarrão e a vitela do hotel Gambrinus? Outra incerteza: porque razão o "*Paraizo*" de Dante influiu mais, muitissimo mais, na pintura italiana, em todas as escolas de pintura italiana, do que o "*Inferno*", aliás mais lido, mais discutido, mais poetico, indiscutivelmente mais genial? Ainda: que determinantes incentivos tem a policia florentina, afavel, atencioza nos outros pontos da hospitaleira cidade, para nas estações das vias-férreas proteger escandalozamente rapinagens e espertezas no transporte de bagagens? Póde o passageiro ajustar quanto quizer, com deznado carregador, preço, prazo, entrega, trans-

porte, despacho, etc., á ultima hora, guinchando, gesticulando, são inevitaveis a reclamar pagamento de tres ou mais carregadores! Dúvidas! Dúvidas. Quem não as padece? Dum perplexo, falecido cheio dellas, varejou Parny em tradução de Curvo Semedo:

Partiu hontem daqui quazi á noitinha,
Para ver se podia noutro mundo
Ver-se livre das dividas que tinha.

.....
— Teria eu de todo perdido a sagacidade? Lidei com tanta gente sem lhe notar diferenças fisionomicas? Mal comuniquei ao gerente do hotel a resolução de partir amanhã para Veneza, comecei a saber que todos os criados da caza, simplesmente todos! tinham estado ao meu serviço! E sem eu os ver, sem os chamar, sem sequer suspeitar que houvessem nascido! Todos.

Um fôra comprar os bilhetes á estação mesmo antes de eu anunciar a viagem; outro me levára os jornaes da manhã do primeiro para o segundo andar; uma criada tomára a roupa, que outra lavára e outra engomára; um hercules loiro, que pela primeira vez me aparecia, ajudára um meio hercules a pôr as minhas malas á cabeça. Decizivo, um menino me entregou a conta do hotel; modestamente contrafeito, alegou um outro haver aberto a portinhola do carro quando eu chegára de Roma. Parente do porteiro requeria gratificação porque auxiliara o cunhado, que da calçada me endereçava olhares ambiciosos, no encaixotamento duma estatueta de Rabeca, paga mais, do que realmente valia. O irmão do gerente, porque me recomendára um guia, aliás toleravel, murmurantemente ciciou que me não esquecesse eu delle. Era um nunca acabar de gratificações!

Silencieiei minutos. Refleti. Organizei meu plano de defeza. Com voz cavernozza e rosto entristecido implorei do gerente conferencia urgente para negocio rezervado.

Com incidentes que, tambem, a imaginação me forneceu, contei-lhe haver perdido no jogo seis mil seiscentas e sessenta e seis liras, e pedi-lhe cento e oitenta e quatro, por emprestimo, para ocorrer a despezas de viagem a Veneza, prometendo, sob palavra de honra dobrada de juramento, reembolso dentro em vinte e quatro horas. Pedi perfeitamente bem; pedi como se não tivesse feito outra coiza desde que começára a uzar mamadeira. Pedi como um jornalista da opposição. Apavorado, palido, retirando-se de frente, receiozo de que lhe eu vizitasse os bolsos pela retaguarda, “que não !” que não ? ora gritava, ora balbuciava o infeliz.

Cinco minutos de colloquios na saleta da gerencia. Retirada do inimigo. Autonomia de minha carteira. Na Italia, um bom meio de afungentar larapios é pedir-lhes dinheiro.

Na Italia só ?

ITINERARIO. — PARANDO. — MARÇO, 14

— A saudade foi inventada especialmente para quem sáe de Florença. Dali ninguem se retira só; parte-se em companhia do dezejo de voltar. A manteiga não é ruim, e ultra magnificos são de manhã os pãezinhos; delles e della foi tocante a minha despedida para tomar o trem das dez e quarenta, que me prometia soltar nas margens do Adriatico.

— Em Pistoia, onde a demora se habituou a exceder os vinte minutos regulamentares e o comboio gosta de criar raizes; e quando eu, á janella do vagão, comprava caramelos e chamava á memoia a derrota, nessas paragens, de Catilina por Petreio, não por Cicero que só era

forte de lingua e apanhava sempre que se metia a valente, um cazo estranho, inesperado, talvez sem precedentes, provocou admirativos e profundos comentarios : o trem partiu á hora certa ! Estupendo ! Limitrofe do impossivel. Fui, porém, parte e testemunha ocular. Assevero que o trem partiu á hora certa.

Partiu de vagar, constrangido, estreante no dever, mas partiu sem atrazo. Asseguro-o convencidamente.

Relanceio o olhar. Tantas edificações novas ! Ao longe, não muito, enxergo uma igreja. Alta, zimbório grandiozo, dizem-na riquissima. Nome ? Igreja da "Humildade". Fico inteirado. Em Una, onde estive ha quarenta annos, conheci o alferes Guerreiro que tremia deante da espoza, e um Jorge Gigante que mal me dava pelo hombro. O mundo é sempre o mesmo.

— Segue o bonde. Vai subindo, subindo, e em torcicolos se abeira ao pincarado dos montes, donde a carapuça de neve aumentando, distendendo-se, de quando em vez se une aos lenções que embranquecem os intersticios dos vales. Passam aldeias e aldeias, carneiradas, picos, troncos sêcos, rochas, nevoaças ; tudo ao mesmo tempo, sincronicamente, como que á mão, passa, vai passando. Terra morta, porém ! Ha, todavia, muitas e pequenas quédas dagua aproveitadas pela industria. Luta da vontade contra a natureza. Vencerá aqui o homem, extraindo desse cansaço telurico progresso e subsistencia ? Sim, sim : responderão combinadamente o esforço provocado, a quimica aperfeiçoada e a fisica aproveitada.

O chileno, aprendi-o no insuspeito Barros Aranha, justamente por lhe ter cabido uma natureza ingrata, provocadora do esforço, conseguiu triunfar, e, se hoje não arrecada todas as consequencias sociologicas da vitoria,

queixe-se do alcool que lhe está a entontecer a aristocracia intelectual, e cujos efeitos, dezastrosos, não são inferiores aos que o vicio do jogo impõe ao argentino, seu aventurezo contendor. Mas a lição de Buckle dezafia e bate a doutrina do chileno. Mas eu só sei que nada sei. Misturam-se-me as teorias. Chocam-se-me as observações. Emquanto não surgir, na mentalidade occidental, competencia preeminente que sintetize as verdades definitivamente aproveitadas para e pela sciencia do seculo entrante, é difficil, muito difficil, opinião sem tolice e tolice sem opinião.

.....

— Viaja-se mal na Italia. Caras as passagens. Maltratadas as bagagens. Lavatorios cebentos. Toleraveis apenas os trens de luxo ; nelles a meza é bôa, porém muito prevista, muito insistente ; uma vez, após perseverantes supplicas, consegui que trocassem o macarrão e a vitela por vitela e macarrão. Muita poeira ; desasseio em quantidade maior do que a permitida.

A' ruindade, porém, dessa viação-férrea devo um dos melhores dias de minha vida. Devo a vizita a Bolonha, com toda a intensidade dum grande prazer inesperado.

Eis como : em e a respeito de incidentes de viagem costume, quando em duvida ou ignorancia, marcar olhadamente o companheiro mais gordo, e imitá-lo. As mais das vezes o individuo gordo é mais previdente, methodico, razoavel do que o magro ; porque ? Porque é, e não sei mais porque, mas é. Estacionando o trem em Bolonha, e não se tendo movido o gordo que eu alvejava como molde a remedar, deixei-me no assento que em Florença tomára com premeditados intentos venezianos.

Salvou-me, porém, a direção a pergunta duma menina a outra, que a abraçava entrando : — “Você também vai para Milão ?”

Estremeci. Saltar do vagão, dirigir-me ao comboio que partia para Veneza, perdê-lo vendo-o partir, gratificar empregado que me protegera no aproveitamento dos bilhetes para segundo trem que passaria á noite, tomar um calice de licor que me esquentasse contra o dezanimo, um carro e a resolução de vizitar Bolonha durante seis horas : foi o que fiz sem pestanejar, como se estivesse pondo em pratica rezoluções deliberadas com antecedencia de um anno e dia.

EM BOLONHA.

— Não direi que fosse ardente (tão longe vão os meus ardores !) o meu desejo de conhecer a patria da sciencia moderna, mas era sincero, e só por motivos temporarios a havia excluido dos meus designios itinerantes. Acresce assinalar que caipira, quando vai a Europa, quer logo chegar a Paris ; e eu, se não subir á Torre Eiffel, nem sei com que cara me apresente, em Santos, na sala das audiencias !

Apenas meia duzia de horas em Bolonha. Pouco para quem pára ; bastante para quem repara. E ainda, desse praso limitadissimo, alguns minutos surripiados por entremez policial. Paciencia. Poderia ter sido mais longo, peor portanto, o padecido incidente.

NEM VIDOCQ, NEM JAVERT

— Chama-me de parte um meão de boné azul e fardeta esbranquiçada ; mede-me o vulto, e cumprimenta-me com esse rizinho autoritario de quem nos faz o favor de

não ser malcriado. Compreendo, sem grande trabalho de perspicacia, que a minha agitação entre os dois trens, o deixado e o perdido, as minhas confabulações na bilheteria, e a rapidez com que cocheiro e minha bolsinha de prata não discutiram preços, haviam interessado a argucia dum agente de policia. Desconfiei de que me elle desconfiára espião tripolitano. Opuz rizinho a rizinho, cumprimento a cumprimento.

— Quem é o senhor ?

— Francesco Martini, paulistano, budista, em disponibilidade para diretor de collegio de meninas : fui respondendo vagarosamente.

— Sua occupação na Italia ?

— Sogro do correspondente do "Times" : disse elevando um pouco a voz, e desdobrando o meu passaporte em portuguez, papel largo encimado pela quazi italiana palavra DIPLOMATICO em letras maiusculas.

O peninsular defensor da ordem publica, depois de trocar frases com o empregado que eu gratificára, dezistiu de intervir na marcha do meu destino. Separámo-nos. Nem um de nós sentiu falta de outro.

.....

POLICIALISMO. RECORDAÇÕES MUITO AMARGAS

— Leio sempre com prazer noticia de fuga de prezos. Entristece-me quazi sempre, no dia seguinte, a de que foram elles capturados. Gostos ! Maneira de ver e sentir.

Ponho o meu ideal administrativo, não na obediencia aos regulamentos, porém na bem exercitada autonomia do individuo. Governo ? O menos possivel. Mas isso, objeta-se-me, prejudica os direitos do Estado, a justiça do Estado, a honra do Estado, o Estado em suma.

Sim ? Mas quem é o Estado ? Onde o viram ? E' alto ou baixo ? Viuvo, cego, loiro, magro ? Sei que elle cobra impostos, domina, predomina, apropria-se, desapropria, consome, contrata, distrata, mas nunca o vi, nunca o viram. Conheço a Patria, a Nação, o Governo ; defino-os, discuto-os, explico-os : mas o Estado, não. Teimam em que elle existe praticando a Justiça. Pois sim !

Diga-se ao ouvido dum qualquer viandante urbano ou suburbano, nacional ou estrangeiro : "A justiça tem negocios com você", e elle involuntariamente estremecerá.

E' que "Justiça" dentro do sofisma "Estado", significa ameaça, sofrimento, pancada. Justiça é sinónimo de matar. O "Estado", pelos seus órgãos, pelas suas agencias, rege tudo : pratica acto de rei, de rajá : reina. "Você está reinando", diz a mãe ao filho peralta, não ao filho que praticou uma boa acção. Por onde mais se revela e mantem o "Estado ?" Pela policia. Pelo policialismo.

Existirá um fundo de despeito no meu dezamor ao policialismo ? Talvez. Sim, em termos. Nossas relações, as que recordo, nunca foram intimas, tendo sido mesmo algumas vezes carrancudas, mas isso só excepcionalmente. Na média, foram divertidas. Consulte a policia os seus apontamentos, e verifique se combinam com os meus.

— ? — Louzada e Joviano.

— De duas hospedagens que a policia paulista me preparou, recusei... tres. Avizado, em 1894, no Grande Hotel, de que em caso algum, ruissem universo e adjacencias, seria eu prezo, mais avizado fui desconfiando do avizo ; parti imediatamente para Santos onde me esperava transporte especial (que honra !) para a ilha das

Enxadas e ali, sem jubilo da ingratição pedingonha, me cercou a autoridade fluminense do mais apurado conforto.

Lá pelas bandas estaduaes paulistanas, porém, a policia só não fez papel triste quando fez papel pardo. Aludo á circumstancia de ser mulato o ensaiador duma outra artimanha, de que escapei.

Na conspiração do ex-beleguim Louzada Antunes, favorecida para ser descoberta por interessados em fornecimentos, prevenido que estava da amabilidade com que me dezejavam incluir no numero dos comprometidos, propalei durante uma semana, em conversações e na imprensa, minha mudança temporaria para o Alto da Serra. “Suicidado” o infeliz, e divulgada a circumstancia de haver, em depoimento que ninguem quiz publicar, confessado elle ter ido varias vezes ao Alto da Serra conferenciar com um “ilustre advogado vindo de Santos”, padeceu a policia (coitadinha !) o dissabor de verificar que o “ilustre advogado” não subira a Serra, inutilizando, assim sedentariamente, toda a conspiração e tornando dispensavel, por improficuo, o “suicidio de Louzada Antunes”,

Anos depois, na conjuração Joviano, a comedia foi mais engraçada. Preparado o laço, combinadas longamente as clauzulas da venalidade, marcada a hora, e fornecido o armamento pela propria policia, quando me vieram convidar para cair na cilada, dirigi-me resolutamente para a cama. Dormi á vontade. Nem Epimenide roncava como eu ! Quando acordei estavam em dezacordo os salvadores das instituições. Ninguem se entendia. Gemia a verba secreta. E até agora, já lá vão tantos anos ! permanecemos ignorantes : eu, porque concurso de confusões, quatrocentas espingardas foram parar em Araçariguama ; Araçariguama, de que me está a dever essa, unica e inesperada, vizita de quatrocentas espin-

gardas que a policia, atrapalhada, teve de mandar lá esconder !

.....
Como policia preventiva, a nossa foi sempre superior á italiana. A dos salões, creada durante o periodo regencial, ainda agora não é uma inutilidade ; e o nosso uzo de apitos, para pedir socorro e reclamar prezença de subalternos, impede mais do que se pensa a pratica de crimes.

No descobrimento, porém, da verdade ; na elucidação analitica do delito, como é imprestavel a policia brasileira !

Como os seus arquivos escurentam atrocidades, e dificultam a decifração de enigmas historicos !

Quem, por exemplo, poude, indicialmente sequer, explicar o assalto ao palacete da riquissima d. Agueda, horas depois de terminado o baile que a prezença do primeiro imperador honrara com o acompanhamento de grande parte da côrte ? Como entender, poucos anos depois, a concessão de liberdade a Pedro-Hespanhol para, decorridos mezes, o desfigurarem com quatorze tiros de frente, impossibilitando-lhe a verificação fizionomica ? Quem era esse bandido ? Resto da quadrilha da Mantiqueira ? Companheiro dos facinoras da Caqueirada ?

Outro caso : que interesse ainda haverá em ocultar os pormenores da fuga de Pedro Ivo da fortaleza da Lage ?

Porque não revelar : a reunião dos chefes liberaes na Marambaia a passagem do navio negreiro, a vinda do revoltoso a S. Paulo, o embarque ou o desembarque, em Santos, em navio comandado por Gangini, e a conferencia, na Penha, com o dr. Gabriel Rodrigues dos Santos ? Porque ?

— Mas eu estava em Bolonha... Ainda estou.

CORRENDO E PERCORRENDO

Entuziastica e altiva comoção logo á entrada! Eu já sabia estar na cidade mais antiaustriaca da Italia; na cidade onde a consciencia das responsabilidades historicas havia engendrado a ufania da bravura e a resolução da valentia. Prevenido embora, foi com a sensibilidade a agitar-me o coração fenicio latinizado que cortejei — aquella estatua do patriota com o soldado invazor morto aos pés, o gesto aggressivo, flutuantes os fiapos da bandeira rasgada pelas balas inimigas! Significativo, inflexivel monumento: o olhar e os labios do patriota estão a proferir e intimar, frente ao estrangeiro invazor, neste monumento comemorativo dos bravos de 1848, o não! o eterno adverbio do direito contra a força, da minoria contra o arbitrio.

Dezatenho, ladeei as inevitaveis estatuas de Garibaldi, e Victor Emanuel. Atento, olhei, mais solida do que liquida, mais bronze do que humidade, a famosa Fonte de Neptuno, onde uma das ninfas espirra agua por tres vehiculos, sendo dois os seios. Estenso e lindo trabalho do demorado João Bolonha (1564-6,) que não era de Bolonha.

Impassivel, a igreja de S. Petronio, pezadissima, muito grande, gotica, interminada, recebeu a minha não anunciada vizita. Não me tratou, porém, com a merecida delicadeza. Quando eu pedi por intermedio do guia (era o proprio cocheiro do carro; não me mentira completamente alardeando conhecer Bolonha tanto como todos os bolonhezes) que me mostrasse de seu filho Dominiquino uma tela onde pudesse verificar, conforme me haviam ensinado, a insuficiencia do colorido corrigida pela espontaneidade dramatica dos gestos, a enorme igreja, tão pe-

bre desse rebento artistico como doutro seu patricio que foi Guido Reni, tentou abrandar-me a deziluzão e contentar-me com a mostra do interminavel altar onde Clemente VII, em 1530, praticou a inclemencia de coroar rei e imperador dos romanos o hipocrita e nugatorio trintão Carlos V. Um conhecido, á esquerda, num outro e menor altar, me distraiu da repulsa que a troca reclamava. Quem era elle ?

Era Sto. Antonio de Padua. Por associação de idéas imaginei que, pondo na carinha do santo barba não muito comprida, porém regular, e inteiriça, ficaria esse galozuzo, genial precursor da Renascença, quazi igual em fizionomia ao padre Antonio Vieira, apezar de quinhentos e alguns annos separarem os dois mais notaveis Antonios que Portugal tem produzido. Bonita imagem. Examinando-lhe a inscrição verifiquei: o “v” era, como de costume, o nosso “u” actual, tendo sido surripiado na Italia o “L” com que os portuguezes até o começo do seculo passado escreviam “Lix”, atrapalhada abreviatura de Ulisipo, de Ulisses, o duplex Ulisses virgiliano.

TEIMOSO !

— Que não ! que não ! que o santo italiano não era portuguez, decizoriamente me intimou um ajudante de sacristão, privilegiado, ao que me pareceu, nas redondezas do altar e do santo. Fiz-lhe uma preleção ; referi-me ás cruzadas, a Godofredo de Bulhão, ao que se diz do pai do santo, ao meu muito amigo e pouco adversario Leopoldo de Bulhões que tem cheiro de santidade por atavismo colateral ; informei-o de que o santo morrera joven, professor em Padua. . . “Que sim, que sim”, apoiava-me com a cabeça e com a voz um tanto rouca, “mas que

o santo era italiano porque o portuguez era o outro". E acrescentava, não apreendi por que angulos do raciocinio "se a lingua portugueza é filha da latina, como poderia o padre portuguez ensinar em italiano?"

Acostumei-me no meio brasileiro onde todos falam ao mesmo tempo, a dividir o exercicio da faculdade da atenção. E, sem perder de vista aquelles oito milagres, ao lado, nos quaes a beleza dos tipos vence o cinzento feio e quazi desvalorizador do malogrado Jeronimo de Trevizo, nem poupar elogios ao mais que elogiado Samsolino pelo conjunto superior e uniforme do monumento não larguei dos ouvidos do sacristão por mais que me parecesse dezejar elle, livre de mim, descançar á sombra das proprias orelhas.

Expliquei-lhe, com a melhor das minhas paciencias; que a lingua portugueza não era filha, porém irmã da latina, sendo ambas dialetos celtas; que, romanizada a Iberia a datar da segunda guerra punica, na Luzitania a latinização foi completa, sendo o latim empregado, correctamente portanto, nos julgados dos tribunaes e nas relações administrativas; que, por ter menos sofrido da invazão dos barbaros, havendo apenas visto uma nesga do sarraceno ao sul e outra do burguinhão ao norte, conservou o luzitano muito da construção latina da fraze: que, por ignorar o grego, Camões, ao contrario do que acontecera a Dante e Bocacio na Italia, de tal maneira contribuiu para a evolução regular da nossa lingua que vive ella sem dialetos, de Matto-Grosso a Macau, e do Amapá ao Chuy; que temos, no Brasil, um tão perfeito instrumento de pensamento que não só palavras arabes e punicas — "almirante, armazem", etc., nossa evolução aceitou, mas tambem, para as necessidades da idéa e desdobramento da fôrma, recebemos e naturali-

zámos apreciavel quantidade de vocabulos indigenas, etiopes e até quichuas — “cutucar, catinga, embira, chacara, etc” ; que, incidente humano, teve o santo de agir no circulo dos acontecimentos que encontrou no mundo ; que das proprias telas de Jeronimo de Trevizo facil era inferir a nacionalidade luzitana do santo, perorei suando.

“Que sim, que sim, mas que Sto. Antonio de Padua era italiano”, repetiu o malvado recebendo a gorgeta. E não ter eu, na ocasião, uma moeda de vintem para tentar o milagre de convencê-lo !

JA' VI.

— Mas eu já vi coiza assim tão intoleravel ! Mas eu já gastei e perdi preleção assim tão longa.

Foi ha muitos annos. Vindo para prezidir S. Paulo, e cançado de meio anno de relativo quiete, demitiu o barão de Guajará duas autoridades policiaes de Ubatuba.

Procurei-o. Encontrei-o cachimbando. Documentei a injustiça e a inconveniencia partidaria das demissões. “Que sim, que sim”, interrompia-me o barão, tolerando que aos seus quazi monosilabos sobrepuzesse eu duas estafantes horas de verbozidade politica. Ao retirar-me, porém, e quando apertavamos despedidamente as mãos, o malvado me perguntou com a mais fria das tranquilidades :

— “Mas, afinal, v. excia. quer que as autoridades sejam demitidas ?”

Antes dum mez o demitido foi elle. Minha importancia em Ubatuba cresceu desmesuradamente.

S. ANTONIO E A POLITICA DE UBATUBA.

— Em 1891, evitando duvidas nas convicções democraticas de Ubatuba, e atendendo requisição do respe-

tivo chefe municipal, um major zangadinho, enviei-lhe oito tiras de papel com discurso a ser proferido em, então, proximo 15 de Novembro, festa memorativa da proclamação da Republica. Pelo segundo correio recebi do major carta-agradecimento; terminava assim: "O discurso estava tão bom que deu para dois; recitei metade no teatro e o resto no largo da Matriz".

... S. Antonio foi tão bom que deu tambem para dois: metade em Portugal e o resto em Padua.

NA UNIVERSIDADE: PALACIO POGGI.

— Nunca estive em logar mais venerando, em templo mais sagrado. Nunca penetrei santuario mais respeitavel.

De tanta velhice já está a tresler a UNIVERSIDADE de Bolonha; quando lhe perguntam a idade, ora responde ser filha de Teodosio II em 425 P.C., ora ter nascido não sabe de quem em 1158. Nem mesmo o predio onde hoje mora diz ella quem o construiu: se Tibaldi, se Bartolomeu Triachini. Caduquice manifesta.

Estive na sala onde funcionou, no ocidente, a primeira aula de anatomia. Dahi a mentalidade scientifica, reagindo contra os preconceitos, ensinou e exportou a pratica utilissima das disseccões e vivisseccões. Não é sala: é um campo de batalha. Ali a civilização adquiriu um dos seus titulos mais legitimos, uma de suas glorias invenciveis, inapagaveis. Quantos milhões de existencias se originaram e prolongaram á custa das cogitações discutidas e triunfantes naquella sala!

Dos vinte e dois compartimentos, não muito espaçosos aliás, da Biblioteca, fiz pausa no decimo primeiro: o da latinidade literaria. Ao acazo tomei um livro; abri-o ao acazo: edição de 1544, a primeira supponho, das

“Cartas de Cicero a Atico”. Ignorava-a ; que, porém, as houvera descoberto Petrarca um seculo antes, não era noção alheia ás inutilidades que me atopetam a memoria. Oito annos mais moça do que essa edição, tenho uma de Polibio, presente que devo á amizade do dr. Dionizio Cerqueira ; dessa edição não encontrei noticia em livro algum !

Atico ! Homem feliz. Não quiz ser governo, e por isso viveu bem com todos os governos. E’ sempre a mesma coiza : não bulam no osso, e o cachorro não morde. Geitozo Atico ! Egoista, tolerante, credor brando de potentados, competentemente literario, notorio, conseguiu viver muito numa época em que, para os notorios, a moda era morrer cedo. Esquadrinhei-lhe a interessante vida em obras de Gaston Boissier, amigo do Brazil e amicissimo de Pedro 2.º.

Pedi manuscritos. Mostraram-m’os de Minghetti. Além duma estatua que lhe conserva e ostenta o bellissimo perfil, o orador, o financista, o diplomata, o sobretudo acerrimo partidario da descentralização administrativa tem, na sua adorada terra bolonheza, nelles, monumento mais duradoiro. Vi-os colecionados, encadernadissimos, esses manuscritos literarios e politicos do notavel, limpo e lucido estadista. Felizes os seus descendentes ! foi a irreprimivel e espontanea exclamação que me saiu da sinceridade e dos labios.

Sim : felizes os seus decendentes ! Podem pensar e publicar : “Elle, esse nosso antepassado, não rebaixou pozições politicas, não comerciou interesses publicos, não furtou dinheiro do Tezouro, não falsificou documentos, não enriqueceu no poder filhos e genros, não alardeou incontinencias, não inventou indenizações, não rezidiu em bancas de jogo, não se apossou de terras do Estado, não fugiu com a caixa do partido, não se vendeu aos es-

trangeiros, não falsificou testamentos, não alugou o direito..." Felizes, felizes, os descendentes de Minghetti!

.....
— Porque no Brazil não promovem os Institutos Historicos a arrecadação e a divulgação de arquivos deixados por politicos e estadistas ? O de Zacarias de Vasconcellos, metódico que foi o illustre baiano, deve ser proveitozissimo. Os de Bernardo de Vasconcelos e Pedro de Araujo Lima não exigiriam ingentes esforços para sua ordenação utilizavel. Do do velho José Bonifacio, vasculhado por estranhos e diminuido de peças politicas, têm ainda valor incontestavel e sientifico os restos que me vieram parar ás mãos difficilmente.

Porque inutilizar no olvido esses depozitos do passado nacional ? Fique sem resposta esta lembrança da patria auzente.

.....
— Na sala das consultas, vasta, bem varrida, bem mobilada, duas meninas, bonitas como em regra são as bolonhezas apesar do seu tradicional nariz grosso, consultam obras de historia grega. Original esse par de meninas ! Esquisita, essa quazi derradeira impressão que recebo de duas moças numa cidade tão velha !

Saio. Perto, bem perto, vejo a cazinha assobradada que, em 1825, Rossini, jovem, edificou com dinheiro já fornecido pela arte e com intenções de rezidencia, pouco efetivadas. Partem, lá de dentro, acordes dum violino. Antes isso. Estará a alma do maestro em vizita á tranzitoria moradia ?

IRMÃOS NA GLORIA

Em frente á Universidade a estatua de Galvani. Nobre. Consciente. Severa. Adeante, não muito lon-

ge, com justissima inscrição, edilmente desapropriada, a caza onde nasceu Marconi.

Bem. Muito bem! O ilustre percursor da electrologia e o descobridor da telegrafia sem fios, estão ali em companhia materna: nasceu-lhes o genio ali: ali na Universidade de Bolonha.

.....
Pronto! Estação. Partida. Meditação. Silencio.

IMPORTUNOS

— Marconi e Galvani. Como adivinhar o amanhã do homem neste planetinha? Como medir, previzoramente, os resultados do eterno concurso da vontade com o acazo, da teoria com a pratica, do successo com a dezi-luzão?

Onde estará o progresso quando em meio estiver o seculo XX?

A electricidade, materia prima, ao alcance de todas as aspirações da mecanica; rapidas, comodissimas, as communicações aéreas e submarinas; aproveitamento terapeutico do ar com estações sanitarias modeladas pela determinação das altitudes; divulgação diaria, immediata, de todas as descobertas; utilização completa de todas as quédas dagua; possibilidade de communicações interplanetarias; ao serviço da industria, escravizadas a força eruptiva dos vulcões e a oscilação das marés; a harmonia da quimica com o estomago, da roupa com a circulação do sangue, da habitação com a higiene; a patria encaminhada para a humanidade, a humanidade para a solidariedade universal; compatibilizados o direito e o individuo, o dever e a verdade; decizivamente substituida a luta da vida pela colaboração para a vida; o imposto

de capitação, unico, simplificando os compromissos do individuo com a sociedade ; Spencer vencedor, Spencer vitorioso...

E porque não sonhar tambem a vida eterna pelo equilibrio da receita com a despeza organica ? Mas se a população aumenta desmedidamente, como ocorrer aos inconvenientes do excesso de vida ? Que fazer ? Voltaremos á antropofagia ? Legalizar-se-á a castração ? No porvir reassumirá Origenes as proporções de modelo ?

Fantazias ! Quimeras ! Dilue-as um divorciavel casal peruano, oferecendo-me um cigarrinho, e perguntando-me se o fumo me incomóda. Respondo negativamente em duplicata, e penso retomar as reflexões que me estavam a dançar na cabeça. Impossivel. Ella e elle procuram fosforos ; achando-os depois de varias pesquisas, perguntam-me com insuspeitada intimidade :

— Porque motivo, quando se procura um objeto, só se o encontra no ultimo logar ?

— Porque depois que a gente o encontra não o procura mais : proferi sentenciozamente.

E' francez o diretor da comida. Atravessa o corredor e, com a impafia do subalterno que exerce qualquer parcela de autoridade, abre a porta do compartimento e, por sinal, ordena que os passageiros vão jantar. Não havia Perú no cardapio, mas o casal peruano não me abandonou. Que praga ! Urucubaca.

Sobremeza. Consulta-me a peruinha qual das tres qualidades de queijo deveria preferir. Esclareci-a dever aceitar as tres, que a decadencia da metafizica eliminava a discussão de cauzas primarias, e qualquer debate concernente aos queijos acarretaria outro relativo ás vacas, que eram, na opinião geral, a cauza primaria de to-

dos os queijos : acrescentei, e o marido revelou com o corpo todo mostras de assentimento.

Demora o café. Indago do criado se o fogo está frio.

Responde-me que não. Pára o trem. Onde ?

FERRARA

— Ferrara é afamada como cidade dezerta. Respeitei-lhe a nomeada e a indole : nem pensei em vizitá-la. Apenas, mentalmente, lhe perguntei como alcançara que Ludovico Ariosto, o autor do mais movimentado de todos os poemas celebres, nella permanecesse uma porção de anos ? Como era de prever, a interrogação ficou sem resposta.

Depois de morto, porém, continuou Ariosto a viver em Ferrara ; tem casa á custa da edilidade á rua Ariosto (tem rua tambem) n.º 67 ; tem uma praça, e ainda tem estatua. Antes de 1533, 6 de Junho, data de sua desgravitação, só arranjou elle em Ferrara credores, estorvos, empachos, e outros substantivos da numeroza familia das calamidades. Os proprios privilegios de autor, expressamente assegurados pelo papa Leão X, de pouco lhe valeram : teve de vender por cem francos cento e cincoenta exemplares do Orlando Furioso ! Era de enfurecer...

Depois de morto... E' preferivel uma choupana em vida a uma cidade inteira na missa do setimo dia... E' do Eccleziastes : mais vale um cão vivo do que um leão morto.

.....
— Mas Ariosto é um plagiario : retrucavam-me quando, ha seis e sete lustros, me era elle, com a sua agitação alegre, com a superioridade permanente da sua ironia, remedio facil e eficaz aos dissabores que me torturavam

nessa, a minha mais trabalhoza e combativa tranzição da existencia. Sei, não esqueço o que lhe devo. Animou-me quando eu desfalecia.

Plagiario ? Não, no rigor do termo: imitador, quando muito. Sem duvida o seu Orlando tem bastante de Aquiles e um pouco de Antar ; as duas fontes onde Reinaldo bebe o amor ou o desprezo não disfarça reminiscencias de Hercules na lenda de Priodicus ; mas Sacripante dezafia, nas applicações, a figura do Tersitus homeriano, e Marfiza não encontra, em todas as literaturas, mais merecido adoramento feminino. E onde trecho a superar em tristeza áquelle do sacrificio de Izabel ? Que ha de superior em aflicção ás lamentações de Olimpia ?

Se analogias de situação e parecença de quadros instituem e comprovam plagio, está definitivamente abolida a originalidade em literatura, qualquer que seja a sua essencia, qualquer que seja a sua fórmula. Ninguem produz sem sentir ; ninguem sente sem pensar ; ninguem pensa sem ter lido alguma coiza do que outros já pensaram e sentiram.

A “Besta do Apocalipse” modifica, altera, poetiza, o “Leviantan” de Job. Imitação, melhorada segundo a unanimidade da critica, mas incontestavel imitação da “Historia Verdadeira” de Luciano é o “Gulliver”, do truculento secretario de William Temple. E ha quem negue em absoluto, originalidade a Swift e a S. João Evangelista ?

.....
— Apareceu afinal o café. Reapareceu-me o bom humor. Razoavel este, aromatico aquelle.

Ao deixar a meza convidei as outras tres pessoas a plagiarem o meu acutelado procedimento quebrando o

palito, penna de pato, que cada uma dellas havia tirado dum pirezinho especial, e ia deixando sobre a toalha.

Expliquei-lhes :

— Na Italia ninguem sabe as voltas que um palito dá !

E argumentando por analogia asseverei-lhes, que, na Italia, a maior porção de agua limpa se chama Pó.

Ninguem achou graça. A culpa não foi minha.

NO NOTURNO — MARÇO, 14-15

— Cartas, contas, cambiaes, e outras perturbações na minha autonomia, mandam que esteja eu em Paris antes de 22 do corrente. Obedeço correndo. E o meu itinerario ?

E a comparação em Turim, da estatua de Ramsés com as de arte moderna ? E o mez de curiozidade que me eu prometera na Suissa ? Paciencia. Consola-me a esperança de voltar. O melhor programa de quem viaja é não ter programa : dizia-me ha muitos anos, em Santos, o quieto conego Luiz, que aliás nunca viajou.

— Roda o trem. Nem é tão longa a viagem que aconselhe leito, nem tão curta que o dispense. Amortecem os colloquios ; fecho os olhos ; estabeleço tal qual soliloquio interno. Veneza ? Mas eu sei de Veneza muito mais do que Veneza sabe de mim. Léon Gallibert, livro de capa doirada que abri e fechei em 1871, forneceu-me noticias historicas que acrizolam de particular simpatia a sintheze veneziana na civilização do ocidente.

.....
De Atila a Bonaparte está a Republica de Veneza entre o berço e a sepultura. Enferma, ia desesperando quando o caminho pelo cabo da Boaesperança lhe quiz dar cabo do commercio ; convaleceu, porém, graças á privilegiada situação geographica, comunicante com os

principaes mercados da Europa. Da sua fuga defensiva para as lagoas até a entrega á Austria por uma das muitas perfidias do tratado de Campoformio, atravessou ella quatorze seculos: seculos cheios de reformas de instituições, de conluios, de assassinatos, de intrigas, de lutas internas e externas, mas tambem de actividade, de progresso, de maior ou menor gloria, mas de gloria sempre.

Manobrando nunca menos de duzentos navios de guerra, Veneza soube ser forte. Criando, durante as cruzadas, a industria dos grandes transportes, soube ser opulenta.

Mantendo, mais que outro qualquer poder italiano, altivez perante o papado, soube ser independente. Soube tambem ser uma generosidade lucrada: grato ao refugio salvador que de Veneza recebera, cazou-a o pontifice Alexandre III com o Adriatico, ofertando-lhe o anel para a cerimonia: cerimonia que Veneza deliberou repetir anualmente, convencida, como todo mundo, de que cazar é bom.

— Estou a considerar naquelle “Conselho dos Quarenta”, exemplo unico de poder coletivo diminuindo de 75 % o numero de seus membros. Estou vendo a aquiescencia boquiaberta do doge, intimado a não ter, fóra do paiz, mulheres e terra. Estou vendo... Mas estou vendo que cheguei. E se não vejo bem Veneza é porque não ha sol de noite.

CHEGANDO

— Noite ainda. Estrelas e sofrivel iluminação comecem-me a revelar a encantadora cidade. Dezaparecem-me da lembrança todos os aborrecimentos da viagem. Quem tivesse por unica occupação chegar a Veneza passaria a mais agradavel das existencias.

A partida; a gondola, pontuda na prôa, lambendo o ar e lutando vantajosamente contra a concurrencia dos botes a vapor, que deviam ser prohibidos de perturbar as tradições da historica cidade; o homem do croque, e o seu gesto afocinhado de pedinte cronico, mas detendo a gondola até receber a esportula; o silencio do serviço; a muidez da cidade; a travessia semiescurecida dos canaes; a parada por dois minutos sob a tetrica "Ponte dos Suspiros" (o homem é o unico animal que prende seus semelhantes...); as cazas, grandes, quazi todas, parecendo ter só metade fóra dagua: que porção de inesperados brandos! Tudo calmo. Veneza parece uma boia. Ou é uma cidade tomando banho? Original, o gondoleiro! Possante, bonito, revelou-se-me, ás primeiras picadelas que lhe dei á atençaõ, um esperto bem intencionado. Recitei-lhe, citando Castro Alves, os versos

Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
Terra de amor e traição,

e pedi-lhe que os cantasse. Respondeu-me não conhecer muzica, nem Castro Alves, nem Alves, mas Veneza de pôpa á prôa, de fio a pavio. E, com uma segurança capaz de cauzar inveja a qualquer falido fraudulento, informou-me que os canaes eram 152, as ilhas 117 e 379 as pontes, sendo as egrejas 126. Ia proseguir nas suas expansões estatisticas, quando o interrompeu um começo de abalroamento. Riram-se ambos os gondoleiros; saudaram-se, e cada um continuou seu rumo. Reclamei energeticamente. Reclamei que se deviam insultar elevando a voz e a valentia á proporção que se distanciassem, e isso para não deixar em falha a literatura de George Sand, que, ha dois terços de seculo, num identico incidente, descreveu

o furor do gondoleiro na razão inversa da distancia das gondolas abalroadas. Não fui atendido. Resignei-me. E' sempre vantajoso ser cordato.

— E' italiano ? perguntei ao gondoleiro.

— Sou do mundo ; e o senhor donde é ? retrucou jovialmente.

— Cidadão do cósmos : sentenciei acrescentando : contribuinte no Brazil e administrador em Santos.

Silenciou. Ao ajustarmos contas perguntei-lhe serenamente para que queria o meu dinheiro. Respondeu-me ao mesmo tom :

— Com dinheiro tenho patria no estrangeiro : sem dinheiro sou estrangeiro em minha patria.

Gostei. Comprei-lhe o pensamento por meia lira proibindo-lhe que o passasse adiante.

NO HOTEL REGINA

— Campainha electrica, numa das quinas da meza ; quando eu for subgerente de hotel, hei de adaptar essa comodidade que tanto falta nos refeitórios brasileiros.

As cazacas dos criados, divergentes de todos os hombros e braços que encontram apezar da pratica da vida que sua idade está a denunciar, vê-se, pertenceram já a fidalgos em fim de mez. Agua corrente, fria e morna, nos lavatorios ; quazi quente nos banheiros. Serviço mais que regular. Relativa rapidez.

Em menos duma hora estava eu lavado e deitado. Não gosto de esperar. Se eu fosse negociante de fumo, venderia os cigarros ja fumados, ou pelo menos acezos.

.....

S. MARCOS — EGREJA E PRAÇA

— Não é singular esta Egreja pelo luxo de ornamentação e pelo acumulo de arquiteturas: é prural. Um guia (e tive-o competente, embora convencidissimo de que era muito engraçado) vai lealmente indicando não só o que, de facto, ainda resta da velhissima basilica romana, mas a invazão das sensaborias bizantinas, os acrescimos da arte gotica e, de vez em quando, á guiza de restaurações, uns laivos de disfarçados modernismos. Não ha gosto que ali não encontre o seu bocadinho preferido.

Da fachada, imponentes, empinados, de bronze dourado, prezidiando a atenção do aproximante, estão aquelles quatro cavalos a embaraçá-lo em duvidas. Na policia, chamadas a inquerito, seriam incapazes essas duas parelhas, de responder nome, edade e profissão. Foi-lhes pai Lizipo? Vieram da Grecia, quando, puxado por tigres, por lá andou o artista Nero? Como o seu retransporte para Bizancio? Descendem do de Troia esses cavalos?

Embarcou-os, sim, para Veneza o doge Henrique Dandolo; furtou-os e restituiu-os a França: até ahi tocava a minha sciencia, observei ao guia que immediatamente me prelecionou.

— Como cavalos de corrida não ha, com certeza, eguaes no Brazil. Correram mais paizes do que o senhor, e veja como estão alegres e prontos para correr de novo! São cavalos viajantes.

— Sim... E' exato. Muito mais, todavia, viajou a excelentissima senhora sua avó no dia do casamento: retruquei.

— ! ?

— De manhã estava ella no cabo da Boaesperança, á noite, no cabo das Tormentas, e no dia seguinte nos Estados Unidos.

.....

— Vou entrando. Larga, ostenta a porta de bronze caprichadas incrustações de prata. O adro, elle só, expondo os objetos valiosissimos arrecadados no litoral mediterraneo, merece muitas horas de examinadora tardança.

Maravilhozo, dando idéa duma interminavel nigromancia, tudo quanto, nessa egreja de S. Marcos, com tanta ordem, tão bem dispostos, se vai admirando sem poder, horas depois, coordenar na memoria! Não acabam mais aquelles mozaicos vindos do oriente, e que ladrilham quazi todos os 76 metros de comprimento e 56 de largura (instrue-me friamente o guia, e eu finjo medir o edificio com um olhar retrospectivo) desse monumento religioso onde, a falar a verdade, as surpresas mais se succedem dominando pela arte do que pela crença.

Reza-se pouco em Veneza. Na Praça de S. Marcos, onde se pode ficar um dia inteiro a recordar, sobretudo a harmonizar priscas leituras, agradavelmente semi-as-apagando ao contato de novos raciocinios, vi um grupo de padres interromper marcha batida e paralizar batinas deante duma revoada de pombas mansas que, a convite meu, principalmente do milho, me estavam a comer na mão. Fosse em Roma, e o escandalo provocaria suspensão "ex-informata conscientia!" Na Egreja de S. Marcos eu não notei uma pessoa de joelhos. Num enterro, rico, que encheu rua proxima ao Hotel Regina, havia roupa de todas as cores, e os grupinhos dialogavam como se estivessem combinando em S. Paulo a nomeação dum fiscal de consumo para Taquaritinga.

— Belissima a Praça. A esquerda, lá em cima da Torre Municipal, numa escala discutivel, os dois gigantes, prestes a tocar hora no sino ; depois, o “Leão Alado” ; um pouco adiante uma “Nossa Senhora” e o “Relógio” de verdade. A’ direita, aquelle compridissimo “Canudo” reconstruido restauradamente como um acinte ás derradeiras traições sismicas. Em frente, no soberbo vestibulo da Cathedral, o S. Marcos, talvez o mais artistico mozaico occidental, dezenho de Ticiano, trabalho dos irmãos Zuccati : irmãos de verdade, irmãos no esforço, no coração, na correção, nos triunfos e até no equitativo elogio da posteridade. O evangelista move-se, virando-se para o nosso olhar obedientemente.

.....

TAMBEM EU ! FUI DOGE

— Marino Faliero, unico doge a quem devo obzequio (devo-lhe a leitura duma das mais audazes produções de Byron) foi decapitado, apagando-se-lhe o nome da lista dos 76 na sala do Grande Conselho, e substituindo-o por insolente inscrição. Frizo a circumstancia de, nada devendo a doges, lhes haver generosamente vizitado o “Palacio” durante duas horas.

Verdade seja que : favor alegado é favor pago.

— Riqueza. Suntuosidade ! Não ha sala pobre, não ha sala feia nessa construção ogival, de aspeto grandiozamente senhoril.

Não ha compartimento insignificado nesse conjunto dominador e sobranceiro. Mais ou menos magnifico tudo quanto se vê.

Sente-se no “Palacio dos Doges”, a impressão dum mundo estranho. Goza-o quem ali penetra sabendo es-

tar num palacio, numa prizão, num tribunal, num muzeu, numa vastissima lição de historia : que tudo isso foi, e quazi tudo isso inda é, esse edificio a cujas portas vieram tantas vezes pedir senha os destinos da politica occidental !

Subo devagar, bem devagar, os trinta degraus da “Escada dos Gigantes”. Inopinadamente incerta, não decide a vista se se fixe nas colossaes e marmoreas estatuas de Neptuno e Marte do inesgotavel Sansovino, se se perca, confuza, naquella ornamentação lateral de arabescos, infinitos de minuciozidade !

Subo. Mas o acazo, amigo que me não abandona, que faça de mim o que quizer neste templo de arte onde tudo se me antolha extraordinario.

O pincel do Tintoreto não se separou, aqui, de sua capacidade creadora. Numa das paredes (sala do “Grande Conselho”) deixou elle a maior das telas — “Gloria do Paraizo”, com 1285 cabeças, que lá estão no reino dos céus a espera da minha. Mas que sala ! Dariam para dois bailes ao mesmo tempo os seus 56 metros de comprimento e 26 de largura.

Nas ocações solenissimas ficavam cá em baixo, na platéa, os nobres inscritos no “livro de oiro” ; galgava o doge o tablado, ladeando-o de longe os senadores, e de perto, hobreando-o, o Conselho dos Dez.

Um cordão vermelho põe impertinente separação entre os vizitantes e o tablado. Afasto-o com dez liras e com uma iroza reclamação de Jaques Servier, alfaiate em Biarritz, ex-saltimbanco (soube-o no hotel), que me despede cortantes olhares quando me vê, frio e deliberadamente, chegar ao posto do doge, assentar-me, fechar os olhos, e ali permanecer oito minutos.

Mentalmente, meditabundo, refiz a sessão do “Grande Conselho” no cazo “Marino Faliero”, cuja prizão acto

continuo vizitei e achei muito pequena para tão grande homem.

Voltei. Jaques bufava!

— Mas em que é Jaques prejudicado por ser eu doge alguns minutos? “Opozicionite” aguda? Inveja trazida dalguma existencia anterior?

.....

Os JAQUES

— Aceita a doutrina da metempsicoze, e não é licito nagá-la em absoluto dada a eternidade da materia e respectivo movimento, a logica e a observação permitem a suspeita de que algumas pessoas já tenham sido pernilongos numa existencia anterior.

E’ crível que os Jaques já tenham mordido e chupado numa outra vida.

Reincarnados na sociedade moderna, constituem elles um tipo especial. O Jaques é inteligente sem talento, inquieto sem objetivo. Onde chega monopoliza a nulidade, pouzando temporariamente em cada um dos seus aspetos. Especialista em vida alheia, nella depozita o microbio da má vontade e os germens da intriga; isso incessantemente, inevitavelmente. Pernilongo pouco dorme, mas não quer que a gente durma; Jaques não sobe, mas não quer que os outros subam.

Jaques-pernilongo é legião. Ha-os em todas as cidades, em todas as vilas. Nos arrabaldes é mais que duvidoza a possibilidade dum quarteirão sem dois Jaques. Ha-os dambos os sexos. E, conforme as ultimas estatísticas, Jaques-mulher é fanhoza e uza pipocas no rosto.

Dezassocegado, impulsivamente insidioso, metidiço, parlante onde não é chamado, é Jaques uma extravagancia

da natureza, utilizavel em todo cazo para estudo da degenerescencia com longa escala pela mediocridade. Jaques não me conhece. Vê-me pela primeira e ultima vez. Mas lhe é incontínente a vontade de impedir que eu seja doge !

Nem um mal lhe fazem as dez liras que o guia vai distribuir aos filhinhos, mas é irreprimivel sua interferencia em prol do cordão que limita o tablado do doge. Porque ? Não sabe. Porque ha de ser pernilongo. Porque é Jaques.

Não ha quem não tenha dito e sofrido, quando menos, sete Jaques na vida.

.....
— Voltei á sala do “Grande Conselho”. Chamaram-me um globo terrestre, alto de dois metros e pouco, lá no fundo á direita, cercado por uma grade, que poucas objecções opoz aos meus restantes conhecimentos ginasticos. Pulá-la, rindo para Jaques, foi obra duma lira mais.

Nem nome de autor, nem data, traz esse globo. E’ enorme. Minha altura, porém, perfeitamente lhe alcançou o sul americano, que era o que nelle mais me poderia interessar. Com explicaveis incorrecções geographicas insere as denominações localizadas de Cananéa, Tannaem, S. Pablo e S. Vicente ; um pouco ao norte tem Reys (Angra ? Necessariamente). Pareceu-me cópia castelhana de mapa luzitano posterior, não muito, á expedição de Martim Afonso de Souza, e contemporanea, talvez, do governo de Mem de Sá. No estuario meridional ha apenas a designação Solis. — Na sala dos “Embaixadores”, quando reparava eu no quadro “Sebastiano Veniero voltando de Lepanto”, e raciocinava já poder estar otomano confinado na Azia se houvessem deixado o heróe tirar todas as consequencias do for-

midavel conflito, interrompeu-me o guia para, com a ogeriza do veneziano á legenda bonapartista, explicar, em varias telas, os rasgões praticados em Paris de maneira a caberem ellas nas dimensões das paredes do Louvre ! Appreciado com um binoculo á distancia de quinze ou dezeseis metros, esse trabalho de Veronezo interpreta, dessa vez sem fundo escuro, a serenidade valente do seu contemporaneo, com tal complexidade de correções que está a gente a ver o marinheiro, o patriota, o funcionario, o vencedor, o veneziano : o homem e carater conjuntados.

— Nua dos seus panos pretos, mas sempre emporcalhada em suas tradições, encontrei a salinha da inquisição. Não quiz ir além do corredor que conduzia ao compartimento das torturas. Torturar e matar gente porque não pensa como nós pensamos. Acabadissimas zebras !

.....
— Na vizinhança. Trabalho e deposito de vidros. Industria cara. Serviço sofrivel.

— Adeante, bem adeante : movimentada fabrica de rendas. Caixeiros dum para outro compartimento, freguezia discutindo preços ; encomendas chegando e saindo. E, indiferentes aos olhares masculinos, meninas coradas, operarias, proseguem no exercicio do officio como se ninguem lhes estivesse a analizar as feições.

Caras as rendas ? Mas quantas crianças perdem a vista nessa labuta ? Um ponto errado e lá vai o dia, e com elle o salario, e com o salario o pão.

— Atravessei, descançando o espirito na despreocupação da vista, os tres e meio kilometros do "Grande Canal". Tive ainda tempo de entrar de passagem, no "Palacio Papadopoli", moradia de familia aristocratica e propriedade, hoje, de um deputado e dum senador, que

diariamente se violentam (como isso compunge!) cobrando entrada nesse edificio quatro vezes secular, mas ainda tão somitico!

Obras de entalhe excellentes. Soberbos medalhões. Bellissima louça oriental. Veneraveis veludos. Um candelabro antigo, de cristal de rocha, primorozo. Armarios edozissimos. Mais: mezas modernas, luz electrica e um acensor. Um aparelho telefonico, ainda! Só faltou um automovel.

ACADEMIA DE BELAS ARTES — MARÇO, 16

— Quem vem de Roma e Florença sente empachos para admirar, nas vinte salas da Academia de Belas Artes, a repetição dos temas e dos feitos do XVI seculo.

O terceiro original da Acensão da Virgem de Ticiano obriga lembrança daquellas segundas estréas da actriz Fulana de tal, annunciadas na quarta pagina dos jornaes de 1869 no Rio de Janeiro. Da nova edição, correta e diminuida, do Adão e Eva de Tintoreto, porém, só a dizer elogios. Rocco Marconi engordou Cristo antes da inhumação; maior, porém, fosse o seu delito artistico, e todo se lhe deveria perdoar deante daquella cabeça da Madalena, cabeça perfeita, encantadora, mesmo quazi de frente como foi imaginada e realizada. Na ceia de Veronezo, Jeruzalém corrige a historia mostrando sinos e varias egrejas.

Na escultura, porém, ha muito que ver e applaudir. Bastariam Dedalo e Icaro, no momento em que o pai recomenda ao filho cautela nas alturas, para a competencia de Canovas, mais uma vez, se impôr como um axioma.

— Impressão inesperada e especial: dos tres maiores artistas da Renascença fui encontrar, numa sala lateral, estudos á pena. Ignorava-os. Graciozo, Rafael; sati-

rico Leonardo; nervoso, Miguel Angelo. Outro e maior inesperado : superior aos tres, no genero, Cezare Di Cesto, inexcedivel, quazi reunindo (no genero, repito) o merito daquella triplice culminancia do sentimento!

NO LIDO

— E' o Guarujá de Veneza. Mas um Guarujá com trinta hoteis abertos e oito por abrir, com uma empreza balnearia amiga da limpeza e não inimiga da modicidade dos preços. Tudo ali é progressivo, asseiado, bonito. Inglezas pudibundas, allemãs rubicundas, holandezas iracundas e até portuguezas furibundas não conseguem diminuir a delicia desse arrabalde veneziano.

Dir-se-á mesmo que a magia do local transmite aos que o procuram meiguice e serenidade. Vi uma franceza, relativamente socegada, distribuir doces aos filhos, tres loirinhos vivazes, enquanto o marido, concizo, cortez, me vendia "pour le quatriéme prix", duas estatuetas de marmore de Carrara.

Ida e volta oferecem panoramas lindos. Povoação contente e que contenta a quem a vê, esse Lido que tem todos os elementos para progredir. Daqui, do fundo do meu "diario", é com a maior sinceridade que a minha saudade lhe diz : "cresça e apareça".

BALANÇO DE CONTAS

A fisionomia do veneziano é carateristica : não a tem. A mulher não é bela nem feia ; nem triste, nem alegre, o homem. Não encontrei em Veneza uma pessoa chorando, nem uma rizada disponivel. Vive-se bem, indiferentemente bem, nessa cidade de quazi duzentas mil almas, das quaes nem uma parece dezalmada, pois as cadeias pouco frequentadas, disseram-me, mal asseguram, a car-

cereiros e respetivas familias, caza, comida, roupa lavada e engomada.

Basta aos domingos não cair pingo de chuva para, como em Roma, dois terços da população irem para a rua. Povo!

Povo a fazer suspeitar que não ha nesta terra medicos e farmacias. Ruas largas; rarissimas carruagens; bonde electrico algum tanto constrangido. O canal e a gondola são estrada e vehiculo indestronaveis. A' praça de S. Estevão, pequena, assejada e bonita, é inutil ir aos domingos; fazem-n-a, então, propriedade da meninada collegial que ali estabeleceu e consolidou, hebdomadariamente, o jogo da bola, a cujas peripecias o veneziano assiste com pachorrento dezinteresse.

Tres jornaes — o liberal *Adriatico*, a conservadora *Gazeta* e a independente *Gazetinha* — agridem um vespertino clerical que se diz *Defesa*. Não é, porém, uzual a leitura desses jornaes. Por habito, espera-se á tarde o trem de Milão e compra-se o *Seculo*, ou de preferencia o *Correio da Noite*, cuja leitura tambem não é uzual.

Como explicar o quietismo dessa gente? Não se trata de indolencia, menos ainda de fleugma; trata-se dum caso de bom humor, dum fenomeno de tranquillidade generalizada, rezultante quiçá de variadas confluençias historicas, afastadas umas, outras muito proximas. Pezo de tradições, cansaço civico, bem estar, honestidade administrativa, tudo isso e mais factores devem ter concorrido para que Veneza dê a idéa dum logar de repouzo. Dorme-se perfeitamente, mesmo nas suas ruas de maior movimento, mesmo perto dos mais percorridos canaes.

Mas para que irritações se a cidade é tão bem governada? Molhada por tantas lagoas, não acolhe febres,

não tem mosquitos! Porto pequeno, não ótimo, porém ótimamente balizado, não inscrevendo ha muitos annos no seu passivo noticia dum deazastre. Assistencia hospitalar a melhor da Italia, e das melhores do mundo. Nos seus setenta e cinco hoteis de primeira e segunda ordem deixa o estrangeiro, de Março a Setembro, mais de dez mil contos de réis.

E' natural que se não amotine um povo que só tem motivos para dar "apoiados".

Demais, e a explicação póde servir em falta de outra : terra plana é quazi sempre terra calma. Em Veneza, por mais que a gente procure, não acha uma montanha. A planura chega ás vezes a enganar a perspectiva. Da baixada do Jardim Publico, a cem metros de distancia, os homens só apparecem da barriga para cima. A esses nem as revoluções de ventre são permitidas.

— Adeus, Veneza. Continúa a bem proceder. Ninguem perde por não fazer barulho : a policia existe.

EM MILÃO — MARÇO, 17

— O primeiro dever de quem chega a Milão é evitar o Palacete-Hotel ; o segundo é ir embora.

— Fatigado. Seis horas de monotonia atravez duns terrenos chatos onde o pedregulho brota ; dentro do vagão uma franceza, postiça de cabelos e de trinta annos interminaveis ; fóra, felizmente em vizão rapida como o trem, os dois açougues : Arcole e Montebelo — que, com intervalo de sessenta e tres annos, tiveram batido e abatido, o gado austriaco.

Chego. Ruas muito grandes, praças larguissimas, muitas estatuas, cazas enormes, movimento, commercio. Pequeno Paris, consentem os milanezes que lhe alcunhem a cidade.

.....
... QUE OS CARREGUE !

— Humidade. Choveu de manhã. Peço um guia para, como costume, buscar uma primeira e generalizada impressão (Descartes : primeira regra do metodo); não ha guias em dia de chuva. Porque ? Misterio, guio-me ao celeberrimo Teatro Scala. Fechado. Porque ? A pergunta é inutil : as portas não respondem. Passa um carro. Chamo-o. Está ocupado. Aceno com o guarda-chuva e com o lenço ; vêm dois carros ao mesmo tempo. Debate incipiente. Gratificações.

Ora... que os carregue ! Arranjo, afinal, um carro.
.....

— IL DUOMO

— Só as cinco portas da Cathedral atenuariam o crime duma viagem a Milão. Das fachadas que tenho visto nem uma é mais complicada, mais rica de secnas, mais superabundante de fizionomias a memorarem trechos biblicos, milagres, legendas.

Colossal, o monumento ! Planejou-o Arlel, um germanico ; e, por mais que a imaginação latina lhe alterasse a arquitetura, persiste o gigantesco do primitivo plano. Cabem-lhe dentro trinta e duas vezes a população de Itobi.

Das suas duas mil estatuas — numero que a confiança que tenho em tudo quanto ouço me dispensou de verificar, — uma, lá em cima, á direita, a de Napoleão I, tem o incontestavel dever de ali não estar ; outras — as de Adão e Eva, por exemplo —, desmedidas de tamanho não podem deixar de ser discutiveis quanto á similhaça com os respectivos modelos.

Terraços e mais terraços. Profusão de escadas. Marmore, muito marmore, tudo de marmore.

— Aproximamo-nos : um padre moço e eu. “Que me não atrapalhasse com o estilo gotico-lombardo da maior construção em marmore que o mundo vê, viu e verá ; que me não passasse inotada a diversidade de capiteis ; que S. Pedro em Roma era igreja mais rica porém não mais bela ; que...” e num compartimento lateral me foi o simpatico jovem mostrando oito santos, tamanho natural, em prata, um dos quaes Burromeu, pelo significativo nome me ficou gravado na memoria. Pedi-lhe que, conhecedor que era do Duomo, me mostrasse alguma coisa mais, lealmente se entregando minha curiosidade aos alvedrios do seu gosto. Feliz inspiração !

Extaziei-me diante dos trabalhos de Fontana calcados nos dezenhos de Miguel Angelo. A despeito da exiguidade da luz, mal inevitado em quazi todos os templos italianos, tive-os em mão, fixando-os, admirando-os dezenhos á penna de Benevenuto Celini. Vagarozamente, comodamente, olhei, olhei bastante as janelas que ficam ao fundo, cada uma do tamanho das cazas de Jacarépaguá, mas com dezenhos preenchendo todas as vidraças, e um delles — Job abraçando hospede que se despede — excelente na combinação do azul suave com um vermelho que arde ! O famoso “Candelabro de Nuremberg...” Mas começa a escurecer. Um bom chefe de familia se recolhe cedo. Hei de voltar ao Duomo quando voltar a Milão ; hei de voltar a Milão quando voltar a Italia. Hei de voltar a Italia quando voltar a Europa.

MÃOS A PALMATORIA

— Errei. Como me enganavam as apparencias ! Errei, confesso-o. Quarto pequeno, tapetes velhos, nada de

pressa, corrimões ensebados induziram-me a sentenciar de pessimo o gerente do hotel, pacatão inabalavel, e afinal de contas um generoso bem intencionado.

O homem levanta-se ao ver-me, e, com a mais amena das blandicias, aviza-me de que já déra todas as providencias para que amanhã ás 8 horas tenha eu os meus dois bilhetes de ida para Lausanne.

Alma bem formada ! Melhor dos gerentes europeus !

Adivinhando que eu saira do Brazil sem o minimo desejo de aborrecer-me, espontaneamente me ajudou a fugir delle e de Milão. Que S. Onofre te proteja, magnanimo gerente, emquanto te não envio uma saca de café escolha, ou um soneto, ou outra coiza que eu não digo.

RECOMPILANDO

— Vi bazilicas em Roma. Vi monumentos em Napoles. Vi ruinas em Pompéa, arte em Florença, gloria em Bolonha, historia em Veneza, arquitetura em Milão : mas o que em toda a Italia eu vi foi a Italia.

Na possivel derrocada das patrias será ella a ultima a dezaparecer. A italiana é bela, o que constitue uma resistencia ; o italiano é rezistente, o que constitue uma beleza social. Não ha na peninsula rivalidades municipaes, emulação de zonas, rixas de logarejos. O cazo, essencialmente paulista, da briga Itú-Sorocaba é por completo ignorado de Tarento aos Alpes.

Na Italia a monarquia profundou raizes. O nome de Victor Emanuel I traduz um simbolo nacional. O soberano reinante é estimado ; a rainha é adorada. Só uma revolta de quarteis, para crescimento de soldos, facta que em nenhum paiz da Europa a dignidade popular toleraria, poderá mudar as instituições vigentes.

Ao redor das cidades, repletas de monumentos outrora investidos pela artilharia pedestre, vão surgindo cazas leves onde as fabricas funcionam, as industrias se desenvolvem, os batalhões do trabalho se afileiram e a civilização substitue pelos combates da concorrência os morticínios do passado. Certo, a tuberculose enche, nos cemiterios, os claros deixados pela retirada da catapulta. Mas ao lado da fabrica e da molestia ha a plantação do cereal, abunda o trigo, florece a vinha ; e essa evolução trará definitivamente, quaesquer que sejam as alternativas intermedias, o predominio da paz e da ordem.

Não ha, porém, gestação sem perda, produção sem dor Gerando a Italia politica, expira a Italia artistica.

Parodiando os quatro seculos fundamentaes da civilização helena, os tres da Renascença repetiram, na Italia, as discordias, as dezavenças, sobretudo as divizões territoriaes da Grecia polipartida. E á proporção que tocavam á realidade, impostos pela logica dos acontecimentos, os sonhos de Petrarca e os designios geniaes de Dante ; quando, retardada de seculos mas inevitavel, a unidade italiana se foi apropinquando, tambem se foram lentamente despedindo da alma italiana a muza de Leopardi e as harmonias de Verdi. Muito, muito dificeis de conjugação os regulamentos administrativos e a autonomia da genialidade.

Foi sempre assim. A Egreja Catolica, o maior exemplo da unidade, em vinte seculos não teve uma descoberta scientifica. O extremo oriente, quando dividido, produziu Lau-Tsé, Confucio, Mencio ; unida, centralizada, militarizada recentemente, a China desterra e exclue Kang-You-Wei !

A arte é a expressão da natureza, e a natureza (o otimista Leibnitz teimou nisso mais de vinte vezes) nun -

ca foi uniforme. Não convivem dois predomínios. Não se hão de compatibilizar unidade italiana e arte italiana, realizando aquella todo o seu programa e mantendo esta a sua tradicional supremacia. “Ceci tuera cela”.

Renasce Roma ? Atenas estrebucha.

S. PAULO E SUISSA — MARÇO, 18

— S. Paulo tem muito mais de tres milhões de habitantes ; pouco menos de quatro a Suissa tem. A Suissa importa estrangeiros e exporta relógios ; S. Paulo importa empréstimos e exporta juros.

S. Paulo é a zona brasileira onde mais se diz que se sabe ler e escrever ; a Suissa é o primeiro paiz da Europa em instrução primaria.

Tem a Suissa em Guilherme Tell a sua legenda patriótica ; em Amador Bueno tem S. Paulo a sua.

O paulista não é o mais inteligente dos brasileiros o suíço não é o mais inteligente dos europeus.

Da montanhaozia região suíça, a mais central da Europa, nascem e partem rios em todas as direcções : da região paulista, com mediterraneo fluvial, partem o Parahibnorte, o Tietê e o Paranapanema — oeste — sul, alteando se em sua fronteira norte o maior dos nossos picos orographicos.

O paulista explora cafezaes ; o suíço explora ho teis.

Com o espirito mobilado dessas asserções comparativas, um pouco de entusiasmo pelo gosto literario de René Morat, muito pelo talento do Dranmor (caixeiro em Santos em 1853-6), um acautelador forradissimo sobretudo e tinturas geraes de historia helvecia, entro no vagão e sento-me ao lado duma cara larga, dois olhos pardo-claros,

nariz proporcionado, sorriso natural, lealissimo: tudo dum quarentão austro-italiano que me começa a olhar para a bengala insistentemente: bengala de inquebravel muirapinim, encimada por castão de prata com as minhas iniciaes.

PARA A MELHOR DAS REPUBLICAS

Dia esplendido. Comboio grande; marcha regular. A principio a monotonia da planicie é perturbada pela sucessão de povoações nas quaes predomina um agradável esbranquiçado palido. Aparece de repente uma montanha, mais outra, outra; bordeja-se o Lago Maior; fogem Arona, Leza, Streza, Palanza. Separámo-nos: para a direita o lago, para a esquerda eu, que com o trem tomo direção das geleiras. Lindas, mais ainda do que na orografia itala, descem ellas do capuz das montanhas, estendendo-se em lenções de meia legua, desfazendo-se, nos sulcos dos sopés, em fios dagua que vão alimentar os rios. Lindo!

Entrámos num vale. Saimos. Repetem-se os tuneis. Eletrifica-se o trem. Proseguimos. Escancara-se um caminho entre dois morros. Avante! Silencio cavernozo; vinte e sete minutos de Simplon. Estamos no maior dos tuneis; cazo distanciadissimo de atavismo zoologico; lição da minhoca ao homem; cazo de mocidade progressiva: lição da vereda ao tunel.

Reaparece o sol. Alegria comunicativa, irreprimivel. A troca de jornaes provoca conversações, que a fome comum e um bem temperado cardapio alimentam sem constrangimento.

Entre a sobremeza e o café já parecemos, o austriaco e eu, velhos amigos, companheiros de muitos anos.

QUEM ERA ELLE ?

— ?

— Carlos Kraft, capitalista, grande proprietario em Nice, cazado, tres filhos, espoza enferma, comprador de titulos brasileiros, colecionador de madeiras, das quaes lhe faltava muirapinim.

... Quando em Montreux apertando na larga destra o cabo da já sua bengala e exclamando de dois em dois minutos : *Jolie canne! Jolie Canne!* Carlos Kraft se despediu, prometi-lhe meu cazal e respetivo apetite em Nice, em data de 3 de Maio. Fui além do compromisso : prometi cumprir a promessa.

Passam Vevey Lutry : uma caza, dez cazas, centenas ; chegámos. Já era tempo.

EM LOUSANNE

Acrescentei duas ás 60.714 almas que o ultimo recenseamento contou em Lausanne. Bom o Hotel Continental : fica em frente á Estação Central que derrama na cidade, de hora em hora, gente de todos os tamanhos, caras de todos os feitios ; e isso sem o berreiro das estações italianas, sem delongas na entrega dos bilhetes, sem divergencia num vintem de bagagens.

Tudo regulamentado. Tudo previsto. Tudo sabido de vespera.

Sente-se, logo ao pôr pé em terra, que a ordem se assenhoreou de tudo que nos pertence.

Devia ser assim o governo dos incas. Tão metodizado, tão administrado, tão cazo - julgado foi elle que, incapaz de qualquer iniciativa, o educando das doutrinas de Mancocapac pode, sem prejuizo individual, dispensar o alfabeto, perdeu-o, esqueceu-o, substituindo-o por "qui-

pos'' (nós) que, na decizão dos pleitos, os magistrados dezatavam como podiam. Quando, em Réclus, eu soube dessas coizas, achei-lhes um certo sabor brasileiro ; notolhes, agora, porém, na previdencia, na tranquillidade, na concordancia generalizada, incontestaveis traços de civilização suissa. O suisso é servo da lei ; a lei qualquer que ella seja, compete descobrir ou não descobrir a polvora. Na Suissa quem manda é a lei. Assim pensando, vou á janela do meu quarto, e começo a abalar a minha opinião.

JUIZES E MERETRIZES

— Distingo, no largo pateo da Estação Ferrea, tres e meia dezenas de carregadores e cocheiros em interessante reunião.

Determinava-a utilidade dum acôrdo sobre preços e outros motivos de reciproca subordinação dos serviços nessas duas classes operarias. Não lhes ouvi os discursos, mas reparei que cada orador gesticulava por sua vez, e só depois que o outro aquietava os braços. Deduzi ser, ali, cada comparecente advogado de si mesmo, o bom senso advogado de todos, e a tolerancia a fórmula processual do debate.

Quinze ou vinte minutos depois, sem policia, sem refladas, sem correrias, cada cocheiro, dissolvido o comicio, proseguiu no seu trabalho, cada carregador voltou ao seu serviço.

.....
Que lição de bem viver ! Que exemplo de justiça rapida e gratuita ! Sem custas ; sem advogado — intermediario que fosse dizer ao juiz aquillo que a lei diz que o juiz já sabe ; ali no pateo da Estação, quarenta e poucos contribuintes decidiram em minutos pleito que, no

Brazil, custaria muitos mezes, algumas peitas e muitos contos de réis !

Não estava o facto a ensinar que mais de harmonia com o valor do tempo, com a nossa época, com a autonomia individual, com a logica, e cedendo as fórmulas processuaes do romanismo logar a uma justiça territorial pronta e barata ; o contribuinte fosse directamente ao magistrado, lhe propuzesse a reclamação e encarregasse o advogado de preparar a prova que, por despacho, edital, portaria ou qualquer outro meio, ao judiciario parecesse necessaria ?

Inconvenientes ? Poucos. E hoje ? Tantos ! Accessivel ás paixões como qualquer de nós, poderozissimo pela inamovibilidade, irresponsavel de facto porque superior aos outros poderes, o judiciario, quando explora o mal, não é mau : é o proprio mal. E' mal irremediavel. Acata-dupam-se os exemplos disso.

Nem o talento indagador de Képler, nem ainda a genialidade de Laplace seriam capazes de aplicar correctivo ao juiz que prolonga os feitos. E que dizer do juiz que tarifa despachos ? E quando elle promete o voto para obter promoção ? E quando sentenciamos ser um bilhete de rifa prova superior a uma escritura publica ? E quando furta dinheiro de órfãos ? E quando insinúa e recebe mimos anniversarios ? E quando remove marcos ? E quando imagina divizas ? E quando commercia na gerencia de empresas subvencionadas ? E quando falsificadepoimentos ? E quando escamoteia a argumentação das partes ?

Perigos ! Perigo permanente contra a indole da civilização no ocidente é o poder judiciario com as attribuições latissimas que tem, e a impunidade que alardeia. Urge removê-lo para o nada.

Se a meretriz sifiliza o corpo, não lhe é inferior, nem superior o mau juiz deteriorando a moral. Equivalem-se.

Equilibram-se como conchas duma balança cujo fiel é o desbrío.

.....

— A opinião publica é o espirito da sociedade. Para que arrostá-la com apozentadorias, condecorações, comissões, notoriedades obstinadamente conferidas a portadores de dois salarios ? Porque não acertar contra o escandalo ? Porque não aprender com aquelles cocheiros e carregadores, ali no pateo da Estação, que o direito não deve ser banca de jogo com baralhos carimbados ? A' custa desses operarios, reconheço-o, ganhei o meu dia. Que magnifica lição de bem viver me deram elles !

MARÇO, 19

Deante da imponente estatua de Davel — major que perdeu duas vezes a cabeça : em vida porque, já tendo cumprido seu dever militar, poderia ficar quieto em sua rezidencia, e não sair á cata de motins ; e depois de morto porque lh'a roubaram — completada pelo taxi, sem discussão, a hora que contratára, recebi dum amigo da possível agencia consular do Brazil convite e instruções para assistir ao final da instalação do "Grande Conselho Cantonal".

Acto bonito. Nada de solenidade espetaculoza. Sala grande, quazi quadrada. Tablado presidencial. Galeria enorme, no alto. Povo, muito e contente. Sobrecazacas, chapéus altos, conversações sem o zum-zum das assembléas latinas. Ninguem fuma no recinto, nem na galeria.

A PROPOZITO D'UM DESPROPOZITO

Não fumo. E por isso, e porque dezesasse retirar o relógio da casa de penhor, ha mezes no Rio, correspondente de jornal paulista telegraphou inventando ter eu sofrido reprehensão da Presidencia da Camara por estar fumando no recinto.

Interpelado, explicou assim haver procedido por me não poder tolerar.

Sensibilizou-me a intolerante explicação, partida aliás de individuo frondosamente tolerante.

VERIFICAÇÃO DE PODERES

— Era a segunda sessão. De leitura, debate e votação de parecer relativo a duas reclamações claramente processadas, constava a ordem do dia. Tres foram os oradores num francez silabadamente carregado; nem um delles exordiou, ou antes os tres exordiam directamente. Trinta e seis minutos duraram as explicações discursadas.

Uma das reclamações, a que se filiava á circumstancia de a recente lei diminuir o numero dos congressistas, foi atendida quazi por unanimidade; outra, por incompleta de documentação, teve adiamento regimental. E, assim, em completa ordem, se completou a ordem do dia.

O prezidente, um octogenario rezoluto, sorrizo de quem está contente com sua sorte embora nunca tivesse tirado a grande, em curta allocução observou aos deputados que, diminuido o seu numero, aumentava a responsabilidade de cada um delles.

Assentimento geral.

Sessão boa, porque util e simples. Ainda a quem, como eu, duvida da delegação pelo voto DIREITO, prefe-

rindo o voto função, generalizado, obrigatorio, punido quando auzente, o cazo suisso não deixa de parecer animador. Em prazo não excedente a dois dias ficou instalada uma assembléa politica.

— Retiro-me. Compro um jornal. Telegramas ? Morticínios no Mexico. Mata-se e morre-se nos Balkans. Assassinato do rei da Grecia. Despezas militares na França e na Alemanha. Do Brazil ? Nada. Não ha noticias. Antes assim.

JORNALISMO

Que jornal comprei ? A *Tribuna* de Lausanne, maior de vinte e oito annos, dirigida e redigida por G. Aubort, jornalista com artigos, classe quazi a se extinguir no Brazil.

Já, em numero lido no trem, lhe eu notara cabedal historico, estilo claro e verdade independente na ponta da pena. Profissional superior ? Não. Aubort é um médio que comprehende o valor do tempo e a gravidade do seu publico. E' um exemplar de homem de imprensa na Suissa, mas para a Suissa. No Brazil seria, quando muito, senador federal.

O publico prepara e educa o jornalista muito mais do que o jornalista educa e prepara o publico. Cada faze politica engendra o seu publicista ; cada época o seu jornalismo. Ferreira de Araujo não ganharia hoje com que pagar o quarto na pensão : Firmino Rodrigues Silva talvez não tivesse dez leitores.

Quem, agora, o primeiro jornalista do nosso paiz ? Incontestavelmente, o velho Alcindo Guanabara.

Alcindo é a mais brazileira pena de toda a imprensa nacional. Escrevendo, muito, de manhã e á tarde, para

uma população excessivamente mexeriqueira, e cuja incessante pergunta — “que ha de novo” ? — encontra resposta na gazetilha e não no editorial, distende elle os seus paragrafos por setenta e mais linhas, certo, certissimo, de que nem uma respiração, sob risco sufocante, alcançará o ponto final.

E essa falta de leitores proporciona ao estilo de Alcindo a mais absoluta liberdade na enunciação do pensamento.

Em S. Paulo, porém, onde algumas vezes, não o nego, o jornalista significa uma fuga da incapacidade para o publico, e onde, tambem não o nego, a mentalidade social exige, na imprensa, mais superficie do que interior, em S. Paulo, o actual principado do jornalismo cabe a Adolfo Araujo. Tem, talvez, a opinião republicana penas mais vernaculas, nem uma, porém, mais honesta, mais autonoma.

RECORDOS

— Tivesse eu uma filha e recomendar-lhe-ia o vinho “Cortailot” ; é macio, barato de tres francos a garrafa ; gostozamente se entende com a carne um tanto sangrenta e os legumes da meza suissa, e perfeitamente combina com o queijo suisso : o legitimo, o incontestavel queijo suisso que me serviram hoje : o mano daquelle que, quando estudante em S. Paulo, eu saboreava com cerveja no botequim dum alemão corpulento, pai dumas meninas muito gordas, muito sérias, muito uzeiras de vestidos curtos, mas cujas pernas promoviam constantes divergencias na familia. Reclamava o pai quando a freguezia as olhava. Reclamava a mãe contra a reclamação do pai. Balburdia !

.....

— “O Ramalho sabe suas coizas”, veio-me á lembrança esse elogio (unico talvez, proferido pelo conselheiro João Crispiniano Soares durante sua longa existencia) ao melhor dos nossos praxistas quando, para chamar o sono retardatario, comecei a catalogar vinhos antigos na atenção do gerente do hotel, e o encontrei firme no tirocinio do assunto. O homem tambem sabia suas coizas. Mudei-lhe o capitulo e o helvecio a acompanhar-me!

Embicámos para a historia, e qual não foi o meu espanto ao vê-lo concordar, embora com sincera e indisfarçada tristeza, que a legenda de Guilherme Tell, com suas capelas, seus poemetos, suas constrangidas cronologias, era das mais formidaveis petas aninhadas nos fastos da mentireza humana! Mas á proporção que aprofundavamos esse intrincado problema, e enveredavamos, cada vez mais deliberados, para a sua resolução negativa, o patriotismo do gerente, tremulozo, arripiado, se ia transformando em dor. Li-lhe nos olhos um grande desejo de cascata; previ-lhe inundação nas palpebras. Penalizado, consolei-o, curei-o. Receitei-lhe, com consentimento de Spencer, haver sempre nas falsificações uma alma de verdade, e, immediatamente, lhe injetei na atenção algumas reminiscencias de patranhas vencedoras. Demonstrei-lhe que eu tambem sabia minhas coizas.

Separámo-nos amigos, os dois. Do queijo e do vinho só restavam prato e garrafa.

MENTIRA COLOMBANA

Todos os geógrafos e historiadores que tratam da descoberta da America, por Cristovam Colombo, em 1492, noticiam viagens e desembarques de João Vaz Côrte Real,

vinte a trinta annos antes, em terras que receberam e conservaram denominações portuguezas. Diogo de Freire, Martim Estreito, e João Lavrador são anteriores ao genovez. Já em 1448 o papa Nicolau V nomeara bispo para a Groenlandia.

MENTIRA BRAZILEIRA

— Não é verdade que, em 1887-8, houvesse o exercito brasileiro protestado contra o seu emprego na pega de pretos fugidos ; disso, apenas e ligeiramente, se falou em sessões do Club Militar no Rio de Janeiro, não passando de primeira discussão um projeto concernente ao vergonhozo assunto. Poucos mezes antes da lei libertadora tive, em Santos, de providenciar em auxilio ao recolhimento de escravos perseguidos e feridos, no Alto da Serra, por forças de linhas comandadas pelo tenente Colatino, hoje general. A tradição militar brasileira em relação ao elemento servil não dissente das idéas do marechal Cunha Mattos, em 1826, na Camara dos Deputados.

No Paraguai a libertação dos escravos em 1870 foi exigencia deciziva do conde d'Eu, sem audiencia dos militares brasileiros.

AMENTES

— Lidei, ha muitos annos, com engenheiro sexagenario, riquissimo, que nunca destruiu nem construiu coiza alguma, mas que estava inteiramente persuadido de que superintendera uma empresa de viação-férrea, inaugurando então no paiz o emprego da lenha para movimentar o trafego.

— Outro cazo de automentireza, e esse, para mim, absolutamente inexplicavel. Prudencio Castelo, qua-

rentão, cazado, sem filhos, barba forte e grizalha, alto, claro, tez enrugada, tendo como profissão fazer gaiolas, 1874, S. Paulo, rua do Jogo da Bola : Prudencio não saía de caza senão quando repicavam os sinos anunciando procissão ; vestia-se com relativo apuro ; sobrecazaca preta, cartola, botinas de verniz, monoculo prezo a correntinha de ouro, alfinete com brilhante na gravata ; ia a um extremo da rua ; voltava, seguindo até ao outro extremo ; repetia esse percurso dez ou vinte vezes até que se recolhesse a procissão, que aliás não passava pela rua do Jogo da Bola. E no dia seguinte, se alguém lhe perguntava o que fizera na vespera, respondia capacitadamente :

— Hontem eu fui á procissão.

Francamente : em verdade : como mentirozo que vale Guilherme Tell, que não existiu, deante de Prudencio Castelo que foi carne e osso neste vale de lagrimas ?

GENEBRA — MARÇO, 20

— Agradaveis ida e volta, marginando metade do meio circulo do Lemano, o maior dos lagos do ocidente europeu, e que banha e serve á maior das cidades suissas, cuja população, aliás, mal chega ao numero duzentos mil. Longe disso.

E' difficil ir a Genebra com vontade de gostar della. Seu passado é antipatico. Seu presente, porém, diminue bastante a bagagem moral de indisposição com que explicadamente se a vizita ; diminue, não elimina.

Dois nomes — “Servet” e “Candole” — me não deixaram a mente durante as cinco horas de que dispuz e empreguei percorrendo a discutivel patria de Rousseau. Um percurso ao acaso. Edificações solidas. Crianças

coradas. Acumulação original num distico em esquina de rua : "Assistencia para estrangeiros e pobres". Num botequim, após dispensavel demora, outra acumulação, essa de adjetivos : café puro e pessimo. Flores, muitas, muitas flores ; discutindo-lhes o preço, brigam dois compradores.

Dos sôcos infiro ser inglez um delles. Em varias lojas a mulher é guarda-livros. Aqui, no comercio, a mulher une á competencia do alemão a amenidade da franceza ; e quando promete abatimento cumpre a promessa, mas só abate na carteira do comprador.

— "Servet". Genebra, que o torrou em 1553, ainda não soube elevar um monumento á altura desse gigante que descobriu e afirmou a circulação ao sangue muito depois de Platão, é exato, porém um pouco antes de Harvey

— "Candole". Foi menino prodigio. Como fazia versos aos nove annos, falhou na metrica e enveredou para a botanica.

Sua opinião — todos os seres organizados tomados em sua natureza intima, são simetricos — infecionando duns restos de idealismo o surto scientifico do seculo XIX, diminuiu, na gratidão da posteridade, o brilho que lhe aureolava a fama.

.....

— Ordeiro, calmo como quem não tem pressa, azuladas as suas aguas, atravessa o Rodano o lago, como hospede bem intencionado em caza conhecida. Sete pontes o dominam. Ei-lo, porém, violento, furiozo, ao tocar á repreza que, captada a força, aparelhado magnifico e solidissimo serviço, proporciona á cidade bondes, iluminação e esgotos.

Delicados, delicadissimos, os empregados que, poucos porém bastantes, atendem completamente ás exigencias

do complexo e perfeitissimo trabalho. Excluidas as seções de escrituração, não ha ali segredos ; tudo se explica ao curiozo que pergunta, ao estrangeiro que ignora e indaga.

... Vá um russo á “Cantareira” ou á “Light” e peça informação : vagarosamente o empregado comunica o facto ao amanuense, este ao sub-diretor, este ao diretor que determina requeira o russo por escrito ; vai o requerimento a informar á respetiva secção ; a informação é impugnada pela contadoria porque ha duvidas no selo aposto pela parte ; grudam-se em textos e replicas legaes o contenciozo e o gracioso : irrompe afinal o despacho um simples despacho : “certifique-se, não havendo inconveniente”. Na vespera desse despacho o russo enloue quecera.

.....

ROUSSEAU

— Refiro-me a estatua. Cumpre aceitá-la como está, como já se habituou a estar. Desde 1838, sentado sobre seis livros grandes como o Magnum Lexicon, teima ella em querer um charutinho. Feia. Não lhe bulam, porém. Emquanto a deixam, não pede emprestimos sem restituição, como fez com o “Contrato Social” de Spinoza.

.....

CALVINO

Aqui, durante onze annos, morou, intrigou e discutiu esse carrancudo cujo busto, lá no ponto mais alto da cidade, num quadro de metro e meio em marmore, encima uma caza velha. Feio. Cara de espião. Especialista em coizas inuteis. Perseguidor e fanatico.

.....
— A primeira obrigação duma estatua que se preza é ser bonita. Que isso de fazer carantonhas a quem passa só se tolera num Crémieux ou num Littré, nunca em notabilidades de quarteirão cujo anonimato começa com o atestado de obito.

Urge organizar no Brazil uma associação de resistencia contra bustos, estatuas, placas e hermas com que filhos, netos, genros e sobrinhos de seminulos ameaçam invadir a posteridade. Esses importunos não têm entranhas! Premeditadamente põem em perigo a atenção do porvir.

E que dizer duns maniacos solenemente chatos, que conseguem ligar nome ás ruas?

Em Santos, com o diplomata argentino dr. Julio Fernandes, inteligente e caustico, fiquei em apuros quando insistiu elle em que lhe eu explicasse a notoriedade de varios arruados. Atrapalhado, atrapaihei-o. Expuz-lhe que no Brazil, onde ser coronel é obrigatorio desde que se é vereador e ser vereador confere direito em ter nome em esquina como premio a futuros serviços, a marcha da legalidade determinou não haver coronel sem rua, nem rua sem coronel. Não me entendeu. Nem eu.

.....
— Rumo Paris? Sim, pelo noturno hoje. Compro o "Matin".

Discute se Clemenceau será ministro e se as mulheres devem uzar vestidos denunciando a gravidez.

.....
Em França não serei politico, nem medico parteiro. Despreocupo-me, portanto, das preocupações do "Matin".

— Anuncia-se para amanhã comicio concernente a rivalidades commerciaes dos tuneis S. Gotardo e Sim-

plon. Breve o aeroplano dispensará essas briguinhas. Não sou interessado em qualquer dessas empresas ; minhas boas acções não são acções de companhias. Adeus, Suissa ! Hei de estar em Paris no dia marcado ha dias.

SUISSA E S. PAULO

Mas em que, porque e para que é a Suissa melhor que S. Paulo ?

Em nada, por nada, para nada.
O paulista é superior ao suiso.

I

O paulista confia ; o suiso desconfia. Duvidando dos seus politicos, fiscalizando-os ostensivamente, a Suissa está longe, muito longe de S. Paulo que, honrando-lhes o character, lhes concede, sempre e sempre, a mais ampla liberdade de acção.

Na verificação de poderes do Grande Conselho Cantonal, testemunhei-o, não havia um logar vazio na Grande Galeria ; fosse em S. Paulo e não haveria um logar ocupado. Aqui desconfiança manifesta ; lá, confiança unanime. Aqui debate, chapas, divergencias ; lá, o progresso, adotada a lei do menor esforço, substituindo todos os sistemas eleitoraes pelo sistema das apurações, até hoje reconhecido como o menos complicado e o mais decizivo.

II

Na Suissa não são raros os precedentes de derrotas do governo nas consultas á opinião por meio das urnas. Em S. Paulo, a datar de 1889, e quazi trinta anos não são trinta mezes, não ha exemplo de dezarmonia entre a vontade do governo e o resultado do sufragio. A coinciden-

cia paulista das aspirações do povo com as realizações, prévias, da administração, é incontestavelmente um dos cazos curiozos da sociologia universal! Governo e povo tem um só pensamento, tanto de dia como á noite.

A historia inteira da Suissa, indagada e estudada o mais possivel, não é capaz de apresentar uma tão pitoresca uniformidade!

A Suissa mantem o referendum popular; nobremente S. Paulo o dispensa por (foi isso...) prévio e preliminar.

III

O paulista é grato. O suisso é ingrato. Sem excesso, mas com equidade, o paulista retribue a competencia dos seus altos funcionarios; deprime-a o suisso. Os vencimentos anuaes do prezidente do Estado de S. Paulo equivalem aos de todo o Conselho Federal da Suissa.

Outra nota a consignar: não ha noticia de prezidente paulista empobrecido no exercicio do cargo, o que constitue um acariciador incentivo ás candidaturas a tão elevado posto.

IV

Na Suissa, em regra, o prezidente assume o exercicio do cargo com apreensões e receios; preocupa-o o futuro. Em S. Paulo, não. Tranquiliza-o o apoio da opinião. Antes mesmo de prestar compromisso já o eleito do povo recebe das camaras municipaes, das corporações legislativas, de todos os directorios locaes, de amigos e até de desconhecidos, espontaneos protestos de aplauzo a tudo quanto fizer.

E na Suissa? Na Suissa não ha exemplo de governo elogiado antes do respetivo exercicio. Que vergonha!

V

O coração paulista é generoso ; em S. Paulo ninguém se desmoraliza. E na Suissa ? Tergiverse num ponto de honra qualquer politico, e verá como lhe cortam immediatamente a carreira. O suíço não é tolerante, não é bom : não admite a regeneração permanente.

VI

A imprensa suíça, privilegio de grupinhos, é muito inferior á paulista. Na Suissa o jornal é a redação ; em S. Paulo é o povo : ali o ineditorial, a pedido, instituiu a colaboração geral. Até o governo, cuja verba secreta costuma empregar estilo convincente, é jornalista, especializando-se nas transcrições.

A Suissa não tem, portanto, como S. Paulo, imprensa igual para todos.

VII

Na Suissa as más leituras são permitidas, consentidas, respeitadas, animadas mesmo pela auzencia da censura policial.

Não conhecemos, felizmente, isso em S. Paulo. Ali os funcionarios postaes, quazi todos chefes de familia, e moralizados todos, impedem a divulgação de idéas subversivas e cortam os vãos á pornografia retirando os livros das malas postaes, vendendo-os a pezo e guardando o dinheiro.

VIII

Na Suissa o apozentado é apozentado, o jubilado é jubilado, o reformado é reformado. Invalida-se, dess'arte, em absoluto, o patriotismo de muita gente. Não é assim em

S. Paulo. Lá esse despotismo inutilmente tentaria carreira. Derribá-lo-iam os impulsos de galhofa ; nem rezistiria á energica intervenção das cartas de empenho. E' que na terra dos bandeirantes não ha limites á dedicação ao publico serviço.

O apozentado, que deliberar rededicar-se ao paiz, póde fazê-lo cobrando seus novos trabalhos com a maxima sobranceria.

Em regra a apozentadoria paulista é provizoria.

IX

O suisso é excluzivista, é bairrista. Incommoda-o, zanga-o a ingerencia alheia em seus problemas. O paulista, esse tem mais descortino, tem mais coração ; não vê no batisterio merito ou demerito ; quem chega a S. Paulo, venha donde vier, e quer trabalhar, qualquer que seja o trabalho, é considerado paulista para todos os efeitos. O peregrino lhe foi sempre amigo ; e quanta vez o forasteiro já lhe vem dono da caza !

As cronicas paulistas relatam, durante a Monarquia, uma porção de hospedes reenviados, das margens do incaudalozo Anhangabaú, para regentes, ministros, deputados na bellissima baía de Guanabara ; e actualmente a multidão das notabilidades, que doutros Estados vieram honrar S. Paulo ocupando-lhe a direção politico-administrativa, assegura ao nosso porvir solidissimo alicerce. E cumpre á verdade reconhecer que os precedentes historicos de Timoleonte, Mazarino e Bernadotte — individualidades que o dezenvolvimento de nossa instrução publica tornou estudadissimas — justificam por completo a magnanimidade dos paulistas em homenagem á superioridade desses que, brasileiros bemfadados, os procuraram e governaram, os procuram e governam.

ELLE !

— Manda a justiça que, dos legionarios do bem-vindos doutras paragens para dar destino aos destinos paulistas, um nome seja destacado. Sem ofensa ao valor indiscutivel e ao preço inevitavel dos muitos vivos e mortos, que se sujeitaram a padecer com os paulistas os sacrificios duma acidentada direção social, deve elle permanecer primeiro entre os primeiros.

Foi parcela importante de nossa historia. Deputado geral de 1838 a 1860, com insignificante intervalo ; cabo eleitoral invencivel ; chefe de todos os partidos ; governador dos governos ; no conhecimento e no reconhecimento, na memoria, e na saudade da alma popular, sua figura é inapagavel.

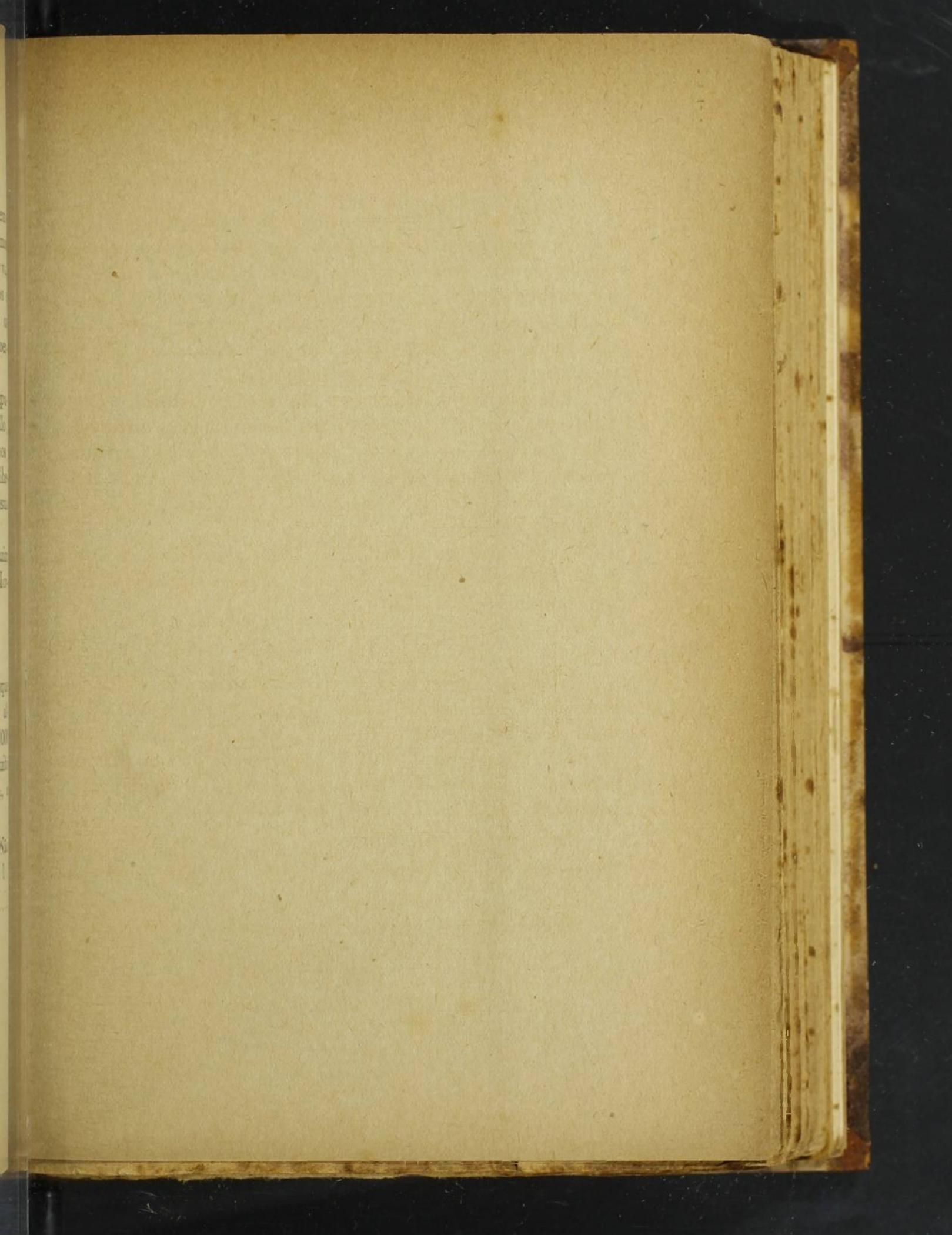
Refiro-me, está visto, ao dezembargador Joaquim Jozé Pacheco. Nasceu baiano. Cresceu paulista. Morreu fluminense.

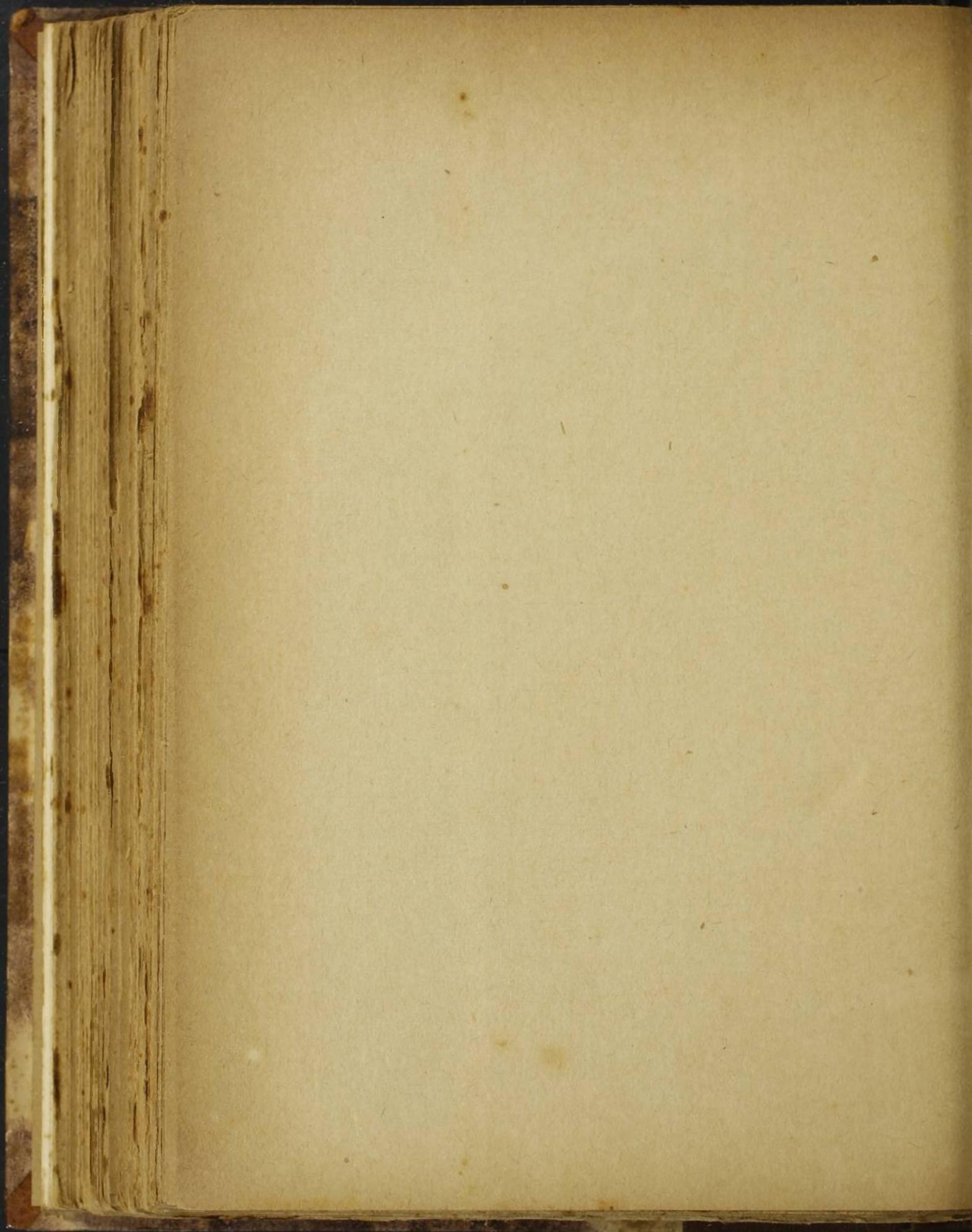
X

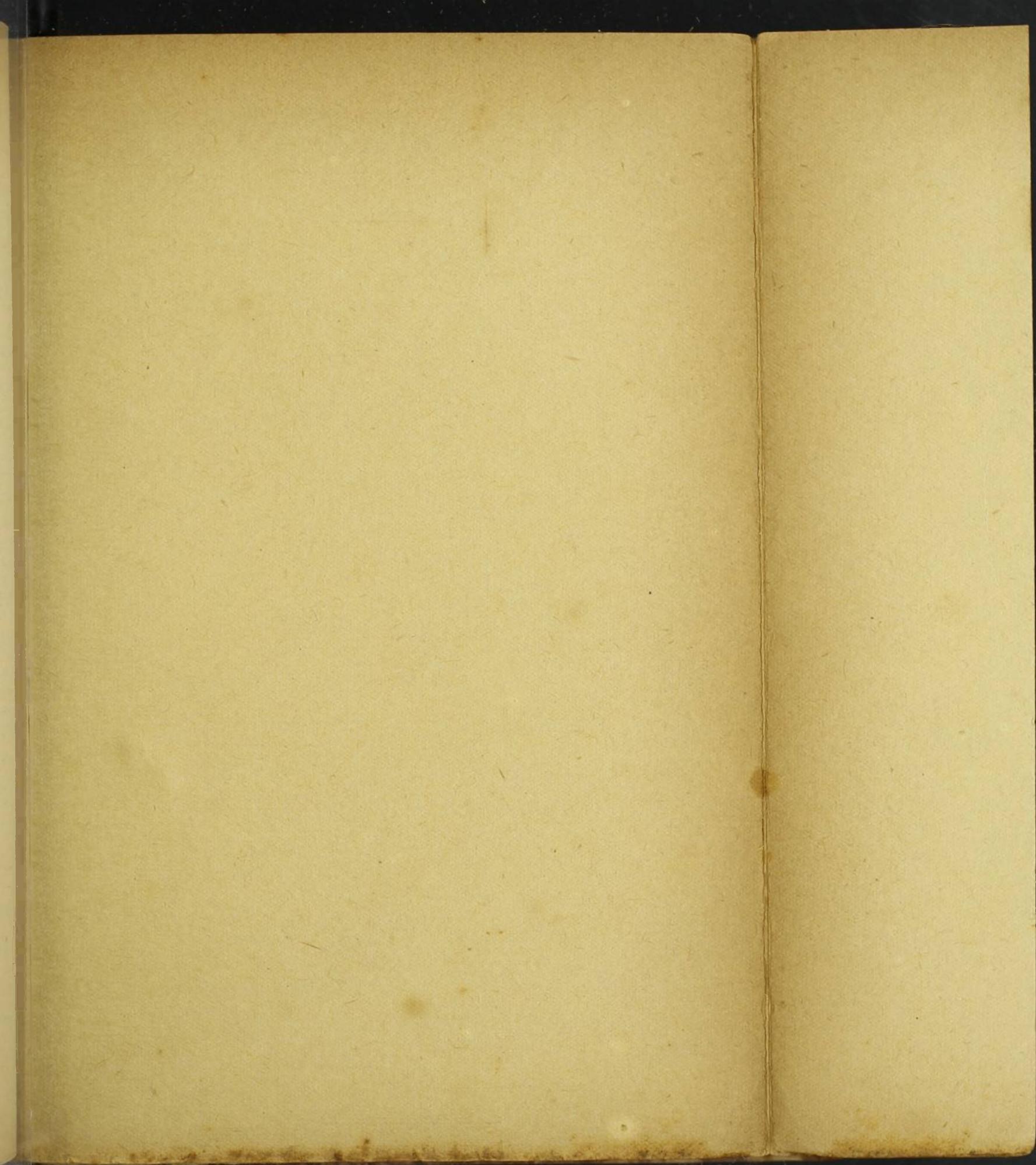
Aceitando por baze o recenseamento de 1870, que contava 7.764 idiotas numa população de 2.800.000 almas, deve hoje contar a Suissa, quebrados á parte, 10.000 idiotas. Ainda nisso lhe é superior S. Paulo. Muito superior ! Ponderada, egual em numero á da Suissa, a população paulista só conta um idiota : sou eu.

Avizam-me. Aproxima-se a hora da partida. Não quero que o trem me perca. Outra vez adeus Suissa !

.....
Rumo Paris !









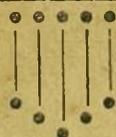
MARTIM FRANCISCO

VIAJANDO



COIZAS DO MEU DIARIO

1913 ————— 1915



2.º VOLUME

EDITORES
IRMÃOS FERRAZ - SÃO PAULO
1929

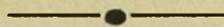
30061



VI

CO

22
MARTIM FRANCISCO



Martim Francisco

VIAJANDO

COIZAS DO MEU DIARIO

1913 - 1915

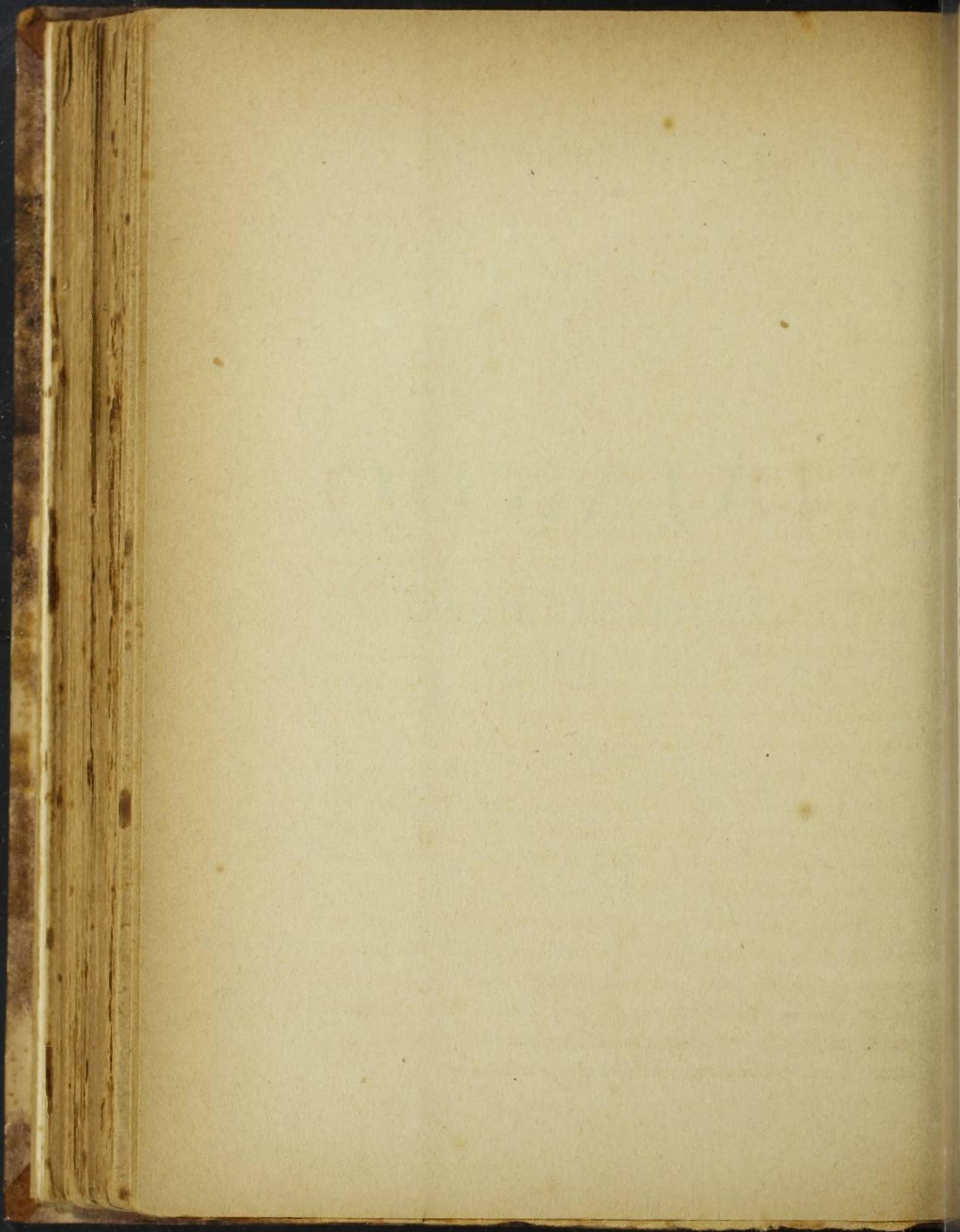
2.º VOLUME



1930

EDITORES: IRMÃOS FERRAZ
SÃO PAULO

51



EM PARIS. — MARÇO, 21

— Chegámos quazi ao mesmo tempo. Precedendo-a um pouco, porém, já estou eu em confortavel quarto do Hotel do Louvre, com frio e fogão, telefone e banheiro, quando ella, a Primavera, fiel aos seus compromissos metereologicos, faz ás 5 horas 18 minutos e 6 segundos da manhã, sua entrada annual na patria das barricadas e da mayonnaise.

Realizo um dos meus melhores sonhos. Vejo Paris. Respiro entre os descendentes desses "*parisii que tinham numa das ilhas da Sequana sua cidade de Luco-tocia*"; e, após bom sono, leitura do "Figaro", mau almoço e volta circular duma hora á cata da primeira impressão neste segundo formigueiro humano, subo o ultimo andar da torre Eiffel, onde sou recebido sem vento e sem chuva.

Estou trezentos metros acima do chão. Estou sobre os sete milhões de kilos de ferro, que Alexandre Gustavo Eiffel aqui empregou com metodo semelhante ao que o guiava, aprendiz em 1862-3, nos suportes da Grotafunda, na estrada de Santos a S. Paulo. Andam lá em baixo sete milhões de pernas.

Rodeio com o binoculo a grande metropole do pensamento humano. Quanta agitação! Nervosa, a cidade mexe-se, estremece.

Mas eu já estive, no Brazil, em maiores alturas. A mania das ascensões levou-me aos 709 metros do Corcovado e aos 980 do Mestre Alvaro, tanto quanto me afastou, sempre, da baixada do Monte de Socorro e das planuras administrativas do Montepio.

EIFFEL E CHEOPS.

Para que serve esta torre? Passeio aereo? Fonte de renda? Observatorio? Posto telegrafico? Um pouco disso tudo, que para tudo isso presta o munumento, duplo em altura á piramide de Cheops, ficando-lhe porém muito abaixo na revelação do esforço e na significação scientifica. Que a torre filha não vale a mãe piramide, ensina o apontamento deixado pelo velho Jozé Bonifacio numa tira de papel da qual tiro o que vou já escrever.

A medida do meridiano terrestre, assim como hoje serve de base ao sistema metrico, serviu tambem á metrologia dos antigos povos. Laplace, para demonstrar os primeiros grandes esforços da medição da terra serviu-se das relações que, entre si e com a longura da circumferencia della, tinham as medidas empregadas por esses povos. A medição primitiva gerou um sistema completo de metrologia cujos vestigios ainda persistem, mas cujos elementos se perderam em revoluções físicas e moraes.

A grande piramide, á primeira vista parto do orgulho e da loucura, é todavia testemunho da sabedoria e providencia de Cheops, que legou aos vindouros não só o padrão eterno dum sistema metrico fundado na medição da terra, mas tambem a determinação da “Neomenia” pela illuminação total das quatro faces do monumento em tal tempo e latitude. O sistema metrico, vigorante entre os povos cultos, não é gloria escluziva da França, mas herança a partilhar por toda a civilização.

MONARQUISMO. BRAZILEIRISMO.

— Vou ao “Bois de Boulogne, 7; Boulogne sur Seine”; apparecem-me o velho conde d’Eu e o moço D. Luiz de Bragança.

Duas esplendidas horas de conversação sobre coisas do Brazil. Nem uma palavra de queixa. Gente bôa. Gente branca por dentro e por fóra.

INTIMAÇÕES — MARÇO, 22

— Demonstrativo de afabilidade, vizita-me o ministro dr. Olinto de Magalhães. Intima-me a reclamar da legação tudo de que eu precisasse. Obedeço. Requeiro carta recomendando-me ao Observatorio Astronomico.

Quazi se encontrando com o illustre diplomata, chega-me o principe D. Luiz. Intima-me a marcar dia e hora para almoço com varios amigos e correligionarios.

Obedeço. Marco a hora, deixando o dia ao arbitrio do nosso futuro imperador.

Aparece-me Affonso Arinos. Intima-me a que lhe vá experimentar e diminuir o jantar hoje. Obedecerei.

Intima-me telefonicamente a firma G. & J. Hertz, rua Milton, 22, amizade de duas gerações, a aguardar-me amanhã de feijoada em punho. Recebo a intimação para os devidos efeitos.

S. BARTOLOMEU

— Saio, tentando aproveitar-me duns duvidozos raios de sol. Paro na muito comercial rua de Rivoli: “a de maior movimento neste mundo”, acentua-me uma caixeirinha movediça.

Vejo-me inesperadamente em plena historia da França.

Belamente triste e tristemente significativo, entre as imagens da Religião e da Patria, ali está o almirante Coligny. Bordam-lhe a estatua dois trechos biblicos, inuteis como a presença de farmaceuticos em enterro de medico. Um pouco além, espalhafatoza em sua fachada gotica, está a igreja de S. Germano; dos seus repiques, em 24 de Agosto de 1572, dia de S. Bartolomeu, partiu, por motivos celestiaes em nome da religião do amor e do perdão, convite para o mais preparado e memorado dos morticinios a pretexto do “doce Jezus e meigo rabbi da Galiléa”. Pedro Ramus, continuador de Socrates e precursor de Descartes, foi a mais notavel de suas vitimas.

A um lado, distarçando na harmonia das linhas a enormidade da mais espaçada maravilha que a Renascença levantou em terra franceza, o "Louvre", tendo na sucessão de figuras, altas, perfectas, que o ladeiam com uma moldura de glorias, a historia de França desde o perfil cavalheirozo de Francisco I até a cara larga e inesquecível de Léon Gambetta.

IGUAPE

— Como se ajustam bem, depois do jantar, o café e o Affonso Arinos! Nasceram um para o outro, e ambos para mim.

Arinos, curiozo de noticias de nossa terra; eu, sequiozo duma intimidade inteligente; e o café, porque a alma das coizas é uma realidade, convencido de que caminhava gargantas a dentro de quem muito o conhecia e merecia: como correu o tempo! Cresceu a conversação. Eramos dez á meza, e todos tinhamos o que dizer e o que ouvir sem fadigas, sem constrangimento. Resvalaram os assuntos, concatenando-se, esclarecendo-se.

Um delles, já não sei como, foi buscar, em consulta a pouco divulgada obra de Bonchamps, referencia ás primeiras navegações castelhanas no sul-Atlantico, e, tambem não sei explicar porque nem para que, a conversação ancorou em Iguape.

Iguape em Paris! Sempre me acontece cada uma... Assaltaram-me reminiscencias. Estive em Iguape dis-

putando arriscadissimo segundo escrutinio eleitoral.
Quando ? 1885.

.
A cidade de Iguape foi fundada quatro vezes: em 1567, 1579, 1611 e 1654; dessa variedade de nascimentos nasce a indefinivel originalidade do tipo iguapense. Indefinivel, porém certo, entenda-se lá isso !

Num grupo, á primeira inspecção, espontaneamente, sem dispendio de perspicacia, olha a gente para uma das pessoas, segrega-a das outras no reparo, e diz-lhe sem perigo de errar :

“Você é de Iguape”.

Ha iguapenses bonitos e feios; ha-os nem feios nem bonitos; ha iguapenses magros, gordos, estrabicos, loiros, calvos, hirsutos; ha-os gagos e morenos, parlantes e alvos: mas todos, sem a possibilidade duma suspeita de exceção, todos revelando que vieram, que são, que inconfundivelmente serão sempre de Iguape.

Como que a localidade se localizou em cada um dos seus filhos.

Quem sáe de Iguape leva comsigo Iguape.

No mundo Iguape é um mundo á parte. Tudo lhe é especial. Sua historia consubstancia modestia, originalidade, misterio e espanto. Ha Iguape, mas, tirada a média da atenção nacional, cada brasileiro só se lembra de Iguape meia vez na vida.

Iguape tinha rio e porto. Canalizou o rio, encanou o porto, e hoje está em duvida se o que tem é rio, canal ou porto.

Em Iguape as palavras trazem a significação que Iguape lhes quer dar. Numa ceia que me foi oferecida após o resultado eleitoral, o professor de primeiras letras, com voz sonora e gesto firme, brindou: “Ao nosso amigo vigario, que é um perfido!” Grato com um rizo concavo, fininte o copo no dos convivas, o reverendo julgava-se, no momento, a primeira figura de Iguape. E era.

Durante a cabala, negando-me voto que afinal me deu, dizia-me o alferes Justino, reforçado e rezoluto iguapense :

“Dr. Martim, eu só voto nos meus subterraneos !” Conterraneos queria elle significar. Um sobrinho desse alferes, meu correligionario liberal, a quem eu revelara receios de perder a eleição, tentando consolar-me e reanimar-me, encerrou os seus propositos nos seguintes termos: “Nós sofisma, depois nós protesta”.

Isso foi ha tanto tempo ! Já se me repetiu tantas vezes o *labuntur anni !* horaciano, e eu ainda tenho deante dos olhos o mocinho iguapense, Fulano Manso, verbozo, dado a argumentações fluxuozas, cortando raciocinio referente á existencia de Deus com esta fraze, unica, que me entrou na memoria, e dahi nunca mais quiz sahir : “Deus é um homem de estatura regular”.

Iguape, entretanto, forneceu ao Muzeu do Ipiranga o unico exemplar da “pedra polida” encontrado no Brazil. Dei-o ao sabio dr. von Ihering, que o mencionou em artigo especialissimo. Pobre Ihering ! Como Teodoro

Sampaio, Oswaldo Cruz, Derby, Alberto Loefgren e outros, não pode permanecer em terra paulista. Odio ao merito: é lema da nossa mediocracia. S. Paulo é um pouco Iguape.

— Este trecho do meu “diario” rendeu-me lição de urbanidade, que publico com segundo propozito: o de, com um exemplo mais, confirmar em terra paulista o frio regimen da excluzão dos competentes.

Em que foi aproveitado o merito do endereçante da carta que ocupa esta nota? Ha noticia de qualquer notorio encargo social que afaste, dum anonimato que não merece, a inteligencia vivaz e observadora, leal e estudioza de Silvino Martins ?

Eminente Dr. Martim —

Demorado aperto de mão.

— Tenho sobre a minha meza de trabalho o numero 39 da Revista do Brazil correspondente ao mez de Março de 1919. E folheando-a, procurei, de preferencia, o seu diario de viagem, em obediencia ao habito que me tomou de assalto, desde que o eminente amigo passou a iluminar as paginas da “Revista” com as fulgurações do seu espirito privilegiadamente original.

No capitulo de Março, permita que assim me expresse, ha uma referencia pitoresca a Iguape. Iguape é a minha terra natal. E eu formúlo, no circulo do meu grande respeito para com o meu eminente amigo, um protesto ligeiro e modesto, não por mim, mas por Iguape.

Iguape de hoje não é, não póde ser Iguape de 1885. Naquella época, de costumes mais puros do que os de

nossa época de franco regresso no terreno dos sentimentos civicos aliás, quazi todo o interior do Brazil se resintia do mesmo pitoresco atrazo da mesma pitoresca ingenuidade. A propria capital, hoje soberba Athenas, estava longe de deixar supor que viesse a ser, tão logo, o que é em 1919.

Ainda assim, Iguape, já por esse tempo, vinha se colocar ao lado dos pioneiros da grandeza do Brazil. Basta saber que Iguape nesse tempo votava no Dr. Martim Francisco. E' a sua melhor recomendação, apesar do pouco adiantamento mental dos seus filhos. Sou iguapense. E guardo, avaramente, como um dos meus melhores troféus, um cartão do meu eminente amigo. Data de 1910, quando era eu redactor-chefe do "Diario de Santos".

Batia-me então, com Alberto Veiga, a proposito do grande emprestimo de 16 mil contos e de seu carater interno ou externo. E o Dr. Martim me dizia, no seu adoravel laconismo: "Parabens pelo seu brilhantismo". Se quem sáe de Iguape, leva comsigo Iguape, posso concluir que Iguape, na minha obscura pessoa, já teve a feliz oportunidade ou a honra insigne de ser intellectualmente admirada por um dos mais respeitados vultos passados e actuaes da mentalidade brasileira.

E é quanto basta para a sua redenção.

Sem melhor assunto, sou, com a velha admiração de sempre, seu

Amigo grato

SILVINO MARTINS.

16-4-1919 — São Roque.

NO LOUVRE. — MARÇO, 23.

— Ilustra-me de jornaes fluminenses o Consulado do Brazil. Leio-os como costume: por inteiro o obituario, e dos editoriaes os topicos que terminam por ponto de admiração. Nada de novo na ex-pindorama. Cada ministro é elogiado por estar reconstruindo o que o antecessor destruiu. “O actual governo é o melhor de todos os governos, com a condição, porém, de ser actual.”

— Uma hora deante dos marmores; deante dos bronzes, outra: gastei, no Muzeu de Louvre, mobilando o espirito e preparando o gosto para o importantissimo cazo da “Venus de Milo”.

— Tanto pelo inesperado conjunto, como pela diversidade de olhares — enfurecido o dos cães, especialmente o da direita; gaiato o das mascaras em direção á urna — bastante impressiona aquelle provavel trono de Baco. Perdidos não me foram os minutos passados, na sala de Melpomene, deante da “Naiade”, notavel sobretudo pela correção irrepreensivel do ventre. Rezisti a um “Silla” mais que suspeito e ofereci a um Trajano serissimo alguns elogios em disponibilidade.

— “*Sexto Pompeu*”? Bravo! Nunca lhe vira os traços. Adorava-o, porém. Vulto lealdozo: o sacrificio, a dedicação, a intranzigencia, a pertinacia em homenagem á honra da familia. Esse ignorou o servilismo, desconheceu a permuta do esquecimento fingido pelo aluguel verdadeiro. Vitimado pela traição e pelo assassina-

to, Sexto Pompeu ergue-se na historia como um exemplo de fidelidade valente e rezistencia desassombrada. Perto, que dezilusão! Pompeu o grande, tão diverso, nas linhas, nas proporções, em tudo, da cópia do busto em marmore existente em Copenhague, e que eu conhecia de reprodução numa das derradeiras paginas do "Mitridates Eupator" de Th. Reinach!

— Dos quatro bustos de Lucius Verus, o menos fatigante é o que fica á entrada da sala dos Antoninos; nelle a restauração só teve de preencher uma ponta do manto.

VENUS DE MILO.

— Aproximei-me devagar. Munido de independencia no raciocinio, aproveitei sem submissão leituras esparsas, trechos de Salomão Reinach e Paul S. Victor, e dezaproveitei a insensata originalidade de Seignobos negando originalidade a essa conhecida revelação dum genio desconhecido!

Parei, distanciando de cinco ou seis metros. Fui apalpando com os olhos essa indizivel perfeição de fórmas cuja soma é a perfeição absoluta da fórma. Comecei a sentir que estava a contemplar a beleza pura, tendo deante de mim a excelencia inexcedivel da plastica.

Rarissimas vezes a arte chega até lá! A imaginação não póde ir além. Impossivel mais traduzir a consciencia e o orgulho da beleza. A deusa sorri sem rir; está, ao mesmo tempo, serena e radiante. Triunfa? Sim. Mas onde? Quando? Na produção artistica, e

na repercussão mitologica, como determinar o seu instante ?

O movimento do pescoço airozo, ductil, ideal; as dobras do manto; aquelle olhar certo de supremacia, mas não izento de despeito: estão dizendo que a deuzia acaba de receber o pomo da beleza. Aquelle olhar complexo, amorozo e grato, não dirigido muito ao longe sexual e não impudico, desvia-se das duas rivaes, busca Paris, aceita o premio. Não vem da intelligencia: é o olhar do coração. Não é do másculo poderoso: é da mulher bela. Não o despede Jupiter-Moizés: vem de Venus-Helena.

Do primitivo grupo nem o nome do artista resistiu ás devastações do tempo e do destino. Só ella vive. Só ella perdura como a sonhou o escultor, como a quiz o cinzel: é Venus nessa fáze feminina que gera o amor e ignora a geração: “que a mulher ama e depois dezeja, e o homem dezeja e depois ama”.

E foi assim que me appareceu e pareceu a mais primorosa interpretação da mulher na arte.

... Infelizmente, porém, por ordem da natureza, a mulher tem, dentro do rosto, uma caveira.

NO ARCO DO TRIUNFO. — MARÇO, 24.

— Seis horas da tarde. Descansando da intensidade com que penetrei na vida pariziense, aqui estou, sob este pezado monumento, ponto objetivo duma duzia de avenidas, alto de meia centena de metros e deposito de varias mentiras. Leio-lhe, além de Saragossa, fanta-

ziadas de vitoria, outras investidas contra a verdade sabida por todos em geral e pela França em particular.

Como me correu o dia ? Assim :

— Não achei uteis os esforços de Rodin para encobrir, á custa dum roupão, a vasta barriga de Balzac. Um pouco fóra da estatua, lá está ella querendo empurrar os tranzeuntes.

NO CAFE' DA PAZ

— Estação de brazileiros, os preços de bebidas já vêm declarados nos pirezinhos. Comodidade impossivel no Brazil. Não ha fixedez de preços em paiz de papel moeda. Ninguem sabe ao certo quanto tem na carteira.

Ha tempos, em Santos, na praça Mauá, portuguezinho letrado, necessariamente secretario do club de dansa, estabeleceu uma bodega annunciando e cobrando os preços conforme a taxa cambial da vespera. Não foi bem comprehendido pela freguezia. Em menos duma semana apanhou e deu muita pancada. A policia abriu inquerito e fechou a bodega.

— Merecem menção honroza os cocheiros parisienses. Com população trez e meia vezes superior á do Rio de Janeiro, Paris tem a mesma média de mortes e ferimentos por automoveis. Tão admiravel é a pericia com que os cocheiros evitam dezastres, como a precizão mnemonica com que lembram ruas e praças, principaes boteis, palacios, institutos, rezidencias de altos funcio-

narios, horas de espetáculos, etc. Adoráveis autome-dontes! Mesmo quando se enganam propositadamente em dois soldos de troco, dizem “pardon” trez vezes.

Arranjassem isso lá no Brazil, e a policia seria aclamada quarta pessoa da Santissima Trindade! Em S. Paulo, então, o unico meio de não brigar por ocasião do pagamento é ser parente do governo e ocupar automovel official. Os cofres publicos regularizam as contas, e as familias dos altos funcionarios, a despeito das reclamações da imprensa, frequentam á custa do povo automoveis gratuitos e tal qual intimidade perigoza com os respetivos cocheiros.

— Tão regulares e baratas as comunicações aqui! Quazi de graça. Póde-se, por um tostão, envelhecer no Metropolitano. Não temos, na engenharia brazileira, obra que se lhe assimilhe longe ou perto; serviço pronto, irrepreensivel; dinheiro inglez no sub-solo francez. A empresa não paga, não compra, nem sequer aluga engenheiro fiscal... Pobre Brazil!

— Interminavel o Bosque de Bolonha. Cabem ali facilmente todo o bairro do Catete e mais a Caza de Detenção. Povo! Quanta gente! Dia magnifico. Vestidos novos, muito apertados, denunciando o tamanho das nadegas; com a retirada do inverno vae desaparecendo a côr escura, harmoniza-se a tendencia para o branco com o contentamento geral. Ninguem pede esmola. Não ha gente descalça. No Bosque de Bolonha as crianças mamam sem chorar. Pode-se ir lá sem receio de pancada. Porque não mudam um bocadinho delle para a nossa Avenida Central?

— Quem se muda sou eu. Mudo-me para o Hotel Moderne, quarteirão onde ha tudo: lojas de tudo, profissionaes de tudo, fornecimentos de tudo, informantes de tudo e até um teatrinho onde ha de tudo.

Fico perto do dr. Francisco Malta Cardozo. Está mal; julga-se, porém, livre de perigo. Penaliza-me, admiravelmente, tanta decadencia fizica enfrentada por tanta fortaleza moral. A seu lado dois filhos modelos de dedicação, parecem fazer com o pae uma só vontade.

Porque Malta Cardozo, inteligente, leal, ilustrado, não tem tido sorte igual ao merito ? Porque o preterem nulos e subservientes ?

Não provocar invejas é, no Brazil como em toda a parte, um dos mais proficuos elementos de sucesso. E são invejaveis, em Malta Cardozo, a intelligencia e o carater.

MEDITAÇÕES FUNERARIAS. — MARÇO, 25.

— “Pére Lachaise” é, desde 1804, o cemiterio da moda. Póde ser vizitado de carro. Tem guias especiaes e especial regulamento. Qualquer que seja a estação fecham-no durante doze horas; no momento da taramela, e para que os moribundos lá fóra ponham os falecimentos de acordo com as horas de serviço, ha toques de sineta, e exclamados avizos dos porteiros: “Vamos fechar ! Vamos fechar !”

Entrei a pé. A’ portinhola dum cubiculo disputavam calorozamente dois grizalhos; a conta que lhes exigia divergencia passava e repassava, das mãos dum que retorcia os olhos, para as do outro que, amorrotan-

do-a, engatilhava os pulsos. Ajustes funerarios de parente de defunto com a escrituração do cemiterio.

Seriam pernambucanos esses briguentos ? Perguntei-me isso porque, em 1872, os povos do Recife, maçonicamente esquentados, iam incendiando o Brazil inteiro a pretexto de enterramentos. Verdade seja que, sirvalhes o fato de coerente desculpa, já em 1859, tio avô de influente politico pernambucano, em exame de terceiro ano de direito, definira cemiterios: “associações de mortos com interesses vitales”.

— Arranjei convite para uma cremação. Em cinquenta minutos o cazo se... liquida. O forno é bonito por fóra; delle recebi, abrindo-o, um fogo forte, vermelhissimo: dali não escapa nem um naquinho da alma. O total da cerimonia orça por trez mil francos, exceto se se trata de cadaver que, não reclamado, se presta a experimentações nas Faculdades de Medicina. Esse obtem o mais conveniente dos preços: não paga.

Tenho duvidas a respeito da cremação. Inegavelmente o processo é mais limpo, mais rapido, e virá a ser mais barato do que a aparatoza e retardada inhumação. Terá, porém, o individuo que nasceu, e cresceu, que se manteve e progrediu, á custa da natureza e ao amparo das leis do contrato social, direito de privar seus semelhantes de ossos que, sem prejuizo do dono, podem ser facilmente aproveitados para botões, cabos de talher, escovas de dentes e outros misteres da comodidade humana ?

Horripilante á primeira audição, o alcance comercial desta pergunta intervirá, mais cedo ou mais tarde, no phenomeno da troca e na lei da oferta e da procura.

— Cortejei o simpatico tumulo de Beulé. Que mais poderia minha gratidão fazer, no local, pelo professor arqueologo que, trez annos antes de ali se apozentar definitivamente, me libertava de diversos dezacertos com que o ensino official tentara deteriorar a minha sensatez ?

— Existe, mas vazia, a sepultura de Belini: em 1835 foram seus despojos reclamados e arrecadados pela edilidade de Catana, sua patria. Vazio tambem está o magnifico monumento que guardou o corpo de Rossini: em 1868 Florença o transportou para o seu municipio. Mas se aqui não estão, para que querem e pagam sepultura aqui ? Sempre perdularios, esses artistas !

— A' esquerda, logo á entrada, encarregado pelos mortos de receber os vivos, aparece o imortal Alfredo de Musset. Adornam-lhe o monumento bonitos versos e bonito busto. Barthelemy St. Hilaire, Cousin, Thiers, Michelet, Comte... mas quantos conhecidos, que eu deixei nas minhas estantes no Brazil, encontro eu aqui !

O que, porém, mais me esgravatou a atenção no luxuozo cemiterio foi, numa das primeiras ruas á esquerda, numa sensivel elevação, a derradeira moradia, a moradia monumental, monumentalissima, do commendador portuguez Fernando J. Gomes, falecido em 1861. Noto-a no meu "diario" enrugando a testa, confuzo, enigmatico.

O mauzoléu, grande, alto, é em fôrma piramidal, com uma bolinha azougada na extremidade; ao nascente mostra, em pintura vermelha, uma vaca e um rato; no outro lado, com menos vividez, estão ao sol quatro tartarugas. Entender isso fôra decifrar o impossível!

Mas o comendador era portuguez, e Portugal reivindica o privilegio dos epitafios espantozos. Num cemiterio do Porto, contam-me, ha lapide com esta deciziva declaração:

Nú em pelo,

Aqui jaz Joaquim Rabelo.

Digno igualmente de citação é aquelle epitafio que, tolamente, as autoridades em Funchal mandaram destruir. Justificava-o este cazo: moço rico, bem cazado, filha adoravel, comerciante afreguezado, en-viuva, morre-lhe a filha, quebra, tomam-lhe os bens, entizica: tudo isso em um ano! Das economias que-lhe escapam ao naufragio da felicidade, o martir separa pequena quantia e paga epitafio que rezuma e inclua tudo quanto o torturára, tudo quanto elle sofrera!

Encimada por grossa lagrima, a modesta lapide funeraria trazia apenas estas palavras: *Elle tinha um vizinho que aprendia clarineta.*

Estava dito tudo.

— Cedem-me, no Hotel, jornaes de S. Paulo. Que de novo por lá? Quazi nada para o publico; para mim nada. O prezidente carimbou e distribuiu varios atelionatos vendaveis como quem dá cartas numa

meza de bisca. Não fui nomeado tabelião. Não fui preterido. Não fui candidato. No baralho da politica paulista não ha naipe que me dê entrada.

— Transcritas da imprensa carioca, aprendo algumas historias deixadas pelo otogenario Salvador de Mendonça á margem da historia.

Tendo, só em 1868, voltado a S. Paulo para recontinuar seu quarto ano de direito, já em 1867, em S. Paulo onde não estava, o autor de “Marabá” obrigára o prezidente conselheiro Saldanha Marinho a consentir na organização da Companhia Paulista de Vias Fereas e Fluviaes. Em 1889 o conselheiro Saraiva muito em segredo confidenciava, a elle Salvador, mas a elle unicamente, haver obtido a abdicação de Pedro 2.º. Em data secreta o mesmo Imperador, sem audiencia do conselho de Estado e do ministerio, encarregava o conselheiro Lafaiete de projetar a mudança, para o poder judiciario, de todas as atribuições do poder moderador.

Como, sem que se soubesse, estava esse Mendonça imiscuido na alta direção da patria! Na comedia de Sardou, madame Benoiton influe na peça inteira sem aparecer em scena.

A verdade: signatario do manifesto republicano de 1870, nomeado consul em Baltimore a pedido do barão de Paranapiacaba, Salvador de Mençonça, bom funcionario, ouviu de Pedro 2.º, nos Estados-Unidos, esta ironia delicadissima: “V. s. tem servido a Monarquia numa Republica muito melhor do que serviu a Republica numa Monarquia.”

E' monetariamente discutivel se isso lhe persistiu depois de 15 de Novembro de 1889.

BOM ALMOÇO. — MARÇO, 26.

Hotel Carlston. Longo almoço. Pessoas e coizas de boa qualidade. Presentes: D. Luiz de Bragança, Affonso Arinos, Kingelhofer, Mello Rezende, Souza Mello e eu.

Cinco minutos de formalidades. Reação unanime do brazileirismo contra a etiqueta. Saudades da patria. Pouca politica. Anecdotas, incidentes. Sendo o mais velho dos convivas, permiti-me maior numero de incursões no passado. Relembrei, dum bahiano que prezidiu S. Paulo, a espantosa definição: "Molho Inglez é um liquido preto que se encontra na Inglaterra e nas Ilhas Britanicas"; e, dum general campineiro que protestava declarar guerra ao dezerto, aquelle citado exordio mais para lamentar do que parlamentar: "Quando Wellington venceu a Napoleão na batalha de Washington...

CAMARA DOS DEPUTADOS. — MARÇO, 27.

— Ducha gelada na eloquencia franceza, hoje, das trez ás seis horas. Tão inferior á ingleza, como esta á grega, a oratoria franceza, com rarissimas meias exceções, resfria a intelligencia e constipa a quem pensa para falar e fala para persuadir.

Toleravel porque veloz, a sessão. Assunto vulgarissimo, anistia, e se o antimilitarismo tinha nella entrada. Oradores médios. Galerias moderadamente in-

teressadas; cerca de quinhentas pessoas em vinte camarotes, que comportariam oitocentas.

Sem entusiasmo, e com agrado oscilante, eu já ouvira, no Brazil, Doumer, Clemenceau e Jaurès. Ouvi hoje: Paulo Meinier, radical socialista, quasi ardente, pratico de tribuna; Thivrier, esgrimista recalcitrante, argumentador: o afavel Marietton; Barthou, presidente do conselho, logico, dono da palavra; e mais: Ratier, ministro da Justiça, Compère, Morel, Combrouze, Briquet, bons, parlantes, mas cada um delles inferior aos outros. Não consegui ouvir a voz do deputado Lefas porque, acintozamente, tendo a maioria votado a continuação do debate, não quiz que esse orador debatesse coiza alguma! Mal subiu elle á tribuna, scindiu-se a Camara em dois grupos: um que conversava alto, outro que se retirava.

No parlamento francez tudo se espalha em centros e se concentra em extremos. Os oradores, em meio do discurso, recebem violentas palmas de aplauzo; abrandam ellas na peroração. Em França, ao contrario do que succede no Brazil, o orador só é abraçado e felicitado nos corredores, muito depois de terminado o discurso, e algumas vezes por esse motivo.

Pouco imponente o recinto das sessões. Deputados e assentos em declividade. Tribuna facultativa, dando della o orador costas ao presidente que, de cazaca e a assoviar um "siu" a cada aparte, pula de vez em quando, e ora bate com um pauzinho vermelho nas grades da meza, ora repica um sino amarelo que lhe fica á esquerda. Do meio para o fim da sessão, Deschanel pinga

como um chafariz rachado. Mas, corruscante o olhar, não perde o minimo gesto do mais pequeno representante da grande nação franceza.

VARIOS E VARIAS.

— Que fiz mais durante o dia ?

— Notei, almoçando no Hotel Roncerai, Montmartre 10, que ha em Paris criados mais aptos para ser servidos do que para servir. Perdi tempo no "Muzeu Grevin", reparando num Talleyrand convencional e noutras fisionomias possiveis, porém não certas, de harmonia com os respetivos originaes. Uma exploração gasta, esse Muzeu ! Dóze de dois numeros de "matinée" num cassino; artistas graciosas grifando malicias em cançonetas pouco abundantes de decencia; publico ordeiro, satisfeito, aplaudindo meia duzia de aluzões patrioticas.

A' noite ? Pago visita a Luiz Jablonski. Nunca estive no Brazil, mas fala corretamente o portuguez. Esposa, elle, filho e filha monopolizam, pela delicadeza, o coração de quem vae á Praça S. Jorge 28. Apresentam-me um professor mineralogista, uma condessa e diversos anónimos. Canta agradavelmente o tenor brasileiro Bustamante de Camargo. Ouço, ainda, acto de ensaiada comedia. Admiro coloridas projeções cinematograficas; bellissimas as vistas de Espanha e Suissa. Passei bem, muito obrigado.

MAIS LOUVRE. — MARÇO, 28.

— Não das trez horas de que disponho, mas de trez mezes, precisava eu para bem examinar o que me

interessa neste “Muzeu”, incontestavelmente o mais rico dos por mim vizitados.

A ourivezaria antiga, especialmente a da prata, é maravilhoza. A ceramica, na infinidade de concepções, elegantes quazi sempre apesar de monotonia dos tons escuros, prende e prolonga a admiração. Deante das vitrinas é inevitavel a pergunta: que ha a inventar mais no genero ?

As facas, as tentativas de garfos, as colheres e demais utensilios egipciacos atestam que aquelle povo sabia comer. Mumias, hieroglifos, papiros, estatuetas de porfiro... Um mundo! Mundo invadido, escravizado pelo militarismo persa, o prussianismo da época; mundo ponte do oriente para o ocidente, e em cujos despojos Cambizes, Alexandre, Bonaparte sucessivamente tripudiaram.

Tróco de sala. Vejo-me entre os persas. Um outro mundo: Suza e sua civilização; Artaxerxes, e o capitel, em fragmentos, do seu palacio encimado pelo “touro duplo”.

Exemplares cuneiformes. Muito da Caldéa se mesclando ao persianismo. A panoplia delineada por Ciro, o fundador e incorporador, o vencedor no VI seculo A. C., ali estava numa das vitrinas, luzente, catalogada, explicada chamando-me a ironia para a incoerencia do progresso humano, que teima em descobrir modos de matar gente, mas persiste, inalterado, na maneira de fazê-la.

Defronte, dezenhada sobre restauração cuneiforme, está a côrte de Dario Histaspes. Altivas as figuras. Uma

dellas é, necessariamente, Otanio, o precursor do individualismo, o mais intelectual dos companheiros do rei na vitoria contra o sacerdocio e na eliminação do falso Smerdis. Qual, porém ?

Desdobrando-me, busco atrapalhar o meu espirito: mudo repentinamente de sala, de cogitações e de assunto. Procuro a moderna escola de pintura franceza. Robert mais Millet, mais Huet : que largueza de traços! Quanta independencia de linhas ! Mas tudo tão razo. . . Enchente em lagoa. Porque consentem copias de paisagens trimensaes de Corot e dos vacuns impossiveis de Troyon ?

Diminuem a arte, como os vestidos muito abertos estragam a pudicicia. Alerta, policia de gosto !

A' direita, numa das primeiras salas, de Ricard, que por ter morrido com meio seculo não teve tempo de aprofundar a decadencia, salva-se pelo colorido um retrato de Paulo Musset.

— A quatro empregados pergunto cinco vezes pela "Gioconda". Sei-a, como todo o mundo, nortamericanamente furtada; não me posso, porém, cohibir de divertir-me á custa alheia.

Recebo lição que aproveitarei; deu-m'a um dos repreguntados, a quem dezagradára a chufa. Pacientemente me conduziu ao local do furto; mostrou-m'ó ocupado pelo "Retrato de Baltazar Castiglione", soberba téla de Rafael; elevou a voz como pedindo auditorio; implorou minha opinião sobre o cazo, prometendo transmiti-la com urgencia á administração do "Muzeu" e a todos os poderes de França, "porque, perorou, nós

aqui nos achamos unicamente para seguir os vossos conselhos e observar as vossas decizões”.

Resmungando, repliquei uma porção de dezaforos. Tive, porém, a cautela de falar em portuguez.

GOVERNO EM AÇÃO. — MARÇO, 29.

— Contentamento da imprensa pariziense; Andri-nopla foi tomada de assalto; Creuzot venceu Krupp; a artilharia allemã foi batida pelo obuz francez. Chukri-pachá, o defensor da praça, por se haver rendido a bul-garos e servios, foi por elles nomeado heróe durante um mez.

Alegria russa. Indiferença ingleza. Despeito ger-manico. Alivio grego. Intranquilidade italiana. A Eu-ropa é um quartel : em meia prontidão todos os governos fortes; amendrontadas, sem tarimbas, as nações mais fracas ! Matar é a grande preocupação da fórmula governo.

Ha quarenta e oito horas ficaram evidentes as co-municações marconicas entre o litoral norte americano e a Torre Eiffel. Mas é isso mesmo: a aptidão indivi-dual melhora a vida, a governação coletiva aumenta a morte.

VERSAILLES — MARÇO, 30.

— Acórdo com intenções respiratorias. Atendo-as assim : automovel novo, particular, com uma bandei-rinha brasileira provocando merecida curiosidade ; Gas-ton Hertz, alegre, de familia alsaciana que em 1870 preferiu o exilio campineiro ao germanismo berlinense,

peritamente dirigindo a expedição; evitados na "Avenue Bois", dispensáveis esbarros em amazonas que a enchiam sobre cavalos caros; duas interrupções obedientes ao infame "octroi" que já se vai naturalizando nos municípios paulistas; menos duma hora de viagem: e estou em Versailles.

— No historico "Muzeu". Em cinco minutos contrato, pago e enxoto o guia que, logo á entrada, á direita, nas reproduções de sarcofagos, trocára o Felipe Belo de França por Felipe II de Espanha. Ignobil!

Delibero ver preferencialmente batalhas. Pinta-as o indisciplinado Horacio Vernet com vigor inexaurível. Na tomada da Smalah, por exemplo, a despeito das dimensões da téla, tudo se agita, todos se movem. A' distancia de oito metros a propria moldura não parece estar quieta! Na "Batalha de Wagram" o perfil do Imperador é o mais vistoso e brilhante de quantos procurou a arte fixar. Falta, talvez, a Vernet a correção epizodica de Yvon, e tambem essa ênfaze expressiva que, durante algum tempo, colocou David entre os divinizados pela critica franceza. Certo, no "Malakof", o olhar vidrado do moribundo, a bota empoeirada do ferido que retorce a perna e a scintilação das baionetas ao longe, e, no "Bonaparte em S. Bernardo", a sobranceira do heróe, dizem respetivamente a dor em sua maxima intensidade, a audacia em sua amplitude, o desdem completo da impavidez pelo perigo e o dominio da resolução sobre a incerteza; mas, em Vernet, a sintheze artistica é mais altaneira, superiorizando evidentemente o talento sobre a intelligencia, o pensamento sobre a mi-

nucia. No “Adeus de Fontainebleau”, onde cada figura é uma idéa, Vernet se revela artista como Tinier, conscienciozo como Gros, equilibrando unificadamente o pezar, a apreensão, o despeito e a esperança.

— Na “Capela Imperial”, onde a “austriaca” jurou fidelidade ao real serralheiro, faltam trez lustres? Roubou-os e vendeu-os a Revolução. No Brazil, no Palacio de S. Cristovam, houve identica furtocracia um seculo mais tarde; louças, pratarias e raridades bibliograficas eram, em Novembro de 1889, vendidas por baixo preço na rua do Ouvidor... Integrava-se a America.

— Sala de Diana. Sala de Apolo. Sala de Marte. Sala de Venus. Fausto deslumbrante! Duma das janelas descortino os jardins e os lagos. E a galeria de recepção? E o leito de Luiz XIV? Quanta riqueza e quanta patifaria! Herança de nove seculos de despotismo, aquillo tinha mesmo que acabar mal. Como diz o caipira: tinha mesmo de entrar em lenha. Reverso compensativo, porém: quanta gente vive á custa de tantos erros! Fardados, com o prato garantido, sustentando filhos, genros e até sogras, quantos funcionarios viveram das glorias e das obcenidades dos Capetos e dos Valois?

— Uma estatua de Luiz XV... Fê-la Cortot. Está equilibrada como o seu autor: tem estudo, imaginação, fidelidade. Preferiria não a haver encontrado. Para más impressões já me sobejavam, hoje, a Lava-lière, a Montespan, a Maintenon, a Pompadour, e até

a insignificante Maria Tereza, legitima e numero um na coleção de rainhas do caprino rei-sol, e eis que, á despedida, se me encaixa na atenção a estatua desse nojento ! Porque não a espatifam em homenagem áquella eloquentissima sentença — “o silencio dos povos é a lição dos reis”, com que lhe castigou as manchas o altivo bispo de Beauvais ?

— Oportuno desvio de vinte kilometros mostra-me Paris do alto do aristocratico arrabalde de St. Germain. Convenção generalizada e antiga ensina ser muito bonito esse ponto de vista e mais bonita a vista desse ponto. Concorde.

PATRIA AUZENTE — MARÇO, 31.

— Um dia no “Palacio d’Eu”. Prodigioza a memoria do conde d’Eu ! Data por data, familia por familia, esse velho conhece como ninguem o Brazil. Do seu comando no Paraguai lembra os nomes de todos os officiaes. Quando, na minha habitual franqueza, aludi á ingratidão dos brazileiros, juntou seu protesto ás immediatas contestações de D. Izabel, nossa redentora Imperatriz.

A princeza D. Pia, gentil, distinta, pronuncia o portuguez tão bem como eu. Merecem-se: ella, o espozó e os trez brazileirinhos cuja educação se inicia na escola do desterro e nas agruras da injustiça.

ABRIL, 1.º.

— Saio de manhã. Ninguem ás janelas. Nisso a menina pariziense se differença da brazileira que, tanto

no inverno como no verão, parece figurinha de rótula.

Por falar em verão: não tarda elle, ameaçador como sempre: é a estação da ida para o campo, da dezerção para as praias de banho; começa a faltar gente para o consumo; não tardam as falencias.

Por falar em falencias: falecendo, faliu na vida, em Roma, o milhardario narigudo Morgan, o maior manejador de oiro no seculo passado. Ninguem o excedeu na organização dos trusts; ninguem, todavia, lhe foi avante na pratica da esmola: sustentava trezentas e cinquenta associações de caridade. Terá grandiozo monumento em qualquer cemiterio.

Por falar em cemiterio: vou vizitar o dos cães, em Asnières.

CÃES.

— A' entrada, frente ao vizitante, surge artistico monumento consagrado ao cão Barri. Morou em S. Bernardo cá da Europa. Salvou quarenta e uma vidas. Documentou, portanto, a afirmativa de Plutarco: o cão é o unico animal que, para salvar o homem, revela coragem.

A' direita, mais que á esquerda, numerozas lapides demonstram ser a letra "i" essencialmente canina. Succedem-se Kidi, Fifi, Saci, Mimi, Didi, etc. . . Num tumulo modesto:

"Fox, meu unico amigo" Leio noutro: "Cruel fatalidade!"; num outro trez estrofes toleraveis, prometendo ao falecido jamais lhe dar substituto, e externando a esperanza de lhe encontrar a alma nos espaços

intermundios, idéa de Macaulay em referencia a Hampden.

Ha sepulturas caras e curiozissimas. Numa dellas: “Salvou-me a vida. Devo-lhe esta lembrança”. Em muitas o retrato do cachorro tem as iniciaes, signatarias, de pintor afreguezado. E’ de marmore o monumento do “Principe Colibri”; tem inscrição prateada e contribuiu para que, na quadra, o terreno subisse de preço. Examinava-o eu cuidadosamente quando uma moça bonita, puxando um felpudinho, e com enorme ramo de cravos, se aproximou do contiguo tumulo de “Diane”, aflorou-o, fitando-o lacrimajante e tentando ajoelhar.

Comovi-me. Pobre coração rico! Estava ali, estava aquella mulher a justificar que “as fibras do coração feminino são infinitamente mais sensiveis que as fibras do coração do homem”, asneira que Otavio Feuillet redigiu com todos os requintes do romantismo! Conseguindo enterreirar dialogo, insinuei consolá-la prometendo-lhe mandar do Brazil um cãozinho de sete cores, chamado “Semnome”, filho legitimo duma cadela que atendia ao nome “Que se importa”, mas com o habito de só comer carne mastigada.

— E quem mastiga carne para elle ? perguntou-me desconfiada.

— Elle mesmo : respondi, recuando, sem mais explicações.

.....

— Avizo aos interessados: perto da vala comum, da banda do sul, o terreno é mais barato. São,

em Asnières, observadas quasi todas as formalidades funerarias: depozitos, escrituração, funcionarios em categoria, classe de enterro, convites, flores de preços variados, etc. . . Juridicamente redigido, o regulamento, constante de onze artigos e maior numero de paragrafos, traz em anexo a variadissima tabela de preços; vão de 5 a 100 francos os da vala comum, podendo, em determinadas circunstancias, ser de trinta anos o prazo da concessão, e oscilando de 50 x 70 a 80 x 100 as dimensões em centímetros.

São por conta do falecido quaesquer despezas concernentes á placa e transporte do cadaver. Sendo num mesmo local, ha abatimento quando se trata de mais dum cão. A Sociedade Franceza do "Cemiterio para Cães", capital de 350.000 francos, telefone 545 — 98 mantem, ainda, alfaiataria, sapataria e impressão de cartões postaes.

Ao empregado que, desdenhozamente, me forneciã essas informações todas, deliberei demonstrar não ser a sua sciencia canina tão completa quanto me estava elle a bazofiar. Repentinamente lhe perguntei :

— Por que motivo o cão bate com a cauda ?

— Porque está contente; porque festeja alguém: respondeu com entono de absoluta segurança.

Sorri. Expliquei-lhe sentenciozamente: o cão bate com a cauda porque o cão é maior que a cauda; se a cauda fosse maior que o cão, a cauda bateria com o cão e não o cão com a cauda.

.

— Remeti alguns exemplares do regulamento a conhecidos meus que se desconhecem, e, pensando no “Cão do Louvre”, tão magistralmente traduzido pelo autor do “Eurico”, afastei-me duvidando se a minha visita á “Asnières” fôra engraçada ou triste.

NOS INVALIDOS.

— A’ porta, olhando canhões pezadissimos, tomados a inimigos possivelmente levianos, uma estatua do principe Eugenio ; porque ?

Recuo para dar passagem a um general francez; vae apressado e condecorado. Ganha, informam-me, menos de mil francos por mez; menos que um major do exercito brasileiro. E’ justo, é muito justo. Aqui em França os officiaes militares só têm obrigações militares ; no Brazil, porém, têm elles o encargo que patrioticamente contrairam em 1889, de pagar a divida externa do paiz. E como essa divida, crescendo todos os dias, passou de trinta a cento e quinze milhões esterlinos, é logico que vá tambem crescendo, sem interrupção, o soldo dos officiaes do exercito.

Entro. Encontro, a olhar para o tétto, a estatua da “Abundancia”, receioza de que lhe perguntem o que veio fazer entre os invalidos.

Grandiozo, belo, mas triste o templo. Lá no fundo semi escuro está o que resta do grande sangrador occidental. O sarcofago, longo de quatro metros, daria perfeitamente para dois criminozos do seu tamanho. Bem em cima, de dimensões naturaes, pouco menor portanto que o de S. Pedro em Roma, curvado, verificando estar

realmente morto quem lhe tomou e prendeu um papa, espia um cristo de bronze tomado em batalhas, instrue-me um mutilado entendido em bonapartismo, e provavelmente tão sabedor de bronze quanto de batalhas foi o filho do Padre Eterno & Cia.

Soletro num sarcofago lateral o nome "Bertrand". Muito bem! A fidelidade, mesmo ao erro vencido, é sempre uma proveitosa lição de moral. Dos apanhadores de fichas na roleta sanguinaria do corso, foi Graciano Bertrand o merito militar que jamais o olvidou: acompanhou-o ás duas ilhas do exilio, defendeu-lhe a reputação, conduziu-lhe á França os despojos mortaes.

— Cultor do pacifismo, quanto mais penso mais me dispo de entuziasmos belicosos. Mas como, as mais das vezes, vestir é melhor do que despir, deixo os "Invalidos" e vou á caza Bertholet encomendar camizas.

NAPOLEÃO DELLAS.

— O Corcovado, o Pão de Assucar, a Tijuca: mas que esplendidas vistas da orografia fluminense! No escritorio do afavel Bertholet fala-se portuguez. A freguezia brasileira é a maior da fabrica. No Brazil o nome de Bertholet é mais conhecido que em Paris.

Camizas esmeradamente acabadas. Uma por uma as examina, discutindo-as com caixeiras e caixeiros, o velho e ainda ativissimo chefe da firma, da escrituração, do serviço todo. Insuflados pela inveja, concorrentes lhe ofereceram no mercado nacional acerrimos combates. Audacia inutil! Bertholet, o Napoleão das camizas, nunca teve Waterloo. Permanente é o seu triunfo.

Passou para as obscuridades da historia a tunica talar do jonio; desapareceu, passado a dentro, a longa toga do romano; a camiza marca Bertholet, porém, sua civilizada descendente, vive, viverá enquanto a nudez for policialmente excluída da superficie da terra. E assim como houve na Grecia o seculo de Pericles, na Italia o de Médicis, o de Luiz XIV em França, ha de haver, necessariamente haverá, em Paris, na rua "d'Hauteville, 82", o seculo "Bertholet".

Tenho dito.

AERONAUTICA. — ABRIL, 2.

Convite telefonico para ir a Buc, escola de aviação ? Sim. Pronto ! Cinco pessoas : principe D. Luiz e espoza, minha espoza e eu, e, já observador e desconfiado, com quatorze anos apenas, Francisquinho Malta. Ida rapida. Sete maquinas brincando muito acima de nós. Sobrepujantes de beleza, aterreando com graça, mais nos interessavam os monoplanos Bleriot; os biplanos, porém, prometem maiores vantagens militares.

Segurança. Firmeza na direção. Rapidez nas manobras. A duzentos passos mais ou menos de distancia, em local rezervado por cartaz pedinte de que "não peçam entrada para evitar o desprazer de uma recusa" (original maneira de prévia recusa !), um grupo cresce de minuto a minuto. Que ha ? Quazi nada : Faure, 36 annos, do 2.º regimento de artilharia, ajudante de aviador titulado sob n. 1231, caiu inexplicadamente com o seu aparelho, quebrou as pernas e foi cortado em dois.

Assinalando serem mais que rarissimos dois dezastres consecutivos, pensei experimentar uma ascensão. Protestos femininos. D. Luiz, já viajante de trez ascensões, uma dellas em balão livre que o levou a territorio muzulmano, propendeu para a minha opinião, mas votou com o partido contrario. Não subi. Acorreram-me vingativamente, á lembrança e á fala, nomes de voadores antigos que, maiores de vinte e um anos, deliberaram e realizaram subidas.

Vieram á conversação o patriarca Enoch, o profeta Elias, Icaro, Dedalo, o imaginario Icaromenipo, Simão o magico, Bartolomeu Lourenço, Antonio Lisboa (o Aleijadinho), e Julio Cezar de Souza, e Augusto Severo (meus amigos, ambos); e ia eu acrescentar a essa serie de voantes o capitão Lunnazzi, que em 1794 inspirou a Bocage o merecido verso.

o sabio é o cidadão do mundo inteiro,

quando o principe, mais pratico, e cogitador do Brazil a todo o propozito, começou a dissertar sobre a utilidade do hidroaeroplano para viagens em nossos grandes rios e para travessia, em poucos minutos, de Niteroi ao Largo do Paço.

Mal aventurada volta ! Farfante, de minha moradia soubera por suas inculcas ex-deputado mineiro; armaram-se seus silogismos e, com solenidade, descarregou-me os motivos que tinha para se considerar artigo do Codigo Penal ! Um maniaco firme. Dispondo de impetos para salvar a patria, precipitadamente me repetia o

malvado estar pendente da alçada dos furtos o futuro do Brazil inteiro. Tortura !

Fui indenizado, porém. Antigo conhecimento, que as circumstancias do destino haviam promovido a subalterno consular, me enviara meia duzia de "Correios Paulistanos". Benigno jornal ! Nunca saldarei a gratidão que te devo pelas horas de sono que me proporcionaste !

NO PANTEON — ABRIL, 3.

— Não me enganou Bonnot com o seu martirio de "S. Diniz". Muito antes de lhe ver o santo, e mais S. Rustica, e mais o diacono Eleuterio, eu já sabia que esses trez padecentes tinham tido a felicidade de não existir. Diniz, Dionizio, Baco, Eleuterio, Rustica, vinho de uma mesma pipa mitologica, significam uma só personalidade.

Não me enganou o guia indicando a exorbitante estatua de "S. João de Mata" como do "primeiro que libertou os escravos do Brazil". Muito antes de ver o santo quebrar grilhões, eu já sabia que o Brazil estava na America e que a America só apparecera na sciencia européa trez seculos depois de o abolicionista fundador da Ordem da Trindade haver sido abolido do numero dos vivos.

Não me enganou o soldado (voz forte, educação fraca: maltratou e despediu uma mulher que fôra ao Panteon sem chapéu) que nas catacumbas, agrupando duas duzias de visitantes, defronte das janelinhas gradeadas, cuja meia luz obrigára á suspeita de velas de sebo lá dentro, assumindo proporções oratorias, com

virgulado entornou recitava: “Aqui jaz Vitor Hugo, grande poeta; nasceu em 1802 e morreu em 1885”, o mesmo proferindo, com apenas mudança de datas, a respeito de outros defuntos ali guardados. Distraiu-me a parvoice do cazo, e reparei que o rizo dalguns circunstantes divergia das dimensões, e algumas vezes das noções do clamante funcionario. E quando este, perseverante, applicou o discursinho ao compartimento donde haviam sido retirados Marat e Mirabeau, reclamei energeticamente entrada e exame no local. A platéa adheriu.

Vivo entrei e saí daquelle cubiculo no qual, mortos e venerados haviam entrado, e do qual mortos e vaiados haviam saído esses dois geniaes patifes. Ri-me. Riram-se os visitantes da turma. Pela primeira vez, desconfio, o Panteon recebera a vizita da alegria.

SORBONNA — ABRIL, 4.

— Ganhei uma hora deante do tumulo de Richelieu. Profunda impressão ali se recebe. Girardon merecia mais fama.

São impecaveis as figuras que enchem o monumento. Até nos anjos a idéa central do trabalho está significada. A harmonia é completa. Da imagem da França, (uma das sobrinhas do estadista), choroza, aflita, tudo ha admirar; as mãos, o pescoço, o cair do manto, tudo, todas as particularidades impressionam. Preciza-se dum esforço da vontade para que a observação, separando-se daquelle exemplar do sentimento, passe a estudar um pouco acima, os traços desse voluntariozo Armando Duplessis que, torcesse os bigodes para baixo, trocaria a

relativa energia do rosto pela bondade fisionomica do seu contemporaneo Dominiquino Zampieri.

Doze annos empregou Girardon para dizer Riche-lieu no marmore. Disse-o inexcetivelmente bem. Na tradução do grande ministro o artista foi grande.

PALACIO DA JUSTIÇA.

— Materialmente é curta a distancia da Sorbonna ao Palacio da Justiça. Neste, porém, dominando-lhe a larga construção, trez mentiras declaradamente se ostentam : liberdade, egualdade, fraternidade.

Liberdade: daqui, em regra, são gente para o xadrez. Egualdade: não ha aqui duas pessoas eguaes; juiz vale mais que escrivão, escrivão vale mais que porteiro, porteiro vale mais que suplicante, etc. Fraternidade; aqui tratam uns de malfazer aos outros.

Dois a trez mil advogados, olhar vacilante, pasta preta, béca dezengraçada, atravessando a antiga capela, hoje proprio nacional, cujos vitraes disputam primazia aos que admirei na Italia, diariamente demandam a alongadissima sala dos "Passos Perdidos", onde a estatua do advogado modelo, Malesherbes, prevalece como um perene ensinamento de dignidade profissional. Perene e coerente. Não só foram perdidos todos os passos que deu para salvar seu imperial cliente, mas ainda, caminho da guilhotina mais tarde, escorregou, dando um passo em falso. Tendo crescido um pouco, em face lhe está Berryer, o francez mais orador que Paris ouviu e aplaudiu.

— Aproveito ocasião e edificio para acompanhar um julgamento correcional. Silencio no numerozo auditorio. Parlante de pé, acuzado de furto, agravado por entrada em caza alheia e emprego de gazúa, rodeado de soldados que tambem fiscalizam os que, cinco, o devem succeder no julgamento, defende-se o réu como póde. Com a covarde convicção de superioridade que é um dos apanagios do magistrado incivil, aparteia-o constantemente o juiz. Concizo, lúcido, fala pela defeza um advogadinho rouco. O menos que arranja para seu cliente é o maximo da pena: trez anos de cadeia.

— Côrte de Cassação. Tribunal Criminal. Julgamento, em penultima instancia, dos bandidos que assaltaram automoveis, assassinando e roubando. Em França, no crime, a ultima instancia é o indulto que nunca aparece, ou é a comutação que irrita o publico. Atenção geral. Todos os togados trazem a “legião de honra”; alguns foram juizes na tramoia Panamá e erraram na perseguição Dreifus.

O conselheiro Bulloche, cara redonda, busto nero-neano, constante em sua jurisprudencia conforme declara, vota pelas penas maximas; Rambeaud, advogado geral, com a naturalidade de quem recita um soneto pela quarta vez, externa identica opinião. Pronto! Cinco bois para o côrte. Rizinhos no auditorio.

CAZA DE DETENÇÃO.

Isto aqui foi, nos dias da Revolução, vespera da guilhotina. Dificuldades á entrada; espera de retirada da

turma que precedera á minha. Palido, um menino de nove ou dez anos, magro, recebe em devolução meia garrafa de vinho que, explica-me, trouxera para o pae, velho, doente e prezo.

Sandeu, o guia. Pergunto pela cela de Caldriac ; ignora-a. Pela de Lacenaire : indica-me uma ao acazo. Não conhece Pulman e Antelmo Collet. Consente, espantado, que me eu demore no quazi circular salão onde, livremente, discutiram os girondinos prezos; é um comodo comodo ; preferivel, todavia, é estar fóra delle.

Releio, no original, o bilhete que a piques de alfine-te escreveu Maria Antonieta avizando estar de sentinela á vista. O cubiculo ao lado é o calaboucinho que recebeu Robespierre, queixo partido pela bala de Antonio (o sobre-nome suja o papel; suprimo-o). Apozentada com trinta annos de serviço, vejo por despedida a lamina que servira á guilhotina de 1820 a 1850. Conservam-na muito bem tratada; mostram-na com vaidozo prazer...

— Recolho-me triste. Ruim dia, más horas ! Sonhador obstinado da liberdade, da justiça, do direito, ouvi insultos ao fraco, escutei sentença de morte, entrei em carceres, recordei supplicios. Em caminho passei perto da "Notre Dame"; reparei-lhe na fachada, um curso de arte ! Ergui o olhar. Imaginei ver, lá bem no alto, Quazimodo, labios arreganhados, arfando, escorregando, desesperado do alquimista, litando Esmeralda e a fogueira, suicidando-se, a exclamar dolorosamente : "Oh ! tudo quanto amei !"

COIZAS DE IMPRENSA.

— Futil, o jornalismo francez, com interesse, crescente, discute a presença do presidente Poincaré, na Opera, no camarote de Deschanel, e o cazo muito municipal do fechamento do Café Inglez. Em Pariz, hoje, a guerra balkanica é negocio secundario; passaram para o rol dos interesses accessorios; a insistencia do Montenegro no cerco de Scutari; o empenho da Austria em arrecadar despojos em prelio alheio; a vacilação da Inglaterra, sempre em consulta ao corpo eleitoral; o despeito da Allemanha, em interminavel preparo para o que der e vier.

Boa ou má, todavia, em França a imprensa é uma força que cria, sustenta e derriba governos. O jornal mantem partidos e modifica situações. Não ha disso no Brazil. Lá o governo sustenta a imprensa, aluga empresas e modifica gerencias. Assim é, e foi assim quazi sempre. Só conheço, em toda a nossa vida de povo independente, duas exceções incontestaveis.

No periodo regencial a sustentação do partido moderado teve na "Aurora Fluminense" sua principal escóra; e, em 1870-1, os embarços e o tombo do gabinete S. Vicente foram promovidos e movidos pela "Reforma" sob redação e direção do conselheiro Affonso Celso.

A média de carater no jornalismo nacional póde ser tomada, no discurso do deputado Justiniano da Rocha, em 26 de Maio de 1855, revelando e justificando os diversos preços de sua pena. O orador intervalou

de soluções a franqueza de sua oratoria; não restituiu, porém, as quantias recebidas. Fundou escola.

— Tola !

— Num campo francez de manobras, na fronteira, aterrou zeppelin militar allemão; tinha cento e vinte metros de comprimento. Foi aprizionado. Comoção geral. Telegramas. Inquerito. Assustadas reticencias nos jornaes da tarde. Fechado em poucas horas o grave incidente por alegação de engano de manobra. Examinada a maquina voltaram ella e a respetiva officialidade para o estado maior prussiano.

O zeppelin veio e caiu especialmente para ser examinado, fotografado e estudado pelo estado maior francez. Está erradissimo, e vae servir de modelo aos mecanicos da aviação pariziense. Foi tola a policia franceza.

ABRIL, 5.

— Na "Notre Dame". Subi os trezentos e sessenta e dois degraus que conduzem aos dezoito mil kilos do sino grande. Amarrado, não sei por quem nem porque, mede o badalo um metro de circumferencia na extremidade. Do prolongado barulho dos repiques um outro sino, trazido da Russia, regularmente se dezempenha.

Dirigi-me ao celebre, notavel e discutidissimo "Tezouro". Serão verdadeiras todas aquellas pedras, legitimos todos os brilhantes que o guarda mostra e explica ? Prendeu-me demoradamente o exame o crucifixo de marfim, presente de Luiz XIV á amante capenginha; musculos encantadores, feições pungentes.

— “Charenton”. Por trinta centezimos, dois níqueis de tostão, pode-se ir do centro da cidade vizitar o afamado hospício de alienados. Percurso fluvial; barcas a vapor; os passageiros, sem as importunações dos funcionarios de minha terra, trazem embrulhos e até mudas de plantas; operarias, ganhando o tempo tricoteiam.

Errei na hora da vizita. Quando perguntei por patricio, infeliz que endoidecera com a mania de que era enfermeiro de loucos, e trazido para ali peorara, declarou-me categoricamente o porteiro que “eu ainda não podia entrar”.

Esse “ainda” é adoravel!

— “Sena”. Digna de nota a pescaria na afamada arteria fluvial; tudo fiscalizado, regularizado, obedecido. Abundam fiscaes e artigos de lei. Ha especialidades em anzoes, variando as iscas conforme a estação do ano e as intenções do pescador. Tudo, tudo está previsto e preparado. Só falta o peixe: ha em Paris mais pescadores do que peixe.

— Anoitece. Escurece. Reentro em Paris pelo bosque de “Vincennes”. Extraordinario movimento. Vida intensa. Quanto vicio e quanta sexualice em procura do ganho!

Mas quanto heroismo oculto tambem. A fome defendendo a virgindade; a economia e a privação sitiando a regularidade nos pagamentos; velhos guarda-livros de cazas commerciaes riquissimas com a honradez dignificada pela pobreza; ha de tudo em Paris.

FONTAINEBLEAU. — ABRIL, 6.

— Boa estrada, cheia de retas e atravessando, além das 40.000 almas da muito militar cidade de Melun, verdes e extensos campos de trigo, atestados da riqueza da zona. Vejo algumas antiguidades modernas. Compro duas tezouras cujo esquizito formato remeda o queixo dum dos secretarios da atual presidencia de S. Paulo. No Hotel "Agua Negra", comida horripilante, gerencia feia, não ha agua negra, nem branca; se alguma houve, fugiu dum toiro de bronze que lhe fica fronteiro embelezando a cidade toda.

Incerta em sua certidão de nascimento, Fontainebleau não tem cronica limpa. Henrique IV não lhe consentiu reputação cristalina; e, em 1717, está provado aqui tomou Pedrogrande, da Russia, uma historica moafa. Ainda: no seculo seguinte, emquanto, prisioneiro, Pio VII aqui rezava missa, fazia a imperatriz Jozefina grossas falcatruas.

Composto de edificações dissimilhantes, é o "Castelo" chamariz obrigatorio. Gosto, arte, variedades; salas, salinhas, salões; tapeçarias incriveis; jarras impossiveis; relogios de valor incalculavel: trez horas de admiração e prazer! Mas tudo tão confuzo, impondo a tarefa mental da classificação!

Na "Biblioteca, onde 35.000 volumes esperam leitores, entre uma primeira edição de Shakespeare e uma riquissima de "Telemaco", está um livro de "Contos" de Léon Gozlan. Lindas telas anonimas vizinham conhecidos retratos do antigo femeação real. A' porta duma

sala, mediocres imitações de esculturas gregas ladeiam escrupulosos arremedos de Canovas.

Balburdia ! Para que maltratar nella a vista ? Ordenei-lhe, não querendo perder completamente a vinda ao “Castelo”, que se fixasse numa escolha, guardando-a para lembrança. Obteve preferencia, pelos seus olhos transbordantes de volupia, a “Diana de Poitiers”, do magistral e prolixo Primaticio. No “Louvre” a escultura de Goujon, reproduzindo na Diana caçadora as feições da velha moça cujos 47 annos domesticaram os ardores do marido alheio que só contava 24, não me passára de todo desapercibida. Repetido o rosto, vi-a mais ou menos na pintura do mestre; a lição viera do discipulo cujos primores de ornamentação, cumpre assinalar, mais do que o tempo, a audacia das restaurações tem estragado.

... Porque se deixou a França governar, uma dezena de annos, por viuva bandalha, ignorante e dezatinada ?

— Duas notas, sentimento uma, pensamento outra, prevalecem em Fontainebleau: o culto napoleonico e a superioridade intellectuál de Luiz Felipe.

E’ uma das faces mais veneraveis do “Castelo” a imparcial meticulozidade com que o rei professor escolheu restaurações de obras de arte. Foi francez acima de tudo. Destronando-o, que adeantou a democracia ? Aparelhou a volta do bonapartismo, engendrou a unifi-

cação germanica, motivou a ingratição italiana, padeceu a terceira invazão.

TOUJOURS LUI !

— Ha Napoleão em cima, em baixo, nos pateos, nos corredores. Ha o chapéu de Napoleão voltando da ilha d'Elba; ha os cabelos de Napoleão. Napoleão por aqui e por ali. Indigestão de Napoleão. O berço do rei de Roma; a riquissima sala de conselho dos ministros; o original da primeira abdicação; a meza portatil de campanha; o modesto quarto da economica rainha mãe : tudo diz, fala, recorda Napoleão.

Em obediencia a um dos artigos do meu programma de viagem, e que é observado de vez em quando, concordei com tudo quanto vi. Fiquei bonapartista a ponto de enciumar o guia. Apliquei-lhe meia hora do curso; repentinamente, porém, preferia mestiça para alvo de minhas insistencias: examinei-lhe cama, colchões, cadeiras, tapetes; percorri a sala amarela das recepções; e, para dar arras de sinceridade, reclamei o banheiro de Josefina. Era pequeno, e estava escondido debaixo dum canapé. Incontentavel, requeria presença do imperial bacio. Trouxeram-me dois; de Sévres, ambos; ambos escuros com frizos doirados.

ABRIL, 7.

— “Jardim das Plantas”. E' inferior ao de Roma nas seções zoologicas. Aqui, por exemplo, os ursos brancos são perfeitamente pardos. A' porta reparo numa justa

estatua de Lamark e outra, injusta (?), do autor de "Paulo e Virginia" que foi, não tenho certeza, rapido diretor deste estabelecimento, não constando haver recusado salarios em dia.

— Uma hora de torre Eiffel. Já se sabe: descida pelo elevador. Encosto-me a uma coluna para ver um enterro muito rico. Flores, corôas, cazacas; nem um padre, porém. Porque ? Moça que se suicidou.

Mas é tão facil impedir o suicidio das mulheres ! Basta decretar que, no necroterio, o corpo das suicidas fique nú, em expozição, durante vinte e quatro horas ou até que a putrefação se manifeste. O espirito humano não pôde concretizar a idéa da morte. Quem se imagina morto supõe estar vivo olhando o proprio cadaver. E o pudor da mulher eliminaria o suicidio.

— Na vizinhança. Vou ao teatro. Dois elefantes ensinadissimos; satirico um delles; finge que cânta, que está envergonhado, que recebe aplauzos. Interessante ! Mas os saltimbancos romanos faziam serviço mais limpo : adestravam porcos.

LOUVRE — ABRIL, 8.

— A' esquerda da entrada á direita está um busto de Germanico. Mede meio metro. Dizem-no recém-escavado em Espanha. E' ainda obra prima a despeito do nariz um pouco roído no encaixotamento. Simpatico de frente e de perfil. Boca pequena, beiços regulares, olhos grandes, cabelos abundantes: é o Germanico que eu imaginava.

Se eu fosse moça, não cazaria comigo nem que o Tezouro do Estado fizesse, mais uma vez, despezas de enxoval. Julgo-me antipatico. Sou-o. Compenso-me, porém, desse mal por meio de agradaveis afeições historicas principalmente. Gosto, por exemplo, modelando-os a meu sabor e alojando-os no meu culto interno, dos meritos interrompidos pela morte. Germanico está nesse numero, ao lado de Marcelo, de Gaston de Foix, do nosso principe Teodozio, de Junqueira Freire, Alvares de Azevedo, Cazimiro de Abreu, etc.

— Alguns minutos de louvor ao perfil de Elizabet da Austria, ao olhar do seu malvadissimo espozoz e á veracidade fidelissima de Henrique II: cuidadissimos trabalhos de Clouet; um delectavel encontro, primeiro e inesquecivel, com os tradicionaes monges de Zubaran e... adeus, Louvre.

CLUNY — ABRIL, 9.

— Atraiu-me a Cluny o retrato, o verdadeiro, de Cristovam Colombo. Está num cantinho de vitrina, no primeiro andar, com cara larga, "barba sem barba", olhos claros, cabeleira loira-cinzenta, meio corpo, deixando ver os bicos do cinturão de coiro preto a contrastarem com a camisa branca, descidamente aberta em torno ao pescoço rijo.

Lê-se-lhe, em caligrafia do XVI seculo, castelhana e perfeita: "D. Cristoval Colon. Descrividor del Nuevo mundo." Que é isso? Replica castello aragoneza, dez ou doze anos depois da morte do navegante (1506),

ás noticias de navegações e descobertas por francezes e portuguezes.

— Coleções de sapatos, de espingardas, chaves, e objetos encontrados no Sena; um S. Nicolau e um quadro da circuncisão judaica em incompreendida companhia numa mesma vitrina; esmaltes atribuidos ao XII seculo; muitos garfos bipontudos duvidosamente do XVI seculo; futil coleção de brinquedos de crianças confundidos com insignias de peregrinações religiosas; uma medalha em honra de Cardan, difficilima de exame por cauza da sujidade, que me incompatibiliza com a vitrina; admiraveis iluminuras em conservadissimas edições do XVI seculo; uma jarra, que mais me pareceu compoteira, pertencente a Catarina de Medicis; muitas datas a palpite; elogiadas e elogiaveis esculturas em madeira, notadamente (numero 718) a “Subida de Cristo ao Calvario”, onde excedem á propria perfeição, não só os capacetes dos soldados romanos, mas tambem os dedinhos do menino judeu que levanta no braço o instrumento muzical: tudo isso eu vi. Mas o que eu não vi, por mais que procurasse, por mais que comigo mesmo discutisse, foi metodo, foi arranjo, foi verdade historica. O que eu não vi foi muzeu.

S. PAULO EM PARIS — ABRIL, 10.

— Elle ardia; mas estava muito bom. E' sempre assim o vatápá. Acompanharam-no, firmes no tempero nacional, Perú e a indefectivel farofa. A' sobremeza houve fios d'ovos e, cumulo de gentileza, um sorvete tricolor com o meu nome. Proza expansiva. Criança

bonitas. Doze batalhadores do talher. S. Paulo em Paris! Alegria. Isso aconteceu no palacete do velho amigo Manoel Conceição.

LUXEMBURGO. — ABRIL, 11.

— Tive pena do jardim. Bem tratados os canteiros; frequentados os passeios. Tão limpo, mas sem uma flor! Avizasse-me, e lhe eu teria levado um ramalhete de presente. Pobre jardim! Atravessando-o, porém, caminho do “Muzeu”, conheci o “Frio”, duplo e sentido bronze de Bloche. Fiz bem.

Duas horas sobejam para se dizer um “vale!” ao abuso do nú que transfere para o marmore, aqui, ainda mais que para as telas, a tendencia pornografica da recente arte franceza. Que fazer, porém? Como repelir aquella “Fiandeira” de Moreau, excessiva de seios, azimetrica de pernas, mas talvez fiel ás particularidades do modelo?

Tentando resuscitar moldes gregos, adquire a “Ninfa” de Aimé direito a que a não esqueçam. Da “Fortuna” de Franceschi apenas se salva o rosto. Mas que rosto! E que salvação! Quanto mais se demore o exame daquellas covinhas que lhe galanteiam o enleio, mais o interesse irá abandonando o resto do corpo. Não longe, e com a declaração escrita de serem os irmãos Gracos, concedida ao publico a escolha de qual seja Tiberio, qual o mano Caio, enriquece Guillaume o Luxemburgo com suas estatuas ao mesmo tempo varonis e bondozas.

Quem, doente de amor, quizer um derivativo, procure na sala n.º 4 a “Floréal”, de Collini. Fique cinco minutos deante da tela, e no coração plantará uma saudade por cinco semanas. E’ de enfeitiçar. A “Floréal” está deitada na rélva, despreocupada dalguem mas preocupada dalguma coiza. Ondula-lhe o ventre regular; querem morder docemente aquelles dentinhos, a meio denunciados pelo sorrizo que, sem esforço, abre uns labios perfeitos, não libidinosos, não inocentes tambem. Movem-se os cabelos. não muito, nessa indecizão do castanho conveniente a todos os gostos. Quem, doente de amor. . . Afaste-se, mas escolhendo a direção da cabeça da “Floréal”, de maneira a guardar-lhe o olhar por despedida. Grave-o na memoria; conserve-o, bregueiro, pequenino, mas que prende, que apreende e que parece ir se esgueirando para acompanhar, para perturbar. . .

Perturbação maior me esperava !

— Henrique Bossuet, alfaiate, perito official no Tribunal Civil, aguardava-me para experimentar roupa. Concordei. Meia hora depois. Krieg e Cia., reputação universal, me provaram a cazaca. Murmurei mas obedeci.

Implico com quem me cutuca o corpo. Traz-me coegas a simples presença do alfaiate esticando o metro. A mulher que se dispa e vista como quizer; o homem, porém, devia uzar roupa que lhe não tomasse tempo; uma só peça, acondicionando cumulativamente paletó, calça e colete.

Só uma vez estreei roupa sem aborrecimento. Só uma vez me vesti á vontade. Foi em 1869, á noite. Na Egreja do Carmo, em S. Paulo, envolveu-me uma especie de burel; impuzeram-me barbas posticas, muito pretas, e confiaram-me um baculo. Fui judeu na procissão de "Corpus Cristi". Preço: 5\$000. Pagamento atrasado.

Era eu, então, estudante de preparatorios. Preparava-me, até hoje não sei para que.

NA MAGDALENA — ABRIL, 12.

— Do decantado templo, cuja imperfeição é notoria, pouco vi : fiel ao seu nome. Magdalena estava em concertos. Não recebia visitas. Excetuou-me rapidamente.

Do altar-mór, branco, a interromper-lhe a penumbra, bem poderiam ser dispensados uns insensíveis anjos cujas azas deveriam demandar recintos menos empoeirados. Rodeiam o edificio estatuas dezeguaes, que se abrigam em aberturas eguaes esburacando exteriormente as paredes. A de Santa Cristina está vizivelmente engasgada, mas a de S. João Crizostomo prova, pela veemencia do gesto, a supremacia do olhar, que o "boca de oiro" nunca fez papel triste.

Colunas corintias imitando templos romanos; cupolas bizantinas; auzencia dum plano comprehensivel; arte incerta... Pois se é nesta egreja que a aristocracia prefere celebrar seus cazamentos! Fraquissima autoridade em questões matrimoniaes, nem por isso deixou

a padroeira de ser canonizada. Irregularidades da logica.

NOS MEDICOS.

— Biexaminaram-me, em horas diferentes, o dr. Landouzy, o dr. Huguier e seu ajudante dr. Hubert. Por cento e sessenta francos descobriram-me uma porção de molestias. Por duzentos matavam-me!

Prescreveram: “evite constipações, coma devagar, mastigue bem, não fume, nada de frutas verdes, deite-se cedo.” Para chegar a esse resultado eu não precisaria de exames e consultas. Até hoje ninguém me receitou constipações, insonias e fumo, nem frutas verdes.

Tenho no parlamento colega que, todos os anos em fim de sessão, com entono replicante, lê um mesmo discurso de oitenta paginas, caligrafia meúda, receitando para os males do Brazil agricultura e gado. Meteu-se-lhe a certeza de que o auditorio aconselha a abolição dos bois e da lavoura. Esse homem acaba medico em Paris.

NA COMÉDIE FRANÇAISE. — ABRIL, 13.

— Nunca ouvi falar francez tão bem! Nunca ouvi pronunciar os adverbios com a intuição de Siblot e a muzica penetrante de Cecilia Sorel.

Reprezentou-se o “Cazamento de Figaro”. Gozei, extaziadamente gozei daquelle classico monologo que aformozeia o 4.º acto. Disse-o George Berr com tal sentimento, com tanta compunção de magoa, que aos soluços finaes eu não sabia se aplaudisse com a platéa,

se gemesse com o artista! E, como elle, muitos ensaiados todos; nem uma vacilação, nem meio gaguejo; uniformes, entendidos todos na interpretação do pensamento de Beaumarchais, mas duma uniformidade que não constrangia a intelligencia do auditorio, interprete tambem ella duma obra que, por superiormente humana, independia da época e do local onde nascera.

Em certo estado do espirito, e ouvindo uma produção extraordinaria, o teatro serve mais para pensar que para divertir; e eu sabia que o “Cazamento do Figaro” era filho, e dos melhores, da filozofia democratica do seculo XVIII. Não lhe perdi, dos cinco actos, uma palavra sequer!

Palmeei Leconte, uma vitoria da arte. Moça, linda de rosto, não bonita de corpo, encarregada do secundario papel de Querubim, mero incidente da inimitavel comedia, Leconte, no 3.º acto, pelo arguciozo da scena, pela malicia no manejo da ingenuidade, pelo discernimento apaixonado com que modula a voz e segue as vibrações do bandolim, empolga a sensibilidade de dois mil espectadores, exige o aplauzo, prolonga o louvor, e por momentos faz esquecer que ali estejam platéa, teatro, peça!

— De passagem, e porque dispunha ainda de trez quartos de hora para chegar á “Comédie Française”, ouvi, de Pierre Brisset, trechos de conferencia argumentante de o homem descender de sapos e rãs.

O conferencista falava por conta propria.

ABRIL, 14.

— Vizitando. Vizitado. Estive com oito patricios. Nove se queixaram do Brazil. Nem um elogiou o governo.

O GRANDE ZERO. — ABRIL, 16.

— Como se explica o silencio da filozotia grega a respeito do budismo que lhe ficava tão territorialmente proximo? Porque essa religião, a maior, a mais adotada, a mais duradoira, transbordou para a China, não penetrando no ocidente mais vizinho, mais facil de estradas, mais adeantado em navegação? Porque não foi informador o seu contato com os sucessores de Alexandre? Porque, vizitantes de suas extremidades occidentaes, a desconhecerao Pompeu, Luculo, Julio Cezar, Trajano e Gordiano, generaes letrados? Com estas perguntas no raciocinio, entrei no "Muzeu Cernuci", apregoada expozição de coizas budistas.

Audacioza ladroeira! Logração descarada.

Logo ao ingresso dois budas dissimilhantes: um, chinez, mongolico, de olhos transversaes, cabeça diminuida; de olhar doce e estupido, completamente indiano o outro. Evito-os. Subo escada e asneira: o patamar é quazi impedido por um buda de quatro cabeças circundadas por dezeseis braços. Penetro. Lá dentro? Budas, budinhos e budões, e mais um buda grande, do volume de trez homens, rodeado de mostradores onde estão, pequenos duma polegada, chusmas incalculaveis de budas.

Influenciado por Julio Ribeiro, tresli ha trinta annos nas leis de "Manu"; bramanicamente cogitei da terrivel silaba "Aun"; chegando até a desconfiar de que filozofára o pretexto de sudrase em defeza do pariat-chandala. Estou pagando esses pecados.

Neste mundo o outro é exploradissimo. Decadente embora, o budismo explorador ainda tenta e arranja alguns negocios; não funciona improdutivamente como empreza religioza. O principe Arda-Chidi, seu fundador, tambem nasceu de virgem immaculada, e foi tambem entado por demonios.

— Abundam as reliquias, apezar de prohibidas pelos ortodoxos. Nellas enxertadas, mas transparente aluzão á mãe do divino" (anterior á propria civilização de Creta), vejo uma "Nossa Senhora" com um cristinho esverdeado, contrafeito. Tolice maior: na primeira sala, curvando-se para reconhecer quem chega, estão um Confucio desdentado e uma Siva muito encardida. E toda essa salada teologica sem um catalogo que deza-trapalhe a curiozidade! Apenas, grudada, pode ser lida em alguns objetos a declaração de terem vindo da coleção Stoclet ou da coleção Kann: o que me adeanta tanto como se me fizesse andar para traz.

Venço escadinha impertinente. Mostram-se prateleiras pejadas de garrafas verde-azues, verde claras e verde-escuras: ingerencia da floresta indiana nas crenças e na arte falha do ariano primitivo? Emprego meia hora mais, vendo coizas que eu já conhecia e reparando

noutras que já lêra. Desço. Sento-me perto do Buda-grande, e pergunto-lhe com a mais meditada das pachorras :

— Que fizeste, Sidarta-Gontama-Çaquiámuni, que fizeste, que fizeste Buda-Chedi, do immenso poderio que a condescendencia humana te concedeu ? Em que contribuíste para o acrescentamento da intelligencia na face da terra ? Onde a tua astronomia ? Onde a tua geometria ? Onde o desdobramento da tua industria e dos teus titulos de credito na escrituração do progresso ? Que fizeste para a autonomia do individuo ? Que, para a hygiene das populações, que te acolheram as doutrinas ? Teu nome não aparece na bussola, na imprensa, na construção naval, na electricidade. Pezada é a tua arquitetura. Paralítica de pernas, inerte nos braços, tua escultura avilta o gosto e entontece a arte. Tua pintura é insensata. Nunca foi ouvida a tua oratoria.

Como reacção, foste inferior ao poder que derribaste. Tua liturgia é venal. Tua metafizica é desvairada: acceitaste as transmigrações bramánicas para as conduzir ao não ser; substituíste o deus-uno, o deus-creador, por um deus-força, por um deus-motor a influir na natureza vizível, que ora afirmas e ora negas ! Produziste a penitencia, a apatia, o monarquismo.

De cantor de Sauntala, o maior poeta da tua raça, só se salva para a gloria da imaginação humana o que buscou^p inspiração nos vestigios da filozofia que combateste.

Da condenação no grau maximo das penas estabelecidas pela critica historica só te livra a circumstancia atenuante de não haveres, como tuas irmãs do ocidente, incluzivé a mexicana, solidificado o militarismo, dilatando por seculos o sacrificio de vitimas humanas.

Grande zero ! Zero podre. Dezinfeta com a tua ausencia, a normalidade da civilização. Rumo ao nada, grande zero !

NO PARQUE MONCEAU. — ABRIL, 16.

— Corrigindo a metereologia oficial, o sol está aquecendo Paris.

Busco o "Parque Monceau". Brotos lhe embelezam as arvores. Expande-se a natureza. Centenas de crianças, gordas, correndo, rindo.

Muitos berços. Muitas mães. Como a franceza tem sido caluniada !

Grupos de meninos, em exercicios fortes, encetam amizades que, algumas escapando á ruindade da sorte, lhes constituirão na velhice um dos maiores prazeres. Recordar tambem é viver.

Conversando com um operario cuja perspicacia me agradára, e pensando ambos no espetaculo que nos delectava, comecei a ver uma França que eu ignorava mas dezejava: uma França firme; futuroza, com a especie de marcha e o porvir em preparo.

NA BOLSA DO TRABALHO. — ABRIL, 16.

— Funciona este directorio socialista, aqui perto do Hotel Moderno, em solido e vasto edificio que o governo facilitou ao operariado defronte dum bom quartel onde ninguem se queixa de falta de armas embaladas. Nas ruas proximas ha enxertos de espionagem.

Fiz-me compreendido. O segundo companheiro a que me dirigi atravessou comigo divizões e subdivizões, salas de grandes assembléas, e pequena de grandes deliberações.

— Prepara-se uma “greve”; ha outra, na Belgica, em regular andamento.

Tudo coordenado; tudo sem motim, sem derramamento de sangue. Evidentemente o operariado é a ordem. Evidentemente o operario é o mais competente gestor dos seus direitos, dos seus deveres, dos seus interesses, dos direitos, dos deveres, dos interesses da maioria social, portanto. No Brazil, sei-o praticamente, nem um operario contribuiu para o esfacelamento das finanças nacionaes. Podem alegar essa inocencia os politicos, que só julgam ilicito o que lhes não traz lucro?

ESCOLA CLASSICA DO SACCO DO ALFERES.

— E' loucura ir a “Folies Dramatiques”. Pratiquei-a, impellido pelo dezejo de decifrar os trez pontos de interrogação que integravam o anuncio da “Virgem Insultada”, de André Manprey.

O pano de boca é vermelho, vermelhas as trezentas e tantas cadeiras da platéa, vermelha de bluzas a artista que inaugura o papel de Rigoleta, e pela côr vermelha termina o drama com o assassinato do commissario Cochonilo. Praticado perante duzentos e muitos espectadores, facultou-lhes esse terrivel crime a decizão de cazar a ingenua Luiza com o advogado Breguet que lhe jurára amor eterno no começo do terceiro acto: terceiro e ultimo, o que impede o matrimonial, que logicamente se deveria efetuar no quarto.

Plena arte dramatica do bairro da Saúde. Quantas saudades me dezencavou a “Virgem Insultada!” Fui numero essencial, em Janeiro de 1875, em Tatuhy, na inauguração do teatro. Fui orador official, tendo como ajudante na eloquencia o ajudante farmaceutico Carneiro Bastos. Discorri com ardor; uma aluzão a Palma ia motivando delirio no auditorio. Palmeado o meu discurso, um caboclo, Fabiano de nome, abraçando-me, assim me felicitou :

Vossa senhoria quando fala parece um cavalo parelheiro.”

— A’ porta, indifferentes ao sacrificio de Cochonilo, dois soldados muito altos e largos, reencontrados, trocavam amabilidades. Indago-me: para que quer a França soldados grandes ? Na guerra moderna, quando o corpo a corpo mais raro se torna, o menor alvo mais probabiliza a vitoria. Menor que o russo, bateu-o o japonéz.

METAFIZICA. — ABRIL, 17.

— Excursionista, percorro a “Galeria Lafayette”, o “Bom Marché”, a “Belle-Jardinére”. Centenas de carros entregando encomendas. Empregados aos bandos. Boliço e reboliço. Roupa, muita roupa, para todos os tamanhos, todas as côres, todos os feitios; tudo quanto se imaginar para tapar o corpo, limpá-lo, cortá-lo, raspá-lo, auxiliá-lo, prepará-lo. Botinas, canivetes, papel de carta, tezoura, sedas, veludos, chitas, guardanapos, morim, vestidos de cauda, romances de Rosny, fosforos, relogios, panelas, cadeiras de balanço, camizas, ventozas, meias, lenços, chapéus, perfumarias, linhas, chinelos, estatuetas, cintos, toalhas, lapis, barbatanas, gravatas, joias, rolhas, escovas, bengalas, calices; tudo o que ha ou possa haver, ha e haverá nessas trez cazas.

Quanto ao enroupamento uma pessoa núa póde, em meia hora, ali se vestir para a vida inteira.

Progresso! Do pitecantropo, aproveitador do couro do irracional para se vestir contra o frio, ao pelintra que próva e não paga um terno de roupa por quinzena, que distancia!

— “Felix Potin”: comida á qualquer hora para todas as fomes, para todos os preços, para todas as gulas, para todos os paladares, para todos os fastios. Carnes e mais carnes. Ovos aos milhares. Massas, conservas, queijos; montanhas de pão; vinhos e aguas mi-neraes em quantidade para afogar o eleitorado opozicionista do Cubatão; verduras, doces, frutas, comidas frias. . .

Ninguém melhor que Apuleio expoz o sistema da alma do mundo.

Faltou, porém, ao retórico um “Felix Potin” que lhe encaminhasse o estudo comparativo do microcosmo com o grande todo.

Aquella multidão que, pezando e pagando alimentos, parece comprar materia prima para dejeções, está realmente aprontando em cada individuo esse calor central cuja diferença de gradação com a atmosfera determina, no corpo humano, o aparecimento da pele. Identico processo produziu na crosta do planeta, o fenomeno da vegetação.

E da vegetação tira o homem o melhor dos seus alimentos, entre os quaes é sempre conveniente dezinhar as batatas. Reciprocamente filiadas, eternamente unidas: a civilização e as batatas!

.....

ABRIL, 18.

— Caça-me o filho dum politiqueiro do antigo 5.º distrito da provincia de S. Paulo. Relata-me coizas rezervadas para mim e para o publico. Ouço-o assim como quem conversa com uma prima velha: escuto-o pensando noutras coizas: na valentia dos bulgaros, no exercicio ilegal da medicina, na regularização do serviço domestico, etc.

Tempo é capital que não volta. Na minha idade, um dia perdido é um dezastre.

.....

PENA DE MORTE. — ABRIL, 19.

— Lecombe, endereçado á guilhotina, trepou ao telhado da prizão, lutou contra os soldados a tiros de telha, fê-los recuar, e, cabeça abaixo, atirou-se sobre o lagedo. Morreu como um bravo.

— Repugnantes, as particularidades dos cinco guilhotinamentos, hoje de manhã, em Versailles. Porque não cloroformizam a vitima ?

Porque lhe não evitam o secular minuto de terror ? Ha, na Alemanha, o degolamento a machado; fôra mais clemente o acido prussico. Na China ha o martirio da gota dagua; mais generosamente rapido seria cravar um alfinete no ouvido do condenado.

Este capitulo do direito de punir (?) tem, no Brazil, uma originalidade atroz. Durante o longo reinado de Pedro II havia, de direito, a pena de morte, mas de facto a sua revogação. Veio a Republica; revogou de direito a pena de morte, restabelecendo-a porém de facto.

No Paraná, em S. Catarina e Rio Grande do Sul, ha poucos anos, com apoio de republicanos eminentes, os fuzilamentos se normalizaram. Nelles perdi trez amigos: Batovy, Serro Azul e, intimo este, o dr. Alfredo de Paula Freitas. Relatava o coronel Moreira Cezar que, na chave combinada com o marechal Floriano Peixoto, a fraze “ponha em logar seguro” significava ordem de fuzilamento. Um dos executores da pena de morte, o general Ewerthon Quadros, era espirita fanatico.

SOCIALISMO. — ABRIL, 20.

— Volto á “Bolsa de Trabalho”. Fica-lhe á vista, obeza, a estatua da “Republica”, em cujos baixo-relevos, aliás minuciozos de cronologia, faltam duas certidões de obito: 18 Brumario de 1799 e 2 de Dezembro de 1851.

— O momento operario justifica a dezuzada concorrencia. Em Berlim o dezassombro de Liebknecht denuncia estar a caza Krupp, a maior contribuinte dos cemiterios no ultimo seculo, comprando deputados para manter agitações e renovar armamentos. Na Belgica o proletariado reclama acrescimo de direitos politicos, decide paralização de trabalhos, regulariza a distribuição de alimento ás crianças e aos hospitaes, colabora em summa na direção social.

— Expliquei como pude a realidade do cazo brasileiro.

Filha duma metropole em decadencia; mescla de indio, etiope, e caucazeo predominante; sem aristocracia legalizada e sem indole para suportá-la; com a tendencia democratica facilitada desde o fracasso da tentativa feudal em 1532-49 : estava a nação brasileira praticamente, adeante da França e da Italia em desenvolvimento socialista. Esclareci : tanto á estupidez da nossa policia, parceira de roletistas, perseguidora de operarios e ladra habitual do seu mobiliario, como ao erro sindicalista num paiz sem classes, onde patrão e criados têm o mesmo prato, o mesmo medico e quazi a

mesma roupa, e onde afinal de contas todos são operarios, deve o Brazil o relativo atrazo em que se acha quanto á solução legal do problema do quarto estado.

Em S. Paulo (acrecentei referindo-me ao meio nacional que mais conheço), onde infelizmente a tontice dos delegados policiaes os convenceu de que, só elles, representam a sociedade inteira, já se não trata propriamente duma incorporação do proletariado, mas de razoavel regulamentação do trabalho e do exercicio do capital: do direito que a esses dois contendores equitativamente assiste.

Seis mezes de estudada propaganda, um ano de reciproca tolerancia, acentuei, e a contento geral encerraremos no Brazil a, aqui, perigozissima contenda.

.

AMIZADE. PRECOCIDADE. BESTIALIDADE. — ABRIL, 21.

— Quem tem muitos amigos não tem nem um. Quem tem um amigo é rico; quem tem quatro é opulento; quem acredita ter mais é tolo.

— Izidoro Hass. Vizito-lhe a sepultura. Depois de paes e espoza era eu a pessoa que elle mais estimava; meu coração sempre lhe pagou capital e juros dessa divida. Encontramo-nos, acazo feliz!, em estrada do interior paulista, e de momento começámos trinta e sete annos de amizade intima, de franqueza, de confiança, de preocupação reciproca, de lealdade permanente.

Amizade corajosa! Em 1894, no terror subser-viente foi Izidoro a unica pessoa que se animou a ir á estação férrea esperar minha familia que viera por terra emquanto eu, que a bordo não enjôo, vinha por mar enjoando os outros. Na prizão, debaixo do travesseiro, encontrei bilhete de Izidoro: soubera antecipadamente do meu quarto e dos meus guardas. . . Duas são as classes de amigos: os meus amigos e os amigos do meu. Izidoro pertencia á primeira.

— Roberto Haas: nove annos; voz, ao mesmo tempo, estridente e agradável; diz cançonetas com intelligencia espartissima.

Constante, mas injusta, é a ironia contra as precocidades. Raras vezes, é certo, os meninos prodigios pagam em merito os encomios recebidos na infancia. Sobrepujam-nos mais tarde, quazi sempre, os inotados; soffreram insuccesso, nos exames para admissão, Tolstoi, Prévost-Paradol, Sarcey, Taine, Brunetiére, Claude Bernard, e ninguem lhes vaticinava as culminancias a que attingiram!

Não sei, porém, de precocidade que tenha falhado completamente. Explicavel: deziqulibrio, anormalidade, só excepcionalmente poderá o precoce progredir: em regra, ou morre ou muda. Heinechen, que aos trez anos conhecia latim, francez, historia, geografia e o Pentateuco, só viveu um ano mais.

A' turma dos precoces opõe-se a dos pasmados. Esses, sim, quaesquer que sejam as circunstancias, correspondem sempre ás promessas de sua juventude e á espectativa dos de sua geração. Um pouco menos

palerma, um pouco mais pateta, não varia o pasmado, de insignificancia e de rumo. Em todas as questões, diziziva, a ignorancia lhe serve de leme, e de bussola a atrapalhação.

Roberto, a precocidade que cauzou esta nota, é brasileiro paraense, neto de francez alsaciano. Melhor: é o primeiro estudante de sua classe.

— Num bonde. Tenho o prazer dum sinistrinho. Automovel aristocratico recebe um esbarro. Forma-se ajuntamento. Soldados tomam notas. Aproveitando o alvoroço, uma mulher procura viajar sem bilhete. Debate. Chocam-se opiniões. Intervenho citando o verso da Eneida :

Scinditur incertum studia in contraria vulgus;

ninguem me dá e ao mantuano importancia; dou-a eu á mulher pagando-lhe a da passagem. Desço. Vejo grupo de curiozos. Um hercules de feira parte correntes e levanta pezos descomunaes, discursando não receber senão um soldo de espectador que o queira favorecer. Deixo dissimuladamente cair no tapete vinte francos. Imperturbavel, recolhe-os o hercules proseguindo nos seus exercicios.

Duas despesas inuteis. Duas bestialidades no meu passeio. Eu seria o mais milionario dos brasileiros se só houvesse despendido 9\$500 todas as vezes que tive em mãos uma nota de 10\$000.

ABRIL, 22.

— Expõe-se a perder tempo quem vae a exposições de segunda ordem. Na de humorismo, rua La-

Boétie, apenas Pierre Stephen lembra as minuciozidades engraçadas de Bordalo Pinheiro. O muito caro J. Remandat desta vez conseguiu, por haver concedido ao lombo dos porcos a fôrma de bochechas femininas, evitar o descazo publico; prevenido, eu já sabia que o talento desse artista pertencia á familia do impossivel!

Salva-se, salvando-se duma impressão funeraria, a pequena e sofrivel exhibição de tapetes turcos.

Graçola: no subsolo, com o distico "Expozição Universal de 1913", numa sala dividida por grades baixas, estavam quatro pares de botinas sob o titulo "Seção de transportes", e, sob o de "Instrução Publica", uma pedra de ardozia, dois lapis, trez canetas e quatro livros velhos.

CHANTILLY. — ABRIL, 23.

— Partilhei com o inteligente dr. Jozé Virgilio Cardozo o convite de D. Luiz para uma vizita a Chantilly, o mais regular dos muzeus francezes, e presentes da familia Orléans á terra que os desterrou.

Tudo delicado e ordenado. Magnificente, o trisecular mobiliario. Reunião dessa simplicidade e gosto que, a datar do seculo XVI, intentou em França tal qual reacção contra a Renascença. Chantilly, antiga propriedade de intellectuaes, se inferior a Fontainebleau em valor artistico, vizivelmente superior lhe é em organização, em classificação sobretudo.

Um pouco enfermo, guia-nos o principe com pacientissimas informações. Não o achou em falha qualquer das nossas perguntas. Discutia, ensinava, eluci-

dava. Dava-nos prazer tanta intellectualidade num patricio. D. Luiz é a maior reserva da patria. Sabe do Brazil tudo o que os seus perseguidores ignoram.

— Venho preparado. Marquei de vespera, mais ou menos, o que devia admirar. Vou á “Capela”, obra de talhe, artisticamente enobrecida por esplendido altar em marmore; fica-lhe atraz a urna que contém o coração dos Condés. Na livraria, treze mil volumes, ilude-me, como a todos, a porta estreita da entrada. De madeira mas muito bem fingidas, obras de Ennio, Annibal e Silla, perdidas lamentavelmente. De 1534, uma rarissima e conservada edição das “Antiguidades Judaicas”, de Josefus, me esgravata a inveja com incentivos de furto.

Na sala das batalhas, “Galeria do Principe”, o esmagamento da infantaria espanhola em Rocroi apropriase-me do elogio, mal podendo saltitar minha memoria na variedade de télas que a confundem. Entre os esmaltes de Leonardo de Limouzin sobresae o tipo simpatico da duqueza de Montpensier. A “Napolitana Chorando”, de Robert, é duma tal veracidade que harmoniza a gente com o pezar alheio. Na scena dos “Dois Foscari”, parece, estamos a ler o trecho do bardo inglez no colorido anhelante de Delacroix. Na “Joana d’Arc”, de Chapu, os braços chamam, o colo apaixona. Pela abundancia de idéas, surpreende a “Surpreza” de de-Gruze, o celebre pintor de crianças: é de enfeitiçar a menina olhando ao longe, receioza sem medo, curioza sem espanto.

Limitada, valioza sem ser estupenda, a coleção numismática. Não me demoro examinando-a. Apressame o ultimo, e melhor, dos meus apontamentos. Já minhas conhecidas de divulgada cópia, eram as "*Trez Graças*". Original, o quadro? Sim. Afirmam os competentes: insistindo no trabalho, o proprio Rafael delibberou aumentá-lo.

Se me não chamam, fico aqui a olhar, a comparar as trez deidades, á espera de adjetivos que lhes traduzam as perfeições. Mais as olho, mais as comparo, mais dou preferencia... ás trez.

CHARPENTIER. MOLIÉRE. — ABRIL, 24.

— Deve ter quinze metros de altura a estatua que, do seu amigo barão do Rio Branco, o velho Charpentier vae fundir, e cujo modelo, o artista, saudozo e contente, explica aos brazileiros pedindo conselhos e apreciando a discussão.

E' assim: fitado pela multidão, amparado pela marinha e pelo exercito, consagrado pela Gloria, o estadista descortina dominadoramente os interesses nacionaes. Lá em baixo uma mulher chora. Quem é? Indeciza ainda a resposta: se a cidade do Rio de Janeiro, se a Patria. Dos baixos-relevos, o melhor é a entrega do laudo do Amapá.

Algum trabalho, excedendo limites do bom, collocará Charpentier nas raias do extraordinario? A "*Saltimbanca*", em derradeiros retóques, responderá sem grande demora a esta pergunta pequena.

COMÉDIE DES CHAMPS ELISÉES.

— Dois terços de caça. Luxo. Vestiario com pagamento facultativo. Entradas caras. Criados de pardo e roza, somando a farda, ao longe, cor de rapé. Espectadores entreolhando-se, duvidozos do comparecimento uns dos outros. Comutada generozamnete em meia hora de silencio a preliminar conferencia de madame Tynaire. Annuncio no cartaz: “Les Femmes Savantes”.

E’ das peores produções de Molière. Noutras, de mais literaria envergadura, já elle bem explorára os veios nesta encontrados. Escrita a galope, a peça saiu manca. Trissotin, um dos centros indispensaveis, só aparece depois do segundo acto!

Mediocres, os artistas; e, no palco, mediocre é irmão de pessimo. Trajam os homens seculo XVII, mas as mulheres preferem os ultimos figurinos: e homens e mulheres mais repetem do que interpretam Molière.

Perdendo a esperanza de que o teatro se incendiasse, deixei a peça em meio.

ABRIL, 25.

— O escultor Descamps é voluntariozo! Preme-ditou erigir, na Praça Julio Ferry, uma estatua peor do que as talvez duzentas que embaraçam Paris. Teimou e conseguiu. O monumento, errado em seu todo, é imperfeito em cada uma das suas partes. Aquelle galo capão, hidropico, é perdulario de originalidade! A mu-

lher enfurecida, pizando com o pé esquerdo, minúsculo, a legenda latina de Paris, e com o direito, grande, sustentando uma perna esburacada, é duma estetica torturante. Porque está redonda, cheia, satisfeitissima, talvez escape ao espanto a barriga de Floquet. Nella está elle.

— A' noite. Em companhia de gente séria atasqueime, em Montmartre, nos chamados "Cabarets du Ciel et de la Mort". Pachouchadas. Uma hora de vulgaridades sujas. Dali só se traz uma idéa: a resolução de não voltar.

NO "RENAISSANCE". — ABRIL, 26.

— Entrada: quatro francos; saída: gratis. Em conferencia muito bem lida, com trechinhos de "Mil e uma noites" e citações do "Cantico dos Canticos" extraídas da convencional tradução de Renan, disse o calvo poeta Jaques Richepin, a proposito de dansas orientaes, magnificas estrofes de Vitor Hugo, que nunca esteve no Oriente. Palmas. O culto da França pelo seu maior poeta persiste mesmo atravez dos pequenos.

Não foi vazia a primeira parte da "Matinée". Além dalguns nomes dignamente ignorados, vieram, no cartaz e á scena, a divertida mlle. Mealy e a sua mania de bracelete só no punho direito; a beleza de Marcelle Yrven e sua perfeita comprehensão dos versos de Musset; a fanhoza mas saltitante madame Capoul; e, duas vezes, o espirituozissimo funambulo Luthoven.

Preferível, porém, me foi a segunda parte. Armène Okaman, dansarina persa, é uma maravilha de arte,

de sentimento, de encanto. Aos sons da flacida melodia oriental, dos instrumentos e vozes que o simpatico Ynaiat-kan regia, a dansarina, ora uma vizão, ora uma deusa, torcendo-se ora como uma cobra, ora erecta, triunfadora, como amante amada, dança, diz dansando um poema de volupia, uma canção de sensibilidade. Deitada aos pés dum dono placido como superior oriental, Okaman vae surgindo como os nenúfares, crescendo, encadeando-se ao amor, beijando como a cortezã, enfraquecendo, declinando, morrendo, tranquila afinal num nirvana de coração, inerte, insensível.

A gaze da meia tunica mal lhe encobre a perfeição do corpo; negros, os cabelos, ondeando algumas vezes entre os seios altos, intervalam de ebano o brilho moço daquelles olhos lindos, languidos, profundos. Eletrizada, a platéa irrompe em aplausos.

ABRIL, 27

— Decididamente o ceu me protege! Separei o dia de hoje para despedidas. Das onze pessoas que procurei, só encontrei quatro.

FOLIES BERGÈRES. — ABRIL, 28.

— O “Minarete” é oriental nas roupas, na riquissima encenação, no nome dos comparsas, mas é ocidental nos trocadilhos e na rima belissima dos versos. Uma incongruencia em trez actos. Testamento dum pachá manda aleiloar harem, onde ha virgens, infedilidades, ciumes, escapes, entradas francas, paixões puras, etc; e emquanto não aparece outro testamento anu-

lando o primeiro, a platéa vigia a plastica de Mireille Corbe e analiza os vermelhos quadris de Mie Colibri. Uma asneira convidativa, essa peça prégada ao publico.

Inferior ao nosso Vasques, muito inferior ao tradicional João Eloy, igual ao Peixoto, Feffel não é repelivel. João Worms berra muito bem, e quanto mais o aplaudem mais berra; sobrio no gesto, todavia. Errados de vocação os outros artistas masculinos: nasceram para espectadores.

ABRIL, 29.

— Politica. Vizitas. Parlatorios. Todos, porém, de acordo em que os negocios do paiz vão mal.

Quando andaram bem?

NA BOLSA. — ABRIL, 30.

— Assisti-lhe á abertura. E', repetem-me, a mais agitada do mundo; tambem a mais jogadora. Vi-a num mau momento: baixa de todos os titulos em consequencia das ameaças da Austria ao Montenegro para a entrega de Scutari. Ocazião aflitiva! A Italia obrigada a agir contra o sogro do seu rei para evitar que, no Adriatico, só Francisco Jozé lucre do anunciado golpe de mão; aguçados, os dentes de francezes e allemães para ajuste de antigas contas; egoisticamente, a Inglaterra fiscaliza a Russia em via de reorganização á custa das economias parizienses; e cada nação, grande ou pequena, forte ou fraca, tendo dentro de suas fronteiras o problema operario a abrandar, adeantar e rezolver!

A “Bolsa”. Que barulho! Que confusão! Devia ser assim a tomada de Troia. Daquelle negro e amplo edificio, com quatorze colunas numa frente de setenta metros, sáe um zum-zum infernal. A’ distancia de trinta ou quarenta passos o ouvido sente

*diverse lingue, orribili javelle,
parole di dolore, accenti d’ira,
voci alte e fioche,*

da onomatopéa dantesca. Não me foi possível acreditar que aquella gente se entendesse. Não entendi nada. Gritos, carreirinhas, notas rapidas a lapis, outras á pena sem tinteiro, frases sem nexos, meias frases, registos, passagens de papeluchos de mão á mão : não entendi nada.

• • • • •
DIVERSAS COIZAS.

— Subo a Montmartre. Na Egreja do “Sagrado Coração” encontro, num soberbo marmore, S. Francisco Xavier. Sim, senhor! Aqui o jezuita viajante está gentil, cortez, aprazivel, sobranceiro. Tão diverso daquelle Xavier que, no Japão, arguido sobre incompatibilidade das penas eternas com a bondade divina, irascivel, respondeu aos bonzos qualificando-os de sandeus por não aceitarem, sem debate, uma verdade tão simples!

— De costas para “Sagrado Coração” e Xavier, está, na rua, João de la-Barre pedindo que o vejam. Foi-lhe o dezastre: supliciarão-no em 1618 por ter

conservado chapéu na cabeça deante dum andor em procissão. Prohibiram-lhe testamento, e deram-lhe, trez seculos mais tarde, uma estatuazinha. Tambem, que tinha elle a testar neste mundo ?

Apenas dezenove anos; perdeu-os por negócios do outro. Perder a cabeça por cauza do chapéu ! Sina sem pés nem cabeça.

— Tento descer pelo funicular. Fechado o escritorio ; fechado o serviço. Ha, pregado á porta, papel com artiguinho em letras garrafaes; leio : “Para evitar aos senhores ladrões perda de tempo e trabalho, a diretoria da empreza declara não haver no escritorio ouro e prata, nem dinheiro em caixa durante a noite.”

Retiro-me. O cazo não é comigo. Absolutamente não é.

— Desci afinal. Desci tambem a uma conferencia teologica no Instituto Catolico, rua d'Arras 19. Falou J. Maritain, moço, da miriade de redatores da “Revista Filozofica”. Falou eloquentemente, proferindo idéas velhas em linguagem novissima. Fingindo leitura do discurso que sabia de cór, citou topicos de S. Thomaz, Heraclito e Spinoza, disparando-os contra Bergson, alvejadamente na parte da doutrina em que esse pensador, abalando a razão, a substitue pela intuição. Tinha merito, auditorio e rezolução de falar. Palmeei-o.

— Defronte se espapaça anuncio doutra conferencia: Ruskin e sua arte. Quazi a escutei. Ia entrando quando o porteiro, um loiro muito espigado, me observou que a conferencia era só para meninas.

Perdi a conferencia, mas ganhei, mais uma vez, a certeza de que não era menina.

ADEUS PARIS. — MAIO, 10.

— Aproveito a manhã para um adeus! ao Bosque de Bolonha. Atravesso a "Avenida das Acacias", onde inglezas brancas, de chapéu alto, acompanhadas de criados redondinhos e vermelhos, trotam em cavalos grandes.

Por ordem do relógio interrompo a sensibilidade com que estive, minutos, prezenciando um cavalo quieto ao lado dum inglez inquieto que delle caíra energicamente.

Medito: crível e natural que um inglez cáia dum cavalo; incrível seria que um cavalo caísse dum inglez.

— Fome ás ordens. Meia duzia de companheiros. Bom almoço. Melhor proza. Mas o tempo não espera pela gente, e o trem para Nice gosta de hora certa. Adeus. Abraços.

PARTIR. VIAJAR. CHEGAR.

— E' indispensavel ser mais exigente do que uma mulher grávida para não elogiar, na estrada de ferro de Lyon, o capricho da empresa na diminuição de desconfortos aos passageiros. A entrada é paga automaticamente. A peçagem das bagagens, fá-la o proprio carrinho que as conduz, durando talvez trinta segundos o serviço da dedução dos trinta kilos a que tem direito o passageiro.

Nem Marco Greco, suspeitado descobridor da polvora, era capaz de descobrir, no trem de luxo, motivos de queixa. Atopetadamente lindo, não tem o meu compartimento um cantinho dezocupado. Lavatorio servido por cristofle reluzente; perfumadissimo sabão; agua morna facil, porque em abundancia a quente e a fria; guarda-joias, porta-relogios: tudo irreclamavel.

E que leito macio ! Dormi, dormi como um requerimento a informar no ministerio da marinha.

Acordei quando a locomotiva, suave como deputado mudo que receia ser excluido da chapa, deixava a estação de Toulon. Meia hora depois começavam as montanhas á esquerda, e á direita praias, enseadas, angras encantadoras. Dambos os lados se disseminavam chalés, de vez em quando aglomerados para formar povoações cujos nomes o guarda trem, como francez autentico, inteiramente ignorava. Era a "Côte d'Azur", pedacinho do litoral sul-brazileiro que a natureza, por engano, esquecera nessas bandas.

— Quatorze horas de viagem sem cansaço. Estou em Nice.

EM NICE. — MAIO, 2.

— Sinto bem estar em todas as articulações. Nice é um pedaço de ceu. Aqui valia a pena ter vida eterna.

Maio. Fecha-se a estação convencional dos banhos; quazi se fecha a do jogo. Acalma-se a esplendida estalagem que, por meio ano, hospeda o vicio, o dinheiro e a aristocracia européa. Meteco é quem aqui chega: tem de deixar, pelo menos, a sexta parte do que traz.

Caro sanatorio ! Um hospede em Maio ! Raridade. Como tal fui acolhido no "Hotel Alhambra", alto de construção, mediano todavia na altura dos preços. "Um dos melhores hotéis de França", informou-me o gerente; "do universo", emendei para lhe ser agradável. Duvidou. Insisti. Concordou. Agradei.

Clima seco, egual, prolongando a vida como nem um outro da Europa, nem o da vizinha Menton que se rói de inveja. Nice solidifica os moços e concerta os velhos. Ar puro. Dezeseis centigrados de média anual. Agua boa, esterilizada, encachoeirada, vinda de distancia maior de nove leguas, das de beijo como se as mede em Minas. Ruas esmeradamente conservadas, lembrando Petropolis antes da Republica. Firme exploração de capitães na manutenção de grandes hotéis.

A população é de sessenta mil almas; não as contei mas quem isso me contou foi o gerente do "Alhambra", cedendo-me na occasião o automovel do estabelecimento e dando-me o conselho de correr os pontos mais encantadores da encantadora cidade. Fi-lo.

— Entre Nice e os contrafortes dos Alpes se repetem chacaras de multiplicadas formas. Oliveiras, vinhedos, limoeiros, laranjaes, lucrando da constancia da temperatura, crescem á vontade. Flores, flores, muitas flores; mais flores do que folhas? Nice é um jardim.

— Além do jogo e das flores, alimenta a cidade dois cultinhos: o da familia reinante em Inglaterra e o de León Gambetta. Ha aqui rua Gambetta, praça Gambetta, estatua Gambetta, Gambetta loja, Gambetta café ! Porque ? Porque, comerciante barato, o pae

do tribuno faleceu aqui. Só por isso? Não. Conserva-se evidentemente um reziduo de italianismo nessa porfiada veneração.

Era de origem italiana esse meridional, e o filho de Nice ainda sente pontadas no coração quando atenta que a patria de Garibaldi pertence á França. Pertence... Mas eu não conheço torrão que tenha tido maior numero de donos! Nice, na historia, parece uma peteca. Jogaram-na fenicios, gregos, romanos, vizigodos, burguinhões, lombardos, francos, italianos e espanhoes. Foi independente algumas vezes, dependente muitas. Sua cronica é cheia de labirintos. No seu portinho só não desembarcou quem não quiz. Traida em 1859 pelo repentino tratado de Villafranca, Nice ajardinou-se e, rezignada, optou pela França num plebiscito legitimo e verdadeiro como todos os plebiscitos.

COITADO ?

— A estatua da rainha Vitoria derrota o gosto. Falta-lhe valor artistico. Dezagrada. A veneranda senhora invernou-se algumas vezes nestas paragens, o que, que se suspeite, não constitue cazo monumental. Bem copiado das vespervas da velhice, o rosto é só o que escapa á tolice. Duma das figuras accessorias o dedo dum pé daria para a metade que falta noutro pé.

Semsaboria gradeada, com capim ao redor. Arrancava-o negligentemente um joven magro, fardado, que me confessou, vexado, ser o conservador municipal da marmorizada rainha. Ha martires desconhecidos.

INCIDENTE. DUVIDA.

— Dia formozo. Sol poente. Subo noventa e trez metros coroados por um planalto; rodeio vertiginosamente a colina que tem nos flancos, o cemiterio, e lá no alto o “Chateau” com a vista inteira de Nice. F’ sensato prolongar o quanto possivel a tranquillidade do deleitozo panorama. Mas ficar aqui até a noite? Mas eu já sei Nice; já a reajuntei com a sua cazaria variada e uniforme, porque sem predios eguaes e sem construções diferentes. Desço? Fico?

— Barba grizalha, cuidadosamente tratado; turbante novo e alfange refulgente; prezas ao peito varias medalhas; atravancadas de quinquilherias, e esquizitices orientaes com incrustações nikeladas, duas mezas postas em angulo obtuzo: tal foi o turco e taes foram as coizas que, á distancia duma dezena de passos, proporcionavam entretenimento á minha indecizão.

Fitei ostensivamente o homem. Fitei-o até me certificar de que sentira elle que eu o fitava; levantei-me com imponencia; busquei-o frente á frente; cumprimentei-o; intimei-o no mais puro portuguez :

— Ordeno que me revele, sem demora, sua opinião a respeito de auxilios á pequena lavoura.

Insensivel, fleumatico, o oriental retirou vagarosamente de sobre a meza esquerda uma faquinha de cortar papel, e della me fez entrega com a maior tranquillidade.

Mandei a mão direita ao bolso do colete, achei a bolsinha de prata, separei uma moeda de cinco liras e entreguei-a ao vendedor que, sereno, frio, de lira e meia se cobrou. Recebi o troco; guardei-o na bolsinha, e esta no bolso do colete. Cumprimentei de novo o oriental e, desapressado, voltei para a minha meza retomando minha posição anterior.

Decorridos cinco minutos, reincidi na manobra. Levantei-me, marchei, saudei, e proferi em portuguez:

— Qual o grupo politico dominante na Camara Municipal de Uruguaiana ?

Não vacillou o turco. Correspondeu-me á saudação e, repetindo por seu turno o anterior movimento, entregou-me uma carteirinha com incrustações de prata fôska. Guardei-a. Busquei a bolsinha. Passei ao vendedor outra moeda de cinco liras; cobrou-se elle de trez, e eu recolhi as duas restantes. Cortejei-o. Voltei lentamente para o meu logar.

Marquei prazo de cinco minutos. Repeti pormenorizadamente as duas scenas precedentes, variando apenas de pergunta :

— O capitão Bento do Amaral Coutinho, vencedor dos paulistas na guerra dos Embuabas, foi o mesmo que bateu as forças de Duclerc no Rio de Janeiro ?

Como se não tivesse feito outra coiza desde que se emancipara, gelido, calmo, o turco escolheu e entregou-me faquinha semelhante á primeira, pagou-se de lira e meia e correspondeu pela terceira vez á minha saudação.

Fitei-o com energia; retirei-me. Pensei: dure elle um seculo, não se explicará de como acertou rapidamen-

te a escolha de trez objetos pedidos em lingua que, talvez, ouvisse pronunciar pela primeira vez.

Estou, porém, em duvida sobre o cazo. Está-me a parecer muito mais provavel que o turco pense que o louco era eu.

PROMESSA É DIVIDA. — MAIO, 3.

— A “Avenida dos Inglezes”, linda, extensa, não é mais extensa nem mais linda do que a nossa avenida Beiramar.

Bati á porta do palacete n.º 7; esperavam-me. Riqueza sem ostentação. Gente sem cerimonia. Meia hora, e já pareciam amizades velhas a familia de Carlos Kraft e a minha. E’ tão atraente uma simpatia dezinteressada !

SCIENCIA E VICIO.

— Automovel. Rumo Monaco. Percurso beirando montanhas. Aspetos deslumbrantes; paineis formozissimos. O mar tem cambiantes de madreperola.

— No “Muzeu Oceanografico”. Vejo dois exemplares da “Sereia do Mar”: um em osso, ictiologicamente preparado outro, e privados ambos da poezia com que lhe divinizavam a especie as lendas medievaes da mari-nhagem. Vejo o “Leão do Mar”, novidade para mim e para os navegantes do rio Tietê. Vejo o “Tubarão”, modelo do orçamentivoro na politica das aguas. No salão n.º 2, á direita, vejo a avolumada contribuição do rei D. Carlos (o assassinado pelos assassinos de Portu-

gal) para as utilidades da ictiologia. Um mundo de coisas admiráveis!

Mais de cem qualidades de esponja; a perola, molestia da ostra, desde a formação até o carissimo aproveitamento; algas multiformes; coraes incontáveis; um bellissimo camafeu em caramujo; conchas de indescrevel variedade na forma e nas côres; e, em largo mappa, como envolvendo tanta affluencia de estudo, de pesquisa, de acondicionamento, de serviço á intellectualidade, a "Carta Barometrica dos Oceanos", adoptada em 1904, com o apoio da competencia pensante, pelo Congresso de Washington: tudo isso eu vejo. Vejo, praticamente, concretamente, a historia da arte de pescar... Não vejo, porém, incluída nas diversas formas de pescaria, a jangada do nosso cearense. Porque ignorar ou deslembrar o sabio principe de Monaco, a intrepidez e a pertinacia do brasileiro do norte?

Rico, bem acondicionado, o "Aquarium". Inferior, porém, ao de Napoles, entre outros motivos, porque muito mais joven.

— Entro, afinal, numa caza de jogo. Aos sessenta anos, já não é fóra de tempo. Estou na mais importante e desbriada banca do mundo. Salas riquissimas. Ordem. Respeito. Cortezes, fingem todos estar frequentando um templo. Em doze mezas funcionam vinte e quatro roletas.

O jogo é inevitavel incidente da civilização. Unico dos animaes que cogita preferencialmente do futuro,

unico que mais olha para a frente do que para baixo, que mais imagina do que age, o bicho-homem é, foi, ha de ser sempre jogador. Tudo lhe é jogo na existencia. Que vale o trabalho, o proprio trabalho senão uma cartada, com promessas de exito, na banca do destino? E quantas vezes a honestidade perde a partida!

Hereditariamente, o paulista recebeu do espanhol o vicio do jogo. Almoldou-o, porém, a uma feição inve-rozimir: publicamente, sinceramente, o jogador paulista se julga superior a quem não joga. Em S. Paulo o não jogador, especialmente se politico, é tido e havido por deziquilibrado. Circunstancia ainda mais extravagante: no exercicio de funções administrativas, o desfalque, quando dado por jogador, só não tem atenuante quando inocentado. Dispensa punição.

A proposito de jogo: quando Pedro 2.º, que não apreciava baralhos, disse ao seu ministro barão de Cote-gipe que, no voltarete, o menos que se perdia era o tempo, immediatamente ouviu do espirituozo estadista a resposta :

— V. M. não conhece o voltarete. O unico tempo que nelle se perde é o de dar cartas.

Outro cazo que me vem ao bico da pena. Em 1862, numa meza de Boston, em roda aristocratica, jogavam o surdo Pedro de Araujo Lima (marquez de Olin-da) e o já doentissimo, e por isso muito frenetico, Miguel Calmon (marquez de Abrantes), amigos fraternaes

desde a mocidade. Demorando o surdo a cartada, murmurou o frenetico :

— Esta besta não joga !?

Calmamente, deixando cair a carta, o ex-regente do Imperio explicou ao denominado “Canario da Camara”:

— Miguel, a besta está pensando um pouco.

Riram os circunstantes e a divulgação da pilheria aumentou a suspeita de que o marquez de Olinda só era surdo quando lhe convinha.

— Traduzo duzentos francos em moedas de cinco; vou jogando e perdendo, perdendo e jogando, num numero qualquer e no preto e no vermelho; em menos de meia hora fico em fim de mez. Faço menção de retirada. Eis que um senhor, fizionomia severa, cazaca e um puxador de dinheiro do tapete verde, me observa que, tendo a bolinha parado no numero oito, eu ganhara cento e oitenta francos. Um outro, fiscal esse, me pergunta se deixo ainda os meus noventa francos sobre o vermelho; fingindo-me conhecedor do assumpto, respondo secamente “não”. Jogo ainda algum tempo. Ganho um pouco mais do que a minha despeza em Nice. Retiro-me sem prazer nem pezar.

Quem sabe ter vontade não sabe ser jogador. Onde li isso ? Não recordo. No “Jogo e jogadores”, terceiro volume das “Memorias de Villemessant”, provavelmente.

VIAJANDO. — MAIO, 4.

— Gosto de mim. Evidentemente sou meu amigo. E o habito em que estou de gozar de minha companhia

ensinou-me, no quarto de hora escluzivo que me imponho de manhã, a analizar o que fiz na vespera e projetar o programa do dia. Porque o é, o programma falha quazi sempre.

Por exemplo: tendo tomado em Nice o trem-carroça que, com intersticios de empacamento, alcança Genova após sete horas, deliberára ler em viagem a "Vida de Alexandre Guizandé", do decizivo A. Hope. Em "Veinte Miglia" um carregador chapeado, moreninho, espertinho, rezultado provavel do cazamento siroco em subraça latina, me apreça dispensa de exame de bagagens e coloca as minhas maletas em logares donde geitozamente deslocára dois passageiros. Bem. Meu cazal viaja só. Aproveito retardança prolongada para ver turmas itinerantes que dessa estação demandam todos os rumos da Europa-sul, e têm declarações fiscaes a mentir. Nada adeantei. Apenas, num dos magotes, que seguia para a Austria gritava, em tardio francez-belga, de vez em quando, uma mulher corpulenta: "Perdi meu marido!" Movimentos diversos. Troca de olhares indagadores. Surgimento dum minusculo marido com bigodes pretos. Calma geral até repetição da scena.

Signal. Partida. A principio tudo me marchou bem. Mas, chegado á terceira estação, foi o vagão infecionado pelo mofo pestilento dumas barbas velhas, trazidas na cara de homem redondo com olhar suino e ventas inqualificaveis. Instantaneamente me convenci de esta em companhia de fabricante de colchetes e deputado italiano governista.

Premeditei evitá-lo.

Oferecimento de jornaes, porém, abrindo-nos conversação, proporcionou-me á ignorancia duas informações ineditas. Estocadeou-me o recémvindo: que, tendo a Turquia deixado as areias cobrir a Tripolitania, a retirada desse cobertor entregaria ao governo do Quirinal um solo apropriado a todas as culturas; e, mais, que a administração paulista, desencaminhando e encaminhando immigrants, estava precisamente prejudicando a futura lavoura tripolitana.

Ouvi-o com a impassibilidade dum batente de porta. Tomei, porém, a palavra quando o ponto e virgula do interlocutor m'a facilitou, e expliquei-lhe: a felicidade relativa dos seus patricios em S. Paulo; a partida do emigrante com a esperança, que é o milhão do pobre, e a sua volta com a velhice tranquilizada pela reserva de economias; exemplos de grandes fortunas italianas decentemente organizadas; perspicacia de milionarios no abatimento dos preços de emendas orçamentarias — risco de o proprio Sansão entizicar se o levassem á Tripolitania para remover areaes.

A nada o bruto se moveu. Abracei-o á despedida. Como é recreativa a auzencia dum jumento!

EM GENOVA. — MAIO, 5.

— Chego. Procuo uma raridade. Procuo um amigo. No consulado; entro sem bater; abraço o dr. Raimundo de Sá Valle. Palestrámos interrogativamente. Sagaz, talentozo, o jornalista letrado mantem a fraze latinamente educada e, sobretudo, aquelle coração lhano,

largo, da mocidade a que pertenceu, e cuja autonomia lhe brilha na conversação abundante em replicas.

— Sahi. Entre o Consulado, que enxotou as tentativas aduaneiras contra as comodidades que me costumou conceder, e o “Miramare”, hotel que seria impecavel se a deslealdade do leite lhe não mareasse a fama, duas estatuas me embargavam o passo pedindo reflexões. A de Cristovam Colombo, apesar do marmore esgrovinhado numa das bases, cansaço quiçá por onze annos de feitio, é mais que toleravel. A de Vitor Manoel não é má, nem tem direito a sê-lo, pois é mais uma cópia toleravel da de Pedro I, no largo do Rocío.

MAIO, 6.

— E' inutil querer em Genova automovel barato e cocheiro calado (Automovel é carro, carro é coche, coche tem cocheiro). Gritante de nomes de ruas, praças e monumentos, durante quatro horas um auriga verbosissimo, e não de todo iletrado, me apresentou á cidade, e vice-versa.

Genova ? Não agazalha duzentos mil habitantes, mesmo incluindo os hospedes, que muitos são. Cidade maritima e comercial, irregular de mescla, falta-lhe á população um tipo acentuado; faltam-lhe, consequentemente, estos idealistas e agitações patrioticas. Sem ser, como a cidade de S. Paulo hoje, uma função estrangeira, Genova é dos menos italianos centros da peninsula. Invasida, ofendida a Italia, Genova reagirá mas em ultimo lugar.

Mulheres não feias, nem bonitas, mas duma vivacidade fisionomica que transforma, facilmente, o simples encontro em espontanea simpatia; farmacias frequentadissimas; commercio malcreado e mal sortido: é o que seguidamente se nota. Edificios enormes, solidos, antigos, historicos, imponentes como o da Universidade, foram perfeitamente aproveitados pelas exigencias de moderna administração; verifiquei-o: no pateo, asseado e vasto, que precede a larga escadaria, sustentei com um amavel grupo de estudantes, destro, inesperado e investigador dialogo juridico.

Dos trez apregoados palacios "Vermelho, Preto Branco" só vi as arrogantes fachadas; do "Palacio Real" só as escadas, e despreocupadamente. Genova, onde estou trazido pela sarna politiqueira que me obriga a embarcar para o Brazil e padecer Camara dos Deputados, não me estava nos delineamentos itinerantes. Chegar e partir me são verbos aqui associados. Vizitei-a porque, retardada como é de praxe a partida do paquete, eu não devia ficar dois dias á espera que Genova me vizesse. Fôra exigir muito.

Não ha, juro-o, se precizo, com a mão em baixo da coxa como o primitivo semita, não ha deznio desrespeitozo nessa despreocupação; mera incidencia de circunstancias e nada mais. Paulista, possivelmente sou um tanto genovez; de origem genoveza são, em S. Paulo, os Spindolas e Dorias, sendo que pelas alianças de familia perderam os Adornos o nome, não a raça.

A CATEDRAL. — MAIO, 7.

— Não a buscam muito os doutores em arte. Contraria-os a mistura de estilos. Ha, no interior, uma porção de egrejas juntas. Distrae-se um amador como eu; irrita-se um mestre, naturalmente. Levantada no remate do X seculo, dizendo-a alguns anterior de quinze anos áquelle ano mil que deveria ser o fim do mundo, ha dez seculos vive esta egreja em continuos concertos.

Até parece lei eleitoral! Ninguem a entende, nem ella mesma! Trapalhona. Guarda, em sarcofago do XIII seculo, numa capella construida no XV, reliquias de S. João Baptista. Trocando olhares sorrateiros, guia e um futuro padre começaram a mostrar-me a prata que servira na ceia de Cristo; nada me responderam, porém, quando lhes perguntei como e onde gente pobre arranjàra apparelho de prata numa época em que, pelo menos, era de um para oitenta e nove a relação do cobre para a prata.

Alternativamente revestido de marmore preto e branco, o exterior da "Cathedral" é agradável. Lá dentro o mesmo succede ás colunas, muitas, de ordem composta, que lhe adornam a nave principal. Na sacristia, afirmaram-me e eu tenho certeza de não ter acreditado, conservadissimo, ha um copo de vidro que de Cristo passou a pertencer a José de Arimatéa. Sei-lhe a legenda: morria quem lhe encostava o dedo. Lérias.

A AMERICA.

Demandedei a caza, na qual, sequiozo duma sciencia que jamais obteve, menino e moço morou Cristovani Colombo. Autentica-a uma placa.

Tem o predio, num beco tortuozo, ingreme, duas portas; em cima duas janelas, que estão em baixo de duas outras, que ficam em baixo de outras duas, sobre as quaes ha mais duas que têm em cima duas janelinhas. Compreendi, então, a descoberta da America: Colombo quiz mudar de caza.

NO CEMITERIO. — MAIO, 8.

— Tem fama, justa fama, o “Cemiterio de Genova”. E’, talvez, o que de melhor ha por aqui. O numero avultado de vizitantes pretexta a desconfiança de que, em Genova, os mortos sejam preferiveis aos vivos. Distanciados os tumulos, ficam os falecidos bem á larga. Achei-o superior ao “Pére La Chaise”. Não lhe li epitafio lorpa. Reparei, todavia, que quando o tumulo era grande, o morto fôra, inevitavelmente, comerciante honrado.

Belissimos os monumentos, imitado, no marmore de Carrara, o brilho brando do setim. Dificil preferir tumulo pelo valor artistico ou pela simples correção significativa; tão interessantes se elles sucedem que o ultimo parece sempre o melhor. Tudo bem dividido, zelozamente administrado.

A vala comum não é comum: enchem-na flores rodeando as sepulturas. Não ha tumulo feio. Perde-se aqui o pavor que a morte infunde; mais bem endereçado buscará elle aquellas artilhadissimas fortalezas que, de trez eminencias, ameaçam mortos e vivos, cemiterio e cidade.

Entrei sabendo que a comoda mansão fôra principiada por Carlos Barlino e terminada por João Riasco; era pouco para quem lá ia á cata de passa-tempo. Tomei um guia, e acompanhámo-nos: elle a minha pessoa, eu as suas preleções. A' despedida impingiu troquinho em moeda falsa; aceitei sem reclamar: fui genovez em Genova.

Tambem não reclamei quando me informou elle de haver na vala comum duas ordens de quadras: quadras para homens e quadras para mulheres. E', é uma téze a estudar, essa do celibato dos defuntos.

Idiota, outrosim, a distinção, murada, de repartições judaica, protestante e catolica. Em vida comem, bebem, jogam, dansam, mas depois de mortos não querem estar juntos. Pandorgas!

Fui vendo, admirando, elogiando. A luta da "Morte e da Vida", tumulo de Valente Celle, concepção extraordinaria, é o belo horrivel numa sinteze simbolica. A figura do profeta Ezequiel, tumulo de Jozé Brunetti, braços esticados, labios abertos, invocadores, olhar alucinado, superposta á fraze "Esperando Resurreição" que moralmente a completa, é rica de pensamento, tradutora de conhecimento biblico, complexa de cogitação sobretudo. Cinzelou-a A. Botta: um artista.

Anjos e anjinhos a granel. Semideuzinhos a serviço do homem, seu inferior. Pois sim! Na quadra judaica, quando atravessava a porta hebraicamente pobre de arquitetura, cortejei, respeitozo, a inscrição memorativa de Adolfo Binger. Pessoalmente não o conheci; noticiei-lhe, porém, o falecimento em 1893.

O bemfeitor, o caritativo, o servidor da instrução... Imitassem-no, e a invenção do paraizo entraria no rol das inutilidades.

— No “Miramare”. Jantar nos reclama com ameaça de resfriamento. Sete á meza. Sá Valle e espoza, Carlos Faria, Oscar Paranhos, Martins e meu cazal. Repetição de pratos. Proibição de discursos; trez minutos, no maximo, para cada brinde. Contentamento unanime.

EMBARCANDO. — MAIO, 9.

— Trouxe-me á ponte movel que ligava o paquete ao cáes, o pessoal do consulado uma porção de abraços de despedida. Começavamos a preparar as saudades. Interrompeu-as uma agressão ao nosso patriotismo.

Um aduaneiro fardado, gritão, impedia que, em vapor subsidiado pelo Brazil, embarcassem passageiros de terceira classe para o Brazil. Para Argentina, sim.

E sob essa injurioza impressão deixei o porto pequeno, o cáes bom, a instalação marconiana e o bellissimo farol de Genova: cidade sufocada pelo carvão e por montanhas que a apertam, e donde a gente se retira tendo nos labios o ah ! prolongado e gostozo de quem descalça botina de verniz depois de haver servido de padrinho de baptismo a criança com dor de barriga.

NAPOLLES. — MAIO, 10.

— Da amurada do “Brazile”, enquanto a aduana tarda, contrato e ouço estridentes canções napolitanas.

Primeiro premio em fuga, um dos meninos da improvisada banda foge com o chapéu dum passageiro.

— Bom dia, bom carro, bom cocheiro; uma hora na lindissima “Galeria Humberto”; minutos na praça do mesmo nome; rapida vizita ao “Azilo dos Pobres”, grande edificio e maior instituto, filho de doações muito fiscalizadas (Mizericordia! Mizericordias de S. Paulo e Santos...); exame incompetente das esculturas que enfeitam a “Porta Capuana”; volta a bordo; vizita do consul substituto Eugenio Oddino, falante de bom portuguez e inteligencia merecedora de emprego superior ao que occupa ha já duas duzias de anos; cansaço; partida: foi o que me aconteceu hoje.

A BORDO — MAIO, 11

Separei para reler: o languidissimo “Herman e Dorotéa”, onde o maior poeta germanico magistralmente realiza o ideal da inferioridade literaria; a instructiva “Prezidencia da Republica” de Leiret; e, para ler, o “Flos Sanctorum” de Severiano de Rezende. Passarei, depois, a tresler na cara e nos modos dos companheiros de viagem. MAIO, 12.

MAIO, 13.

Relatam-me, companheiros de meza, terem ouvido em terra noticias certas de parede operaria em S. Paulo. Resultado da lei de expulsão de estrangeiros; lei inspirada pelo atrazo, sustentada pela malvadez e votada pela ignorancia.

Imagino quanta perseguição e quanta subvenção! Como aturador e inerte, o povo lhe não pede contas, a oligarquia paulista mete o braço no Tezouro até os cotovelos. E' da "*Arte de Furtar*": os maiores ladrões são aquelles que têm por officio nos livrar dos ladrões.

REPARANDO — MAIO, 14.

Das trez mezas, com quinze gargantas de primeira classe e dois officiaes, comandante e medico, calvos ambos, a melhor é a minha. Recitante de coplas populares, alegre-a um italiano, patriota e eleitor no Brazil, eleitor e patriota na Italia; frenteia-o um cunhado que se dedica ao culto do silencio; fecha a roda um casal de velhos civilizados em estréa transatlantica: a mulher com um terço de sorriso; o marido quando instigado, repetindo valentes estrofes de Carduci.

Noutra meza: mistura italiana com suisso paulista, uma promissora familia mantendo desde já a arithmetica do casamento: $1 + 1 = 6$; ao lado uma ex-actriz candidata á resurreição moral — Depois... Mas o escandalo dá-se! Medico e comandante arrebanharam refeitoriamente as duas confessadas solteiras de bordo — uma morena espaçosa e uma irmã, quinze anos se tanto, franzina, pés diminutivos, corpo flexivel. A gorda viéra á Europa buscar a magra. Destino policial inevitavel e garantido, portanto.

Importantes os mexericos de bordo. O proprio boato de haver o comandante tomado um laxativo apenas mereceu ligeiros comentarios.

QUEIXAS E QUEIXOS. — MAIO, 15.

— Falta velocidade aos vapores da “Companhia Veloce”. Na sua maior marcha o “Brazile” marcou 320 milhas. Peor, porém, do que a marcha é a comida; suportavel em começo, perdeu de repente de quantidade e qualidade. O pão está melancolico. A anemia da sopa aconselha cuidados medicos. A costeleta de vitela annunciada para hontem foi substituida por carne de boi bravo.

Na volta, dizem, os passageiros padecem mais. Só lhes fornecem generos trazidos de Genova e Napoles. Nem laranjas do Rio, nem abacaxis de Pernambuco têm os commissarios licença de comprar. Os queixos dos passageiros que se queixem ao bispo. Levar queixas á gerencia da “Veloce” é perder tempo. Associados a marinheiros no destapamento e reprego de bagagens, para furto de objetos que, uzualmente, estão nas primeiras camadas, invariavelmente os empregados da agencia respondem: que o reclamante indique e prove onde o furto foi praticado. Identica resposta recebe, quazi sempre, quem interpela as companhias de seguro.

Ir ao governo brasileiro ? Peor. Envergonhou-me na Europa a divulgada convicção da venalidade de nossas repartições publicas. Por mais que eu afirmasse ser a nossa latrocracia, quazi toda, obra dos funcionarios subalternos, tendo unhas aparadas cerca de noventa e trez por cento dos ministros republicanos, ninguem acreditava nos meus protestos em prol da relativa honestidade nacional. A deputado francez que me perguntou porque, no Brazil, os ministros saem e os larapios ficam,

repliquei citando-lhe o cazo do Panamá. Enfronhadamente me embuchou treplicando :

— No Panamá o ministro saiu do parlamento para a cadeia; em vossa terra um réu acaba de sair da cadeia, para Secretario do Estado de S. Paulo.

Impedido, por oportuno accesso de tosse, de dar ao francez uma resposta energica, recorri, para fechar o incidente, á mais pratica das qualidades paulistas: a paciencia. Silencieii. Calei-me.

Ninguem se arrepende de ficar calado. Aprendi praticamente (nos outros) essa verdade em Santos, poucos dias depois da proclamação da Republica em 1889. Foi o caso: officiaes do exercito, contrariados porque não atendidos com urgencia em requizição feita á Santa Casa de Misericordia, dirigiram-se ás respectivas enfermarias e, armados de palmatorias, generosamente distribuiram duzias de bolos aos principaes funcionarios. Recebidos os bolos sem reclamação, combinaram Irmandade, directorio politico e imprensa dar immediatamente o assumpto por terminado.

Só a palmatoria falou. Ninguem lhe respondeu. Ninguem se arrepende de ficar calado.

PROFECIAS. — MAIO, 16.

— Achei, numa maleta, volume de Henri Gaston sobre siderurgia. Prevê decadencia da Alemanha pelo provavel exgotamento de suas minas de ferro. Documenta-se com cifras, discute com imparcialidade, conclue com firmeza. Ensina e convence. Profecias! Para uma que se realize ha mil que falham. Trez vaticinaram

com estardalhaço a morte da Alemanha : a de Hermann em 1240; a de Maience, de data incerta, porém posterior áquella; e a de Fienisberg em 1849; mas os quartéis germanicos continuam a apavorar o ocidente, ameaçando a liberdade dos povos.

Cada um profetiza o que dezeja. Ainda ninguem profetizou que ia tomar uma sóva de pau.

MAIO, 17.

O mar está com más intenções. Pula. Saracoteia. Nota esquizita : quando todos enjoam, começam todos a receitar contra o enjôo. Quando digo todos, excluo-me. Nem receito, nem enjôo.

Quanto mais o oceano se enfurece mais eu me acalmo.

A razão costuma estar na minoria quazi sempre, e eu sempre na minoria. Agora, entre os passageiros, estou em unidade: nem mesmo o enjôo dos outros me enjôa.

Algum tanto enjoada, esta nota.

MAIO, 18.

— Mais cedo do que era de prever, o oceano se abrandou. Bem procedeu. Lepidos, comunicativos ficaram subitamente os passageiros. Todos de roupa limpa; nem um, pelo que contam, teve medo da tempestade que já vae longe: gente intrépida !

Todos alegres. Paz e amor. Promessas e compromissos de continuação, em terra, das simpatias e das amizades iniciadas a bordo. Trocas de bilhetes e anotações

de moradias. O meio furacão de hontem saneou todos os estomagos. Reina um contentamento geral, risonho, tranquilo. Mas

A SORTE NESTE MUNDO E' MAL SEGURA
metrificou o cantor da Marilia em plagio perfeitamente fornecido por uma das primeiras scenas do "Amfitrião" de Plauto.

Não! Não ha bem duradoiro. A jovialidade permanente é imprativavel. O sonho de paz universal beira a utopia. Não! Não ha concordia possivel entre as mulheres.

Enfureceu-se, a proposito de não sei que despropozito da maninha magra a mana mais velha. Tapas. Soluços. Corada, gesticulante, a brava gorda atravessa o povoado tombadilho. Moça forte! Tem saúde; falta-lhe fraternidade.

— Scribano Giuzefo, immediato, primeiro official na giria da caza, é um aproveitavel irritadinho intellectual.

E' maior por dentro do que por fóra. Sabe muita geografia, maneja cifras proficientemente, e o mesmo faz com a etimologia. Entra no latim sem constrangimento. Da historia conhece a italiana, consentindo, porém, que as outras existam. E' a segunda insolencia de bordo. Fizemos camaradagem.

Vendo-me pedir a um turco, da terceira classe, que interrompesse — exercicio fanhozamente horrivel de "zoumara", um cornetim infernal que a todo momento parecia parar mas continuava, disse-me esse lateral

Scribano : “Desgraçadamente conheço a “zoumara”. Na recente guerra tive de guardar, á noite, em aproximada observação, navio tomado ao inimigo e atopetado de prizioneiros; principiou um delles a tocar essa gaita, e, sempre que parecia cessar, continuava ! Tanto tocou que, desesperado, afastei de mais duma milha meus ouvidos e meu navio. Fugissem os prizioneiros, e eu seria irremisivelmente fuzilado. Mas a fuga e o fuzilamento eram coizas possiveis, e a “zoumara” era certa.

Interroguei-o se, empregada como arma de guerra, a muzica otomana seria eficaz. — “Invencivel”, respondeu-me.

DAKAR.

— Uma hora da tarde. Domingo. Ancorámos com o retardamento habitual da “Companhia Veloce”. Desembarco. Tenho tempo deante de mim, e comigo meios de incluir este porto, que vejo pela segunda vez, no numero das utilidades a notar e a anotar.

— Estou entre dois mil brancos francezes e dez mil pretos tripolitanos, marroquinos, abissinios, sudanezes e doutras raças africanas, predominando os volofes; gente, quazi toda, alta, espigada, vestindo roupa sem feitio, roupas enfunadas pelo vento que lhes balança o azul-claro abrilhantado pela luz dum sol causticante.

Vejo pretas com o penteado retorcido em escadinhas regulares, trazendo-me á memoria dezenhos de Serpa Pinto no “Como atravessei a Africa”; jovens ainda, mas já com os filhinhos entre o chale e as costas como

nas antigas fazendas brazileiras, e vendendo, ora por um franco, ora por dez centezimos, a "garenha", o abundante peixe que invadiu, aqui, todos os paladares, e cuja quantidade de fosforo talvez explique a média elevadissima de baptizados na interessante colonia. Essas pretas vendem ainda trapalhadamente verduras deterioradas e uns palitos de pau, do tamanho das nossas canetas, com que o dakarense, como todo africano, mantem a beleza da branquissima dentadura.

Estou em povoação regida pelos direitos do homem, e administrada pelos gloriosos principios de 1789. Em Dakar os pretos não podem, sob pena de xadrez sem discussão, ocupar, em botequins e á meza dos hoteis, cadeira ao lado dos brancos. Colonia franceza, Dakar, a exemplo da metropole, ignora o "habeas-corpus".

Apressado na ida, fatigado na volta, o sul americano não repara em Dakar; raras vezes aqui desembarca. Erra. Vista da amurada do navio, muito difere Dakar da cidade e da impressão que do seu interior o viajante recebe. Tem meio tipo proprio; é lentejoula suportavel. Seu rezumo está no mais reproduzido exemplar dos seus habitantes: no negrinho azougado que fala francez, explora o desembarcadiço e recebe o influxo do progresso, mas limita o progresso anulando-lhe nove decimos do influxo.

Dakar uza instalação telegraphica, mas com telegrafia menos que regular; tem ruas boas, mas pouco frequentadas; correio efetivo, porém pouco activo; indolentes carros de praça; bilhares novos, porque raras

vezes ocupados; pelo barato, porém escuro; jornal hebdomadario sem leitores; coreto, na "Praça Protet", com muzica domingueira tocada por banda militar cujas roupas brancas destoam do auditorio preto que a escuta indifferente.

Como convivem em pacatez o franco e o etiope? Sem conflitos, sem abuzos delinquentes, sem reclamações! Mas aqui a anormalidade se normalizou, e o acidente se distendeu té ás raias do habito. Exemplo: não ha em Dakar quem exerça, de facto, palpavelmente, a autoridade em nome da França; governador é ente abstracto, invizível; o que ha, e todos apontam, e todos conhecem, reconhecem e obedecem, é o "Palacio do Governador".

Bonito edificio! Projetando-se num arborizado quarteirão, sustentado por elegantes arcarias, fechado como todas as autoridades que se prezam, é elle demonstrativa sugestão do mando caucazeo no continente africano. Outro exemplo: no commercio francez, predominante, quazi o unico que existe, regularizado aliás pelo protecionismo, o abuzo do alcool tem trazido vizível restrição na delicadeza do trato. Já pelo clima abraçador, já pela preferencia no consumo de produção da mãe-patria, mulheres e homens bebem exageradamente. Com arregalo de olhos, num bazar de Dakar, comerciante, a quem eu comprára voluminho dos "Contos do Natal" de Dickens, rizonhamente insistia em entregar-me uma pluma de valor decuplo ou mais!

Comico, o constrangimento das francezas quando vistas por um estrangeiro. Pintadas de rosto, baixam

ou entortam o olhar, simulando distração. Padece-lhes a vaidade: “que o seu logar não é ali no “Parque Nacional”; mas em Pariz, mas no “boulevard des italiens”; estão ali por pouco tempo, por engano...”

Molecotes, agrupados nas esquinas, com exclamações e galhofas vão quem passa. Pedem o guarda-sól, o lenço, uma manga verde, dinheiro. Comigo: acabando de receber pagamento, um guiazinho me pediu pagamento. Aproveitar a ocasião, obter, receber seja lá o que fôr, seja lá de quem fôr, mas receber, obter, é a fysiologia de Dakar.

Porque ? Estertor. Ancia de viver. Pressentimento dum fim de organismo. Substituindo o carvão pela electricidade, perdido o emprego de fornecedora de combustivel aos transatlanticos, de sua actual vitalidade que conservará Dakar ? Garenhas e o Palacio do Governador.

NA MESQUITA.

— Fechada. Não se póde entrar. Posso. Entrarei. Dois torreões amarelados; uma grade verde os rodeia. Paredes robustas. Subdividido o andar terreo. Adeantado de cincoenta minutos, um grande relógio (talvez o mais occidental em edificio dessa atrazadissima religião muzulmana que, felizmente, se não enraizou na America) presta informações mentirozas a quem o interroga. Foi o que vi por fóra.

Dentro: o que eu já conhecia de leituras: paredes escrituradas de versiculos do Alcorão; auzencia mais

que relativa de arte; pulpito, esteirinhas, estantes. Pouca luz. Algum asseio.

O mahometanismo traz idéa dum rio muito largo, irrigando muitas zonas, razo, estagnado após extraordinaria enchente. Em Tokio e Dakar suas extremidades fedem.

Em Medina sua nascente secou.

Singular! Cristo, o tribuno do Sermão da Montanha, o letrado das Parabolas, nada escreveu; Mahomét, iletrado, comerciante barato, ditou um livro de cento e quatorze capitulos!

Mas, afinal, que foi a expansão arabe? Mera dissidencia nestoriana? Derradeiro espraiair dos hicsos? Reação monoteista contra as deturpações greco-etruscas? Não ha resposta que satisfaça. No quadro da historia o arabe é ainda um sanguinolento segredo. Hoje, ao pôr do sol, vi grupinhos, trez crentes por grupo, bamboleando-se, joelhos em terra, batendo no chão com o rosto sujo de areia. Anti-sanitario prolongamento do mais fanatico, do mais invazor, do mais territorialmente distendido impulso religiozo que a tolice humana inventou e propulsou!

Civilização arabe! ? Pois é civilização esfregar terra na cara? Nos territorios que invadiu foi o arabe adaptado pela civilização que nelles encontrou e cujo desdobramento acompanhou: isso, sim. Da arenta peninsula donde partiu, que civilização trouxe? "Deus é Deus e Mahomét o seu profeta"? Mas essa afirmativa, por

mais sangue que tenha derramado, nada tem de espantosa e, como tentativa filozofica, já entrou definitivamente nos dominios da opereta.

Os receituarios de Cordova, as cento e vinte e oito colunas do Alhambra, os jardins de Bagdad, as cópias comparadas do classicismo helenico, o collegio medico de Djoudesabour, a genialidade de Djafar e as lições de Jo-zué-ben-nun foram expansões civis: teologicas, porque ? Considerem-nas frutos da religiosidade e, logicamente, ao norte do Alcorão, cumpriria attribuir identica origem ás navegações normandas, á repressão do feudalismo, á descoberta da imprensa, ao aproveitamento da bussola !

O sentimento religioso, fórmula acovardada e explorada das preocupações do além, não inicia: paraliza; não gera: esteriliza. O vedismo, ignorante da liberdade, inutilizou a India. O messianismo creou a inquisição, que o cristianismo perversamente prolongou. O muzulmano destruiu bibliotecas. O protestante bombardeou Paris.

Houvesse a humanidade empregado na terapeutica e na quimica, na fisica e na mecânica, as cogitações esbanjadas em invencionices filhas do medo e netas da esperteza sacerdotal, e, não como uma promessa continuamente adiada, mas como uma realidade perene, o homem seria ha já muitos seculos, não o lobo do homem, porém o irmão do homem.

.

Adeus.

— E adeus hemisferio norte ! Adeus, velha Europa e nova Atlantida. Deixo-te, grato, como discipulo independente.

Volto para o sul. Volto ás regiões mais solidas da bola na qual, atomo inconsultado, estou a atravessar vertiginosamente o espaço vizivel e o tempo invizivel.

Vou rever a terra das grandes quédas dagua, a acionista mór da interminavel empreza do porvir. Livre pensador, “cidadão do cósmos”, nem por isso esqueço que a mais diaria das minhas afeições pertence á minha Patria.

MAIO, 19.

— Tubarões acompanham o navio mais de quarenta milhas. Circunstancia não ignorada, porém inexplicada: o tubarão não devora negros. Em Dakar negros e tubarões convivem. Que esse voraz só vê objetos claros, nada distinguindo dos escuros, esclarece-me um marinheiro.

Hum ! O cazo me está claro-escuro.

MAIO, 20.

— Em todos os grandes hoteis que conheci na Europa encontrei revistas e jornaes argentinos: A “La Argentina” de Barcelona, um primor de impressão e um modelo de expressão, é revista abundantemente divulgada, e sustentará cotejo com o que de mais caprichado haja na imprensa do velho mundo. Do Brazil poucas vezes o jornalismo europeu se ocupa, e, quando

o faz, limita-se a algumas linhas de noticiario após longas informações doutros paizes. Brasileiro, em Paris, só sabe de sua terra quando, no “boulevard”, encontra patricio recémvindo a dirigir-lhe a inevitavel fraze: — “Vamos tomar alguma coiza”.

Não vi, nem tive noticia de jornal brasileiro em França ou na Italia. Um bi-semanal, porém, em Paris, escrito em francez e pensado em portuguez, seria empreza viavelmente rendoza. Haverá, ao ocidente dos cofres publicos, capitalista que a tente ?

MAIO, 21.

— Ajuste de contas. Que me rezultou da viagem á Europa ? Lições comparativas. Nem um desgosto. Mais amor ao meu paiz.

Trago, infelizmente, nos escaninhos do espirito e nas minhas desconfianças de paulista, duvidas, duvidas. . . Dado um choque internacional generalizado, o Brazil conservará intacta a herança luzitana que reclamou e recebeu ha um seculo ? Suspeitas. Reccios. Temores. Quanta bagagem malvinda !

— Não consegui apreender e coordenar um conjunto de mezologia européa. Para quem deixa o Brazil, limitado em seu desenvolvimento comercial, relativamente parco de comodidades, incongruente em seu pessoalismo politico, impulsivo em seus acazos partidarios, a copiozidade de acontecimentos na Europa penetra por mares, e por isso parceladissima de governações

e interesses, torna insuperavel a difficuldade duma sin-
teze e mais que embaraçoza a dispozição de idéas em
série.

Não perdi, porém, meu tempo. Indaguei. Reparei.
Examinei. Observei. Comparei. Armazenei. Cogitei de
minha especie, de minha subraça, de historias, de direi-
tos e de deveres. Ganhei um pouco de capital intele-
ctual, moeda que, quando mais se gasta, mais avulta.

MAIO, 22.

— Sem grande insistencia sou admitido, durante
duas horas, como estudante de telegrafia sem fios. Ser-
ve-me de professor um ajudante da instalação. Moço
e mestre.

— Mas porque e para que me matricularam em
academia de direito ? Pois todas as Ordenações do Reino
valem meio aparelho de electricidade ou dez minutos
de alfabeto Morse ? Quanta inveja levo e tenho desse
menino, telegrafista, que nunca fez defezas no juri,
nem louvação de peritos em audiencia ! Não é, não foi,
nunca será bacharel ! Feliz ! Felicissimo.

MAIO, 23.

— Noite. Mar benigno. Rumo noroeste. Vespera
de chegada a Pernambuco. Busca-me a saudade. Procura-
ra-me a fantazia. Fala-me o coração.

— Vou encontrar o Brazil sensivelmente incompleto. Quanto mais se distancia a morte do Barão do Rio Branco, mais sente o paiz a falta do glorioso estadista. Deixou discipulos certamente inteligentes e possivelmente eruditos. Mas erudição não é criação. Mas a intelligencia instrue o talento, não o substitue.

Verdade, verdade: falta uma peça essencial na nossa maquina administradora.

REMINISCENCIAS.

— Jornalista desde 1872, um pouco parlamentar e mais um pouco advogado, sempre acompanhei com interesse as revelações da intellectualidade no Brazil. Conheço o meio nacional. Não vejo quem possa, hoje, ocupar competentemente a posição que Rio Branco deixou. E o que penso, pensa a consciencia do paiz.

Tratasse-se, porém, não de talento excepcional, não de merito acima do comum, mas de estupidez, e a substituição seria facil? Talvez não. Ha imbecilidades geniaes. Ha, tambem, cavalgadas insubstituiveis.

Contou-me o Barão que, surpreendido em 1889, em Berlim, pela proclamação da Republica no Rio de Janeiro, e ansiadissimo por cartas que lhe atenuassem a curiozidade, fôra apressadamente ao correio mal chegára a mala do Brazil. Uma só carta recebera. Abriu-a sofrego. Era dum antigo famulo da familia, portuguez, Jozé Côrte Real: comunicava-lhe que, em vista da mudança das instituições, passaria a assinar somente Jozé Côrte.

Relatei-lhe, em immediato pagamento, a perspicacia do meu copeiro Vitorino: repreendendo-o, disse-lhe que nunca puzesse o jantar na meza sem ter primeiramente ido ao meu quarto verificar se eu estava ou não em caza; foi ao meu quarto, procurou-me, e minutos depois voltou para pauzadamente me dizer: — “O senhor não está lá.”

— Ainda do Barão: “O homem é um animal incompleto”. Isso mesmo. Incompleto e infeliz. Infeliz e mau. Vive em luta com os seus semelhantes; suplicia-os e transmite esse costume aos animaes que domestica. Mata, caçando por divertimento. Não progride sem a emulação, que é uma modalidade da inveja... O bem de um só se bazeia no mal de outro.

“Animal incompleto”? Sim. Tem sempre uma parte do organismo em flagrante podridão. De morticínios, principalmente, se compõe a cronica de sua especie. Cada descoberta que faz leva o sofrimento aos individuos que viviam á custa do anterior regimen. “Apontam-me como o homem mais feliz do seculo, sou-o talvez, confabulava Bismarck, e no entanto olho para o passado e nelle não vejo vinte e quatro horas completamente felizes”.

Animal incompleto: definição mais concreta, e tambem mais explicativa, que a de Socrates: o homem é um doente cuja molestia se agrava todos os dias. Melhor que outras definições citadissimas? Sim, sim. Basta lembrá-las. Platão: o homem é um bipede im-

plume. Moizés: um sopro da divindade. Pascal: um canhão que pensa. Bufon: o rei da criação. Darwin: o homem é um macaco aperfeiçoado. Herzen: uma coincidência da organização com a dinamica.

— Animal infeliz. Deve, por isso, desesperar do destino, dezengastar ideias, esmorecer, dezanimar? Não. Nunca. Nem da inferioridade organica, nem mesmo do determinismo despotico, vem para o homem a supressão da mais util das suas faculdades, daquella que constitue a sua mais forte e proveitosa razão da existencia: a vontade.

Tenho o livre arbitrio. Delibero. Escolho. Faço porque quero; escolho o que faço: é o bastante para alento da vida na luta da vida. Quero e não quero: acção e abstenção: que superioridade! Que primazia no perene vae-vem dos acontecimentos! Quem souber medir o alcance da abstenção anulará, com o justo orgulho da responsabilidade, as sugestões do dezanimo, quaesquer e quantas sejam ellas. Só o direito, por exemplo, só o invejavel direito de não ler os discursos do Congresso Paulista não será um incentivo ao prolongamento da vida?

MAIO, 24.

— Terra da patria. Salve! Champagne. Brindes. Regozijo. Descreve o paquete um semi-circulo; passam-lhe á direita Olinda e as ruinas, cruelmente desrespeitadas, do forte do Picão. Desvenda-me o binoculo, lá ao longe, o sul do Recife e os montes Guararapes. Co-

neço. Conheço-os. Foi ali, ha dois seculos e meio, a puberdade nacional.

Tão jovem e tão doente ! E' pena. Prometia tanto ! Nasceu na aurora do seculo XVI; amadrinhado pela Revolução Franceza, cazou com a Liberdade em pleno seculo XIX. Honestamente viveu quatorze lustros. Infiel, depois, á espoza, amaziou-se ha trinta annos com a Sacristia e a Tarimbá. Adoeceu de desfalques na dignidade.

Pobre Brazil !

Doente, doente. Sifilis no norte, morfêa no sul, anemia na carteira, viltança na opinião, abatimento generalizado.

Alguns enfermeiros lhe estão a furtar as drogas.

Era assim, lá nos antipodas, quando a Corêa estrebuchava. Não a poude salvar a terapeutica internacional.

Pobre Brazil !

COIZAS DE ESPANHA

(1915)

(Do meu diario).

CHEGANDO. — OUTUBRO, 9 E 10.

— Dez horas da noite. Pára o trem. Acaba Portugal; começam as Espanhas.

Ideal a aduana da fronteira! Cuidadozamente retiradas as bagagens para uma sala em penumbra, cada passageiro fica naturalmente ao lado das que lhe pertencem. Tezo, fardadissimo, olhadura energica, ordena o funcionario chefe que o serviço comece. Cada subalerno traça com a destra, a giz, um risco azulado nas malas mais proximas, e com a sinistra recebe uma pezeta. Ninguem fala. Ninguem reclama. Decorrem nove minutos. Carregadores recolocam as bagagens nos respectivos carros. Ouve-se um apito: é o signal de partida. Segue o trem.

— Madrugada. Delicado, um empregadinho comunica aos passageiros de primeira classe estarem elles em Atocha. E, durante centenas de metros, o comboio vae e vem, vem e vae, tornando depois a ir e vir para ir e vir outra vez.

Mas Atocha? Não me é estranho este nome, nem ao numero das tolices humanas. Falha-me a data precisa; tenho, porém, certeza de que, não muito longe da Renascença, houve a seita dos atochinistas, gente cuja occupação era acreditar na egualdade de todos os pecados. Gente de cerebração uniforme.

Essa mania da uniformidade, caminho curto para a sandiocracia, diverge da natureza que nunca se repete, e estraga o individuo porque o paraliza. Dahi, talvez, o tal qual absentismo de Atocha na marcha da civilização e dos trens. Atocha parou.

Eu sigo para Madrid.

INSTALLADO, ETC.

— Luxuozo e afavel, é o Palace Hotel um curso pratico de rapina. Recado pelo telefone include duas gorgetas: a quem o leva e a quem traz a resposta. Lavar as mãos no refeitório é proporcionar trez gorgetas: á mocinha que fiscaliza o lavatorio, á velhinha que aparece trazendo o chapéu, e ao criado que restitue a bengala. Beber á meza um calice de vinho significa pagamento, no dia seguinte, duma garrafa inteira.

Mas é tudo aqui tão delicado! Tão boa vontade! Não ha hezitações na entrega dos trocos. A campainha electrica, o ascensor, a lavadeira e a famulagem não desconhecem o carinho e a cortezia. Tudo tem, no Palace Hotel, exatidão e prontidão; tudo menos caras bonitas: que ninguem as uza aqui, parece.

Estou, porém, bem instalado, bem alimentado, bem explorado. E' o que me basta.

?

— Que faço em Espanha ? Atravesso-a. Meu rumo é a França. Espanha me apenas descaminha para evitar torpedeamentos na Biscaia.

Quero ver, quero entender a Grande Guerra. Hei de estudar a maior carnificina que o cristianismo estabeleceu no ocidente euraziano. Campo vasto para cogitações! Retive de Aristoteles: a memoria applica-se ao passado, a sensação ao presente, a conjetura ao futuro.

Porque não esperar que as sementes sociologicas, ora atiradas ao fundo sulco da Historia, nos tragam, a pospelo das falencias governamentaes, o rechasso do otomano para o alto oriente, a reindependencia do Egipto, a nacionalização da Irlanda, a restituição de Gibraltar? Porque imprever os corolarios da aviação suprimindo distancias e valorizando terrenos? E a utilidade do submarino desprezando tempestades e diminuindo naufragios? Porque não sonhar, na paz definitiva, o de crescimento das oligarquias ladras e o crescimento da autonomia individual?

E que conjeturar do Brazil no problema politico ora em jogo violento? E de S. Paulo?

S. Paulo é um eito: digo-o repetindo exordio de recente discurso agitador. Em S. Paulo o governo não tem lei e o povo não tem autonomia.

Seu passado está esquecido, seu presente está podre, seu futuro está comerciado. Esgravatam-no missões estrangeiras. A administração compra a imprensa, aluga juizes e vende nomeações. No estado hodierno da moralidade universal, S. Paulo é um escandalo permanente.

S. Paulo não conhece legitimidade eleitoral. Não conhece verdade orçamentaria. Não conhece prestação de contas. Ali a mentira não deprime. Enriquecer nos cofres publicos é cazo habitual. Tramoia praticada é tramoia liquidada. Programa ? A irresponsabilidade. Norma ? A abolição do escrupulo. Um exemplo entre mil: acuzado de assaltos possessorios de terras devolutas, volumoso deputado federal, tremulo e comovido, foi á tribuna e produziu como defeza a alegação de que fôra “republicano dos gloriozos tempos da propaganda” !

Para que recordar coizas tristes ? S. Paulo é um eito... Fiquemos em Espanha onde, só por exceção, os politicos legam aos filhos a sobrançeria da improbidade vencedora.

MADRID.

— Domingo. Tarde linda. Nem sol, nem chuva. Nem calor, nem frio. Movimento, muito movimento, principalmente nas cercanias da Puerta del Sol, para onde convergem todas as ruas, largas e limpas, que succederam ás da *Mantua Carpentorum* da antiquissima dominação romana.

— Num grupo de automoveis: peço cocheiro perito e mentirozo. O preferido justifica a escolha: trez horas de carreira sem uma tentativa de catastrophe ! Fala-me de Maura e Romanones como de companheiros de quarto. Quando lhe pergunto por Donozo Córtes, falecido no anno em que nasci, responde-me com indiferença : — Não o vejo ha nove mezes.

Adoravel automedonte! Ordeno-lhe pressa e estatuas. Obedece-me.

PERFEITO!

— Está em crize o ministerio espanhol: dêsse telegrama, que eu e o publico lemos em todos os jornaes sete vezes por semana, apreciei hoje uma parodia artistica. Está em crize a estatua do marechal Martinez de Campos, o mais moderno e espanhol dos monumentos espanhóes modernos.

Martinez é a politica espanhola desde 1874. Elle é, ainda, o arremedo da Espanha de nossos dias. Estudou-lhe a vida o acreditado genio de Beulliure, trasladando-a para a praça publica num primor de similitude.

Grande, mesmo no bronze, o militar, morto, continúa a mexer-se para todos os lados; dois passos do observador lhe mudam completamente acção e feições. Mas é isso mesmo. Foi assim o militarista politico. Sua estatua é um flagrante de crize.

O cavallo, esse, incompreensivel de pescoço, com a cauda rachada, com uma das pernas denunciando caimbras, reclama a presença urgente do veterinario. Notavel quadrupede! Fortissimo. Enfermo sob o pezo do irrequieto soldado, pinoteia a valer! Não o sofrem, e é capaz de, no disparo, invadir a posteridade e adjacencias, onde o esperam Pegazo, Bucefalo, Incitatus, Pazacas e outros cujas patas

se vão da lei da morte libertando.

Referem-se a morticínios de Cuba algumas frases que ilustram o pedestal. Perfeito! Perfeitos: o cavalo, o heróe e o artista.

Coizas de Espanha...

MAIS COIZAS.

Ruinzinha a estatua de Calderon; regular a de Cervantes, minha conhecida de reproduções; contra os mexericos partidarios, tranquila e sobria a de Emilio Castelar; mais que aceitavel a de Camões, obediente a retrato que ignoro.

Do monumento a Campoamor vem a suspeita de que a obra de arte esteja acima da quazi mediocridade do motivo.

Pouco me demorei no famoso Retiro, que os madri- lenos fingem preferir ao Bosque de Bolonha. A historica Praça de Alcalá, encontrei-a e deixei-a no mesmo lugar em que a deixaram e encontraram, em 1868, Topete e Salmeron, quando dali enviaram á caridoza e bandalhis- sima Izabel II o mandado de despejo.

Queixo-me do cair da noite por me haver privado de bem reparar na celebrada estatua de Velasquez; devo-lhe, porém, e muito agradeço, obsequioza compensa- ção: dispensou-me de observar o monumento ao insalu- bre Affonso XII. Apenas o reparei inacabado. Cumpre conservá-lo assim.

Travei inutil conhecimento com as paredes exces- sivas do Banco Espanhol e do Palacio Real. Não achei o rio Manzanares; dizem que morreu de sede.

E foi assim que, aos 10 de Outubro de 1915, eu e Madrid começámos as nossas relações.

ACADEMIA DE BELAS-ARTES. — OUTUBRO, 11.

— Vasta construção; escadaria de marmore: salas espaçozas. Ha muito que ver; ver e pensar, que para ambos os verbos não faltam incentivos de regular conjugação. Entra-se em arte desde a entrada.

Pára-se á porta deante de Affonso o Sabio: gesto de quem raciocina, maneira de quem estuda. Ainda á porta: scena humana, interessante, mas simplesmente humana: Nestor defendido pelo filho; atletico, Antiloco lembra o David de Miguel Angelo; o pae, a personificação da prudencia nas rapsodias helenicas; afastado o medo, guarda no olhar um mixto mediatorio de confiança e de receio.

— Subi. Na Descida da Cruz, de Valduino, Cristo não desceria se fosse consultado. Bem elle sabia que o esperavam em baixo más companhias; a de Nicodemo, a menos intoleravel, tem a fizionomia constrangida de quem vae á policia depôr debaixo de vara. Perto, porém, nas Dos Niñas, Tantardi, o napolitano, alcança despacho favoravel quando requer admiração pela placidez, pela simplicidade equal á do flamengo Mieris, pela innocencia com que tornou inesquecivel sua criação e seu nome. Fica-se defronte dessa téla com vontade de... ficar.

Favoravelmente prevenido, busquei essa equilibração de belo e horrível na qual Vera, mais uma vez, se distancia da vulgaridade. Aterrorizam na Numancia, assombram, o espanto dos legionarios e a numantina bebendo o veneno; compunge o desespero rezignado dos vencidos. Superiores, porém, lhes são, para quem como eu dezaprecia angustias: o Pae, de Vicente Lopez, attitude irrepreensivel de velho, harmoniozo de idéa e de rugas.

Os Poetas, de Antonio Esquivel, quadro que me revelou o dezejado perfil de Hartzzenbuch, e que me fez desconfiar ser Espronceda um Zorila com o queixo raspado.

— Na *Morte de Seneca* mudou Manoel Dominguez para a barriga o seio do filozofa; caprichou, porém, nas demais figuras, especialmente na do escravo amigo cuja zangada tristeza constitue uma intenção original; na *Morte de S. Lourenço*, Vera, por indescupavel esquecimento, curou as queimaduras desse honrado tezoureiro que, por não entregar ao tirano o dinheiro dos pobres, morreu frito, e nesse estado, ha já dezoito seculos, atende aos chamados da Historia e da Legenda.

— Brazileiramente tratado, concede-me o porteiro minutos além da hora regimental do fechamento. Emprego-os elogiando a Hebe. Canova é sempre Canova: faz o que quer do marmore: fa-lo transparente, esgrovinha-o, apaixona-o. Incluiu-o a Academia na arte moderna do seculo XVIII. Hum! Uma confuzão a discutir.

— Recolho-me fatigado. Pensei demais. Em frente ao Palace Hotel passa um enterro pobre. Acompanhamento de sete pessoas, chorozas todas. Nem um chapéu corteja o minguido prestito. Aquelle anonimo teve na morte a continuação da vida. O mesmo em toda parte ! Sempre nova a velha canção espanhola :

Quem não tem bens da fortuna
Melhor fôra não nascer,
Pois que lhe falta a coluna
Em que se firma o poder.

— Anoitece. Duvidoza, inferior á do Rio de Janeiro, a iluminação de Madrid. Abundante a agua, bem canalizada, bem distribuida, porém, não igual á de Santos. Um banho, aqui, não é procedimento dezuzado.

OUTUBRO, 12.

— Acorda-se tarde. Almoça-se tarde. Tarde se janta. Aqui tudo tarda. Não me servia esta cidade para viver; para morrer, sim.

— Manhã bonita. Sol brilhante. Céu azul.

No atapetado salão de leitura entretenho-me com os jornaes do dia, uma chicara de café razoavel, um almirante reformado (dono de boas letras e dum titulo nobiliarquico) e um jornalista, genero fluminense : merito franzino, algumas subvenções e poucos leitores.

Alastra a conversação. Mais costumando ouvir que falar, ponho perguntas complexas na atenção desse par de espanhóes, e na minha lhes recebo a dupla verbosidade. Rezultado : Fico sabedor das cauzas pelas quaes

está em crise o ministerio espanhol. Mas sabedor inteirado, e não á fula-fulá, como me deixára a estatua de Martinez de Campos.

ALTA POLITICA.

Brigam, nas terras de Sancho Pansa, trez partidos conservadores e dois partidos liberaes, somando inevitadamente cinco partidos, adversarios todos elles de el-rei Affonso XIII. Discutem, nestas paragens, dois partidos socialistas, indifferentes a fórmulas de governo, servente um do nülismo slavo por intermedio de agitadores, de Barcelona, arregimentado eleitoralmente e outro nos maiores centros de população. Existem ainda, em exercicio de actividade febril, um partido militar e outro clerical, fanaticos ambos pelo rei, que é pacifista e livre pensador.

Tem cada partido sua imprensa, seus clubes, seu directorio na capital, seu eleitorado vacilante, e temporariamente seu chefe, cujo projeto semestral é organizar um ministerio de concentração, onde entrem todos os partidos e elle, organizador, seja o unico a mandar.

Cada partido só lê os jornaes do seu partido, mas em ortografia fonetica para não perder tempo. O rei, porém, quando não tem a mão jornaes francezes, lê todos os de Madrid, inclusive *El Motin*, meu velho amigo.

Eis porque, sendo cada espanhol uma crise ambulante, está em crise o ministerio espanhol.

NO MUSEU DO PRADO.

— Hei de voltar: é o que pensa e diz quem sáe do Muzeu do Prado. Cem vezes que dali a gente saia, tantas dirá: hei de voltar.

Quatro horas de vizita. Conto-as entre as mais felizes de minha vida. Horas intelectualmente decorridas em salas atonetadas de arte. Dellas nem um minuto perdido. Capitalizei impressões. Passo-as para o meu diario ao acazo das reminiscencias.

— Num mesmo instante, no relance dum mesmo olhar, vi, querendo e não podendo cotejar pormenores, a *Gloria*, de Ticiano, e o *Peccado Original*, de Rubens, plagiadamente melhorado este sob lição daquella.

Aproveitando proximidade de télas, considerei a fixidez de Corregio nesse "*Noli me tangere*", cujo colorido inebria pela suavidade; fixidez que a critica artistica anda a preferir á do proprio Ticiano: aquelles dois rostos desconhecidos (322 e 378) mais se demoram no nosso aplauzo do que os indicadissimos retratos de Carlos V e Felipe II, a despeito da veracidade com que o mestre reproduziu a boca irregular do primeiro e o olhar negramente antipatico do seu successor.

Ticiano ainda, embora Ticiano macrobio: no Sebastianio Veniero deve-lhe o doge almirante a eternização da corajoza serenidade com que agira nas prolongadas peripecias de Lepanto e nas suas intrigadas consequencias.

PATRIA E PEDANTISMO.

— Instigado pela curiosidade de estudante escriptor, mas iludido pelo *Guide de Madrid*, livreco que immediatamente removi para uma italiana que me estava esquelhando, procurei sob o numero 694 o Desembarque de D. Fradique de Toledo em S. Salvador, de F. Castello (?); encontrei, após pesquizas, sob o n.º 885, o Desembarque em S. Salvador, de Mayno (?), tela enorme, leal ao facto, boa, especialmente no primeiro plano, denotando probabilidades de haver o artista vizitado a Bahia do XVII seculo.

Quando ao certo ? O marquez de Valduença, D. Fradique de Toledo Osorio, o capitão de maior fama que naquelle tempo tinha a nação castelhana (escreveu o pompozo Rocha Pitta noventa e nove annos mais tarde) desembarcou em 1.º de Maio de 1625, tendo chegado em 28 de Março com sessenta e seis naus, doze mil homens e mil e quinhentas peças, cada uma das quaes tinha mais valor do que todas as datas e todos os numeros que me enxertam de inutilidade o tempo e a cabeça.

— Intentando tapar uma das portas da entrada, o busto do gordo Goia dali está ordenando que o adorem. Dezobedeço. Sou pouco propenso a submissões :

*Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,*

e por isso, não só tomo a liberdade de implicar com a Sacra Familia, que o menino Jezus é o primeiro a of-

fender num exercicio de fiziologia, mas, dispondo dum saldo de birras, distendo-as a uma tela, proxima, que permitiu a Van-Weider attribuir a Eva o uzo e o abuzo de pernas finas.

— Velasquez... Mas este é maravilhozo! As sete figuras embriagadas dos *Borrachos* (seis: aliás uma está quazi toda escondida), diferentes todas, e todas uniformes no alcoolismo, perdoam a Noé todo o mal que sua invenção fez á humanidade em geral e aos inglezes em particular. Pintando os *Borrachos* escuritou Velasquez o saldo de contas entre a uva e o homem.

ATRAPALHADO.

— Pergunta-me, vizitante companheiro, se na fidelidade ás minucias, se na reprodução dos accessorios, foi Velasquez superior a Rembrant, ou distanciado de Van - Dick. Que sei para responder? Apenas sei ver.

Vejo que na *Rainha Artemiza*, no braço da imaginada heroína, a renda da roupa chega a perturbar a vista. Vejo que a Condessa de Oxford está convidando a que lhe contemos os fios de cabelo. Um pouco adeante, no *Muzico*, já estou vendo em Van-Dick um outro artista. Tem outro feitio. Varia sem descer. Vejo-o sonhador, ideologo quazi. Não insiste nas mesmas côres. Não se repete de fórma, embora mude de tema.

O proprio Rubens, com a fecundidade de sua imaginação, continuou na Anna D'Austria as mãos de Ma-

ria de Médicis, e deu a ambas as rainhas a mesma côr, a mesma roupa e a mesma testa.

— De Juan Juanes, e mais os seus seis quadros, vivacissimos, da Vida de S. Estevam, e de Petrus Cris-tus, autor daquellas singularissimas lendas incrustadas em madeira, a verdade é que jamais eu ouvira falar. Desculpavel: morei tanto tempo em Limeira!

— Ribera ? Recordava-lhe os quadros, de aluzões literarias lidas, não já sei onde, ha talvez meio seculo. Enxergava-os pela primeira vez; que nem em cartões postaes as lobrigara. Grandes e grandiozos em seu pre-dominio claro-escuro!

Colossal o *Prometeu* ! Mais imponente que bonita a *Sibilla*.

Ribera dá impressão de novidade, màs novidade dominadora, imperioza. Refiro-me ao artista, não ao arteiro, está visto.

E basta. Cansei. Retardatario, sento-me ao lado de cara que, varias vezes e em varias salas, eu notára sem preocupação.

Era um guia, disse-m'ó; guia competente, provou-m'ó apontando para o quadro n. 504.

Rapido, levanto-me. Escancaró o olhar.

ELLA ! ELLA !

Aquelles olhos estão rindo. Aquella boca é unica. Não póde ser uma copia aquelle mundo de sentimentos. A téla é evidentemente original.

Trez vezes repetiu Leonardo da Vinci o retrato da Gioconda; dos quatro exemplares um me está fitando.

Prodigio: Aproximo-me devagar, vou-me aproximando, olhar no olhar, pupila na pupila. Sinto uma comoção indefinível, apaixonada sem luxúria, desejada sem desejos.

O Museu do Prado... Hei-de voltar, hei-de voltar.

GOYA. — OUTUBRO 13

— Voltei. Num quarto de hora adquiri duas verdades: Goya é um genio e eu sou uma besta.

Na sala do Greco, quando vi o Cristo Crucificado, tive consciencia de minha atrevida inconsciencia artistica. Falta ao martir a ferida no peito? Mas, a mim, o que me falta é poder entender essa magia de côres, essa audacia nas composições, essa variedade de efeitos, procurados e encontrados pelo toureiro, pelo palaciano, namorador, hercules de feira, academico, artista, artista sobretudo, cuja extensão de talento se ilimitou em todas as provincias da pintura. Retratista, caricaturista, paizagista... mas que é que não era esse pincel universal cuja obra refletia as inumeras occupações de quem o manejava?

Nesta sala de Greco estão dois Murilos, um Velasquez, diversos Grecos, e Goya os sobrepuja! As belamente tristes paizagens onde Claudio Lorena tão ao natural adapta o pôr do sol aos epizodios biblicos: *Reza de Magdalena*, *Moizés salvo das aguas*, e de Colantes a

Visão de Ezequiel (666), mal interrompem a atração exercida pela indiscutível superioridade de Goya.

Reagi, porém. Mudei de sala. Pedi ao guarda licença, que me foi boquiabertamente recuzada, para escrever num busto desconhecido o nome de Lucio Vero. Contei triplicata de Antinous; afastei-me de Plátões possíveis e, mais, duma porção de Eurípides; vi um meio corpo do glotão Vitelio; vi, mais, Hercules em quantidade. Extaziei-me deante das Duas Bacantes (42 e 43). Apalpei fragmento duma Venus de Milo, reduzida, de dimensões inferiores ás que admirara no Louvre (95). Não houve, porém, teima viavel: voltei a Goya.

— No *Saturno devorando os filhos*, suprimissem a indicação do artista, e ninguem atribuiria o Cronos ao autor dessas Bruchas que me avivavam na memoria os imaginosos nonissilabos de Bernardo Guimarães que o Brazil todo repete.

Na *Sopa de Velhos*, nos magistralmente ironicos dezenhos á pena, no *Menino apagando a vela* com um *strepitum ventris*, no gaiatissimo *Burro que fala*: quanta fantazia inesperada, quanto desdem bondozo, quanto equilibrio do sarcasmo com a censura, do conselho com a critica!

E quanto coração no *Cego tocando guitarra*! Quanta alma na *Cabra Cega*, e quanto estudo nos estudos para os tapetes que o Escurial encomendára!

Onde, porém, Goya, superior ao proprio Goya, se patenteou inexcedivel de sensibilidade, inexcedivel de arte, de clemencia, de previzão sociologica até: foi nessa pequena téla o *Operario ferido*.

Aquelles trez proletarios, dum a compaixão, doutro a dôr, e do mais forte a dedicação ao padecente: enxerguei-os, e quazi chorei de raiva!

PORQUE ?

— Fôra em Santos, pouco tempo antes. Não havendo concorrido para a anemia do erario nacional, e com a alimentação encarecida pelo depreciado papel-moeda, deliberaram muitos operarios pedir aumento de ordenados; e para isso promoveram reuniões e declarações. Durava já uma semana a regularização desse desejo, quando interveio a policia.

Começou a pancadaria. Grimpou a ferocidade. A ordem cedeu passo á provocação e ao refle. Por inconstitucional foi arrecadada a mobilia das associações operarias. Inflexiveis na crueldade, diminuíram os carcereiros a alimentação dos presos.

Funcionavam na comarca dois juizes de direito. Lendo parte de requerimento de habeas-corpus, que redigi e entreguei, immediatamente um delles despachou, marcando para quarenta e oito horas mais tarde a respectiva diligencia; identico requerimento me foi, sem despacho, restituído pelo outro magistrado. Estavam ambos com os vencimentos em dia. Religiozos ambos.

Desci, calmo como sempre, as escadas do Forum. Na rua, estendida numa calçada, gemendo, com salpicos de sangue no vestido, sorrindo-lhe ao lado um anspeçada que a espancára, chorava uma mulher grávida. Ao marido, carroceiro, enfermo, prezo, tentára levar medicamentos.

.

O artista, quando completo, pensa e faz pensar.

No *Operario Jerido*. Goya pensou a aflicção, a fadiga, a melancolia, o infortunio. Repare-se, porém, no quadro; repare-se bastante, e o *Operario Jerido* irrita. Irrita e faz pensar no dia de amanhã.

GLOZINHAS.

Nas cadeiras do Teatro Romeu, diversamente do regulamentado na antiga platéa ateniense, podem abancar-se quantas mulheres pagarem entrada, e delle sahir quantas quizerem. Castanholas e cançonetas, boleros e trocadilhos, requebrados com ou sem intuitos perversos: tudo até onze horas da noite, limitadamente.

Depois : chocolate.

— Abolorecem na rua Alcalá antiguidades autenticas e vendedores do mesmo quilate. Preços gabarolas, em começo; benignos, porém, se argumentados com brandura.

— No mercado. Não é uzo visitá-lo. Peixe e frutas em comum. Infinitas as vagens e as cebolas. Poucas flores. Serviço de bananas feito pelas ilhas Carolinas. Por fazer, do meio dia ás doze horas do dia seguinte, o serviço das vassouras.

— Caros os livros. Bem acondicionadas as livrarias. Polidos, sizudos, parecendo bem encadernados, caixeiros e gerentes. Os livreiros madrilenos, em regra, ignoram os^s autores sul americanos do seculo XIX. Estanislau del Campo, Sarmiento, Perez Bonaldo, Jorge Isaac, Lastarria, Alemparte, ainda não rezidem na sua instrução.

E' inutil procurar nas farmacias pilulas de Reuter. Verificado o fracasso de Cavite, diminuiram os espanhoes o consumo de productos norte-americanos. O patriotismo, na Iberia, alcançou os laxativos.

— Elogiavel, sem ser admiravel em sua installação, a sucursal do Credit Lyonnais. Accôrdo da ordem com a actividade. Porque, em São Paulo, não adotam os Bancos o sistema, aqui praticado, de a porta da sahida não ser a da entrada ?

— Questionando passa-porte, fui á legação e ao consulado do Brazil. Apenas um funcionario. E. de Lima Barros, baixo e magro, que me encaminhou para o retratista, permanecia no seu posto; altos e gordos, possivelmente, os auzentes. Gastei uma hora (e nove pezetas) para obter meu retrato. Certo, com o original se gastou menos tempo.

— Cresce a afabilidade do Palace Hotel. Reparando que eu costumo deitar agua no vinho, o criado já me trouxe, hoje, ao almoço, o Bordeaux com alguma agua. Adivinha-me !

NA BIBLIOTECA PUBLICA.

— De verdade quatrocentos e alguns mil volumes, porém seiscentos mil de catalogo (contara-se isso em Portugal), tem esta Biblioteca. Tem, dou testemunho, estantes de ferro numa interminavel serie de andares, limpeza nos compartimentos, documentação historica das melhores, opulencia em manuscritos.

Silencio relativo. Na sala central de consultas setenta a oitenta pessoas são pouco a pouco atendidas.

Nas outras, nas de especialidades, os empregados não podem ser maus pela simples razão de não existirem. Um que o diretor, quinquagenario bonacheirão, declarou ficar ás minhas ordens, estava provavelmente com uma dor qualquer: retirou-se correndo, e só me reapareceu, alegre, por ocasião da despedida.

.

O Manual de Navegação do Rio da Prata (Bouccarant. 1858) se o quiz, tive de, eu mesmo, descê-lo da prateleira duas vezes mais alta que minha cabeça. Outro Manual, o Hespanhol de Antiguidades, que contém fotografias do mais que celebre Crucifixo de Marfim, de Fernando Magno (1057 ?) esse, obtive-o sem arredar pé porque o acazo m'o puzera ao alcance da mão.

— Por falta relativa de quem a procurasse, não apareceu a chave para a fechadura que “guardava a primeira edição do D. Quixote”. Pois sim! Em 1605 apareceram quazi simultaneamente trez edições do primeiro volume do D. Quixote: em Madrid, Lisbôa e Valença. Qual dellas estaria ali debaixo de chave? Para, todavia, não perder a oportunidade de ser incomodo, requizitei, baldadamente já o sabia, documentos de 1631 concernentes á vinda ao Brazil, durante a luta holandeza, de Juan Vicente Sam Felice, conde de Bagnuolo.

— Carrancudo, mudei-me para a seção dos manuscritos. Agarrei-me aos autografos.

Simpatica, deenhada quazi, a letra de Metastazio. Grande, delgada, não muito calcada no papel, a

caligrafia de D. João d'Austria. Ponteaguda, alvoroçada, a do Aretino. Quevedo, Bufon e Lope da Vega me foram intraduzíveis de carater pela letra. Balofa, inchada, porém corredia a escrita de Gongora.

Da leitura de tantos autografos nem um assunto interessante me veio. Maçada! Cartas insignificadas, em sua maioria.

EL ESCORIAL. — OUTUBRO, 15.

— Velha, feia (ha velhas bonitas?), a Estação do Norte. Vagão forrado de brim pardo. Mutismo dos empregados. Tudo e todos tranquilos.

Este trem não parte?! Obeza, espaçosa, pançuda, adhire-me ás circunvizinhanças uma morena dezenxabida; prima irmã de baleia? Mais um motivo para retardamento da viagem, esse volume feminino!

As emprezas de viação desconhecem a justiça nos preços. Se mercadoria mais pezada paga maior frete, porque um passageiro magro ha de pagar tanto como um passageiro gordo?

— Partida. Afinal! Instruem-me: trez horas de ida e volta; oitenta kilometros; trez paradas.

Em Pozenda, pouco pouzámos, os viajantes. Em Rozas, não as encontrei, porém figos secos. Em Las Matas, o descampado é pertinaz. Atravessa-se um tunel, porém: certeza de montanhas.

Ei-las. Formam um circulo cujo centro, parece, demandámos. Parada: El Escorial. Impressão externa de brutalidade. Sente-se o pezo das edificações.

A Espanha pezou sobre o mundo; o Escorial peza sobre a Espanha; a memoria de Felipe II peza sobre o Escorial.

ERUDIÇÃO BARATA.

— Os relevos pompeianos, os bem imitados gobelinos, os quadros dos mestres, tudo, em suma, que devia ser instrutivo e aprazível nesta grelha de granito (é-lhe a fôrma: homenagem ao dia 10 de Agosto e competente santo), com quinze portas, mil cento e dez janelas e que trez arquitetos sucessivos subordinaram, durante vinte e dois anos de construção, á hipocondria da ordem dorica; tudo se acha amortecido e sombreado pela figura sinistra do “Demonio do Meiodia”.

Sete mil quatrocentas e vinte e duas são as reliquias de santos bem conservadas e mostradas... Ora! Não vim biografar o Escorial. Trouxe-me a facil intenção de apenas ligar o nome á pessoa. O meu diario é meu, meu só. Escrevo unicamente para mim, para a minha leitura, para as minhas saudades. Com o publico já liquidei, ha muito tempo, a minha conta corrente de pouco cazo. Com o Escorial nunca tive transações.

DENTRO.

Sentei-me na cadeira que, pela ultima vez, carregou o exorbitante patife para o exorbitante Mosteiro. Vi-lhe o leito donde, politicando com o céu nos estertores da agonia, olhar semividrado buscando a capelinha no quarto proximo, esse quazi parricida acompanhava os meneios do padre nas facecias da missa.

Examinei-lhe a livraria particular, exigua de poucas dezenas de volumes; abri-lhe a primeira edição de Vitruvio (1497, Veneza) e outra, rarissima e comentada de Lucrecio, o Deus dos Ateus. Fui ao côro; recostei-me na poltrona da qual partiu, ao receber o "Demonio" a noticia da vitoria de Lepanto, ordem immediata para a mais bulhenta de quantas festas Cristo mereceu e Mahomet padeceu.

Reapareciam-me cazos historicos; bailavam-me incidentes; vultos e factos me abarrotavam a atenção. As surpresas ora a entristeciam, ora a deslumbravam.

ADEANTE, ADEANTE.

— Engasguei-me, bebendo agua em torneira do XVI seculo. A' portaria verifiquei a raridade acustica (intenção do arquiteto ou acaso?) que comunica, inteirinhos, todos os cochichos vindos de qualquer angulo do compartimento.

— Valente quando não ha perigo, estive minutos debaixo da abobada que, recalcitrante ás reaes ordens, não caiu embora pareça que vae cair.

— Intimado pela asma, dezisti de chegar á cupola da grande mole, cá me deixando por baixo a admirar lampadas mais altas do que eu! Nunca dellas soletrei nomes de autor e data: 1571, João (esqueci o segundo nome) de Antuerpia. Não devia ser muito luminosa a moral desse fabricante de candieiros: insistiu elle em assinalar-se flamengo e prestava-se ao serviço do perseguidor de sua terra. Arranjador da vida.

— Examinei, não se me permitindo a elles subir, os dois carissimos pulpitos, alabastro, jaspe e agata, mimo de Fernando VII á sacra eloquencia espanhola, que nem por isso ficou menos fastidiosa.

— Encurtou-me o entusiasmo o muito comprimento da cara do Cristo na forçada combinação do negro e do branco, que aliás é obrigatorio enaltecer porque, em assuntos de arte, quando se trata de Benevenuto Celini, a bandeira cobre a carga.

AINDA? AINDA.

— Abri um dos duzentos e dezenove livros Cantorales del Côro, pezado de quarenta e seis kilos, caminhando sobre rodas, e transportado diariamente para colaborar nalguma das trinta missas que o Escorial, diariamente tambem, não dispensa.

— Encosto-me a uma janelinha. Sobe-me um zumzum. Olho. Grupos de frades agostinhos, acenantes todos, passeando entre canteiros de verduras muito bem alinhadas, e cada um desses reverendos com o seu livrinho aberto, debatem graves questões theologicas: a unidade da trindade, o ministerio da graça, a virgindade das viúvas, etc.

Infelizes retardatarios! Direitos do homem, expansões da liberdade, bussola, imprensa, heliocentrismo: quantas revelações ignoradas, por esses premedievaes! Parou-lhes o mundo em Tertuliano e Lactancio. Falam metafizica dias e dias! Dias: que ás noites tratam do povoamento do solo.

Bem os conheço.

— Da Anunciação, de Velasquez, e da Burra de Balaão onde, como sempre, Jordaens e o brilho do colorido não se dezentendem, passei a um magnifico almoço, para o qual lealmente contribui com o tempero da fome.

Ter fome e ter o que comer: deveria ser assim o Paraizo.

NO PANTEON.

— Prata. Marmore. Ouro. Abundancia de riqueza em torno aos mauzoleus. E'cos multimilenarios da civilização do Nilo: intuitos de eternização.

Como os Faraós, a tribu e Joana — a louca imaginava que a Natureza lhe abriria exceção ao *post mortem omnia finiuntur, etiam ipsa*: depois da morte tudo acaba: a propria morte acaba.

Antiteze surge-me, não sei donde, á ilharga um joven cazal. Tinha o marido o terço de minha idade; o terço da de minha mulher teria aproximadamente a bonitinha aragoneza com quem recém-cazára. Com tanta vida deante de tanta morte, acompanhava o parzinho, nuns gestos de sincero e indelicado espanto, a tradução que eu ia fazendo dos epitafios latinos.

— Obra prima, o que de mais monumental e opulento hei visto em assuntos funerarios, é a moradia dos ossos do ex-D. João d'Austria. Encima-a o busto do eximio bastardo. Fortes e delicadas ao mesmo tempo, as feições lembram as do conde de Sarzedas (Antonio Luiz Tavora: 6.º governador de S. Paulo: tomou posse em 1732), possivelmente seu consanguineo longinquo.

REPARANDO.

— De minha preciosa existencia tirei um quarto de quarto de hora, e dei-o de presente ao “Cabeça de ferro”. Senti-me perante quem foi grande. Assenhorearam-se-me das faculdades o respeito, o entusiasmo, a veneração: eu estava perto de Emanuel Filiberto. Eu meditava cogitando a proposito duma das mais eminentes, duma das mais equilibradas organizações da mentalidade, duma das glorias mais legitimadas do passado humano.

O “Argos” (assim tambem o apelidavam porque tudo via, porque a tudo atendia o vencedor da batalha e do cerco de St. Quentin) aos vinte e cinco anos general em chefe do maior exercito, então, arregimentado na Europa, tatico superior, mais que sofrivel estrategista, “similhante ao leão nas proezas”, reza-lhe a inscrição memorativa, generoso na vitoria, cordato nas concessões ao adversario, teria, tomando Paris, mudado para melhor os destinos da politica occidental, se a inveja insidiosa de Felipe II, sobrestando-lhe a marcha, lhe não houvesse interrompido os louros em meio do triunfo!

Bem vividos cincoenta e dois annos! Ninguem os contou mais nobres. Na meninice, a escola da desgraça e as agruras do exilio; na adolescencia, o esplendor da gloria e seu inevitavel cortejo de emulação e de perfidias; depois: o casamento com a beleza honesta, por amor em proveito da politica, a competencia ininterrupta no exercicio do dever, as revelações de estadista

na substituição do mercenario pela milicia nacional, no previdente acrescimo de liberdade aos suditos confiantes, no interesse explicito e eficaz pelo desenvolvimento da sciencia: mas foi, indiscutivelmente, um estupendo exemplar de primazia esse consolidador da Casa de Saboia, essa individualizada enciclopedia de aptidões que... os compendios e os programas de ensino no Brazil perfeitamente ignoram, e que, tenho cá minhas duvidas, se não está em Turim onde faleceu, está aqui no Escorial onde gratamente o celebram.

MALICIAS.

— Nos ominozos tempos da Monarquia em S. Paulo cada partido tinha como figuras de proa trez ou quatro titulares dinheirosos, convenientemente ignorantes, que bem se prestavam ás razoaveis chufas da brejeirice popular. A um delles, que gastára contos de réis na erecção de tumulo que mais parecia um reduto, perguntou o motejador conselheiro Rodrigo Silva :

— Sendo o amigo tão pequeno, para que quer uma sepultura tão grande ?

Imediatamente, solene, replicou o fidalgo :

— Saiba vossa excellencia, senhor conselheiro, que esse tumulo é para mim e para a minha familia se Deus nos dér vida e saúde.

O conselheiro embatucou.

— Um outro titular, democrata esse, teve inesperado accesso de titulo porque, assinando subscrição de caridade, se enganára nas cifras confundindo trinta com trezentos. Do equivoco rezultou diminuição no aparato tumular, que lhe foi quazi consecutivo.

— Hoje já não ha, em cidades paulistas, nem mesmo na metropole paulistana, quem, para encher sepultura, esvazie a carteira. . . E se se trata de politico governista que atingiu proporções de coronel, então as despesas de sepultura ficam definitivamente sepultadas nos arcanos da verba secreta. Falecer constitue, nesse caso, um serviço publico.

A inconsolavel e solvavel familia fica aliviada dos gastos funebres. Quando muito, terá de gratificar a publicação, no dia seguinte e no da missa do setimo dia, da lista aumentada e incorreta das pessoas que forem á egreja, e das que acompanharem o defunto nessa viagem para a qual ainda ninguem comprou bilhete de ida e volta.

Tolice humana, qual o teu tamanho?

— Sempre que vou a um enterro, ocorre-me junto ao cadaver este raciocinio precioso:

— Eu a me lembrar delle e elle completamente esquecido de mim!

COMPASSIVO.

— Pegada á ostentadora sala dos Reis, está toda de branco a dos infantes, pequeninos falecidos apesar dos reaes e imperiaes cuidados. Acertada côr!

Ali repouzam os bilhetes brancos da loteria das potestades humanas.

.

LIVROS.

— Conduzem-me á Biblioteca do Mosteiro. Mal tenho tempo de, no trajeto, olhar para o S. Lourenço,

firme lá na ponta do grande edificio; escapa-me, também, pela segunda vez, a fachada, a recomendadíssima fachada. Paciencia. Compensar-me-ei nos manuscritos.

— Até minha retirada para o nada, pretendo não esquecer o Apocalipse dado a Felipe II por D. Maria, rainha da Hungria; nem os dois inimitaveis exemplares de Virgilio e da Biblia que me foram explicadamente abertos; nem o Codice Aureo, velho do anno de 1039 de nossa éra, e muito menos as esquizitissimas encadernações arabes em fórma de carteira.

— Pauza. Respiro. Recomeço — Tenho em mãos a Cosmografia de Ptolomeu, edição dedicada ao momentaneo papa Alexandre V, por Jacobo Angelo, homem que tanto soube de mim quanto delle eu sei. Da Historia Natural de Plinio só manuzeio a capa em pergaminho; volta-se todo o meu interesse para a letra dezesperada com que a reverendissima historica Tereza de Jesus escreveu e subscreveu o Caminho da Perfeição.

— No tétto da sala, entre dezenas de retratos, segrego um. Dizem-me ser o de Jozé Siquensa, fizionomia perspicaz, frade, pae da idéa da pintura das outras caras, e primeiro diretor, que foi, nesta Biblioteca.

SURPREZA.

Donde veio? Ninguém sabe? Ninguém sabe. Ninguém sabe quem o ofereceu a Felipe II. Apenas

as sereias nos arcos, e a patria mais que provavel do seu autor, induzem a supôl-o de origem egipcia.

E' o Globo de Ptolomeu. Só esta surpresa me bastaria para recompensa da viagem ao Escorial. Quanta evocação me traz este Globo! Como custa o erro a dezar-ranchar da verdade! A despeito de Pitagoras e Aristarco, que tanto o precederam, Ptolomeu imperou doze seculos. Mas que é uma duzia de seculos nas contas da eternidade? Quazi nada. Nada. Tanto talvez quanto as duas vezes doze minutos de que ainda disponho para vizitar a Cacita del Principe e elogiar a mais que linda rua de castanheiros que a ella me conduz.

RIQUEZA E ORELHAS.

— Riquezas. Riquezas! Dezoito compartimentos mais que belos e nelles duzentas e vinte e cinco miniaturas em porcelana, trabalhadissimas!

Riquezas! Lampadas de bronze luzentemente bordadas a fogo.

Tétos encantadores, em estilo pompeano. Portas com incrustações em ouro. Relevos imitando pinturas; pinturas imitando relevos. Paredes de seda, bordadas á mão. Marlins com tal arte silhuetados que, ao primeiro encontro, atrapalham a vista.

Mas que é a Cacita? Porque del Principe? Porque e para que este palacinho encantado e encantador? Ignoramos estas coizas, eu e o espanhol que toma conta da Cacita del Principe.

Inexpugnável, inteiriça, murada, a estupidez desse empregado. Rígida sua vacuidade. Irrevogável sua ignorância.

Perguntei-lhe quanto ganhava; tentou nos dedos uma soma e não chegou a resultado. Havia quanto tempo se empregara? Que idade tinha? Ignorava, ignorava. Despedi-me perguntando-lhe o nome. Ignorava-o também. Que o perdera respondeu-me.

Ha anos a administração de Mato-Grosso comunicou ao ministerio da Guerra se haver perdido o nome duma fortaleza nos limites da Bolivia.

No sul do Brazil é apreciável a influencia da colonização espanhola.

1917 — junho 2 — Adeus, Bordeaux! Não disfarço o pezar da despedida.

Porque saudozo desde antes de partir, tanto me custa deixar a tua teimoza auzencia de esgotos, o teu automovel em porfiada luta contra os carros velhos e os cavalos magros que o derrotam na concurrencia itineraria, o teu telefone pronto a ser admitido como educando em qualquer instituto de surdos-mudos?

Por que, na tua maior estação ferro-viaria, ora repleta de feridos com a fisionomia condenada ao tédio pela indiferença e pelo cansaço, tanto me custa dizer-te adeus, Bordeaux estacionaria, Bordeaux-1874 ainda? Acredita que, comovido, me separo desse teu espantozo serviço telegrafico a lembrar

aquelle que em Atibaia, onde não nasci, trocou as palavras "Remeta 217 saccas de café" por estas "Morreu o bispo". Adeus, Bordeaux-caridade! Adeus, Bordeaux-coração! Ha quazi um seculo agazalhaste minha familia quando o conluio da cobardia invejoza com o contrabando apavorado, impotente na segunda tentativa de recolonização do Brazil, contratou com Joaquim Estanislau Barbosa a entrega dos Andradas á amenidade dos carcerezes portuguezes.

Adeus, adeus, Bordeaux!

JUNHO 3-4.

Trinta e quatro horas de trens e respectivas mudanças: fadiga completa muito garantida por comodidades incompletas. Não ha leitões, tendo a guerra irregularizado o serviço ferro-viario, especialmente o de paiz a paiz; é licito, porém, aos passageiros de ambos os sexos, ter e reter qualquer quantidade de sono.

Sem cama, sem travesseiro e sem insonia, é natural que cada passageiro prefira viajar só no vagão para poder toscanejar á vontade; por isso quem chega não só é mal encarado por quem já está dentro do carro, mas ainda se irrita porque já encontra muitos logares ocupados. Ora, obediente a deveres cosmograficos e outros, a noite se aproxima, e insensivelmente trata cada um de recostar-se o melhor possível. De manhã estão todos amigos, como se o fossem de velha data. Foi o que aconteceu ao meu casal; receberam-no de testa franzida Ricardo e a cunhada (mais ou menos Ricarda); ás onze e tanto do dia almo-

çámos os quatro na maior intimidade constituindo uma esplendida firma social de mastigação. Meu grupo forneceu previdente e paulista matolotagem; o do Ricardo a Companhia.

— A' proporção que me approximo da fronteira espanhola diminuem as exigencias da filcalização militar. Ninguem me examina bagagens; nem mesmo me perguntam se trago ouro ou prata. Muito bem! Fosse sempre assim, e o mundo se educaria nos meus ideaes.

... Uma patria só; um codigo penal com tolerantes alterações regulamentadas em peculiaridades regionaes; policia municipal assegurando a higiene e a ordem; judiciario rapido com os prazos determinando competencia; defeza dos predios por aparelhos electricos; voto secreto e obrigatorio para ambos os sexos; maioridade aos vinte anos, mas cazamentos permitidos á puberdade, limitada a disposição dos bens; imposto de capitação unico; caridade obrigatoria: sim, sim, ha de ser este conjunto de medidas o regimen dum amanhã mais proximo do que parece aos incompetentes, hoje donos do erario pelo soldado e donos do soldado pelo erario. E depois, a abolição inevitavel dos feridos em combate, dos funcionarios malcreados, dos ministros venaes, dos submarinos e até do papel-moeda!

— Eu a sonhar tanto progresso, e o trem a correr, a correr.

-97 Repetem-se povoações velhas com melhoramentos novos. Passam vertiginosamente plantações, plantações intensas, extensas, interminas. Quanta uva!

Trigo e pinheiraes, quantos! Fabricas dominando, com os seus edificios exorbitantes, povoações pequenas; ás portas, olhando o trem que foge, operariado rizonho e grande.

— Irun é um encanto. Lá demorei duas horas: tudo tão limpo, tão contente, tão hospitaleiro! A orografia, bellissima, está a convidar a gente a não se zangar, a achar boa a vida, a gostar de tudo, de todos, e tambem de todas. Numa cidadinha assim deve ser mau emprego o de carcereiro da cadeia; certo, não dará rendimento. Ora vá um mortal ser criminozo numa terra tão bonita, tão arborizada e tão asseada! Mostraram-me ao longe o cemiterio: pequeno, muito pequeno. Explicavel: Irun deve mais cuidar da vida do que da morte.

— Corre, vóa o comboio. Estou muito fóra de França. Ha em cada estação um soldado espanhol de luvas. Cada empregado que me enxerga tem direito a um pezeta, com a condição, porém, de me não abrir as malas.

Rapida, atravessa-me a vista S. Sebastião, a cidade jogadora e luxuoza predileta da familia reinante e, por isso, da decadente aristocracia de todas as espanhas; rodeiam-na aldeias com fabricas de papel e alcool varias; grupinhos de moças, belas porque espanholas, bellissimas porque não olhadas de perto, apparecem e desaparecem. Corre, corre o trem internando-se numa região verde, atravessando tuneis. Dum assento amplo, sem vizinhos então, arranjo que me obtiveça

o 24 (o melhor carregador numerado do norte da Iberia),
pude bem apreciar a transição.

Vae a machina trepando, trepando pireneus:
do verde-escuro das encostas surgem regulares vinhe-
dos, pinheiraes, trigaes. Lá, não muito longe, o cão,
a melhor conquista do homem depois da do cavalo,
governa e quazi administra uma porção de carneiros.
Sucedem-se “povitos”, com as cazinhas primitivas e
divizões de taipas á margem de estradas cuja varredura
póde ser invejada pelas proprias vicinaes de Pariz.

Parámos numa estaçãozinha. De eminencia dis-
tanciada igualmente, á direita e á esquerda dos picos
ainda semeados de neve, surge um predio quazi palacio,
e para lá se dirige carrinho encimado por individuo
carrancudo, barbeadissimo, chapéu duro, chicotinho
quieto; puxa-o um alazão robusto. E’ provavelmente
algum comerciante em meio de fortuna, felicissimo
porque se julga feliz, e que concede á localidade a honra
de ali passar parte da primavera. E’ tipo generalizado.
Conheço-lhe, no Brazil, algumas amostras, principal-
mente nos veranistas de Caldas e Caxambú.

Sempre subindo, subindo sempre. Sinto-me nó alto,
muito no alto. Começa a descida, que extazia mais do
que a ascensão.

Cachoeiras furam montanhas e, em torcicolos
inverozimeis, ziguezagueantes, dezafiam comparação
com o que de mais belo eu vi na natureza tropical.
Cumes atiram para o horizonte, pontas esfaceladas
de rochas, penhascos mutilados, blocos a ameaçar der-

roçadas, e tudo parece, em seu conjunto violento, um impetuoso espectáculo de ruínas!

Repetem-se as escarpas. Reproduzem-se os despenhadeiros. Cachoeira que nos alegrára o olhar, e que pensavamos muito afastada já, de novo se mostra ao lado dum pico, e é reconhecida a despeito da mudança de fórma determinada pela do nosso ponto de vista.

A' proporção que decresce a grande rampa, crescem de numero e de largura as estradas lateraes. Galopando, mulheres castigam burricos; puxados por bois vigorozos, arrastam-se carros muitos grandes gemendo esse chiado rinchador que a memoria do ouvido jámais esquece.

— Ultimos contrafortes. Um pouco de planicie, Noite. Mais planicie. Sono. Madrugada. Bom dia. Vigo!

— 5. — Firme no seu posto e no seu porto, Vigo me recebe, com indiferença é exato, mas sem o vento e a bruma de que tanto a caluniam.

Na sua qualidade de universal tem o Hotel Universal coizas de diversas qualidades: bom café, palitos brazileiros, comida regular, banho irregular e gerente que me responde, quando lhe pergunto de quem é a estatua ali perto á porta da aduana:

— Dum grande patriota galego cujo nome é desconhecido.

— Zum-zum na rua, chego á janela. Mulheres occrendo; homens vociferando, cavalaria em disparada. Motim corretissimo. Não, não o perco de vista;

hei de apreciá-lo como praticante apozentado na materia; vou vê-lo.

Lindas, encantadoras correrias! como se refazem os ajuntamentos dissolvidos pelas refladas! A meu lado, um menino recebe duas. Saco de farinha, que estava em companhia de déz ou doze e sob a guarda de quatro soldados, é tomado, dividido e distribuido em saquinhos por um magote de velhas furiozas. Repetem-se ordens dezencontradas. Mais cavalaria, mais farinha tomada pelo povo: um barulho autentico.

Porque? A farinha, muita já estava vendida ao consumo portuguez, e a noticia de sua partida, fazendo subir o preço aqui, provocara a interessada cólera popular. Do assalto, esclarecem-me, escapou apenas uma pequena parte da remessa, o que me rezolve a dormir tranquilo, convencido de que, em Vigo, o povo tem opinião e a opinião tem farinha.

6. — Estou a gostar de Vigo. Noto-lhe cazos inesperados.

Em letras garrafaes ha, num dos seus pontos culminantes, este enigmatico anuncio: "*Explosivos e Sapataria*".

A limpeza publica é feita com o auxilio de vacas, vagarozas e lustrozas, sendo os carros fechados. Carros e vacas uzam enfeites azues e vermelhos.

Chama-se "*Concordia*" o jornal da tarde que aconselha o povo a renovar os tumultos de hontem.

Uma caza comercial, que annunciou limpar chapéus em cinco minutos, pede-me cinco dias para restituir "el sombrero". O prazo de cinco minutos, entendi, era para começar o serviço.

Muito bonito e muito seguro o porto de Vigo. Avultam-lhe as seguranças maritimas e as precauções fiscaes. Só lhe faltam navios. Parece Niteroi.

— 7. — E' tão pequena a um pouco escura egreja de São Tiago-maior que S. Tiago-menor, mais dias menos dias, a reclama e nella se instala.

Arquitetura leve; altares dum modernismo agradável e correto. Construiu-a ha uma duzia de anos, embelezando-a com a assistencia competente dos filhos, Manoel Margarinos, bom escultor, melhor arquiteto, e individuo que a essas vantagens liga, a de respirar ainda. Vida alegre deve ser ha de ser artista, revendo-se, e revendo sua profissão nos decedentes. A um desses attribuem a "Ceia do Senhor" que está, em madeira, entre os baixos relevos de altar á esquerda de quem penetra. E' notavel, especialmente por não seguir nenhum modelo e, num motivo já tão explorado e ensinado pelos mestres do XV ao XVII seculos, tanto revelar iniciativa de concepção como independencia de realização. Num altar á direita ainda em baixo relevo e em madeira, ha, na mão do carpinteiro Jozé e como accessorio á "fuga para o Egipto", uma "Vangala" fina, airoza, que se destaca dos planos todos, parecendo mexer-se.

Superior, todavia, a esses dois apreciaveis trabalhos, e levando o artista á altura da intelligencia irmanada ao talento, é um "Cristo chorando", com um terço do rosto occultado pela mão esquerda, a côr a brotar-lhe das feições, e tudo isso com uma naturalidade, com uma realidade inexcedivel, sincera, sentidissima: trabalho em madeira, adornando um dos lados do pulpito.

NUM QUAZI MUZEU

(Do meu diario; 1916)

“ — Pau, — Julho — 16 — Rubens, uma novidade eterna e Bordes, de quem estive hontem a procurar informações, me chamaram hoje ao quazi Muzeu de que tanto se envaidece esta ex-capital bearneza.

Mas como é incompleto o *sunt lacrymae rerum* virgiliano! Tanto como as coizas os factos choram, gemem, deliberam e, quando nos contrariam, devem tambem ser contrariados. Opunham-se elles a que eu gozasse dalgumas horas agradaveis; contornei-os, venci-os porém, vencendo a grandes golpes de paciencia a pequena distancia que me separava desse edificio publico que o publico pouco frequenta.

Mas que luta! Mal contára centena de passos, tive de perder alguns minutos em cogitação relativa a um magro tranzeunte que, em seguida a um esbarro, me disse com sotaque que o denunciava inglez:

— Perdão! Queira desculpar. Eu não vejo bem de monoculo.

Esquisito! Que razões levariam esse afavel insular ao uzo dum monoculo que lhe perturbava a vista? Vontade de esbarrar nos outros? Protecção á industria do vidro? Parentes oculistas? Não atinando com o porque do assunto, retomava o deliberado rumo quando outro embaraço m'ó embargou. Fui repentinamente sitiado por trez meninos do mesmo tamanho, diversos

de fizionomia, moreno um, loirissimos dois, pedintes de esmola “para o pae que morrera na guerra”.

Que pae geral! Dei dois francos aos trez órfãos, muito lhes recomendando que brigassem na partilha, e enquanto, indecizos, se entr’olhavam os donzeisinhos, mais uma atrapalhação, aguçando-me a curiozidade, me impoz um novo atrazo.

Na Praça Real, contente de cara e em incessante risco de constipação porque de costas para a geleira dos Pirineus, no mesmo ponto em que eu a deixára traz-ante-hontem, estava impertubavel a bonita estatua de Henrique IV. Era-lhe indiferente o desrespeitozo escandalo que, eu e ella, prezenciavamos e cujo cazo consigno com a fidelidade que me devo e ao meu “diario”.

A’ face esquerda, do cocheiro do carro n.º 6, por motivos que ignoro, chegou uma esplendida bofetada entregue pela mão direita do cocheiro do carro n.º 27.

Calmo, dirigiu o n. 6 olhar interrogativo a soldado que, tranquilo espectador, lentamente se encaminhou para o 27 que, acquiescente, se deixou conduzir ao proximo e vasto quartel Bernadote. Tudo regular, parecendo ensaiado de vespera, um conflito de encomenda. Com a iponencia de quem déra e não apanhára, reassumindo a boléa, retomou o esbofeteado ré-deas e chicote.

Filozofei. Recordei. Saber apanhar é uma sciencia. Não apanha pancada quem quer, mas quem sabe. Formam legião os individuos n.º 6. Um modelo no genero, tipo acabado de sobrançeria zurzida, conheci ha qua-

renta annos; tenho-o na memoria de cabelos arripiados e frases decisorias.

Foi-lhe a tunda: porque perturbador de festinha politiconica, abriram-lhe um par de brechas na cabeça: sem que a perdesse, e antes não só de fechadas as feridas mas mesmo de aberto o respetivo inquerito policial, abriu mão dos seus direitos á integridade do couro cabeludo, fechando a questão com esta chave de chumbo:

— Entrego o insulto ao nosso partido. A elle o encargo da desafronta.

E, solene, procurou a farmacia mais proxima com decizão equal que me levou ao edificio guardador dum Rubens e de varios Bordes.

— Afinal! Guia? Serve-me o porteiro. Com cinco francos e promessa de não discutir, entrou logo em serviço.

— Respeitozo, saudei gente conhecida: vira-a em Roma, em 1913: uma reprodução de Sofocles, não ruim de majestade nem mediocre de gesto. A seu lado, e mais credor de elogio, estava "Democrito" (Echeto François — 1853-89) com um olhar onde o profundo e o sarcastico se dezechilibravam em desvantagem do primeiro desses sentimentos. Até as mãos crispadas escarnecem! O rizo não atinge ao exagero, o gesto tambem se comede. Gesto e rizo, assim, o ironista devia ter.

Na "*Muza do Poeta*" (Thabat?), elle escapou de ser belo, ella não escapou de ser feia.

No "*Atila e os aruspices*", o acerto das tintas e a magia da paizagem não encobrem o erro de attribuir ao huno gordinho o nariz espigado de Vercingetorix.

“*Uma filha de Eva*” (sala n.º 2; Echeto François ainda) decente, correta, destróe logo ao primeiro encontro as queixas do visitante contra a pouca luz do compartimento, contra a falta de indicação nalgumas telas e contra o trabalho dos ratos nas inscrições doutras. Não ha remedio senão perdoar essas surpresas, e até assinar pazes com a municipalidade de Pau, desde que se repare naquelle jubilo mulheril, naquelle encanto atraente, comunicativo, bondozo, trintão. Destrona-a, porém, do aplauzo, excedendo-a artisticamente, o retrato de “*Madame Marmion*” que lhe fica perto e cujo olhar, movendo-se combinado com a naturalidade do sorriso, dá uns longes da Gioconda. A perfeição do colo, dominando o conjunto do trabalho, apaga a noça de as linhas do rosto não serem perfeitissimas.

Ha todo um mundo de meiguice, de dedicação e de ternura na “*Irmã do artista*” (Loup, ainda vivo; sala n.º 3). Como se devem entender e adorar aquelles dois corações — o artista e o modelo!

Parei em meio da vizita.

Refleti me estar esquecendo do duplo incentivo que para ali me transportara e, obedecido pela atenção quando lhe ordenei que se preparasse para impressões mais significativas, rapidamente vi: a modesta, porém classificada coleção numismatica, reencontrando o “asse” (20 rs. a datar da lei Papiria, 190 A. C.), meu conhecido de 1897 no Recife; duas vidraças com exemplares, interessantes alguns, de medalhas edozas; precioso arsenal de velharias assassinas: pisto-

las de fecho e escorva, uma espingarda mais alta do que eu e propria para ser disparada em forquilhas, adagas e punhaes outr'ora preferidos para atravessar o intersticio da armadura nos combates corpo a corpo; tudo limpo, tudo bem conservado, ostensivo como um capitulo bem impresso da modificada, porém não diminuida, férocidade humana.

Afastei-me, nada saudozo, desse probante acervo da malvadez premeditada do bicho-homem, e comecei a executar o meu programma do dia.

— Ernesto Bordes nasceu errado, errado viveu e errado morreu. Quando a fama lhe começava a acenar com a immortalidade, teve a infeliz idéa de falecer. Devia ter nascido em Roma, estudado em Florença e permanecido metade da vida em Veneza, nos tempos da Renascença. Dezencontrado, porém, dessas venturas, preferiu expor-se ao desconhecimento expondo suas creações em Pau.

Bordes é maravilhoso em varias telas.

Aquelle "*Estudo de Mulher*", de cabelos negros, dorso proporcionadissimo, rosto escondido, mas cuja perfeição se denuncia ao olhar conscupicente que o procura e adivinha; aquelle corpo mediano de altura, porém exagerado de atractivos esteticos; o braço direito como em torneio buscando impedir que os salpicos da agua humedeçam a roupa, desapertada, a favorecer a ondulação dos seios: aquelle "*Estudo*" merece estudo. Nelle poderiam as mulheres aprender a util maneira de conservar inseparaveis a simpatia e a beleza.

Bordes, entretanto, deixou trabalho mais empolgante. No "*Aljaiate*" o rigor inexcedível do dezenho irmana-se ao vigor admirável da fôrma: o artista foi mestre e o mestre foi artista. A carnadura energica do braço direito proximo á ruga parda e acentuada da fazenda; a tensão da atenção e das veias; os accessorios, exatissimos, na pobreza relativa da tenda; uma só pessoa, uma só idéa a provocar outras: tão certo, tão coerente tudo!

Porque dum quadro como este o pensador não se afasta satisfeito. Dando parabens a intelectual que não lêra as "*Memorias d'além tumulo*", dizia-lhe Eduardo Prado:

— Invejo-o porque vae ter a felicidade de lê-las. E' o meu cazo agora? Não sei. Talvez.

— Longe, em penumbra, lá no ultimo plano, um como debuxo da tradicional cidade resistente aos assaltos do grego vingador. Mais perto, expressivas, fecundas de imaginação e vivazes de colorido, a furia do amigo de Patroclo e o dezastre do vencido, porém não abatido, filho de Priamo. Pairando sobre o choque dos combatentes, curiosos, mas cada um de sua curiozidade característica, em torno á balança dos destinos, os enviados do Olimpo, subjugados todos pela compostura grave e ufana do Jupiter, parecem ouvir do rei dos deuzes a sentencioza recomendação de que o poder é o poder. Tal a "*Morte de Heitor*".

Afluencia de figuras, podendo, separadas, constituir cada uma uma obra prima? Enfeixadas, em es-

paço menor de metro quadrado, lenda vinda dos berços da historia e essa harmonia da fatalidade com a responsabilidade, o mais teimozo e insolúvel de todos os problemas. Sim. Mas é justamente nessa firmeza do pincel, nesse precizar da concepção através da indecizão dos temas que o feitio de flamengo se individualiza na arte. Cheias de paixão e de vida, essas prendas, verdadeiras feições de sua genialidade, penetram o animo do observador, alteiam-lhe o pensamento...

— Mas eu estarei neste momento com algumas elevação de espirito? Duvido. Chegam-me jornaes do Brazil. O primeiro que abro, interrompendo esta nota, articula finanças. Hum! Não leio. Sei mais do que elle.

Desde 23 de Março de 1841, variam no erario nacional as glozas do mesmo mote: arrecadação superior á receita orçada e despeza superior á arrecadação. Resultado: deficit. Consequencias: papel moeda, emprestimos, impostos.

Quanto tempo durará ainda esse impossivel administrativo? Não ha males perpetuos: terminan todos pela cura ou pela morte.

No Brazil persistem duas enfermidades; epidemia de incompetencia nos governos e inanição moral no povo. Rubens e Bordes não sofriam disso”.



S. PAULO

FERRAZ

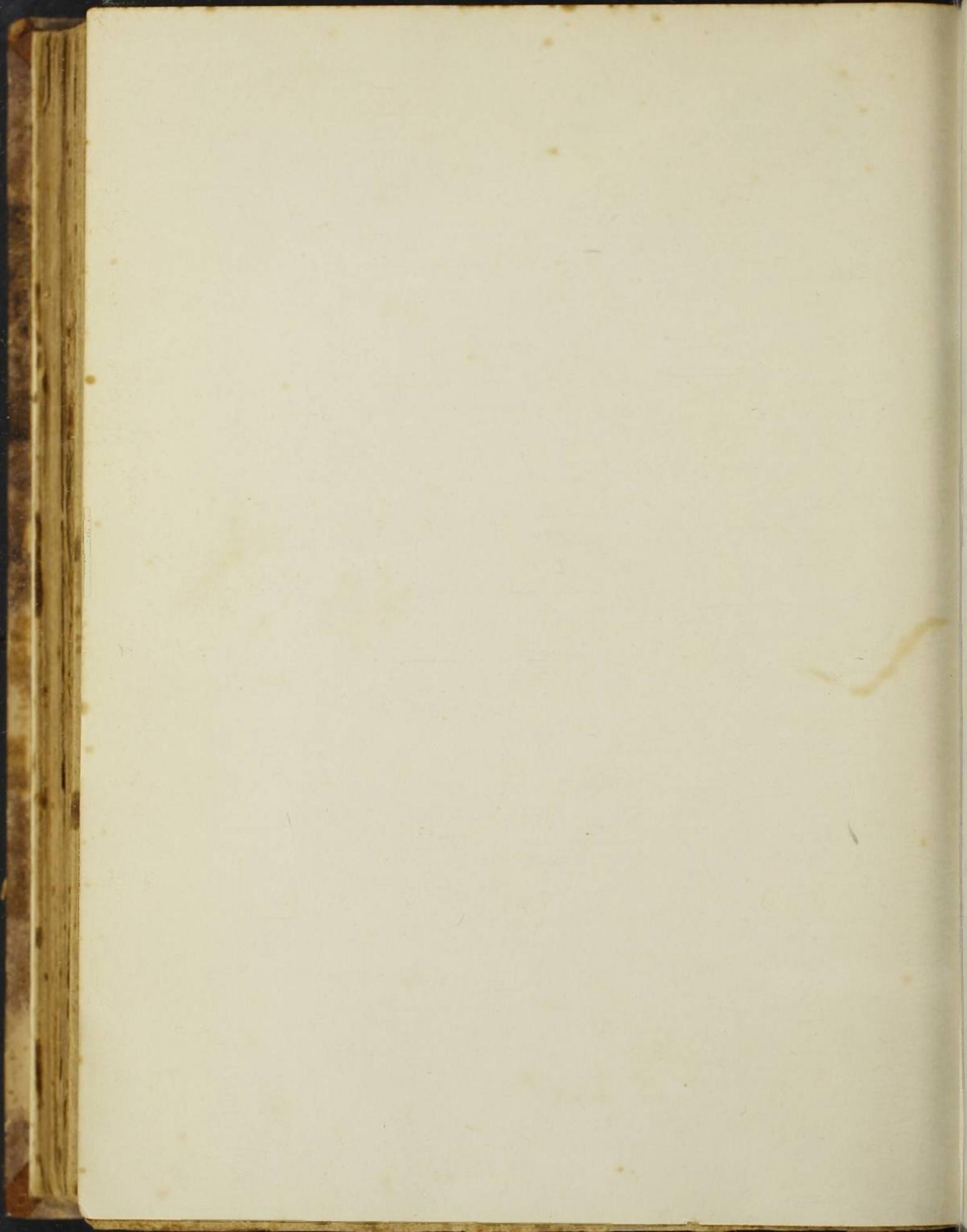
IRIAR

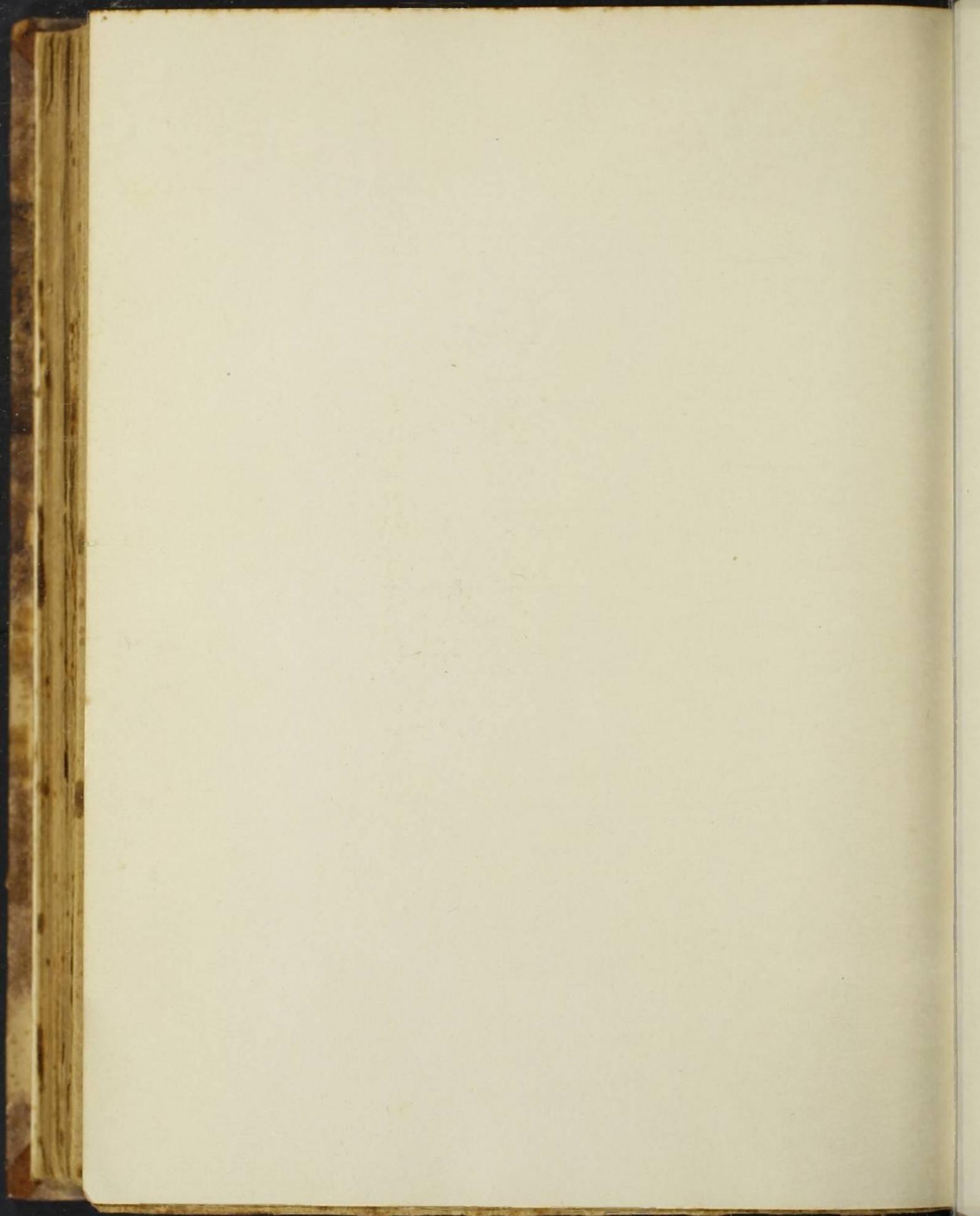
VIAJANDO

Francisco

Martin

№ 00243





30062

